



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
ESCOLA DE MINAS  
GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO



VICTOR JOSÉ SILVA SOARES

A TRANSFORMAÇÃO DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM  
DE ITABIRITO (MG)  
INTERVENÇÕES ARQUITETÔNICAS E ESTILÍSTICAS

**OURO PRETO**

**2026**

VICTOR JOSÉ SILVA SOARES

A TRANSFORMAÇÃO DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM  
DE ITABIRITO (MG)  
INTERVENÇÕES ARQUITETÔNICAS E ESTILÍSTICAS

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: Patrimônio Histórico Arquitetônico.

Orientadora: Prof. Fernanda Alves de Brito Bueno.

Coorientadora: Prof. Patrícia Thomé Junqueira Schettino

**OURO PRETO**

**2026**

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S676t Soares, Victor Jose Silva.  
A transformação da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito (MG) [manuscrito]: intervenções arquitetônicas e estilísticas. / Victor Jose Silva Soares. - 2026.  
226 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Alves de Brito Bueno.  
Coorientadora: Profa. Dra. Patrícia Thomé Junqueira Schettino.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Escola de Minas. Graduação em Arquitetura e Urbanismo .

1. Arquitetura religiosa. 2. Patrimônio cultural. 3. Arquitetura - Detalhes. I. Bueno, Fernanda Alves de Brito. II. Schettino, Patrícia Thomé Junqueira. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 72:711.4

Bibliotecário(a) Responsável: Soraya Fernanda Ferreira e Souza - CRB6/2322



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Victor José Silva Soares**

**A transformação da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito (MG):  
Intervenções arquitetônicas e estilísticas**

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Arquiteto e Urbanista

Aprovada em 25 de fevereiro de 2026

### Membros da banca

Doutora Fernanda Alves de Brito Bueno - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Doutora Patrícia Thomé Junqueira Schettino - Coorientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Doutor Tito Flávio Rodrigues de Aguiar - (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Doutor Alex Fernandes Bohrer - (Instituto Federal de Minas Gerais)

Fernanda Alves de Brito Bueno, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 27/04/2026



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Alves de Brito Bueno, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 27/04/2026, às 00:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1095673** e o código CRC **20C46C09**.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço inicialmente ao Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFOP, em especial aos membros do DEARQ, por ter permitido a construção do meu repertório teórico que me capacitou a desenvolver e concluir este Trabalho Final de Graduação.

A minha orientadora, Professora Fernanda de Alves Bueno Brito, e co-orientadora, Professora Patrícia Thomé Junqueira Schettino, por terem participado deste processo de pesquisa, ajudando nos passos de elaboração de um material sólido, coerente com os preceitos apresentados durante todo o processo de graduação, e que trouxeram como frutos um material que poderá ser útil para a manutenção da história de Itabirito.

A minha família, em especial meus pais, Juniana e Wander Soares, que participaram de todo o processo da minha graduação e ajudaram nesta etapa final com indicações de pessoas a consultar, locais a visitar e até mesmo cedendo material próprio que envolviam o objeto de estudo deste trabalho.

Ao meu companheiro, Christian Dias Martins, grande historiador, que passou cada momento dos meus últimos anos de graduação ao meu lado, e incentivou a me descobrir dentro da área do patrimônio e conservação, apoiando cada etapa do desenvolvimento do trabalho, ajudando em correções, opinando sobre levantamentos e discutindo por horas os mínimos detalhes de tudo apenas por diversão.

Aos meus companheiros de curso, Carla Maria, Ellen Fernandes e Luana Evangelista, as quais fortaleci laços durante todo o processo de graduação e incentivaram a continuar a busca desta conclusão, desde os momentos de alegria aos momentos mais desafiadores dos trabalhos acadêmicos.

Obrigado a cada um de vocês, que contribuíram direta ou indiretamente para a realização de mais esta etapa de minha vida. E que possamos continuar a desenvolver laços e acompanhar em união a trajetória de cada um nos anos que virão!

## RESUMO

Localizada no município de Itabirito - Minas Gerais, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, é considerada como um dos patrimônios Histórico e Cultural mais antigos do distrito sede da cidade, reconhecida pelo poder público municipal como o núcleo originário do município. O objetivo geral deste trabalho se propõe a estudar a Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem como patrimônio cultural de Itabirito, de forma a investigar sua origem, organizar e documentar as mudanças ocorridas durante os anos de sua existência e analisar as possibilidades de como ocorreu o seu desenvolvimento. A abordagem utilizada para a realização do trabalho inclui levantamento historiográfico, pesquisa documental em arquivos e entrevistas com moradores e especialistas locais, desenvolvimento de modelos hipotéticos e observação in loco dos elementos artísticos e construtivos da matriz. A análise permite compreender como as dinâmicas sociais, econômicas e religiosas se refletem na materialidade da Igreja Matriz e sua importância para a memória e identidade cultural de Itabirito.

**Palavras-chave:** Igreja Matriz; Nossa Senhora da Boa Viagem; Itabirito; Arquitetura Religiosa Mineira; Patrimônio Histórico; Estilos Arquitetônicos.

## **ABSTRACT**

Located in the municipality of Itabirito, Minas Gerais, the Matriz Church of Nossa Senhora da Boa Viagem is considered one of the oldest historical and cultural heritage sites in the city's main district, recognized by the local government as the original nucleus of the municipality. The main objective of this work is to study the Matriz Church of Nossa Senhora da Boa Viagem as a cultural heritage of Itabirito, investigating its origin, organizing and documenting the changes occurred throughout its existence, and analyzing the possibilities of how its development took place. The approach used in this study includes historiographical research, documentary analysis in archives, interviews with local residents and specialists, development of hypothetical models, and on-site observation of the artistic and constructive elements of the church. The analysis enables an understanding of how social, economic, and religious dynamics are reflected in the materiality of the Matriz Church, and its importance to the memory and cultural identity of Itabirito.

**Keywords:** Matriz Church; Nossa Senhora da Boa Viagem; Itabirito; Religious Architecture of Minas Gerais; Historic Heritage; Architectural Styles.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	1
<b>Figura 2:</b> Perímetro de tombamento histórico municipal de Itabirito.....	3
<b>Figura 3:</b> Esquema de plantas e fachadas de construções religiosas.....	12
<b>Figura 4:</b> Fachada da Capela de São João Batista, Ouro Preto (MG) .....	22
<b>Figura 5:</b> Comparação entre fachadas da Capela de N. Sra. do Rosário do Padre Faria .....	23
<b>Figura 6:</b> Recorte de ilustração da tipologia básica das capelas e Igrejas de Minas .....	25
<b>Figura 7:</b> Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Sabará (MG). .....	27
<b>Figura 8:</b> Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Santa Rita Durão (Mariana, MG) ..	29
<b>Figura 9:</b> Igreja de Santa Efigênia em Ouro Preto (MG).....	30
<b>Figura 10:</b> Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Ouro Preto (MG)...	32
<b>Figura 11:</b> Tipologia curvilínea barroca e rococó segundo Myriam Ribeiro de Oliveira ....	33
<b>Figura 12:</b> Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto(MG).....	35
<b>Figura 13:</b> Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Sabará (MG).....	36
<b>Figura 14:</b> Análise estrutural do retábulo do Convento de Santo Antônio .....	38
<b>Figura 15:</b> Altar mor da Igreja de N. Sra. de Nazaré de Cachoeira do Campo .....	40
<b>Figura 16:</b> Análise estrutural do retábulo da Igreja de São Francisco da Penitência .....	42
<b>Figura 17:</b> Altar Mor da Igreja Matriz de Santa Efigênia, Ouro Preto .....	43
<b>Figura 18:</b> Tipologia do retábulo rococó segundo Myriam Ribeiro de Oliveira .....	45
<b>Figura 19:</b> Altar Mor da Igreja de São Francisco de Assis, Ouro Preto .....	47
<b>Figura 20:</b> Análise estrutural do retábulo neoclássico da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, Salvador, Bahia. ....	49
<b>Figura 21:</b> Altar Mor da Igreja de São Francisco de Paula, Ouro Preto, MG.....	51
<b>Figura 22:</b> Altar Mor da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Ouro Preto, MG .....	51
<b>Figura 23:</b> “Itabirito em Revista”, ilustração presente no capítulo “Nossa Senhora da Boa Viagem”, retratando Luiz de Figueiredo Monterroio e Homem Del Rey, segurando o retábulo de Nossa Senhora da Boa Viagem.....	53
<b>Figura 24:</b> Mapa da Comarca do Rio das Velhas de 1734/1735 modificado para visualização de Sabará, Ouro Preto, Itaubira e Rio das Pedras (Atual Acuruí, distrito de Itabirito).....	53
<b>Figura 25:</b> Pintura de Luiz de Figueiredo Monterroio presente no Solar do Brasis .....	55
<b>Figura 26:</b> Estandarte de Nossa Senhora da Boa Viagem, apontado pelo pároco da Matriz, Miguel Ângelo Fiorillo, como parte pertencente ao retábulo da Nal de Homem Del-rey.....	56
<b>Figura 27:</b> Imagem de Vulto de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	56

<b>Figura 28:</b> Pintura do arco-cruzeiro, Nossa Senhora da Boa Viagem, lado do Evangelho....	57
<b>Figura 29:</b> Vista da Avenida Madre Iluminata, onde se localiza o Instituto Santo Antônio de Pádua, com visão para a fachada frontal da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	58
<b>Figura 30:</b> Mapa de Itabirito (MG), com destaque para a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, o Instituto Santo Antônio de Pádua e a Siderúrgica Itabirito LTDA.....	60
<b>Figura 31:</b> Documento presente em quadro no interior da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito, MG). .....	61
<b>Figura 32:</b> Interior da Nave da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito.....	65
<b>Figura 33:</b> Retábulo do Senhor dos Passos, em estilo Nacional Português.....	67
<b>Figura 34:</b> Detalhes das Varas de Irmandade das Irmandades da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem no século XVIII .....	67
<b>Figura 35:</b> Altar de Nossa Senhora da Conceição, localizado à esquerda da nave.....	69
<b>Figura 36:</b> Altar de Santo Antônio, localizado à direita da nave .....	69
<b>Figura 37:</b> Sino Principal da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	71
<b>Figura 38:</b> Estação Ferroviária de Itabira do Campo. Linha principal em conexão com o ramal de ligação a Companhia Industrial Itabira do Campo (CIIC) .....	74
<b>Figura 39:</b> Alto Forno da Usina Queiroz Júnior, inicialmente, Usina Esperança.....	76
<b>Figura 40:</b> Vista Parcial de Itabira do Campo, Matriz de N. Sra. da Boa Viagem ao topo e Companhia Industrial de Itabira do Campo na área de baixada da região .....	77
<b>Figura 41:</b> Fachada da Antiga Capela de São Sebastião de Itabira do Campo .....	79
<b>Figura 42:</b> Interior da Antiga Capela de São Sebastião de Itabira do Campo .....	79
<b>Figura 43:</b> Construção da Igreja Matriz de São Sebastião .....	80
<b>Figura 44:</b> Atual Igreja Matriz de São Sebastião .....	80
<b>Figura 45:</b> Vista da Ladeira São Francisco; Comparação entre foto de 1927 e atual .....	82
<b>Figura 46:</b> Torre sineira da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, com a instalação do relógio construído pelo Pe. Francisco Xavier de Souza .....	83
<b>Figura 47:</b> Retábulo de N. Sra. do Carmo -visão lateral- Igreja de N. Sra. da Boa Viagem ..	84
<b>Figura 48:</b> Coroação de Nossa Senhora da Conceição no Altar Mor da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem; 1916 .....	86
<b>Figura 49:</b> Coroações na Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito durante o mês de Maria; coroação de Nossa Senhora de Lourdes na década de 1990 e coroação de Nossa Senhora da Conceição, em 2019 .....	87
<b>Figura 50:</b> Estandartes da primeira metade do século XX das Conferências Vicentinas da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	88

<b>Figura 51:</b> Instalação do Município de Itabirito, 1923 .....	89
<b>Figura 52:</b> Rua Doutor Guilherme, sendo respectivamente um retrato de 1920, anterior a emancipação de Itabira do Campo, e a seguinte na década de 1930, após a troca de todo seu calçamento de pé de moleque para bloquetes .....	91
<b>Figura 53:</b> Itabirito - Vista Parcial - Década de 1920 .....	92
<b>Figura 54:</b> Itabirito - Vista Parcial - Década de 1930 .....	92
<b>Figura 55:</b> Arcos do Presbitério da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	93
<b>Figura 56:</b> Lateral Esquerda da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem; Destaque para o anexo provavelmente construído durante o paróquiato do Padre Padre Antônio Firmino Mota (1936-1941).....	94
<b>Figura 57:</b> Lateral Esquerda da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG); Destaque para o anexo construídos durante o paróquiato do Padre Antônio Firmino dos Reis (1944-1945 1951 - 1967) .....	95
<b>Figura 58:</b> Comparação entre Ladrilho da antiga capela do santíssimo da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG) e Ladrilho da sacristia e corredores laterais da Igreja de Santa Efigênia (Ouro Preto/MG) .....	96
<b>Figura 59:</b> Comparação da lateral esquerda da matriz (evangelho), entre fotografia de 1920 e fotografia atual, com destaques para as expansões realizadas.....	97
<b>Figura 60:</b> Janelas da parte estendida da capela do evangelho da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	98
<b>Figura 61:</b> Janelas dos anexos próximos à torre esquerda da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	98
<b>Figura 62:</b> Janelas do anexo do fundo (nova sacristia) da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	98
<b>Figura 63:</b> Restauro do Púlpito do lado do evangelho da Igreja da Boa Viagem na década de 1960 .....	99
<b>Figura 64:</b> Púlpito do lado do evangelho da Igreja da Boa Viagem .....	100
<b>Figura 65:</b> Detalhe da Janela de Prospecção aberta na Pintura Central do Forro da Nave da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	101
<b>Figura 66:</b> Pinturas de Barrado das cimalthas do Forro da Nave da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	101
<b>Figura 67:</b> Coroação Pontifícia da Imagem de Nossa Senhora da Boa Viagem em 15 de agosto de 1980 .....	102

<b>Figura 68:</b> Primeiro Desagravo do Coração de Jesus na Igreja da Nossa Senhora Boa Viagem; Junho de 1985 .....	103
<b>Figura 69:</b> Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem; 2005 .....	104
<b>Figura 70:</b> Adro da Igreja de N. Sra. da Boa Viagem; Data e autor desconhecidos .....	105
<b>Figura 71:</b> Adro da Igreja de N. Sra. da Boa Viagem; Data e autor desconhecidos .....	106
<b>Figura 72:</b> Porta Tapa-Vento da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	107
<b>Figura 73:</b> Ladrilho da antiga Capela do Santíssimo da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	108
<b>Figura 74:</b> Celebração de Batizado na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, final da década de 1970/início da década de 1980 .....	108
<b>Figura 75:</b> Celebração de Casamento na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem,, final da década de 1970, recorte de detalhe do Ladrilho presente no altar mor do templo .....	109
<b>Figura 76:</b> Celebração de Casamento na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, final da década de 1970, detalhe da escada em mármore para acesso ao altar mor do templo.....	110
<b>Figura 77:</b> Altar Mor da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, década de 1990 .....	110
<b>Figura 78:</b> Celebração de Casamento na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG), Setembro de 2002; Detalhe de um dos lustres de Cristal instalado na Nave da Matriz .....	111
<b>Figura 79:</b> Capelas Laterais Esquerda e Direita da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG) .....	111
<b>Figura 80:</b> Interior da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG), antes da execução das reformas iniciadas em 2005 .....	112
<b>Figura 81:</b> Caixotões da Capela Mor da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG), antes da execução das reformas iniciadas em 2003, e no atual estado .....	114
<b>Figura 82:</b> Retábulo da Capela Mor da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG), antes da execução das reformas iniciadas em 2003, e no atual estado.....	114
<b>Figura 83:</b> Detalhe de um dos atlantes do retábulo da Capela Mor, antes da execução das reformas iniciadas em 2003, e seu atual estado .....	115
<b>Figura 84:</b> Detalhe de um dos atlantes do retábulo da Capela Mor, antes da execução das reformas iniciadas em 2003, e seu atual estado .....	115
<b>Figura 85:</b> Altar lateral de Santo Antônio, antes da execução das restaurações iniciadas em 2003, e seu atual estado .....	116
<b>Figura 86:</b> Altar lateral de N. S. da Conceição, antes da execução das restaurações iniciadas em 2003, e seu atual estado .....	117

<b>Figura 87:</b> Cimalha do forro da Nave da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, antes da execução das reformas iniciadas em 2003, e seu atual estado .....	117
<b>Figura 88:</b> Forro do Nártex da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, antes da execução das reformas iniciadas em 2003, e seu atual estado.....	118
<b>Figura 89:</b> Forro da antiga sacristia da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, antes da execução das reformas iniciadas em 2003, e seu atual estado .....	119
<b>Figura 90:</b> Lateral Esquerda do Adro da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, antes da execução das reformas iniciadas em 2003, e seu atual estado .....	120
<b>Figura 91:</b> Fachada principal da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, antes da execução das reformas iniciadas em 2003, durante a reforma em 2005 e seu atual estado...	120
<b>Figura 92:</b> Pinturas encontradas na Capela Mor da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem durante processo de inspeção do imóvel .....	121
<b>Figura 93:</b> Vista Posterior da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem durante a reforma de seu telhado .....	122
<b>Figura 94:</b> Capela Mor e presbitério da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (lado da epístola) durante processo de restauração da pintura decorativa .....	123
<b>Figura 95:</b> Comparação entre os padrões de pintura do presbitério e do Forro da Nave da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	123
<b>Figura 96:</b> Comparação entre uma fotografia antiga e o atual estado do presbitério da Nave da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	124
<b>Figura 97:</b> Processo de reintegração da porta tapa-vento Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	124
<b>Figura 98:</b> Janelas de Prospecção abertas, respectivamente, na Nave e capela lateral direita (capela do santíssimo) da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	125
<b>Figura 99:</b> Camarim do Retábulo Mor da Matriz de N. Sra. da Boa Viagem .....	126
<b>Figura 100:</b> Novos Lustres de Cristal Âmbar da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem antes da instalação .....	126
<b>Figura 101:</b> Planta Baixa - Térreo; Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito ..	128
<b>Figura 102:</b> Modelo Tridimensional Georreferenciado gerado no Programa Agisoft Metashape - Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito .....	129
<b>Figura 103:</b> Fachada frontal; Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito - gerada a partir do Programa Agisoft Metashape e Elevação Frontal gerada a partir da ortofoto .....	130
<b>Figura 104:</b> Ortofoto - Fachada lateral direita (epístola) da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito /MG - gerada a partir do Programa Agisoft Metashape .....	130

<b>Figura 105:</b> Ortofoto - Fachada lateral esquerda (evangelho) da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito / MG - gerada a partir do Programa Agisoft Metashape .....	131
<b>Figura 106:</b> Modelo Tridimensional gerado no Programa SketchUp - Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito/ MG .....	131
<b>Figura 107:</b> Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem ao fim da Praça Dom Silvério .....	132
<b>Figura 108:</b> Fundos da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem vistas a partir do fim da Travessa São Benedito .....	133
<b>Figura 109:</b> Acessos ao Adro da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem.....	134
<b>Figura 110:</b> Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem e Perímetro de Tombamento Municipal do Centro Histórico de Itabirito.....	134
<b>Figura 111:</b> Subida da Rua Sete de Setembro em direção a Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem.....	135
<b>Figura 112:</b> Adro da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem - fachada lateral esquerda em vista para a fachada frontal .....	136
<b>Figura 113:</b> Lateral direita da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem - fachada lateral direita - vista da Rua Sete de Setembro em conexão com a Praça Dom Silvério .....	137
<b>Figura 114:</b> Perímetro de Tombamento Federal da Igreja de Nossa Senhora do Rosário ...	139
<b>Figura 115:</b> Subida da Rua do Rosário vista a partir da frente do Adro da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, na Praça Dom Silvério .....	139
<b>Figura 116:</b> Nave da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	141
<b>Figura 117:</b> Capela Lateral Esquerda – Evangelho – da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, destacando-se a passagem para a sacristia e para a parte posterior do altar mor ....	141
<b>Figura 118:</b> Capela Lateral Direita da Igreja de N. Sra. da Boa Viagem, destacando-se a passagem para o santíssimo através de porta oculta no altar do senhor dos passos .....	142
<b>Figura 119:</b> Anexos da década de 1950 atrás da torre lateral esquerda da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	143
<b>Figura 120:</b> Sacristia construída na década de 1950 na Igreja de N. Sra. da Boa Viagem ...	143
<b>Figura 121:</b> Apêndices que comportam os sanitários da Igreja de N. Sra. da Boa Viagem .	144
<b>Figura 122:</b> Acesso à nova Capela do Santíssimo da Igreja de N. Sra. da Boa Viagem .....	144
<b>Figura 123:</b> Fachada da Capela de Santa Quitéria da Boa Vista, Rodrigo Silva, Ouro Preto (MG).....	146

<b>Figura 124:</b> Proposta de modelo de reconstituição da fachada da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito / MG no início do século XVIII - Modelo Tridimensional gerado no Programa SketchUp .....	147
<b>Figura 125:</b> Fachada da Igreja Matriz de São Bartolomeu, Ouro Preto (MG) .....	148
<b>Figura 126:</b> Matriz de N. Sra. de Nazaré de Cachoeira do Campo (Ouro Preto, MG) .....	148
<b>Figura 127:</b> Planta da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo (Ouro Preto, MG) .....	149
<b>Figura 128:</b> Proposta de modelo de reconstituição da fachada da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito / MG no início do século XVIII - após a construção da primeira torre- Modelo Tridimensional gerado no Programa SketchUp .....	150
<b>Figura 129:</b> Ortofoto - Fachada frontal da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito/MG - gerada a partir do Programa Agisoft Metashape .....	151
<b>Figura 130:</b> Porta Principal da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	152
<b>Figura 131:</b> Janelas da Fachada Frontal da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	153
<b>Figura 132:</b> Frontão da Fachada Frontal da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	154
<b>Figura 133:</b> Área desgastada do Óculo da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	154
<b>Figura 134:</b> Torre esquerda e torre direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	155
<b>Figura 135:</b> Vista interna do teto da torre direita da Matriz de N. Sra. da Boa Viagem .....	156
<b>Figura 136:</b> Proposta de modelo de reconstituição da fachada da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito / MG - pré-reformas de 1871 - Modelo Tridimensional gerado no Programa SketchUp .....	157
<b>Figura 137:</b> Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Catas Altas .....	158
<b>Figura 138:</b> Basílica do Bom Jesus do Monte, Braga, Portugal .....	159
<b>Figura 139:</b> Ortofoto - Fachada lateral esquerda da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito / MG - gerada a partir do Programa Agisoft Metashape .....	160
<b>Figura 140:</b> Anexos (apêndices) da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem - fachada lateral esquerda .....	160
<b>Figura 141:</b> Janela da Sacristia da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem - fachada lateral esquerda .....	161
<b>Figura 142:</b> Porta da Sacristia da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem - fachada lateral esquerda .....	161
<b>Figura 143:</b> Porta da antiga sacristia da capela lateral esquerda da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	162

<b>Figura 144:</b> Janela à direita da porta da antiga sacristia da capela lateral esquerda da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	162
<b>Figura 145:</b> Janela à esquerda da antiga sacristia da capela lateral esquerda da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	162
<b>Figura 146:</b> Janelas da capela lateral esquerda da Matriz de N. Sra. da Boa Viagem .....	163
<b>Figura 147:</b> Porta de Entrada Principal da capela lateral esquerda da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	164
<b>Figura 148:</b> Anexos ao fundo da torre esquerda da Matriz de N. Sra. da Boa Viagem .....	164
<b>Figura 149:</b> Torre esquerda da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem - fachada lateral esquerda .....	165
<b>Figura 150:</b> Esquema de Evolução da Fachada Lateral Esquerda .....	167
<b>Figura 151:</b> Ortofoto - Fachada lateral direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito / MG - gerada a partir do Programa Agisoft Metashape .....	168
<b>Figura 152:</b> Símbolo do Santíssimo Sacramento presente na Capela Lateral Direita da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	169
<b>Figura 153:</b> Símbolo do Santíssimo Sacramento presente na Capela Lateral Direita da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré (Cachoeira do Campo - Ouro Preto, MG) .....	169
<b>Figura 154:</b> Janela e porta da capela do santíssimo da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem na fachada lateral direita .....	170
<b>Figura 155:</b> Janela da capela lateral direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem ..	171
<b>Figura 156:</b> Janelas com conversadeiras na capela lateral direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	172
<b>Figura 157:</b> Janela com Vitral colorido na capela lateral direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	172
<b>Figura 158:</b> Porta de entrada para a capela lateral direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	173
<b>Figura 159:</b> Porta de Entrada para a Nave da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, localizada na fachada lateral direita .....	173
<b>Figura 160:</b> Torre direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	174
<b>Figura 161:</b> Porta tamponada na torre direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem - lado externo .....	175
<b>Figura 162:</b> Porta tamponada na torre direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem - lado interno .....	175
<b>Figura 163:</b> Esquema de Evolução da Fachada Lateral Direita .....	177

<b>Figura 164:</b> Fachada Posterior da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	178
<b>Figura 165:</b> Tapa-vento visto do Nártex da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	181
<b>Figura 166:</b> Pintura do forro do Nártex da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	182
<b>Figura 167:</b> Pintura do forro do Coro da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	182
<b>Figura 168:</b> Nave da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, vista do coro .....	183
<b>Figura 169:</b> Barrados encontrados na base das paredes da Nave da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	184
<b>Figura 170:</b> Forro da Nave da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	185
<b>Figura 171:</b> Cimalha do forro da Nave da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	186
<b>Figura 172:</b> Púlpitos da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	187
<b>Figura 173:</b> Altar de Nossa Senhora da Conceição da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	188
<b>Figura 174:</b> Análise do Altar de Nossa Senhora da Conceição da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	189
<b>Figura 175:</b> Altar de Nossa Senhora da Conceição da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	190
<b>Figura 176:</b> Análise do Altar de Nossa Senhora da Conceição da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	191
<b>Figura 177:</b> Arco-cruzeiro da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	192
<b>Figura 178:</b> Altar de São Miguel da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	193
<b>Figura 179:</b> Análise do Altar de São Miguel da Matriz de N. Sra. da Boa Viagem .....	193
<b>Figura 180:</b> Altar de Nossa Senhora do Carmo da Matriz de N. Sra. da Boa Viagem .....	194
<b>Figura 181:</b> Análise do Altar de Nossa Senhora do Carmo da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	195
<b>Figura 182:</b> Altar Mor da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	197
<b>Figura 183:</b> Análise do Altar Mor da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	198
<b>Figura 184:</b> Tarja do Altar Mor da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem após inserção da Coroa encontrada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário .....	198
<b>Figura 185:</b> Encaixe do Frontal do Altar Mor da Matriz de N. Sra. da Boa Viagem .....	199
<b>Figura 186:</b> Forro da capela mor da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	200
<b>Figura 187:</b> Altar do Senhor dos Passos da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	202
<b>Figura 188:</b> Análise do Altar do Senhor dos Passos da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	202

<b>Figura 189:</b> Forro da Capela do Senhor dos Passos (antiga capela do santíssimo) da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	203
<b>Figura 190:</b> Análise do Nicho do Sagrado Coração de Jesus da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	204
<b>Figura 191:</b> Análise do Nicho de São Vicente de Paulo da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	204
<b>Figura 192:</b> Análise do Nicho de Nossa Senhora das Dores e câmara mortuária da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem .....	205

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2. PRINCÍPIOS DOS ESTILOS ARQUITETÔNICOS E ARTÍSTICOS DAS IGREJAS MINEIRAS.....</b>	<b>8</b>
2.1. O ASSENTAMENTO, FORMAÇÃO E MODIFICAÇÕES DAS IGREJAS MINEIRAS.....	9
2.2. AS IRMANDADES E CONFRARIAS DO SÉCULO XVIII E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DAS IGREJAS MINEIRAS.....	18
2.3. A FORMA ARQUITETÔNICA DAS IGREJAS DAS MINAS DO SÉCULO XVIII..	21
2.4. A TALHA E ORNAMENTAÇÃO INTERNA DAS IGREJAS MINEIRAS.....	37
2.4.1. O BARROCO NACIONAL PORTUGUÊS (1696-1730).....	38
2.4.2. O BARROCO JOANINO (1730-1760).....	41
2.4.3. ROCOCÓ (1760-1840).....	44
2.4.4. NEOCLÁSSICO (SÉCULO XIX).....	47
<b>3. CRONOLOGIA DA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM E ITABIRA DO CAMPO.....</b>	<b>52</b>
3.1. FORMAÇÃO DO ARRAIAL, ADVENTO E DECADÊNCIA DO CICLO DO OURO.....	52
3.2. RENASCIMENTO ECONÔMICO FERROVIÁRIO E A RENOVAÇÃO DO ANTIGO CENTRO DA LOCALIDADE.....	73
3.3. DA EMANCIPAÇÃO DO MUNICÍPIO A ATUALIDADE.....	88
<b>4. ANÁLISE ARQUITETÔNICA ESTILÍSTICA DA MATRIZ DA BOA VIAGEM..</b>	<b>127</b>
4.1. ANÁLISE CONSTRUTIVA E VOLUMÉTRICA DO BEM.....	132
4.2. ANÁLISE DOS ELEMENTOS ARTÍSTICOS INTEGRADOS.....	179
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>206</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>209</b>
<b>APÊNDICES</b>	
<b>APÊNDICE A - LEVANTAMENTO DE FACHADAS DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM VIA ELABORAÇÃO DE ORTOFOTOS.....</b>	<b>217</b>
<b>APÊNDICE B - MODELAGENS DE HIPÓTESES DE EVOLUÇÃO VOLUMÉTRICA DA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM EM LINHA CRONOLÓGICA.....</b>	<b>222</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Em estudo a história da cidade de Itabirito (MG), antiga Itabira do Campo, segundo a Prefeitura Municipal, teve como ponto inicial de ocupação a região correspondente ao Centro Histórico do Distrito Sede, ocupação urbana que se deu no entorno da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (figura 1). Templo este que representa a devoção mariana de Nossa Senhora de mesmo nome, considerada padroeira<sup>1</sup> do município (LINS, 2025).



Figura 1: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Data: 02 de Maio de 2025.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Esta Matriz, localizada no distrito sede de Itabirito, no bairro de Boa Viagem, é apontada por moradores locais como um dos bens mais antigos da região, sendo cerne do que é considerado o Núcleo Urbano que deu origem à cidade de Itabirito (ITABIRITO, 2005).

A Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem é protegida legalmente através do decreto municipal nº 3376 de 10 de dezembro de 1999, o qual foi realizado a partir da confecção de um Inventário de Patrimônio Histórico-Bens Imóveis, produzido no ano de 1998, encaminhado ao IEPHA/MG. Em seu texto o decreto discorre o seguinte processo:

---

<sup>1</sup> Padroeiro: Orago, protetor de uma Igreja ou localidade. MAIA, Antônio. Pequeno dicionário católico, pg. 149, 1966.

Art 1º - Ficam tombados, de conformidade com a Resolução do Conselho Consultivo Municipal do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural de Itabirito, o seguintes imóveis, considerados de valor histórico:

1 - Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, localizada na Praça Dom Silvério, Bairro Boa Viagem - Itabirito (...) (ITABIRITO, 1999)

Em 21 de Dezembro de 2005 foi protocolado novo dossiê de Processo de Tombamento Histórico da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, que incluiu em seu corpo todo o material de levantamentos produzidos anteriormente, que se encontram disponíveis em sua totalidade na Secretaria Municipal de Patrimônio, Cultura e Turismo.

Em complemento ao decreto de 1999, foi assinado em 17 de Março de 2006, o Decreto Municipal nº 7694, o qual “dispõe sobre detalhamentos de bens de valores históricos e arquitetônicos no Município, ratifica e retifica a homologação de seus respectivos tombamentos” (ITABIRITO, 2006).

A importância do núcleo histórico de Itabirito para a preservação histórica e cultural do município, delimitado atualmente pela Secretaria Municipal de Patrimônio, Cultura e Turismo como uma pequena parte da mancha urbana inicial de Itabirito (figura 2), coloca a Matriz de Boa Viagem como importante bem de resguardo público, necessitando desta maneira de investimentos para preservação e manutenção do patrimônio material e de seus significado aspectos imateriais associados a imagética da cultura itabiricense.

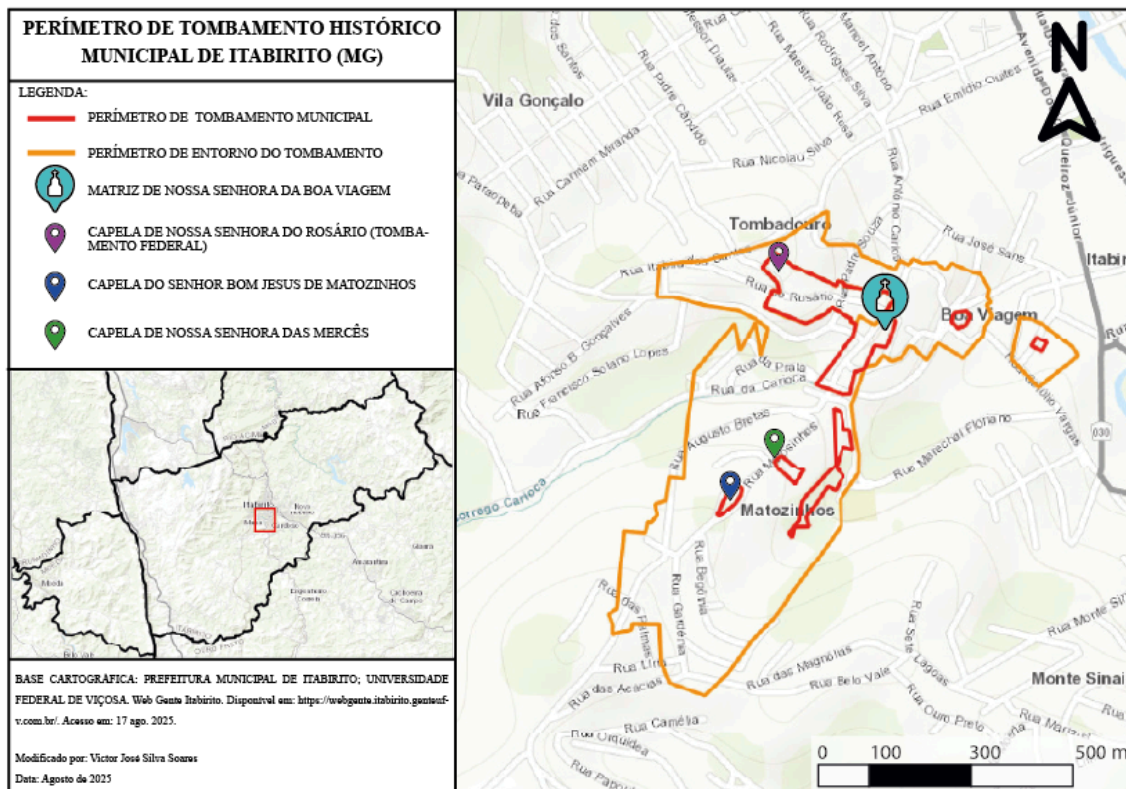


Figura 2: Perímetro de tombamento histórico municipal de Itabirito;  
BASE CARTOGRÁFICA: PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABIRITO; UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Web Gente Itabirito. Disponível em: <https://webgente.itabirito.genteufv.com.br/>. Acesso em: 17 ago. 2025. Modificado por: Victor José Silva Soares. Data: Agosto de 2025.

Segundo consta em documentação de registros de batismo, óbitos, devassa e livros de compromissos de Ordens Terceiras e Irmandades presentes no Arquivo Eclesiástico<sup>2</sup> da Arquidiocese de Mariana – “Dom Oscar de Oliveira”, em Mariana (MG), a ocupação na região Itabiritense teve seu início junto ao culto a Invocação Mariana de Nossa Senhora da Boa Viagem no final do século XVII e início do século XVIII (ITABIRITO, 2005).

As datas aproximadas de ocupação da região, inicialmente conhecida como Arraial<sup>3</sup> de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itaúira do Rio de Janeiro, teria se iniciado anteriormente a

<sup>2</sup> Eclesiástico: Tudo o que é relativo à Igreja; sacerdote, Padre. MAIA, Antônio. Pequeno dicionário católico, pg. 74, 1966.

<sup>3</sup> Arraial: “Nos territórios coloniais, como o Brasil, arraial adquiriu um significado um pouco diverso referindo-se aos pousos e roças feitas pelos bandeirantes ao longo de suas trilhas e em função de certas atividades extrativas como a mineração. Alguns dos pousos existentes transformaram-se em pontos de encontro de agricultores e comerciantes, ensejando o surgimento de povoados, também chamados arraiais”. GLOSSÁRIO HISTÓRIA COLONIAL. Arquivo Nacional. Disponível em: <http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/glossario/index.php/verbetes/8-verbetes-iniciados-em-a/1343-arraial>. Acesso em: 2 dez. 2025.

década de 1710, com as primeiras documentações da ocupação datada entre os anos de 1710 e 1720 com base nos registros de batismos e casamentos, todos preservados no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana (ITABIRITO, 2005).

De acordo com o Dossiê de Tombamento Municipal do bem histórico (ITABIRITO, 2005), o templo passou por diversas modificações e ampliações, com destaques para as décadas de 1880 e 1890, quando ocorreram modificações extensas em sua volumetria, e na década de 1930 em diante, nos elementos arquitetônicos e artísticos de seu interior. Momento no qual Itabirito, em um processo de aceleração industrial, promoveu reformas estéticas a fim de modernizar o velho templo aos gostos modernizantes da época.

Tendo em vista o longo período de existência da Matriz, iniciando-se pesquisas sobre a sua história, e por conseguinte, a própria história de Itabirito, percebe-se que os documentos que a retratam, se apresentam de forma dispersa em diversos locais, tendo os dados de fácil acesso dispersos em municípios próximos de quais Itabirito se relacionou durante seus anos de existência, contudo, sem se limitar apenas a eles. Grande parte das fontes se encontram divididas entre acervos públicos e privados da região de Ouro Preto e Mariana, vide seu histórico de ligação com Ouro Preto, sendo um dos seus antigos distritos, e com Mariana, sede do primeiro bispado de Minas Gerais, ao qual até os dias atuais o templo em estudo encontra-se vinculado de acordo com as normas da Igreja Católica.

Nota-se que a dispersão das informações históricas documentadas, e a falta dos registros de reformas e ampliações que ocorreram no templo, em certas partes, compartilham algumas coincidências com a narrativa vinculada à memória popular dos habitantes da região, mas em outros casos, podem ser completamente contrários aos registros disponíveis. Desta forma, muito se deve cuidar em relação ao uso destas memórias devido a grande volatilidade que estas apresentam.

Sendo um dos bens culturais mais antigos de Itabirito, sua história se moldou também aos gostos, modos de viver, festejos e fé da população, tornando o bem um elemento intangível da população, sendo tratado como um “monumento documento”. Desta forma, a fim de se preencher as lacunas da história do templo, os moradores locais perpetuam contos e causos de forma oral, transmitindo-os para as próximas gerações, ocasionando em muitas distorções do

conhecimento, ao se colocar as próprias visões das lendas da região juntamente com as fontes históricas.

Este processo, por um lado, se mantém como algo positivo, gerando a manutenção da memória do local, contudo, apresenta seus pontos negativos, pois a memória popular é mais suscetível a distorções e até mesmo a perda de informações com o falecimento de antigos moradores.

Sendo assim, o estudo de sua história, se torna crucial para a manutenção e organização das informações sobre o crescimento da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem e seus frequentadores, demonstrando a evolução da cultura popular do local e seus gostos estilísticos, festas, celebrações e outros meios de memória que tornam este patrimônio um bem de vultoso valor para a cultura itabiritense.

Desta forma, o objetivo geral do presente trabalho é, estudar a Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem como patrimônio cultural de Itabirito, de forma a investigar sua origem e documentar suas transformações.

A partir do objetivo geral, traçam-se os objetivos específicos, sendo estes:

- Estudar os aspectos arquitetônicos e estilísticos das igrejas mineiras de forma a constituir repertórios para análise comparativa;
- Estudar documentos históricos disponíveis para pesquisa sobre a formação de Itabirito e da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem a fim de constituir base histórica de seu surgimento, expansão e modificações;
- Estudar os aspectos arquitetônicos e estilísticos da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, a fim de gerar estudo da morfologia atual do templo, em sua forma arquitetônica e de seus bens móveis integrados;
- Realizar comparações entre estudos consolidados de igrejas com formação histórica parecida, a fim de constituir hipóteses da evolução e modificações não documentadas da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem e como esta se apresentava em diferentes períodos históricos compreendidos entre o século XVIII até a contemporaneidade.

Para tal feito, algumas metodologias são aplicadas para a obtenção de dados sobre o bem patrimonial e em seguida da análise do material encontrado, vinculado à observação em campo e classificação de estilos do bem, sendo estes:

- Revisão Bibliográfica, para a formação de uma base teórica sobre a formação das igrejas de Minas Gerais durante o século XVIII e XIX, com explanação dos estilos arquitetônicos e estilísticos que estiveram presentes neste período;
- Pesquisa Histórico-documental e revisão de literatura, com buscas em registros paroquiais, atas das antigas irmandades que estiveram presentes na matriz, fotografias antigas, dossiês de levantamento patrimonial, jornais locais, documentos da prefeitura e órgãos de patrimônio histórico (Secretaria Municipal de Patrimônio, Cultura e Turismo, Arquivo Público Mineiro, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais - IEPHA MG, IPHAN, entre outros);
- Entrevista com moradores da região (como Padres atuantes da Matriz, moradores mais antigos da região, ex-funcionários da paróquia, líderes de comunidade de bairros, entre outros). O diálogo com pessoas que participaram da história da Igreja permite que diversos dados sejam coletados, como documentações e fotografias, textos, relatos sobre a cultura envolta do bem cultural, assim como de sua importância para esta população, gostos, festas tradicionais, entre outras formas de se utilizar um Patrimônio que interferem diretamente nas modificações e preservação do templo. Uma figura de importância nesta pesquisa, é o pároco atual, Padre Miguel Ângelo Fiorillo, além de arquitetos e restauradores que efetuaram serviços na matriz;
- Modelagem de maquetes virtuais: A modelagem de esquemas das fases de construção/ fases estilísticas da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito, utilizando-se de estudos de fotogrametrias, montagem de esquemas bidimensionais de fachadas e esquemas tridimensionais, como forma de estudar e documentar a própria formação estilística da Matriz;
- Observação visual da matriz. Permitindo a coleta de dados relativos aos detalhes arquitetônicos e estilísticos presentes atualmente e as possíveis marcas do tempo e de diferentes fases de construção;
- Análise comparativa das tipologias arquitetônicas e iconografias religiosas. A partir da prévia observação da estrutura da Matriz de N. S. da Boa Viagem, e

da análise de sua documentação histórica e revisão bibliográfica, é possível a construção de comparações com outras obras similares, a fim de gerar hipóteses de evolução de modificações ocorridas no templo, com base em exemplos previamente estudados por outros pesquisadores.

A fim de se manter a maior clareza possível, o trabalho foi desenvolvido a partir da estruturação de material teórico relativo ao bem tombado, sucedido da análise em campo, permitindo o desenvolvimento de modelos generalistas da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, levando em conta tanto suas características arquitetônicas, quanto estilísticas.

O Capítulo 2 apresentará uma revisão bibliográfica dos estilos arquitetônicos e artísticos das igrejas mineiras, apresentando em subtópicos, o assentamento e formação das igrejas no território mineiro, o papel dos grupos populacionais não ligados ao clero regular, sendo conhecidas como irmandades e confrarias, e seu papel na formação das igrejas no século XVIII, as formas arquitetônicas das igrejas do século XVIII e os elementos artísticos integrados destes templos, com enfoque para sua talha e ornamentação interna, com revisão sobre os principais estilos empregados entre o século XVIII e XIX, sendo estes o barroco nacional português, o barroco joanino, o rococó e o neoclássico.

O capítulo 3 apresentará uma revisão sobre os períodos históricos da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito, enumerando de forma cronológica os acontecimentos históricos ocorridos desde os primeiros assentamentos urbanos na região de Itabirito, até o desenvolvimento de seus ciclos econômicos, prosperidade da população e do templo e, consecutivamente, as mudanças ocorridas documentadas que afetaram a forma arquitetônica e estilística do templo.

Dada a apresentação histórica da Matriz, o Capítulo 4, irá dedicar-se a um estudo da tipologia arquitetônica e estilística de sua volumetria, baseando-se em subdivisões de suas fachadas, bem como dos ambientes internos, com revisão dos seus bens artísticos integrados, de seus espaços e adições ocorridas, assim como as prováveis mudanças de uso destes; caracterização dos elementos arquitetônicos, forros e pinturas; análise estilística dos altares, seus consecutivos retábulos e motivação de culto às iconografias de santos representados em cada um destes.

Para tal feito, além da revisão de materiais relativos a formação dos templos mineiros, sua arquitetura e ornamentação, as análises apoiam-se igualmente comparações com estudos

iconográficos existentes de outros templos e suas partes<sup>4</sup>, como os realizados relativos à Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, Ouro Preto (MG), e a Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Catas Altas (MG), entre outras que apresentam semelhanças relevantes.

Como forma de exemplificação visual das diferentes fases da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, serão apresentadas possíveis modelagens volumétricas das fases do templo a partir das comparações realizadas durante esta etapa.

Por fim, no capítulo 5 apresentam-se as considerações finais sobre o trabalho executado, relativos às descobertas e sínteses de sua história, indagações sobre a existência do bem em seu estado atual e de sua importância patrimonial e cultural perante ao estudo de suas modificações e a importância de sua preservação, como forma de abertura a novos estudos.

## **2. PRINCÍPIOS DOS ESTILOS ARQUITETÔNICOS E ARTÍSTICOS DAS IGREJAS MINEIRAS**

Para melhor compreensão da análise estilística proposta, se faz necessário a apresentação dos principais momentos da história da arquitetura do período, compreendendo-se entre os períodos históricos relativos ao século XVIII e XIX.

No contexto do estudo proposto desenvolvem-se a análise da formação arquitetônica de capelas, igrejas matrizes e Igrejas de Ordens Terceiras da região mineira, assim como suas decorações internas, refletidas principalmente em seus elementos artísticos integrados. De forma geral, as correntes arquitetônicas e estilísticas englobam o que popularmente se caracteriza como o Barroco Mineiro, que apesar de levar o nome barroco, engloba movimentos de vários períodos, como o Barroco Nacional Português, Barroco Joanino, Rococó, e alguns exemplares de transição entre os estilos citados para as correntes de gostos classicizantes e ecléticos.

Cabe-se destacar que esta análise não pretende esgotar o estudo destes tópicos, tão pouco apresentar todas as especificidades dos mesmos, e sim criar de forma genérica uma

---

<sup>4</sup> Estudos realizados a partir dos trabalhos de: BOHRER, Alex Fernandes. A talha do estilo nacional português em Minas Gerais: contexto sociocultural e produção artística. 2015; ROSA, Tiago da Cunha. Antônio Rodrigues Bello: As bases da pintura de falsa arquitetura na capitania do ouro no século XVIII. 2022; MIGUEL, Eleusy Natália. As torres das igrejas matrizes de Catas Altas e Itabirito em Minas Gerais. 2016;

“cronologia arquitetônica e estilística”, apresentando as principais características de cada estilo e o contexto histórico em que estiveram inseridos, tendo em mente de que no contexto da produção arquitetônica e estilística religiosa, muitas obras podem apresentar características sobrepostas e, até mesmo, obras de transição entre períodos, não cabendo a nós neste momento ressaltá-las nesta análise.

## **2.1. O ASSENTAMENTO, FORMAÇÃO E MODIFICAÇÕES DAS IGREJAS MINEIRAS**

Um aspecto fundamental para o entendimento dos formatos dos templos mineiros inicia-se na compreensão da ocupação única da região de Minas Gerais. Isolada do litoral no começo de sua ocupação no final do século XVII, a produção de arquitetura na região se tornou fruto de um conjunto de realizações da instalação das primeiras bandeiras provisórias, seguida da formação das primeiras organizações sociais dos primeiros arraiais, continuando-se também nas organizações das primeiras Ordens Terceiras<sup>5</sup> e Irmandades<sup>6</sup>, visto a proibição da instalação de ordens religiosas regulares nas Minas (MELLO, 1985).

Sendo um território descoberto na última década do século XVII, a região das Minas recebeu um grande fluxo migratório, em grande especial de territórios do Norte de Portugal, englobando cidades como Porto, Braga, Guimarães, Barcelos, Viana do Castelo, entre outros. Esta população e demais populações totalizaram aproximadamente 30.000 habitantes em 1709, elevando-se para cerca de 320.000 em 1776 (DANGELO, 2006).

A presença maciça de pessoas advindas do norte de Portugal na região, composta em grande parte por pessoas da pequena nobreza que partia para cargos administrativos, famílias que vinham povoar, clérigos que vinham evangelizar e oficiais de diversos ramos com a função da construção da “nova Portugal”, foram responsáveis por grande impacto na formação da cultura local, assim como na aplicação das legislações da Coroa Portuguesa e da Igreja Católica (DANGELO, 2006).

---

<sup>5</sup> Terceiros: associações religiosas formadas por leigos, identificados a uma ordem religiosa tradicional. Funcionavam como representantes no mundo secular das ordens primeiras. GLOSSÁRIO HISTÓRIA COLONIAL, Arquivo Nacional, verbete Terceiros.

<sup>6</sup> Irmandades: Associações de fiéis devotos a um santo, surgidas na Idade Média para valorização da religiosidade leiga e difusão do culto aos santos, somadas aos esforços de evangelização das populações pagãs. (...) As irmandades distinguiam-se das Ordens Terceiras porque não eram ligadas a nenhuma ordem regular como no caso das segundas, por essa razão eram também mais frequentes nas cidades e vilas de Portugal e da América Portuguesa. GLOSSÁRIO HISTÓRIA COLONIAL, Arquivo Nacional, verbete Irmandades.

Em seus primeiros anos de ocupação, o território mineiro fundou sua base de construção a partir da herança formal e tecnológica herdada da arquitetura paulista. Seus principais parâmetros foram a utilização de terra apiloada (taipa), visto a dificuldade do uso inicial de produções em pedra, devido a escassez de mão de obra qualificada, resposta direta à precariedade tecnológica do meio, e a busca pela funcionalidade frente aos formatos arquitetônicos utilizados no país de origem dos imigrantes. Deste modelo surgiram as primeiras capelas e residências que se espalharam rapidamente pelo território mineiro entre 1690 e 1720 (DANGELO, 2006).

Apenas a partir da segunda década do século XVIII, com a consolidação dos primeiros arraiais pertencentes à Capitania de São Paulo e Minas de Ouro, estabelecida pela Carta Régia de 9 de novembro de 1709, que iniciou-se a efetivação da fase de estruturação e regulamentação do território mineiro, com a presença oficial do Estado Português. (DANGELO, 2006).

Em caráter de regulamentação da construção religiosa no território, para a criação das ermidas, capelas e Matrizas no território brasileiro, era necessário que fossem seguidas as leis redigidas pela Igreja Católica. No caso do território mineiro, antes da instalação da Diocese da atual Mariana (MG) em 1745, se fazia necessário o cumprimento das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia; Documento elaborado pelo Arcebispo Dom Sebastião Monteiro da Vide no ano de 1707.

Conforme o disposto por VIDE (2011) no Livro Quarto das Constituições do Arcebispado da Bahia, título XVII, temos:

“Conforme o direito Canonico, as Igrejas se devem: fundar, e edificar em lugares decentes, e accomodados, pelo que mandamos, que havendo-se de edificar de novo alguma Igreja parochial em nosso Arcebispado, se edifique em sítio alto, e lugar decente, livre da humidade, e desviado, quanto for possível, de lugares immundos, e sordidos, e de casas particulares, e de outras paredes, em distância que possam andar as Procissões ao redor dellas, e que se faça em tal proporção, que não sómente seja capaz dos freguezes todos, mas ainda de mais gente de fóra, quando concorrer ás festas, e se edifique em lugar povoado, onde estiver o maior numero dos freguezes. E quando se houver de fazer, será com licença nossa: e feita vestoria, iremos primeiro, ou outra pessoa de nosso mando, levantar Cruz do lugar, aonde

houver Capella maior, e demarcará o âmbito da Igreja, e adro della (VIDE, Sebastião Monteiro da; pg. 252; 2011).

Apesar destas indicações, muitas igrejas foram construídas margeando-se estas leis do Arcebispado, contudo, notando-se que em diversos casos, as ocupações religiosas mineiras instalaram-se em altos de morro, dando visão privilegiada para a região em que se formariam os arraiais, servindo não apenas como um caráter religioso, mas também estratégico de defesa do território recém desbravado.

Conforme as teorias clássicas do estudo da ocupação mineira, como as descrições de MELLO (1985), No início das ocupações, teriam sido erguidas as primitivas “igrejas de palha”, sendo o fruto de necessidade de culto nas regiões mineradoras, onde os indivíduos dos primeiros núcleos de povoação se concentravam. Estas edificações apresentavam tipologia simples de cômodo único e dimensões reduzidas, a qual ficavam as imagens dos santos de maior devoção instalados nas localidades.

Destas construções simples, com o enriquecimento destas regiões, iniciam-se a elaboração de detalhes decorativos, após a elaboração interna, também iniciam-se as ampliações arquitetônicas, onde o primeiro modelo de capela ganhava um aumento de espaços para fiéis, além da adesão de um novo cômodo, denominado sacristia, onde se guardavam os objetos sagrados indispensáveis para as celebrações religiosas destes espaços, ocupando um espaço ao lado ou atrás da capela (MELLO, 1985).

Este padrão então estabeleceu a ideia inicial de capela-mor, nave e sacristia, que seria considerado o programa essencial de um templo mineiro. Em sua fachada, sua constituição inicial era realizada a partir da composição de três aberturas, sendo a porta principal da nave, com adição de duas janelas para os coros incorporados a estas capelas (MELLO, 1985).

Ainda de acordo com a teoria clássica, com o avanço e estabilização das ocupações no território, torres sineiras seriam adotadas, inicialmente podendo ser constituídos campanários separados do corpo da capela ou com a inserção da torre como uma torre central única ou mesmo anexada a uma das laterais da capela, gerando fachadas planas, ou, em caso das de

torre central, a adoção de fachadas chanfradas, a fim de gerar movimentação da forma (MELLO, 1985).

Este traçado inicial da arquitetura religiosa mineira conectou-se muito ao que diversos autores convencionaram a chamar de barroco jesuítico, onde as igrejas possuíam uma estrutura pesada, de linhas modestas, onde a ênfase ornamental estaria focada em seu interior (ÁVILA et al, 1996).

MELLO (1985) apresenta em seus estudos, com base em Sylvio de Vasconcellos, a proposta de uma evolução tipológica (figura 3), em que as plantas e fachadas dos templos teriam iniciado-se com formas de padrões jesuíticos, até chegarem a um padrão mais ornamental e volumétrico do barroco de influência estrangeira.



Figura 3: Esquema de plantas e fachadas de construções religiosas.

Fonte: MELLO, Suzy de. Barroco mineiro. São Paulo: Brasiliense, 1985. pg 136.

A teoria proposta nos serve como uma base inicial para o entendimento dos formatos básicos das igrejas mineiras, passando das capelas simples sem torres, mais comumente construídas no final do século XVII e início do século XVIII, às vultosas igrejas de volumes curvos ao fim do século XVIII.

Contudo, cabe destacar que em teorias contemporâneas, como a de CAMPOS (2006), este modelo é duramente criticado, devido a uma generalização demasiada da ocupação do território mineiro, ao qual passou por processos diversos em cada ocupação. Desta forma, na contemporaneidade, é defendida a independência dos diferentes estilos arquitetônicos de acordo com as características de cada povoamento, ao qual, de acordo com a disponibilidade do material da região e da bagagem cultural de seus ocupantes, modelos diferentes de templos surgiram, tendo como objetivo o atendimento das demandas religiosas do local.

Retornando-se a teoria clássica, defende-se que, a partir do rápido desenvolvimento das regiões mineradoras, o avanço econômico permitiria a estratificação de novas classes sociais (VASCONCELLOS, 1983), assim como a construção de novas edificações de maior demonstração de poderio, concentrando-se principalmente no meio religioso através das primeiras matrizes, concentrando o poder local, com a criação de paróquias<sup>7</sup> com vigários<sup>8</sup> próprios (MELLO, 1985).

Seguindo-se as Constituições do Arcebispado da Bahia (VIDE, 2011), às igrejas paroquiais deveriam seguir determinados parâmetros para que pudessem ser reconhecidas como tal. Em seu aspecto de edificação, temos disposto no Livro Quarto das Constituições do Arcebispado da Bahia, título XVII :

As Igrejas Parochiaes terão Capella maior, e cruzeiro, e se procurará que a Capella maior se funde de maneira, que posto o Sacerdote no Altar, que com o rosto no Oriente, e não podendo ser, fique para o Meio dia, mas nunca para o Norte, nem para o Occidente. Terão Pias Baptismaes de pedra, e bem vedadas de todas as partes, almarios para os Santos Oleos, pias de agoa benta, um pulpito, confessionarios, sinos e casa de Sacristia; e haverá no ambito e circunferencia dellas adros, e cemiterios capazes para neles se enterrarem os defuntos (VIDE, Sebastião Monteiro da; pg. 253; 2011).

Apesar das ordens da Igreja Católica, muitas das Matrizes não seguiram em totalidade as leis impostas, sendo mais comum a adaptação dos elementos básicos de culto às maneiras que melhor se adequassem aos sítios mineiros, como defendido na teoria contemporânea do

---

<sup>7</sup> Paróquia: Parte do território de uma diocese, com uma igreja sede (matriz) e um povo sob a direção de um sacerdote que representa o Bispo (Pároco). MAIA, Antônio. Pequeno dicionário católico: dogma, liturgia, moral, Bíblia. Rio de Janeiro: Estrela do Mar, pg. 152, 1966.

<sup>8</sup> Vigário: A rigor o substituto do Pároco, mas que no Brasil generalizou-se como designação do próprio Pároco. MAIA, Antônio. Pequeno dicionário católico, pg. 216, 1966.

assentamento mineiro. Alguns exemplos práticos são a Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto (MG), ao qual fora instalada com sua fachada voltada para o ocidente (oeste) em vez do oriente (leste), ademais diversas outras matrizes, que ganharam seus complementos de cômodos decorridos anos de sua elevação.

O que se observou, como defendido por CAMPOS (2006), quando um templo era escolhido para ser elevado a Matriz, sendo necessário adaptações do local para atender populações crescentes, poderia-se optar pela construção de novos templos, contudo, se tornava mais comum o uso das capelas já existentes, no processo de adequação para se tornarem Igrejas Paroquiais, sofrendo extenso processo de reforma, a fim de garantir os requisitos mínimos de salubridade, que poderiam refletir no cumprimento das exigências mantidas pelo Arcebispado da Bahia, inclusive com adequações no próprio entorno das antigas capelas, a fim de se obter maior espaço livre para os fiéis de cada freguesia.

Esta reforma das antigas capelas para condição de Matrizes muitas vezes entra em discordância com a teoria clássica, como defendido por MELLO (1985), onde as matrizes teriam sido construídas utilizando-se de técnicas mais sólidas de construção, que permitissem a criação de uma volumetria mais significativa.

O que se vê em geral, sendo fruto de possíveis expansões ou construções inteiramente novas, a adoção genérica de planta retangular como ampliação do padrão já estabelecido, porém mais comprido, ganhando áreas de nartex (área de entrada), passagem da sacristia para a parte dos fundos, aparecimento de capelas laterais e constituição de duas torres, aos quais frequentemente se atrelava ao coro, como espaço de circulação.

Em ponto de vista dos modelos arquitetônicos que orientaram a construção dessas igrejas matrizes mineiras, apesar da documentação escassa sobre os parâmetros a serem aplicados, estudos contemporâneos, como o de DANGELO (2006), partem da elaboração plástico-formal destes templos ligada a tecnologia da madeira e da taipa, desenvolvida assimetricamente em diferentes pontos do território pelos mestres-carpinteiros, frutos de uma circularidade cultural dos modelos e referências que chegaram às minas, adaptando-os às realidades locais, causando divergências entre as técnicas de origem erudita.

Nota-se que a integração dos elementos de ornamentação das fachadas se dá aproximadamente na metade do século XVIII, partindo dos casos de evolução estilísticas mais profundas do Barroco de referências eruditas, como a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, em Ouro Preto, partindo para o conseguinte advento do rococó ao fim do mesmo século, onde antigas capelas e matrizes ganham uma renovação em seu risco de influência jesuítica, passando por uma maior ornamentação, com adoção de formas vultosas, que, de acordo com os dizeres da época, traziam maior leveza e harmonia a edificação, o que levou também a construção de novos templos neste estilo, ao qual tentava se desvencilhar dos formatos planos de fachada e plantas quadriculares dos períodos antecessores (ÁVILA et al, 1996).

Como forma de sistematizar o processo de assentamento, estabilização de povoações, construção de templos e matrizes, processos de decadência econômica e nova ascensão de matrizes no território mineiro, MELLO (1985), tomando como base os estudos realizados por Sylvio de Vasconcellos, destaca a seguinte cronologia de formação dos templos religiosos,.

- 1º Etapa - 1700-1720: formação das povoações. Capelas precárias, Invocações de santos, um só altar<sup>9</sup>.
- 2º Etapa - 1720-1750: povoações estabilizadas. Matrizes, invocação do S.S. Sacramento, multiplicidade de altares.
- 3º Etapa - 1750 1800: maturidade das povoações, classes fortemente diferenciadas; rivalidade de classes. Re-construção das primitivas capelas, construção de novas, decadência das matrizes.
- 4º Etapa - 1800: decadência econômica e dissolução de diferenciação social. Paralisação das novas construções ou acabamento deficiente das mesmas, novo apogeu das matrizes.

Desta forma, ao final das etapas de assentamento no território mineiro, destacam-se a partir de MELLO (1985), os 5 principais tipos de capelas e igrejas que foram construídas durante o período do século XVIII até a primeira metade do século XIX.

---

<sup>9</sup> Altar: Local ou objeto cultural sobre o qual o sacerdote oferece o sacrifício ritual ou litúrgico. MAIA, Antônio. Pequeno dicionário católico, pg. 15, 1966.

- 1º Tipo: Capela simples, que não possuíam torres sineiras, são constituídas de nave, capela mor e sacristia lateral ou posterior, seu frontispício é resolvido em frontão triangular;
- 2º Tipo: Capela simples, com mesma formatação do primeiro tipo, porém com adição de torre sineira;
- 3º Tipo: Igrejas matrizes, ainda constituídas dos mesmos elementos básicos, ganham a adição de duas torres sineiras, com frontões retilíneos, mas de plantas ortogonais;
- 4º Tipo: Igrejas matrizes e capelas maiores, sendo similares ao terceiro tipo, porém com frontões ondulados e plantas de partidos retangulares;
- 5º Tipo: Igrejas matrizes e capelas maiores, ainda seguindo os padrões anteriores, apresentam frontões ondulados e plantas com formatos elípticos ou curvilíneos.

Ressalta-se que, em estudos recentes, nota-se que a separação inicial da teoria clássica apresenta alguns pontos de atenção, pois os mesmos desconsideram a existência de templos que não ganhavam certas características, como a adição de torres e frontões ondulados, ou mesmo as possuem atualmente, porém sendo frutos de intervenções que não condizem com a separação cronológica realizada.

Utilizando-se de estudos contemporâneos relativos ao mesmo período, CAMPOS (2006), separa a tipologia das capelas e igrejas em duas grandes fases, correspondentes a técnicas construtivas distintas das igrejas construídas durante o século XVIII, sendo elas:

- Até 1750: Capelas e igrejas matrizes erguidas em taipa de pilão ou com estrutura autônoma de madeira;
- Após 1750: Capelas e igrejas matrizes construídas com alvenaria de pedra.

Ainda de acordo com CAMPOS (2006), esta padronização não poderia se aplicar a todos os casos, visto a continuação das técnicas da primeira metade do século XVIII durante todo o século e até mesmo ao longo do século XIX, variando de acordo com a disponibilidade técnica de cada região.

CAMPOS (2006) dialoga a divisão, a partir da segunda metade do século XVIII, a generalização de reconhecimento de capelas e igrejas em três tipos básicos relativos a sua organização básica formal, ressaltando junto a elas a importância de se reconhecer esta

divisão como um modelo puramente didático, visto a complexibilidade da formação de cada região e micro-região, gerando-se diversos desvios da separação imposta. Tendo isto em vista, separaram-se os seguintes tipos:

- Templos de volumes chanfrados: Característicos do Barroco Português;
- Templos de volumes elípticos: Influência pelo barroco italiano, como a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (Ouro Preto, MG), ou a Igreja de São Pedro dos Clérigos, em Mariana.
- Templos de volume curvilíneos: Influenciados pelas primeiras manifestações do Rococó, como as igrejas de São Francisco de Assis de Ouro Preto (MG) e São João Del Rei (MG).

Seguindo-se para as Minas do século XIX, com a chegada das linguagens classicizantes na região, ocorre uma nova onda de modificações para a aplicação deste gosto estilístico na região, onde há a coexistência das arquiteturas tradicionais desenvolvidas ao longo do período colonial, e a manifestação do ecletismo se torna comum.

Em termos gerais das obras arquitetônicas, os edifícios de diversas esferas de organização social. desde as construções ao novo estilo, as edificações existentes sofrem modificações em suas volumetrias já consolidadas, com o acréscimo de diversos ornamentos, grades de ferro trabalhado, guilhotinas de vidro, madeira e metal recortado em formatos de lambrequins, frontões e cornijas em ressaltos, vergas triangulares ou ogivais que coroavam os vãos, adição de balaustradas, estátuas, entre tantos outros, que afetam não só a forma externa de padrões já estabelecidos, mas encontrariam terreno fértil para modificações em suas decorações interiores (FABRIS et al, 1987). Da mesma maneira, os templos religiosos adotaram certas práticas listadas, variando-se em casos específicos, que necessitam de estudos especializados para sua identificação, sendo dificultada a generalização global dos elementos apresentados.

Para o melhor entendimento de como o processo de assentamento dos templos religiosos ocorreram, se faz necessário o entendimento da organização social da época e como esta impactava diretamente nas escolhas de investimentos e expansões dos símbolos de poder para a época. Com isto, devemos analisar brevemente a participação dos grupos de leigos na construção de templos, e qual o seu papel para a modelagem apresentada em cada um deles.

## **2.2. AS IRMANDADES E CONFRARIAS DO SÉCULO XVIII E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DAS IGREJAS MINEIRAS**

Durante o processo de ocupação do território mineiro no século XVIII, alguns dos principais formadores das relações sociais e religiosas foram as ordens terceiras e irmandades, genericamente chamadas de confrarias<sup>10</sup>. Estas estavam envolvidas intrinsecamente na organização do amplo império colonial português, sendo parte destas grandes provedoras e organizadoras dos arraiais recém formados e de seus templos (RESENDE, VILLALTA, 2007).

As confrarias, nascidas durante a Idade Média e muito estimuladas pela Igreja, sobretudo a partir do século XVI, foram assimiladas durante o processo de conquistas e evangelização durante o período colonial, sendo constituídas dentro dos ensinamentos catequéticos da Igreja Católica à época e responsáveis pelo ensinamento dos conhecimentos litúrgicos por meio da escuta, leitura compartilhada por ocasião de missas, pregações e aulas de catecismo promovidas pelas paróquias. Dentro das próprias confrarias sua existência teve importante impacto no ensinamento catequético, das principais orações, pecados capitais, virtudes cardeais e teologais, os sete sacramentos, os dez mandamentos, o exame diário de consciência, a prática de confissão e comunhão por ocasião da quaresma (CAMPOS, 2011).

Em composição formal, as ordens terceiras eram compostas por leigos, casados ou solteiros, que desejavam seguir as regras franciscana ou carmelita sem fazer os votos solenes (castidade, pobreza e clausura). Os terceiros normalmente faziam parte da elite (artesanal, intelectual, política e militar), além de irmãos professores (pedreiros, carpinteiros, entalhadores, escultores, pintores e empreiteiros). Estes sentiam-se mais qualificados na hierarquia social e espiritual que os membros de irmandades, o que gerava diversos desentendimentos entre os dois tipos de confraria (CAMPOS, 2011).

As Irmandades por sua vez, também eram compostas por leigos, não possuindo vínculo com as ordens conventuais, mantendo um aspecto devocional e dedicando-se ao culto dos santos, anjos, almas do purgatório, de Nossa Senhora e da Santíssima Trindade. Seus integrantes se agrupavam por critérios étnicos, profissionais e sociais, sendo fiscalizadas por

---

<sup>10</sup> Confraria: Associações com fins religiosos, irmandade, congregação piedosa que cultuando determinado santo, imita suas virtudes e ações. MAIA, Antônio. Pequeno dicionário católico, pg. 54, 1966.

autoridades diocesanas (representante do bispado respectivo) e possuíam uma mesa administrativa eleita anualmente (CAMPOS, 2011).

Em geral, as confrarias existiam dentro das igrejas conventuais e nos altares laterais das igrejas matrizes, salvo casos de algumas associações de leigos que conseguiam reunir recursos financeiros o suficiente para edificar templo próprio. Nestes locais eram produzidas documentações diversas sobre o funcionamento dessas confrarias, como Livro de Compromisso, Entrada de Irmãos, Receita e Despesa, Registro de Termos, Registro de Alfaias<sup>11</sup> e bens imóveis, Registro de Óbitos, etc, documentos ao quais eram periodicamente conferidos por visitantes episcopais<sup>12</sup> (CAMPOS, 2011).

As irmandades do Santíssimo Sacramento e do respectivo padroeiro do templo compartilhavam o espaço privilegiado da capela-mor, juntamente com a fábrica paroquial (representada pela figura do vigário). Conforme o costume, as demais irmandades situavam-se nos altares laterais da nave e tinham demandas semelhantes no tocante ao recinto religioso. Responsabilizavam, proporcionalmente, pelas despesas referentes à manutenção do culto no âmbito da matriz, a saber: aquisição do mobiliário da sacristia, contratação de sacerdotes para celebração de missas e de músicos para abrilhantar os dias festivos; instalação e conservação dos sinos, bem como dos paramentos litúrgicos, dos ornamentos do templo, das imagens dos santos e dos suprimentos para a execução dos rituais católicos. (CAMPOS, 2011, pg 4.)

A maior parte das confrarias continuaram suas atividades no decorrer do século XIX, ao qual criaram relações intrínsecas com fatos e personalidades políticas, se tornando um importante fator de mudanças sociais e espaciais nos locais em que estas se inseriram (SALLES, 1963).

Dentre as inúmeras funções das confrarias, as irmandades prestavam o papel de configuradores e delimitadores do espaço urbano, assim como pela ereção<sup>13</sup> e manutenção das igrejas e capelas (NASCIMENTO, 2005). Na América Portuguesa, em especial no território mineiro, devido às suas ações de fundamento da sociabilidade civil e religiosa, as

---

<sup>11</sup> Alfaias: Objetos e paramentos do culto; cálice, patena, custódia, âmbula, casula, etc. MAIA, Antônio. Pequeno dicionário católico, pg. 14, 1966.

<sup>12</sup> Episcopal: O que é relativo ao Bispo. MAIA, Antônio. Pequeno dicionário católico, pg. 77, 1966.

<sup>13</sup> Ereção: Ato pelo qual a autoridade eclesiástica confere, de acordo com o Código de Direito Canônico, existência religiosamente legal a uma associação dentro dos quadros da igreja. MAIA, Antônio. Pequeno dicionário católico, pg. 78, 1966.

irmandades ganhavam um profundo prestígio social, que de muito foi utilizado para possibilitar diversas construções, ornamentação de templos, melhoramento no traçado citadino como abertura, calçamento e limpeza de ruas, delimitação de largos, construção de chafarizes e pontes, entre outros. Estas obras, em grande parte, serviam como uma afirmação da decência dos ofícios, pois as encenações de cortejos e procissões, a comodidade dos moradores e as encenações festivas exigiam mudanças duradouras na paisagem urbana (ANTUNES, et al, 2024).

Em diversos casos as confrarias se uniram em prol de um objetivo em comum, como ampliações e reformas na Igreja Matriz, visando a decência do templo. Em geral a irmandade ou ordem terceira que organizava e dirigia os cultos e festividades da igreja, além do planejamento de edificação do templo, que muitas vezes se refletia a santidade mais cultuada, obtinha o direito de padroeiro. A irmandade fundadora da Igreja possuía então o direito e procedência nas cerimônias dos cultos e procissões (SALLES, 1963).

Uma das irmandades em maior destaque no contexto das Minas era a Irmandade do Santíssimo Sacramento, estas competiam pela promoção e a organização da procissão do Corpo de Deus, bem como pelo direito de construção das igrejas matrizes. Esta relação se comprova com a ocupação do Altar Mor das matrizes pela irmandade do Santíssimo Sacramento, simbolizando a autoridade suprema celeste. Casos como estes são observados por exemplo na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar em Ouro Preto. (OLIVEIRA, 2013).

Dito este desejo pela promoção da irmandade do Santíssimo Sacramento pela autoridade, a mesma desempenhou em diversos casos a reunião das irmandades em prol dos objetivos de construções dos templos, funcionando também como fábrica paroquial em obras arquitetônicas. Parte deste poder também se vincula aos integrantes desta irmandade, que tratavam-se de membros da elite local branca, envolvida em cargos de grande prestígio do mundo dos negócios, facilitando assim também a arrecadação de recursos (CAMPOS, 2011).

O investimento nos templos pelas confrarias também se justifica pela própria concepção cristã, onde, quem economiza e não investe no sagrado, não confia na providência divina. Desta forma, nos mais variados contextos de ocupações mineiras no período colonial, a beleza da ação cultural era um requisito imprescindível, gerando assim uma enorme demanda de objetos para o culto e de produtos confeccionados por artesãos, artífices e artistas. O

investimento para o louvor a Deus eram fartos, e nela não seria difícil imaginar a expansão destes investimentos para além do objeto do culto, mas também para os locais que estes ocorriam, tornando assim as confrarias alguns dos grandes investidores da propagação e manutenção de tantos templos em diversas regiões (CAMPOS, 2011).

Entendendo-se o papel das confrarias em torno da criação das capelas e igrejas das minas, pode-se analisar de forma efetiva o formato arquitetônico dos mesmos, e quais suas motivações de surgimento, de acordo com o período analisado e os grupos sociais que estiveram envolvidos diretamente em cada um destes períodos.

### **2.3. A FORMA ARQUITETÔNICA DAS IGREJAS DAS MINAS DO SÉCULO XVIII**

Durante o período da mineração do Brasil Colonial, a Igreja Católica se manteve como um dos principais produtores da área arquitetônica e artística, demonstrando seu amplo poder na esfera religiosa e cívil. De modo geral os partidos arquitetônicos deste período resumem-se a três principais tipologias: a capela primitiva, a igreja matriz e a igreja de irmandade ou Ordem Terceira (confrarias) (OLIVEIRA, 2009). Esta divisão foi muito influenciada pela proibição das Ordens Religiosas Primeiras, e consecutivamente de suas construções conventuais e colégios jesuítas, pelo governo português nas áreas de mineração, influenciando construções que se moldaram ao padrão de ocupação das minas a partir de modelos das regiões do norte português, local de maior vinda dos colonizadores deste período (SMITH, 2012).

O desenvolvimento destas edificações muito se deu pela repentina e rápida exploração das minas do país, condicionadas também dentro dos períodos de ascensão e decaimento da disponibilidade das riquezas encontradas neste período. SMITH (2012) afirma que a arquitetura colonial mineira compreendeu-se entre o início do século XVIII, se estendendo até o final do mesmo século, quando o esgotamento das riquezas minerais desacelerou o processo da construção de grandes templos, sendo colocado como exemplo o templo de Nossa Senhora da Boa Morte em Barbacena, terminado em 1815, onde neste ano em diante não se encontrariam grandes construções religiosas, conferindo ao século XIX uma produção artística mineira escassa, voltada principalmente para reformas dos antigos templos já consolidados, com poucos exemplos de novas construções, como a Igreja de São Francisco de Paula, finalizada ao fim do século XIX, já encaminhada para gostos neoclássicos.

As primeiras construções deste período, naturais das primeiras ocupações através das bandeiras para as regiões serranas, são consideradas construções mais simples, oriundas de construção junto a cruz de um monte ou a beira de um córrego com caráter provisório, com paredes de madeira e tetos de colmo (SMITH, 2012), seu exterior era caiado de branco com cobertura de sapé, sua planta era simplificada, composta de um espaço da nave reservado aos fiéis, uma pequena capela-mor, reservada ao capelão<sup>14</sup> e seus acólitos<sup>15</sup>, sacristia lateral para a guarda dos objetos do culto e uma torre isolada ou acoplada ao templo, com sinos para chamar os fiéis (CAMPOS, 2006).

Estas capelas eram os únicos lugares que os ocupantes podiam ouvir a missa e perpetuar o culto ao sagrado, desta forma, visando melhores condições para culto, logo foram reconstruídas em material mais forte e durável, como taipas, barro e tijolo, com cobertura de telhas de barro, Alguns exemplos ainda se apresentam nos dias atuais, como a Capela de Santo Amaro do Bota Fogo e a Capela de São João Batista ambas em Ouro Preto (figura 4), entre outras (SMITH, 2012).



Figura 4: Fachada da Capela de São João Batista, Ouro Preto (MG), construção anterior a 1743.

Fonte: Secretária Municipal de Cultura e Turismo de Ouro Preto; Disponível em:

<https://ouropreto.mg.gov.br/turismo/atrativo-item/720>

<sup>14</sup> Capelão: Sacerdote auxiliar a serviço de pessoas (Papa, Rei, Bispo) ou de Comunidade Religiosa. MAIA, Antônio. Pequeno dicionário católico, pg. 42, 1966.

<sup>15</sup> Acólito: Aquele que recebe a ordem do acolitado; diz-se também do leigo que ajuda a missa. MAIA, Antônio. Pequeno dicionário católico, pg. 9, 1966.

Muitas destes templos ainda sofreram novas modificações ainda no século XVIII, podendo se estender ao século XIX, com o objetivo de modernizar as fachadas aos gostos das grandes matrizes, ganhando modificações em suas portas, janelas e cimalhas, assim como a talha de seus interiores (SMITH, 2012) a exemplo da Capela de Nossa Senhora do Rosário do Padre Faria em Ouro Preto (figura 5), que teve sua fachada modernizada aos gostos do século XIX, e na década de 1950, a partir de interferência do movimento modernista, teve sua fachada alterada para padrões considerados típicos do início do barroco mineiro.

A fachada principal das capelas primitivas eram simplificadas, aos moldes das capelas medievais portuguesas, sendo um retângulo encimado por um frontão triangular (VERÍSSIMO et al, 2007) , suas aberturas eram compostas por uma porta de entrada e três janelas em cima, sendo duas pequenas quadradas e uma ao centro, em forma circular, ou *oeil-de-boeuf*. As molduras das portas e janelas eram de linhas simples e retas, podendo ser feitas de madeira ou pedra. As portas eram geralmente esculpidas segundo formatos retangulares do século XVII, mas com linhas e massas em relevo. Nas esquinas dos edifícios surgiam espécies de pilastras, ao qual se colocavam bolas ou pirâmides de pedra e uma cruz no frontispício. Seu acabamento era feito no sistema português, com a aplicação de cal e pedra (SMITH, 2012).



Figura 5: Comparação entre fachadas da Capela de Nossa Senhora do Rosário do Padre Faria; a esquerda, imagem do século XIX (Arquivo Central do IPHAN), a direita, imagem de 2016 (foto por José Pessôa)

Fonte: PESSÔA, José Simões de Belmont. Entre o singelo monumentalização e o simbólico: reflexões sobre o patrimônio cultural brasileiro. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.195/6176>.

A localização dos sinos destas igrejas se encontravam nos mais diversos locais. Inicialmente desprovidas de torres, optou-se pela disposição dos sinos nas janelas das fachadas, recurso que ainda perdurou em construções mais recentes. Outros exemplares optaram pela construção de pequenas sineiras com cobertura de telhas, junto às paredes ou em situação independente, como uma situação provisória que acabará se tornando definitiva, como na Capela de São João Batista.

Estas sineiras isoladas posteriormente dariam lugar a tipologias de torres isoladas ao lado da capela, como na Capela de Nossa Senhora do Padre Faria. Em última opção, em tipologia desenvolvida tardiamente em Minas, estaria a construção de uma torre única, em posição central, desenvolvendo uma fachada chanfrada, como o caso da Capela de Nossa Senhora do Ó em Sabará (OLIVEIRA, 2009).

As soluções apontadas são próprias das regiões interioranas do período da mineração, não tendo correspondentes nas zonas litorâneas, onde prevaleceu o tipo tradicional da capela urbana portuguesa, com torre única lateral, também utilizado em Minas Gerais, nas áreas de São João del Rei e Diamantina. Suas raízes encontram-se no vasto substratum cultural da arquitetura portuguesa vernacular, particularmente nas regiões Norte e beirã, que forneceram maiores contingentes de imigrantes ao povoamento inicial das Minas Gerais (OLIVEIRA, 2009).

Nos casos em que a torre sineira se incorporaram ao edifício principal, estas eram dispostas de forma a arrematar um ou dois corredores laterais, que davam acesso aos púlpitos dos templos, anteriormente acessados de forma externa, como no caso da Capela de Nossa Senhora do Rosário do Padre Faria (VERÍSSIMO et al, 2007).

Com o desenvolvimento dos arraiais, entre o fim do século XVII e início do século XVIII aproximadamente, estes começam a se enquadrar administrativamente como vilas e freguesias, o monumento típico desenvolvido passa a ser a igreja Matriz (OLIVEIRA, 2009). Estas matrizes, eretas por grupos heterogêneos, como a alta administração, comerciantes e mineradores enriquecidos, passam a celebrar invocações menos populares, como a principal a do Santíssimo Sacramento, mas sem excluir invocações diversas, sendo os humildes ligados modestamente à corte, aos santos, e aos mais poderosos diretamente ao Rei, ao Santíssimo (VASCONCELLOS, 1983).

Era comum que capelas primitivas se transformassem em igreja matriz nos arraiais que prosperaram, podendo o templo inicial passar por diversas reconstruções e ampliações, visando a dignidade do templo. Estas ampliações poderiam ser em pau-a-pique ou pedra, caiadas de branco, com recebimento de óleo nos vãos e cunhais aparentes.

Muitas partes dos templos foram reconstruídas a fim de resolver problemas estruturais dos antigos templos, sendo comum a opção da aplicação de alvenaria em pedra naqueles templos que tinham construção baseada em barro, visando a maior durabilidade da edificação. Apesar disto, muitos templos mantiveram suas construções iniciais, seja pela tradição da estrutura autônoma de madeira e barro, seja pela indisponibilidade de pedras próprias para as construções, como na Comarca do Serro do Frio (região de Diamantina) e no Vale do Piranga (Catas Altas da Noruega, Piranga, etc) (CAMPOS, 2006).

VASCONCELLOS (1983) em seus estudos, apresentou como uma forma de desenvolvimento das ampliações de templos existentes, a continuidade do padrão das fachadas planas de formas geométricas com a aplicação de 2 torres laterais, formando proporções baseadas em riscos em forma de “V” entre as janelas (figura 6). Este padrão também foi aplicado em templos novos construídos na época.

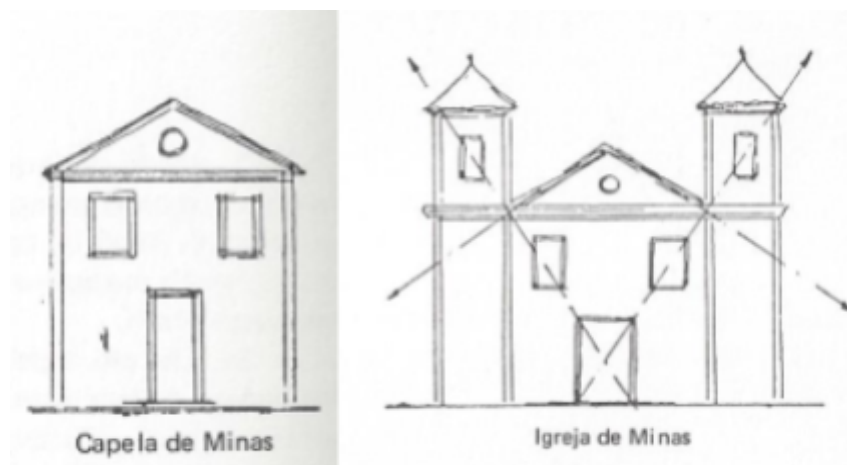


Figura 6: Recorte de ilustração da tipologia básica das capelas e Igrejas de Minas;

Fonte: VASCONCELLOS, Sylvio de. Arquitetura: dois estudos. 2. ed. Goiânia:

MEC/SESU/PIMEG-ARQ/UCG, 1983. 64 p. il

Para as Matrizes, muito se preferiu a invocação de figuras da Virgem Maria, em suas variadas apresentações, como N. S. da Conceição, da Assunção, Bom Sucesso, etc, revelando

um apreço espontâneo à figura feminina, glorificada em Maria, sendo também uma forma de representar mulheres brancas para os ocupantes, visto que no início da ocupação mineira poucas mulheres portuguesas vieram para o local.

As Matrizes não ficavam sob inteira responsabilidade de uma classe dominante, sendo uma construção consorciada, com a coexistência de agrupamentos sociais, incapazes de manter igrejas próprias, juntam-se as matrizes para ajudar em sua edificação, que com isto, ganham o direito a afiliações aos altares laterais da nave da igreja, sujeitas à Irmandade do Santíssimo Sacramento, que ocupa o Altar Mor, ao qual cada um constrói e conserva seu altar ao seu gosto (VASCONCELLOS, 1983).

Advindo do estilo empregado nos últimos anos do século XVII e primeira década do XVIII, os formatos destas matrizes se inspiraram nos formatos utilizados no imaginário luso-brasileiro, prezando-se pela adoção de geometrias básicas (retângulos, triângulos e círculos) e a harmonia entre elas (VERÍSSIMO et al, 2007).

As fachadas possuem uma marcação de linhas retas nas suas janelas, portas e cimalkhas. As cimalkhas e cornijas conferiam a delimitação de áreas da fachada, podendo ser usadas em alguns casos para se criar um efeito de interrompimento da verticalidade do templo, padrão que pode ser encontrado no frontão modificado da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Sabará (MG) (figura 7) (SMITH, 2012).



Figura 7: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Sabará (MG).

Fonte: Acervo pessoal. Data: 18 de Maio de 2025.

As matrizes eram, em geral, compostas por nave única com capela-mor e coro acima da entrada, corredores laterais que conduziam para a sacristia, localizada transversalmente ao fundo, e frontispício ladeado por duas torres de seção quadrada (OLIVEIRA, 2009). Em alguns casos as matrizes foram construídas em dois andares, possibilitando o uso de tribunas, com janelas e portas esculpidas para sua parede exterior.

O alteamento dos templos se deu pelo emprego de técnicas mais sólidas de construção, inicialmente se utilizando de largas paredes em taipa que posteriormente dariam lugar a alvenaria em pedra (SMITH, 2012).

Exemplos das primeiras matrizes, datadas da primeira metade do século XVIII, que carregam traços de sua formação inicial são a Igreja de Monsenhor Horta (Mariana, MG), Igreja de N. Sra. da Conceição de Camargos (Mariana, MG), Igreja de São Bartolomeu (Ouro Preto, MG) (BOHRER, 2015).

Para criar movimentação nos interiores dos templos, um artifício era a implantação dos altares laterais da nave em ângulo, buscando formas arredondadas, como o formato octagonal presente na matriz N. Sra. do Pilar de Ouro Preto (SMITH, 2012). O formato mais

arredondado no exterior dos templos seria adotado posteriormente, em templos de irmandades e ordens terceiras a partir de 1760 (OLIVEIRA, 2009).

Em teorias contemporâneas se discorre ainda sobre a possibilidade de aplicação criativa do formato já estabelecido das matrizes, onde, de acordo com a formação da região em estudo e dos mestres-carpinteiros, algumas pequenas modificações nos formatos das plantas podiam ser observadas. DANGELO (2006) em seu estudo sobre a cultura arquitetônica em Minas Gerais diferencia ao menos três possibilidades de construção frente os padrões consolidados do litoral português, sendo estes:

- Primeiro grupo: Existente dos grupos de matrizes mais antigas, como Matriz de Nossa Senhora da Conceição em Sabará, apresentavam corpo principal da igreja dividido em três naves;
- Segundo Grupo: Funcionalmente mais simplificado, trazia em seu corpo principal apenas uma nave, como as Matrizes de São João del-Rei e Tiradentes;
- Terceiro Grupo: De menor aplicação, este grupo permeia novas aplicações do formato de nave única, porém com a utilização de ângulos chanfrados por motivos estilísticos, obtidos pela instalação angular de seus retábulos, como timidamente aplicado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Antônio Dias em Ouro Preto, ou com seus ângulos mais ressaltados, como na Matriz do Pilar de Ouro Preto.

Em estudo formal das fachadas das matrizes, de forma genérica, podemos identificar a composição por um retângulo encimado por um triângulo no corpo central, ladeado por torres simétricas (VERÍSSIMO et al, 2007). Sobre esta base se moldavam os elementos decorativos, sendo integrados ou aplicados diretamente aos planos da fachada. Eram compostas por sequências harmônicas de volumes, modelando-se a partir das linhas descendentes dos telhados, dos coroamentos das torres à sacristia, a exemplo prático do que ainda pode ser encontrado em na Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Santa Rita Durão – Mariana, MG – (Figura 8) (OLIVEIRA, 2009).



Figura 8: Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Santa Rita Durão (Mariana, MG);

Fonte: SANCTUARIA. Matriz de Nossa Senhora de Nazaré – Santa Rita Durão, Mariana, Minas Gerais. Sanctuaria, 15 jul. 2021. Disponível em: <https://sanctuaria.art/2021/07/15/matriz-de-nossa-senhora-de-nazare-santa-rita-durao-mariana-minas-gerais/>. Acesso em: 25 jul. 2025.

O sistema comum de fachadas constava com uma porta principal e de duas janelas quadradas, em disposição ligeiramente triangular. A janela em formato circular (óculo) presente nas capelas primitivas ganham maiores proporções nas igrejas matrizes, forma a qual distorcem as linhas retas das cimalthas presentes no entorno dela. Posteriormente a janela circular é abandonada, sendo substituída por um medalhão redondo de escultura em baixo relevo. Outra opção também utilizada foi a troca da janela circular por um formato de linhas irregulares e barrocas (SMITH, 2012).

As torres laterais iniciaram-se em formato quadrado, com telhados do tipo de quatro águas, como forma de continuação da cobertura empregada no restante do edifício, mas que logo seriam substituídos por pequenas abóbadas em forma de cúpula. Neste período ainda se encontraria difícil a aplicação de janelas nas torres da igreja, que formariam, em conjunto das janelas do corpo da igreja, uma combinação de 4 a 5 janelas. Optou-se em diversos casos a substituição das janelas das torres por pequenas fendas de iluminação (SMITH, 2012).

A organização decorativa interna destes templos acompanhava sua disposição contínua de espaços da nave e capela mor, separados pelo arco cruzeiro e terminado em parede reta, ao qual se instalava o retábulo principal elevado em relação ao presbitério. Ao longo da nave se instalavam os demais retábulos das Irmandades ligadas a Matriz (OLIVEIRA, 2009).

O frontispício das matrizes, inicialmente do tipo triangular, a partir de meados do século XVIII, são substituídos por outros de formas mais arredondadas, adotando o uso de volutas, substituindo os elementos circulares e piramidais de cantaria das primeiras capelas (SMITH, 2012).

Estes desenhos seriam ainda mais elaborados posteriormente, com a reforma completa da fachada de algumas matrizes, quanto nos templos de irmandades, ganhando ângulos ainda mais arredondados, fragmentos de arcos e demais trabalhos de cantaria, como exemplo a Igreja de Santa Efigênia – Ouro Preto (MG) – (Figura 9) (OLIVEIRA, 2009). Geralmente no frontispício ainda se encontrariam outra janela, de forma circular ou em demais formas exóticas (SMITH, 2012).



Figura 9: Igreja de Santa Efigênia em Ouro Preto (MG);

Fonte: Acervo Pessoal; Data: 23 jun. 2023.

Com o uso melhor estabelecido da construção em alvenaria de pedra desde 1740 e o enriquecimento de algumas confrarias, torna-se comum que a partir de 1760, a maior parte

dos templos religiosos edificados sejam de irmandades e ordens terceiras. Destinadas a funções litúrgicas de uma única irmandade, as igrejas construídas com este princípio tinham dimensões mais modestas, com um menor número de altares e retábulos, contudo não abrindo mão de grandes ornamentações internas, com talhas e pinturas primorosas e portadas que exibiam o símbolo da irmandade em pedra-sabão (OLIVEIRA, 2009).

A partir da metade do século XVIII, ocorre-se um estímulo a demonstração de grandiosidade e tentativa de demonstração do apogeu social e cultural da sociedade mineira, incentivada pela primeira população nascida da primeira geração de pioneiros, ao qual buscavam por uma distinção condizente com seu papel hierárquico na sociedade. Apesar de convergente com o início dos primeiros sinais de escassez das explorações auríferas, a demonstração de poder aquisitivo se assentaria na esfera civil, se estabelecendo monumentalmente nas novas igrejas de Irmandades que se edificaram no período (DANGELO, 2006).

Partindo da configuração de plantas obtidas na Igreja Matriz, nota-se neste período uma busca por formas mais circulares no interior e exterior das igrejas, ao qual foram timidamente aplicadas as primeiras matrizes. O processo de arredondamento das formas iniciasse com a quebra do padrão retangular da nave com a inserção dos retábulos internos da diagonal, assim como a quebra em ângulos no coro e tapavento das igrejas, amenizando-se os ângulos (VASCONCELLOS, 1983).

Aliado a uma mão de obra especializada com introdução dos padrões italianos da talha do retábulo e nas pinturas dos forros, as construções dos templos de irmandades ganham novas formas de composição (OLIVEIRA, 2009). Assim como a planta, o forro das igrejas é alteado, formando uma seção trapezoidal, priorizando-se a tendência a curva (VASCONCELLOS, 1983). As construções passam por um processo de chanframento dos ângulos externos, com frequência se aplicando no frontispício e por seguinte ao arco-cruzeiro, até que toda nave se forme em um polígono equilátero (VASCONCELLOS, 1983).

Em 1750, iniciaria-se o surto criativo pela arquitetura em pedra, quando muitos templos foram reformados ou totalmente reedificados, a capitania assimilava referências do barroco italiano, adotando a planta elíptica difundida por Gian Lorenzo Bernini (1580-1680) e por

Francesco Borromini (1599-1697), um dos grandes exemplos deste período foi a completa reconstrução da Capela primitiva do Rosário dos Pretos de Ouro Preto (figura 10), iniciada em 1757 (CAMPOS, 2006).



Figura 10: Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Ouro Preto (MG).

Fonte:OURO PRETO. Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Portal do Turismo de Ouro Preto.

Disponível em: <https://ouopreto.mg.gov.br/turismo/atrativo-item/593>. Acesso em: 9 ago. 2025.

Simultaneamente, os gostos advindos do Rococó chegam as capitanias mineiras, disputando espaço com a influência barroca, adotando formas levemente curvilíneas, com torres arredondadas e recuadas, em contraponto as plantas elípticas (CAMPOS, 2006). O ganho de movimento nestes casos se concentrou em um arredondamento das torres das Igreja, como pode ser observado na Igreja de Nossa Senhora do Carmo de São João Del Rei, com sua base arredondada, até a Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto, com suas torres plenamente circulares (SMITH, 2012).

Ressalta-se que a aplicação dos gostos multifacetados ou arredondados, seja a planta chanfrada nos cantos, típica do barroco português, a planta circular do barroco italiano e as levemente curvilíneas do rococó, exigiam uma mão de obra mais especializada, com uma certa erudição do construtor ou mestre de obras, consecutivamente, exigiam um maior investimento econômico, por este motivo, estes três formatos de planta não foram muito difundidos nas freguesias mineiras, acarretando no prevalecimento do modelo retangular (CAMPOS, 2006).

Desta forma, se torna comum o desenvolvimento de diversos formatos de plantas nos templos mineiros (figura 11) desenvolvidos em uma mesma época, demonstrando que a aplicação destas formas de planta não seriam indícios de uma evolução arquitetônica dos templos mineiros, como defendido em hipóteses clássicas como a de Vasconcellos, mas sim uma escolha de opção formal que melhor se adequasse a vasta diversidade de freguesias, seu desenvolvimento econômico e quais referências externas melhor se assentavam no gosto popular (CAMPOS, 2006).

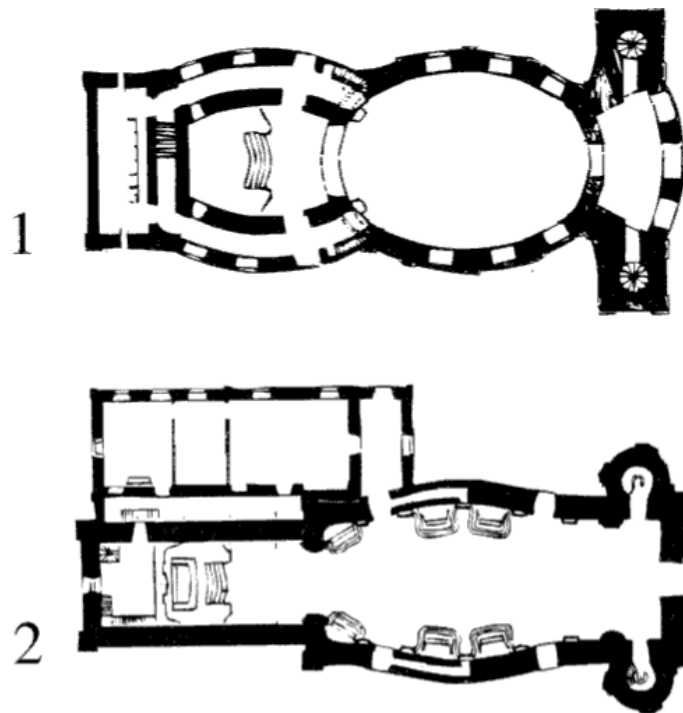


Figura 11: Tipologia curvilínea barroca (1) e rococó (2) segundo Myriam Ribeiro de Oliveira

Fonte: CAMPOS, Adalgisa Arantes. Introdução ao Barroco Mineiro: cultura barroca e manifestações do rococó em Minas Gerais. Belo Horizonte: Crisálida, 2006. pg 30.

Além das torres, o elemento que ganharia a maior atenção neste momento seriam o frontispício das Igrejas. As volutas aplicadas a eles ganharam uma adoção de ângulos mais arredondados ou criavam fragmentos de arcos grandiosos, abandonando de vez o formato com lembranças triangulares. A janela circular central pertencente ao frontispício ganhavam formas mais excêntricas, distorcendo com elas a cimalha que as contornavam, dando uma maior movimentação para a forma da fachada (SMITH, 2012).

Estas mudanças foram possíveis pelo uso do entalhe em pedra sabão, que permitiam um entalhe facilitado e elaborado dos elementos decorativos em comparação com outros tipos de pedras, sendo assim adotadas nas cimalthas, cornijas, enquadramento dos vãos e nichos centrais, até o uso de frontispícios curvilíneos, portadas com blocos escultóricos, tarjas e medalhões, já no último quartel do século XVIII. (CAMPOS, 2006).

As portas de entrada ganharam maior importância neste período, mantendo-se como uma porta única, porém com modificações em seus elementos. O tipo mais comum de modificação neste período foi a mudança da verga reta por uma em formato de arco abatido. Em seguida, espalham-se as formas que utilizam-se do mesmo arco, porém com a aplicação de um medalhão de relevo sobre as suas molduras (SMITH, 2012).

Outro modelo utilizado substituiu o arco por molduras ondulantes, com pilastras ou consolas de mesmo estilo aos lados, o medalhão em entalhe de baixo relevo, ou meio vulto, ganha fitas, figuras alegóricas, fragmentos de arquitetura, conchas, entre outros objetos de forma barroca, estilo este que foi muito utilizado por Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, como o aplicado na Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto (figura 12). Por fim, sendo um dos tipos menos comuns na região das minas, seria a moldura em forma de arco quebrado, que pode ser encontrada na Igreja de Santa Efigênia de Ouro Preto (SMITH, 2012).



Figura 12: Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto(MG).

Fonte: Acervo pessoal de Christian Dias. Data: 03 de Junho de 2021.

Ademais, em diversos exemplares de igrejas mineiras, notasse a influência do norte de Portugal em aplicação de escadas monumentais para se conduzir a entrada dos templos, sendo uma solução não apenas para se vencer o terreno acidentado da região mineira, mas também como forma estética de composição das igrejas, com influência também de motivos políticos diferentes. Alguns exemplos desta aplicação são a Igreja de Santa Efigênia e a Igreja de Nossa Senhora do Carmo em Ouro Preto (SMITH, 2012).

Com a chegada do século XIX, os sinais da exaustão da extração aurífera já eram claros, e com isto, surge como uma forma de continuação da produção artística a adoção do repertório arquitetônico clássico, pois este diminui significativamente o gasto com ornamentações externas e internas, como o do uso de douramento de grandes painéis.

Devido ao empobrecimento das irmandades e confrarias, diversas igrejas ficariam por terminar, impossibilitadas de finalizarem os grandiosos templos pela economia deteriorada do início do século XIX, finalizando-se o ciclo de prosperidade das Minas, resultando num processo de migrações de retorno para o litoral, tentativas de retorno da agricultura e demais formas de diversificação econômica (VERÍSSIMO et al, 2007).

Caso conhecido deste empobrecimento foi a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Sabará, onde, a edificação iniciada por volta de 1767 no entorno da Capela Primitiva da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Barra do Sabará, fundada em 1713, nunca foi concluída, sendo abandonada na década de 1880. Atualmente, a capela primitiva se encontra preservada, interligada diretamente ao Altar Mor da igreja planejada e sua sacristia, únicas partes finalizadas do novo templo (PREFEITURA DE SABARÁ).



Figura 13:Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Sabará (MG).

Fonte: Acervo Pessoal. Data: 18 de Maio de 2025.

Fonte: PREFEITURA DE SABARÁ. Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Descubra Sabará.

Disponível em: [https://descubra.sabara.mg.gov.br/?\\_atrativos=igreja-de-nossa-senhora-do-rosario](https://descubra.sabara.mg.gov.br/?_atrativos=igreja-de-nossa-senhora-do-rosario).

Acesso em: 9 ago. 2025.

Nos dias atuais, podemos observar no território mineiro as mais diversas formas dos templos mineiros, desde as capelas primitivas às igrejas de confrarias. Isto se deu pelo desenvolvimento peculiar da economia e cultura mineira, que, apesar da forte economia aurífera gerada no início do século XVIII, a partir de 1735, já apresentava sinais de decaimento. Contudo este declínio aconteceu de forma lenta, não acarretando em uma decadência global da economia das capitanias, permitindo também a diversificação de produção da região, como a dedicação ao comércio de tropas, criação de gado e porcos, lavouras de subsistência, entre outros (CAMPOS, 2006).

Com a diversificação econômica, foi possível a manutenção das elites, donas de diversos imóveis, escravos e uma extensa rede de influências, consagrando grandes ordens terceiras, como as de São Francisco e do Carmo, que promoveram o surto artístico do último quartel do século XVIII e primeiras décadas do XIX. Por sua vez, os crioulos (pretos nascidos na colônia) e mulatos se organizaram em irmandades, saindo das igrejas matrizes e constituindo templos próprios, adotando estilos de arte do período do rococó entre 1760 e 1840, inspirado em modelos internacionais consagrados (CAMPOS, 2006).

Com a economia mineira tentando se articular internamente dentro deste período, os arraiais e irmandades mais empobrecidos que enfrentavam problemas econômicos mantiveram seus templos de maneira construída inicialmente, mantendo-se intactas e conservando suas características primitivas. Quando não conseguiam se manter, alguns destes arraiais e irmandades acabavam por desaparecer, abandonando assim seus templos. O conjunto destas construções que atravessaram todo o século, passando de influências maneiristas, barrocas e rococó posteriormente seriam abraçados pelos modernistas no século XX como o estilo “barroco mineiro”.

Dado o perfil geral da formação das capelas e igrejas mineiras, cabe-se uma explicação em melhor detalhes dos estilos de ornamentos que estiveram em voga em cada período, com principal foco nos seus retábulos, locais estes que, desde o início dos assentamentos em terras mineiras, se concentravam o maior cuidado estético e plástico dos templos.

#### **2.4. A TALHA E ORNAMENTAÇÃO INTERNA DAS IGREJAS MINEIRAS**

Diferentemente do senso comum, quando tratamos das Igrejas mineiras, a aplicação de técnicas estilísticas muito se concentraram no interior dos templos, sendo as decorações os investimentos mais aparentes em seu interior do que em seu exterior, onde se prezava pela sobriedade em contraposição à opulência do interior (OLIVEIRA, 2009).

Desta forma, para uma melhor compreensão dos estilos que encontramos nas igrejas mineiras, se faz necessário o estudo do bem em que mais se investiu nos antigos templos, os retábulos, que ajudam a entender todos os gostos que estiveram em voga desde o início do século XVIII até a atualidade. Neste recorte os estilos mais recorrentes apresentados são, o barroco nacional português, o barroco joanino e o rococó, que marcaram o período colonial mineiro, e em seguida o estilo eclético, estando em voga durante o século XIX e início do

século XX. Para esta pesquisa não serão abordados os demais períodos estilísticos que vieram após o início do século XX, como os modernistas e contemporâneos, visto que estes períodos não tiveram produção de modificações significativas arquitetônica e estética dentro dos templos que pudessem apresentar um período coeso, sendo retratado de momentos de pequenas alterações estéticas de acordo com o gosto destas épocas.

#### 2.4.1. O BARROCO NACIONAL PORTUGUÊS (1696-1730)

No retratante a produção da história mineira do Século XVIII, segundo BOHRER (2015), a produção artística que se compreende entre o último quartel do século XVII até meados de 1730 corresponde ao intitulado Barroco Nacional Português. Os primeiros exemplares datam de 1675, marcando uma ruptura com a arte espanhola, tornando-se de um provável uso comum até cerca de 1725.

Ainda de acordo com BOHRER (2015), este termo, alcunhado por Robert Smith e Reynaldo dos Santos teriam dois elementos indispensáveis, a coluna em fuste espiral, chamada de “pseudo salomônico” ou “torsa”, combinados ao retábulo português, arquitetonicamente mais escultural, remetendo a sentidos de elemento e unidade. O retábulo Nacional teria então incorporado a coluna espiralada em arquivoltas concêntricas, seguindo-se tradições características de portadas românicas e manuelinas. Estas, baseadas em motivos fitomorfos e zoomorfos, que tendiam para representações de símbolos eucarísticos como cachos de uva, trigo, folhas de parreira, pássaro fênix, pelicanos, etc. (Figura 14).

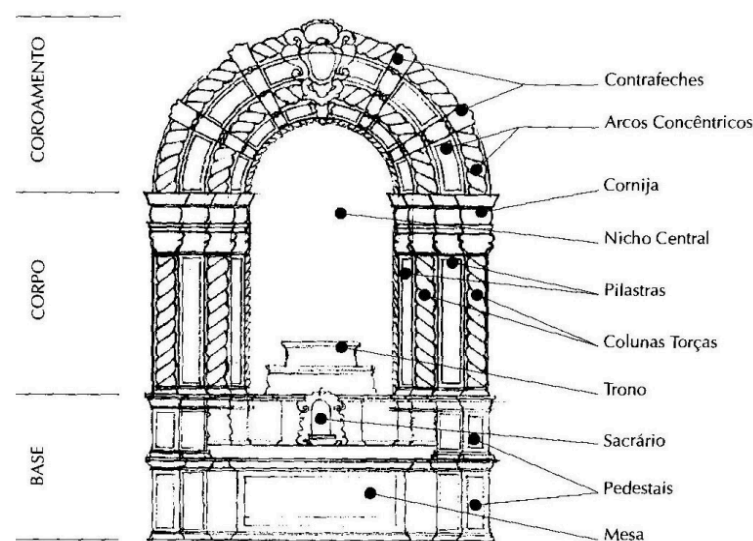


Figura 14: Análise estrutural do retábulo do Convento de Santo Antônio

Fonte: ALVIM, Sandra, *Arquitetura Religiosa Colonial no Rio de Janeiro*, Pag. 68. apud, FABRINO, Raphael João Hallack. *Guia de identificação de arte sacra*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2012. pg 17.

Este estilo, sendo um dos exemplos do barroco religioso, serviu como arte de propaganda para a reafirmação simultânea da veracidade do dogma cristão e do poder do Catolicismo, sendo levado para as Américas a partir das ações missionárias. Este contexto ideológico explica o reforço das características de movimentação retórica das formas, da opulência dos materiais e o uso intensivo de imagens narrativas, que funcionam como um reforço visual às mensagens desejadas pela palavra dos pregadores (CAMPOS, 2012).

De acordo com FABRINO (2012) os principais pontos que caracterizam o Barroco Nacional Português, em forma generalista, seriam:

- Ornamentação: Talha em alto relevo, podendo ser revestida em douramento, sendo seu fundo também dourado ou em cores escuras, como marrom, azul ou vermelho. Principais símbolos retratados sendo fênix, pelicano, parras de uva com seus cachos e folhas que aos poucos abrem espaços junto às massas de figuras humanas, como anjos músicos, soldados romanos, mulheres, carrancas, torsos femininos e masculinos (atlantes e cariátides), entre outros.
- Estrutura: Retábulos com grande uso de formas agitadas, insinuando movimentações, seus contornos são fechados e arredondados. Base, corpo e coroamento são interdependentes estruturalmente, utilizando-se os mesmos como elementos ornamentais. Colunas torsas e arcos concêntricos envolvem o camarim, sendo interrompidos apenas pelas cornijas.
- Base: Estrutura do sacrário, anteriormente vantajada no estilo maneirista, anterior ao barroco português, com presença de mísulas implementadas por motivos plásticos também sustentam as colunas, geralmente cobertas por folhas e sustentadas por figuras antropomorfos.
- Corpo: Uso de colunas torsas, ou salomônicas, seguindo-se os motivos de decoração apresentados na ornamentação geral. Camarim (nicho) principal com grande abertura, possuindo troncos que, em Minas Gerais, geralmente se apresentam em forma de cântaro. Em alguns exemplos podem ocorrer a presença de nichos laterais colocados entre colunas. Os Capitéis são adotados em ordem coríntia ou compósita.
- Coroamento: Elaborado em arquivoltas concêntricas que envolvem o camarim, hipóteses relacionam sua forma a inspirações em pórticos de igrejas românicas da

região de Portugal. O coroamento pode conter um escudo ou tarja de forma escultórica, podendo ainda surgir a presença de discretos anjos neste coroamento.

Um exemplo da aplicação do estilo do Barroco Nacional Português pode ser encontrado na Igreja de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, em Ouro Preto (MG) (figura 15). Apresentando bela talha aos moldes anteriormente apresentados, com douramento cobrindo integralmente todo o retábulo (BOHRER, 2015).



Figura 15: Altar mor da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo (Ouro Preto, MG);

Fonte: Acervo pessoal de Christian Dias. Data: 24 jan. 2026.

A talha dourada do Estilo Nacional Português, que fora relacionada com os estilos grotescos e a florística dos escultores flamengos presentes em Portugal desde o século XVI, teve seu declínio a partir de 1725, quando motivos mais arquitetônicos e teatrais tomam espaço, estilo

subsequente este que seria conhecido como Joanino, devido a coincidência com o reinado de Dom João V (BOHRER, 2015).

#### **2.4.2. O BARROCO JOANINO (1730-1760)**

Dom João V, monarca Português, durante seu período no poder, destacou-se pelo mecenato régio, onde investiu em diversas obras religiosas, propagando nessas sua grande admiração pela arte italiana e francesa (CAMPOS, 2006). Neste período foi desenvolvido um novo tipo de retábulo que se diferenciaria da ornamentação do Barroco Nacional Português. Seguindo as inspirações do barroco italiano e do teatro francês, novas formas naturalistas e sensuais surgem nas estruturas, apelando por uma maior cenografia e dinâmica de estruturas (FABRINO, 2012).

A particularidade da talha Joanina se concentra principalmente nas novas formas do arremate dos retábulos, que abandonam a forma fechada dos retábulos nacionais portugueses a favor de uma terminação mais arquitetônica, que caracterizou o aparecimento de um baldaquino/dossel, safenas, frontões interrompidos e outros elementos decorativos que trouxesse a maior teatralidade para as obras da época (BOHRER 2015).

As figuras antropomórficas já existentes no Nacional Português, agora tomam maior força, saindo do papel de igualdade com os motivos fitomorfos e zoomorfos para a adição de uma iconografia mais teatral, com grandes figuras de vultos, anjos e puttis, que sustentam cortinados, símbolos, cornucópias, tochas, trompetas, entre outros. As grinaldas e florões tomam o lugar dos símbolos eucarísticos (como as fênix e parreiras) na decoração das colunas, estas que também passam por mudanças, gradualmente abandonando seu formato de coluna torsa para inspirações das colunas salomônicas berninianas (BOHRER, 2015).

Aparecendo inicialmente no Brasil com a chegada do entalhador português Francisco Xavier de Brito no Rio de Janeiro, responsável pela talha da Igreja de São Francisco da Penitência (FABRINO, 2012), nas Minas a sua transição tomou um rumo mais peculiar, onde o reaproveitamento das antigas estruturas do Nacional Português, ou simplesmente acréscimos aos retábulos já existentes, criam um estilo Joanino diferenciado em relação os exemplares confeccionados totalmente dentro do estilo em voga (figura 16) (CAMPOS, 2006).

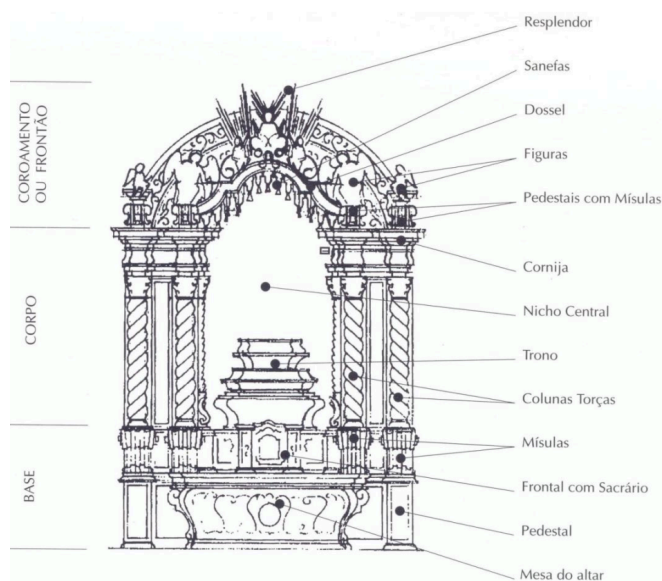


Figura 16: Análise estrutural do retábulo da Igreja de São Francisco da Penitência.

Fonte: ALVIM, Sandra, *Arquitetura Religiosa Colonial no Rio de Janeiro*, Pag. 74. apud, FABRINO, Raphael João Hallack. *Guia de identificação de arte sacra*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2012. pg 20.

De acordo com FABRINO (2012) os principais pontos que caracterizam o Barroco Joanino, em forma generalista, seriam:

- Ornamentação: Predomínio de formas escultóricas de conchas, grinaldas, leques e feixes de plumas, palmas, volutas, festões de flores, entre outros. A superfície do retábulo é geralmente preenchida por ornatos dourados, sendo o início do estilo marcado por fundos dourados ou em cores escuras, seguindo ainda tradições no Nacional Português, este momento está comumente associado ao termo “horror ao vazio”, associado ao estilo barroco pelo teórico Hering Wolfli. Com o desenvolvimento do estilo apenas os relevos continuaram dourados, que se destacavam sobre um fundo de policromia uniforme.
- Estrutura: A proposta estrutural está mais vinculada a uma forma cenográfica, com o uso de cortinas fingidas e panos elaborados em talhas. Os motivos arquitetônicos voltam ao destaque com fragmentos de arcos, baldaquinos e dossel central. O trono se torna a ênfase do altar, com uma abertura de camarim que ultrapassa a cornija.
- Base: Ornatos antropomorfos (atlantes ou anjos) são os principais apoios das colunas.
- Corpo: Os nichos laterais, adotados de maneira opcional no estilo Nacional Português geralmente se apresentam entrecolúnios ao lado do camarim. Rendas são representadas na boca da tribuna, formada por um friso vertical composto de

pequenas volutas. Colunas salomônicas de estilo berniniano apresentam-se com o terço inferior em estrias diagonais. Uso de pilastras com quartelões de grande ressaltos se torna comum.

- Coroamento: Maior presença de anjos, em especial nos fragmentos de arco ou volutas acima do entablamento das colunas, ou no coroamento junto ao dossel. O dossel é comumente terminado em cortinas ou franjas, podendo vir encimado por uma conha ou uma tarja, ladeado por um grupo escultórico. O coroamento em baldaquino ou em forma de coroa real também pode ser aplicado.

Exemplo de aplicação do estilo Joanino de acordo com CAMPOS (2006) se trata do altar mor da Igreja Matriz de Santa Efigênia, apresentando os elementos claros do período joanino, como o uso dos coroamentos repletos de anjos, estrutura do retábulo em formatos cenográficos e a presença ainda marcante do douramento (figura 17).



Figura 17: Altar Mor da Igreja Matriz de Santa Efigênia, Ouro Preto.

Fonte: Acervo pessoal. Data: 31 de Dezembro de 2024.

A partir da década de 1750 o gosto francês passa a dominar gradualmente as referências de gostos italianos, com referências consideradas de um gosto mais suave e requintado,

inspirado nos palácios da monarquia francesa. Este gosto, considerado uma “versão afrancesada do barroco”, passaria a ser chamado de Rococó (BOHRER, 2015).

### **2.4.3. ROCOCÓ (1760-1840)**

O Rococó, considerado por alguns autores como mais suave e requintado, com caracterizações de influência palaciana francesa, teve sua chegada no Brasil próximo de 1753, através da chegada de gravuras e azulejarias no Brasil (FABRINO, 2012). Após cerca de 10 anos em circulação no país, o estilo se espalhou de forma a adquirir características próprias em cada região, o que quebraria em si o ditado de um estilo de influência puramente francesa, sendo ainda muito influenciado por estilos italianizantes e lusos (BOHRER, 2015), não sendo incomum inclusive influências do rococó em períodos de influência futura, como ornamentos de motivos neoclássicos com uma policromia ainda referente a influências rococó (FABRINO, 2012).

Em linhas gerais os ornamentos Rococó se basearem em uma grande presença de rocalhas, conchas irregulares, espreiadas e vazadas, decorações com cabecinhas de anjos (querubins), serafins e guirlandas, com policromias baseadas em fingimento de mármore e fingimento de trabalho escultórico (CAMPOS, 2006). Nota-se que a decoração das igrejas são fortemente influenciadas pela decoração civil, conferindo aos templos produzidos neste período a um aspecto de pequenos salões, com grande requinte ornamental (FABRINO, 2012).

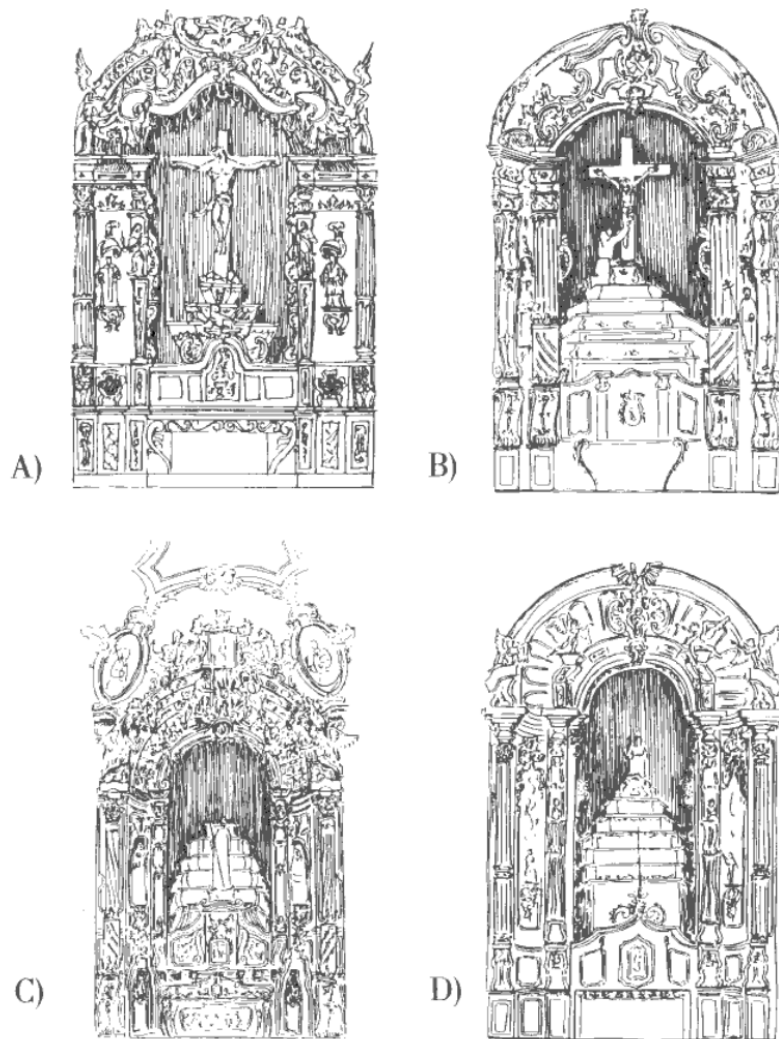


Figura 18: Tipologia do retábulo rococó segundo Myriam Ribeiro de Oliveira

Fonte: CAMPOS, Adalgisa Arantes. Introdução ao Barroco Mineiro: cultura barroca e manifestações do rococó em Minas Gerais. Belo Horizonte: Crisálida, 2006. pg 47.

De acordo com as análises de FABRINO (2012) e os estudos realizados por OLIVEIRA (2005) os principais pontos que caracterizam o Barroco Joanino, em forma generalista, seriam:

- Ornamentação: Seguindo-se uma linha de diminuição de douramentos como no estilo Joanino, o douramento do retábulo cede lugar a ornatos considerados mais delicados sobre um fundo claro, geralmente na cor bege, azul ou rosa. A maior parte da decoração zoomórfica é abandonada, da mesma forma, os elementos antropomorfos, à exceção da produção de Antônio Francisco Lisboa (o Aleijadinho) e de Francisco Vieira Servas. Maior concentração de uso de rocalhas, conchas estilizadas a lações, flores, folhagens, etc.

- Estrutura: Os elementos escultóricos continuam sua perda de espaço com a priorização de elementos mais arquitetônicos. A estrutura do altar se torna mais simplificada, com a revalorização do arco pleno no coroamento. Os retábulos passam por um processo de alongamento, concebidos como móveis independentes, colocados em paredes brancas, permitindo o surgimento de novos desenhos de coroamento, incluindo amplos arremates.
- Base: A decoração antropomorfa presente nos estilos predecessores são abandonadas na decoração da sustentação das colunas.
- Corpo: Uso de colunas de fuste reto, em substituição das salomônicas, podendo ou não conter estrias, além de pintura marmorizada, com caneluras, braceletes demarcando o terço inferior, podendo ainda haver a troca das colunas por estípites de menor valor escultórico. Em Minas Gerais, era comum o uso de um padrão de dois pares de colunas retas com finas estrias verticais, movimentadas transversalmente no terço inferior.
- Coroamento: Devido a sua regionalização, os retábulos rococós apresentaram diversos tipos de coroamentos, seguindo sub-estilos que poderiam se utilizar desde arbaletes, tarjas, brasão ou escudo, grupo escultórico, entre outros.

OLIVEIRA (2003), em seus estudos aprofundados pela talha em estilo rococó, separa a produção de coroamento em 4 principais tipologias para retábulos de altar-mor, ao qual podem ser vistas na figura 18, sendo descritas abaixo como:

- A. Arbaleta (ou arbalete): Sendo Dossel espreado com robustas volutas laterais, a ênfase se dá no decorativismo ornamental acentuado pelo motivo da arbaleta ;
- B. Frontão com brasão: Curvas e contracurvas se dispõem em oposição, apresentando espaço central ocupado por um brasão ornamental;
- C. Grupo escultórico: Sendo uma continuidade ao Joanino evoluído, obras atribuídas ao estilo de Aleijadinho, onde apresenta-se uma limpeza do arco do coroamento, sem arbaletas ou frontões, ocupado por grupos de imagens imponentes;
- D. Tarja Simples: Apresenta modesta tarja ao centro no arco do coroamento, com a presença das armas da irmandade ou os atributos do santo padroeiro.

Um dos exemplos trazidos por CAMPOS (2006) para ilustração do estilo rococó se trata do altar mor da igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto (figura 19), que, sendo um

exemplo executado pelo mestre Aleijadinho, ainda apresenta um grande uso de figuras antropomórficas, porém, já se utilizando de cores mais claras, fustes de colunas retos e abandono do antropomorfismo nas bases do pilar, sendo aplicadas por Aleijadinho em grande volume do coroamento do altar.



Figura 19: Altar Mor da Igreja de São Francisco de Assis, Ouro Preto.

Fonte: Acervo pessoal de Luana Evangelista. Data: 14 de Julho de 2023.

Ao final do século XVIII a linguagem do rococó começaria a perder forças, principalmente com a influência portuguesa, que após passar por uma grande reconstrução em sua Capital, Lisboa, após um terremoto que atingiu a cidade em 1755, formava uma nova base de influência estética de grande tendência classicista. Esta nova linguagem, ao se espalhar pelo Brasil, marcaria a transição do século XVIII ao XIX (BOHRER, 2015).

#### 2.4.4. NEOCLÁSSICO (SÉCULO XIX)

Durante um período de questionamento sobre as prerrogativas aristocráticas lançadas pelos ideais da Revolução Francesa na segunda metade do século XVIII, nasce o neoclassicismo, inspirados nos ideais da beleza de influências greco-romanas e se contrapondo ao estilos até então postos, como o Rococó e suas origens palacianas francesas.

O neoclássico, como uma nova fundamentação moral e intelectual, baseada em seu interesse pela civilização greco-romana, dentro do ramo arquitetônico iria se propor não só a imitação do antigo, mas concede a liberdade ao “gênio” individual que a exerce (RODRIGUES, 2004).

Chegando ao Brasil o estilo rapidamente se difunde em diversas áreas. Na talha religiosa o neoclássico marca uma nova tipologia, esta apresentaria uma composição com ornatos mais simplificados, utilização de dourado sobre fundo branco ou totalmente branco, tendo poucos exemplares que também poderiam conter marmorizados em tons claros. Ainda no período de transição entre o rococó e o neoclássico era comum usar as cores do estilo rococó em tons mais claros, como azul e rosa (FABRINO, 2012). Apesar de sua ampla divulgação em território nacional, este estilo não chegou a prosperar nas Minas, sendo mais comum no território a aparição de modelos de transição ou releituras de modelos rococó existentes.

No início da adoção do modelo, muitas igrejas brasileiras não tinham condições para encomendar novos retábulos no estilo neoclássico, desta forma optou-se por pintar os antigos de branco, tampando as antigas policromias existentes. A tendência simplificadora do neoclássico agiu com grande força na redução dos ornatos, sendo estes aplicados apenas em mobiliários essenciais para celebração da liturgia, como retábulos, púlpitos, arco-cruzeiro, entre outros.

Cabe ressaltar que, apesar dos elementos neoclássicos em comum, devido a sua ampla difusão no território brasileiro, a organização dos elementos utilizados geraram um grande número de modelos de retábulos com diferenças regionais, seguindo uma extensa gama de elementos que poderiam ser aplicados nas mais diversas formas, como apresentado na figura 20 (FABRINO, 2012).

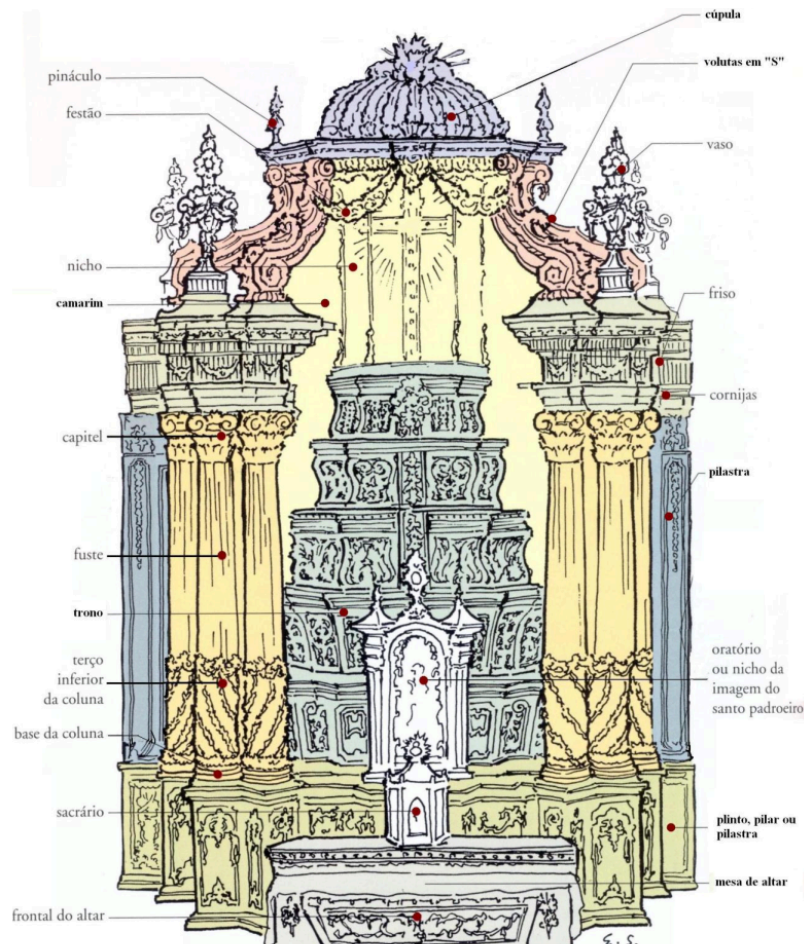


Figura 20: Análise estrutural do retábulo neoclássico da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, Salvador, Bahia.

Fonte: FREIRE, Luiz Alberto, A Talha Neoclássica na Bahia, Pag. 198. apud, FABRINO, Raphael João Hallack. Guia de identificação de arte sacra. Rio de Janeiro: IPHAN, 2012. pg 28.

De acordo com FABRINO (2012) os principais pontos que caracterizam o estilo Neoclássico, em forma generalista, seriam:

- Ornamentação: Abandono dos elementos de ornamentação tradicionais, com favorecimento do repertório ornamental clássico, como vasos de flores, grinaldas, estrelas, palmeiras, florões e grotescos, com absoluta simplificação das linhas de pilastras e colunas.
- Estrutura: Os retábulos apresentam maior verticalidade, com a recuperação de estruturas de portadas renascentistas ou dos arcos triunfais romanos.
- Base: As bases das colunas se simplificam, juntamente com as mísulas, aproximando-se de caixas retangulares.

- Corpo: Predominância de colunas em ordem dórica e jônica, com fuste predominantemente reto, liso ou com estrias em dourado, podendo ainda conter pinturas marmorizadas. O entablamento passa a ter grandes proporções.
- Coroamento: Estrutura do retábulo-mor geralmente em baldaquino, que poderia ser arrematado por coroamento curvo, curvo interrompido ou triangular. Poderia haver uso de medalhões ovais no centro do coroamento e no arco-cruzeiro.

O estilo neoclássico, assim como outras releituras de estilos antigos, os considerados estilos ecléticos, estiveram em voga durante todo o século XIX. Apenas no início do século XX, com o advento do Modernismo, os estilos ecléticos entraram em declínio devido a extensa crítica do modernismo à arquitetura academicista, que foi considerada uma arquitetura reduzida a reproduzir os padrões de um passado saudosista, à espera do surgimento de uma ideia original, sendo acusados de assumirem uma posição anti-histórica, por deixarem de produzir uma arquitetura do próprio tempo (FABRIS et al, 1987).

Em Minas Gerais o fim do estilo neoclássico também marcou o momento final da arte retabular, onde alguns dos principais exemplos seriam a Igreja de São Francisco de Paula de Ouro Preto (figura 21), projeto advindo de soluções inspiradas em parte da Igreja de Nossa Senhora do Carmo (figura 22), também de Ouro Preto, onde, apesar de ornamentação rococó, seu estilo já tende a modismos clássicos, como a aplicação de fundos brancos, colunas com capitéis ao gosto clássico, base simplificada, acentuamento da verticalidade, entre outros (BOHRER, pg 70; 2015).



Figura 21: Altar Mor da Igreja de São Francisco de Paula, Ouro Preto, Minas Gerais.

Fonte: Acervo pessoal de Christian Dias. Data: 2 de Abril de 2025.



Figura 22: Altar Mor da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Ouro Preto, Minas Gerais.

Fonte: Acervo pessoal. Data: 2 de Abril de 2025.

### **3. CRONOLOGIA DA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM E ITABIRA DO CAMPO**

A fim de se compreender a arquitetura e os estilos da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, se faz necessário a recapitulação de sua história e conseqüentes modificações, assim como contextualizar o bem junto a história da cidade de Itabirito (MG), outrora Itabira do Campo, ao qual surgem de maneira simultânea, com a chegada de Portugueses nesta região.

#### **3.1. FORMAÇÃO DO ARRAIAL, ADVENTO E DECADÊNCIA DO CICLO DO OURO**

Segundo LIMA JÚNIOR (2008), em meados de 1709, encontrava-se fundeada no porto do Rio de Janeiro uma Armada do Senhor Dom João V, ao qual tinha como capitão-mor Luiz de Figueiredo Monterroio e o piloto da nau<sup>16</sup> *Nossa Senhora da Boa Viagem*, Francisco Homem del-Rei (figura 23), esta encontravam-se a meses no ancoradouro devido a diversas avarias que a Nau sofrerá em viagem.

Devido a sua boa posição de apadrinhamento na corte Portuguesa, Monterroio, que recebera a notícia do descobrimento de minas de ouro no território brasileiro, pediu dispensa do serviço da Marinha Real e pôs-se em marcha em expedição para a região serrana, ao qual teve como um de seus acompanhantes Homem del-Rei, que, aconselhado a abandonar a nau devido a sua péssima condição, assim o fez, retirando desta o nicho com o oratório da Senhora padroeira do barco, levando-o consigo (LIMA JUNIOR, 2008).

De acordo com a lenda, em sua chegada na região serrana de Itabira, guiados por outros peregrinos, encontraram ouro no fundo da depressão do terreno, e no alto de uma colina próxima, utilizando-se do retábulo retirado na Nau ao qual rezaram por todo o caminho até o local, ergueram uma ermida<sup>17</sup> e posteriormente Capela Primitiva de Nossa Senhora da Boa Viagem (LIMA JUNIOR, 2008).

---

<sup>16</sup> Nau: Nau designa uma extensa variedade de navios de médio e grande porte utilizados pelos portugueses desde o século XIV para fins bélicos e comerciais. GLOSSÁRIO HISTÓRIA COLONIAL, Arquivo Nacional, verbete Nau

<sup>17</sup> Ermida: Capela ou Igreja situada em lugar afastado e despontado. CORONA, Eduardo; LEMOS, Sylvio. Dicionário da arquitetura brasileira. 1. ed. São Paulo: EDART – São Paulo Livraria Editora Ltda., 1972. pg 190.



Figura 23: “Itabirito em Revista”, ilustração presente no capítulo “Nossa Senhora da Boa Viagem”, retratando Luiz de Figueiredo Monterroio e Homem Del Rey, segurando o retábulo de Nossa Senhora da Boa Viagem. Fonte: NOLASCO, Emílio Faustino. Itabirito em Revista. Ano I, n.1, maio 1992. Itabirito.

De acordo com ITABIRITO (2005), a rota utilizada por Monterroio e Del Rei, formariam uma importante rota de migração entre áreas mineradoras e de produção de alimentos durante as primeiras décadas do século XVIII, seguindo as margens do Rio das Velhas (que mais tarde formariam o eixo Sabará e Vila Rica [atual Ouro Preto], sendo parte integrante da hoje conhecida Estrada Real) (figura 24).

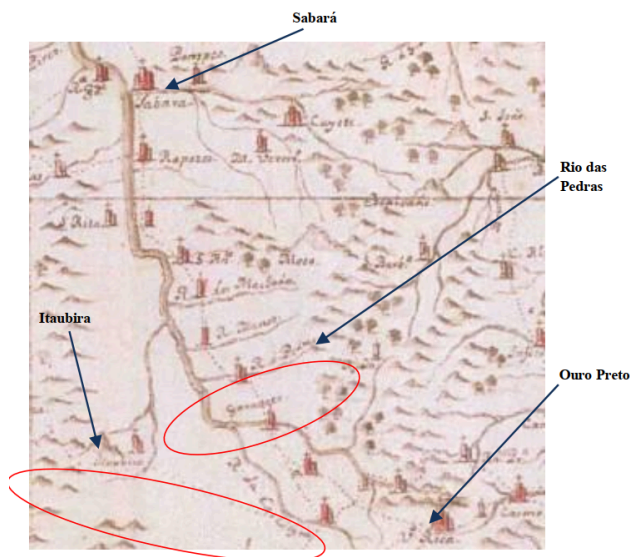


Figura 24: Mapa da Comarca do Rio das Velhas de 1734/1735 modificado para visualização de Sabará, Ouro Preto, Itaubira e Rio das Pedras (Atual Acuruí, distrito de Itabirito). Fonte: SANTOS, Cidália Maria dos. A Capela de Nossa Senhora da Penha de França e o Solar dos Brasis. 2011.

Apesar de não existirem fontes citadas diretamente por LIMA JÚNIOR em seu estudo, esta história foi adotada pelo Poder Público Municipal de Itabirito como a versão oficial do início da ocupação no território que hoje forma o distrito sede de Itabirito.

Ainda no Dossiê de Tombamento da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (ITABIRITO, 2005), se aponta que, de acordo com as lendas locais, a fixação do retábulo da nau na região ajudou a difundir o culto a esta invocação mariana na região, ocorrendo como resultado dos positivos rendimentos das extrações auríferas e da permanência de diferentes grupos de moradores, sendo ponto de partida para a formação do primeiro povoamento fixo, que seria conhecido inicialmente como Arraial de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itaúbera do Rio de Janeiro.

Apesar da descoberta de ouro na região, que geraria a fixação dos primeiros moradores no povoamento, LINS (2025) aponta em seu livro “Itabirito: Uma História”, que a quantidade encontrada por Del Rey e Monterroio não foi considerada satisfatória para ambos, o que levou a um desentendimento entre os viajantes.

Del Rey então teria tentado a sorte em Sabará (MG), onde registros apontam sua moradia já em 1711. Em 1714, de acordo com o historiador Abílio Barreto, Del Rey já teria mudado para a freguesia de Curral Del Rey, onde mais tarde se construiria a atual capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, ao qual também tem como padroeira Nossa Senhora da Boa Viagem LINS (2025).

Já Monterroio teria conseguido se enriquecer, alcançando notáveis promoções da Corte Portuguesa. De acordo com SANTOS (2011), Monterroio esteve, além da atual Itabirito, em Sabará, Vila Rica (atual Ouro Preto) e Raposos, acumulando o título de Guarda-mor em Sabará no ano de 1711, de Provedor dos Quintos Reais das minas de ouro e de Capitão da Armada Real.

Monterroio voltou para Portugal (figura 25), tendo como herdeiro sua única filha, Úrsula Matildes Angélica, onde construiu na freguesia da Torre do Terrenho, do concelho de Trancoso e distrito de Guarda, sua residência rural denominada Solar dos Brasis, ao qual viveria seus últimos anos. Nos terrenos do Solar do Brasis, Monterroio ergueu uma requintada capela dedicada a Nossa Senhora da Penha de França, invocação Mariana esta que

foi apontada como principal devoção de Monterroio levando inclusive a dúvidas sobre sua devoção a Nossa Senhora da Boa Viagem, visto que a mesma nem sequer é representada em tal capela (LINS, 2025).



Figura 25: Pintura de Luiz de Figueiredo Monterroio presente no Solar do Brasis, na freguesia da Torre do Terrenho, do Concelho de Trancoso e Distrito de Guarda, em Portugal. Autor e data desconhecidos.

Fonte: SANTOS, Cidália Maria dos. A Capela de Nossa Senhora da Penha de França e o Solar dos Brasis. 2011.

Pouco se sabe sobre a formação e local da ermida e capela primitiva ao qual Luiz de Figueiredo Monterroio e Homem Del-rey erguera, visto que não existem registros escritos catalogados sobre esta ocupação inicial.

Um dos poucos relatos sobre este período é contado de forma oral pelo pároco da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, Pe. Miguel Ângelo Fiorillo, atuante nesta posição desde 1983. Segundo o mesmo, em entrevista colhida em 03 de Julho de 2025, parte do oratório proveniente da Nau de Homem Del Rey fora transformada em estandarte (figura 26), ao qual faz parte fixa do acervo iconográfico da Matriz, que se encontra no Museu Paroquial.

Contudo, destaca-se a preocupação com a abordagem deste período, visto que não é possível definir com clareza a idade correta do estandarte apontado por Fiorillo como peça originária do culto na região, visto ainda que sua pintura de cores vívidas representa uma figura de Nossa Senhora da Boa Viagem aos moldes da Imagem de vulto da Santa Presente na Matriz (figura 27), ao qual, em relatório de restauração de 2012 executado pela fundação de Artes de Ouro Preto (FAOP, 2012), insere-se no período estilístico do final do século XVIII e

início do século XIX, contrastando-se com a data da chegada da Nau de Homem Del Rey em terras brasileira, no início do século XVIII. Sendo assim, o mais provável neste caso é que ambas as peças sejam produções locais, realizadas durante o período apontado pelo estudo realizado pela FAOP.



Figura 26: Estandarte de Nossa Senhora da Boa Viagem. Data e autor desconhecidos.

Fonte: Arquivo Pessoal. 27 de Julho de 2025.



Figura 27: Imagem de Vulto de Nossa Senhora da Boa Viagem. Autor desconhecido; Fim do séc XVIII/  
início do séc XIX.

Fonte: Arquivo Pessoal. 05 de Novembro de 2025.

Em mesma entrevista, Fiorillo também demonstra sua convicção em apontar uma pintura encontrada no arco-cruzeiro da Matriz (figura 28) como a possível forma da capela primitiva. Contudo, da mesma forma que o estandarte, não é possível averiguar esta informação, devido a falta de documentações existentes sobre a época que esta pintura foi realizada e quais foram suas inspirações.

Considerando-se a análise de CECCONELLO et al (2005), seus apontamentos indicam o arco-cruzeiro da Matriz de Boa Viagem como uma obra realizada na primeira metade do século XVIII, porém com áreas de alteração em sua base, já decorrentes de meados do século.

Segundo CAMPOS (2006), este período seria caracterizado como a primeira fase do barroco mineiro, momento caracterizado pela representação de temas mundanos (retrato, natureza morta, paisagem) não carregando grandes sentidos. Desta forma, a amostra da paisagem no arco-cruzeiro pode se tratar apenas de uma imagem mundana, inserida em uma parte da igreja carregada com outros elementos em talha com douramento, podendo se tratar inclusive de modificação posterior do objeto.



Figura 28: Pintura do arco-cruzeiro da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem no lado do Evangelho. Data e autor desconhecidos.

Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.

O local da construção do templo atual também se faz igualmente esvaziado de referências históricas confiáveis sobre sua escolha, restando no imaginário popular, diversas lendas sobre sua escolha, tendo como ponto em comum apenas a indicação de que a localização atual e da antiga ermida se encontravam próximas.

Podemos observar que o atual local da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem é um dos pontos de maior altitude do Centro Histórico da Cidade de Itabirito, o que pode-se relacionar com as orientações instituídas na Constituição do Arcebispado da Bahia, onde se definia que os templos a serem edificados deveriam se manter em sítio alto e decente, a fim de se garantir a distância dos lugares imundos e prover espaço mínimo para a celebração de todas as festividades da freguesia (VIDE, 2011).

Em relação a memória e lendas populares, OLÍMPIO, em livro intitulado “Itabirito, Minha Terra” (1996), discorre sobre a possibilidade da atual posição da Matriz advir de um terreno que fora arrecadado em meados de 1740, graças a um vultuoso donativo de cem mil réis por parte de um ricoço que morava nas proximidades do Orfanato Santo Antônio de Pádua (figura 29), atual Instituto Santo Antônio de Pádua (ISAP).

Segundo o causo, esse ricoço tinha o desejo de ver de sua casa, quando o templo se abria. Muito dessa lenda se alimenta pela visão privilegiada deste local, que, ao se voltar em direção a Matriz, desconsiderando-se os atuais prédios, é possível se ver com clareza a fachada frontal do templo com clareza.



Figura 29: Vista da Avenida Madre Iluminata, onde se localiza o Instituto Santo Antônio de Pádua, com visão para a fachada frontal da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, destacada em círculo vermelho.

Fonte: <https://www.google.com/maps/@-20.2442362,-43.8050163,3a,15y,191.72h,91.05t>

Outra versão da lenda contada por alguns moradores de Itabirito, ao qual existem menos adeptos, seria de que o templo fora completamente reconstruído no mesmo local da capela primitiva, onde cresceu lentamente, até ter sua frente posteriormente voltada para a Usina Esperança, atual Siderúrgica Itabirito Ltda, para que a padroeira da cidade pudesse abençoar os trabalhadores da fundição dos alto-fornos.

Esta última versão apresenta diversas incongruências históricas visto a distância temporal entre a data de chegada de Monterroio e Del-rey na região em ano aproximado de 1709, e o surgimento da Usina Esperança, fundada em 1891 por Joseph Albert Fidele Gerspacher (NOLASCO, 1992). Outra possível explicação para esta lenda se daria por alguma confusão histórica em que se mistura a construção da Matriz com modificações estéticas em sua fachada ao final do século XIX, que serão abordadas posteriormente.

Apesar de serem duas lendas com histórias distintas e pontos cronologicamente contraditórios, ambas provavelmente se originaram da mesma percepção em comum da visualização do templo de locais próximos, visto que a região do atual ISAP e da Siderúrgica Itabirito Ltda apontam em mesma linha para o topo de morro onde se localiza a Matriz de Boa Viagem, podendo estas terem surgido de antigas conversas sobre a posição da Igreja ser voltada para o local de um antigo ricasso, e com o passar dos anos e expansão da cidade, tendo o ciclo de desenvolvimento deslocado para a siderurgia, os contos orais gradualmente substituíram o dito ricaço pela fonte geradora de renda da cidade ao final do século XIX. Podemos ver de forma mais clara o alinhamento destes pontos de destaque com a Matriz de Boa Viagem na figura 30.



Figura 30: Mapa de Itabirito (MG), com destaque para a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, o Instituto Santo Antônio de Pádua e a Siderúrgica Itabirito LTDA, formando uma linha de visada. Base Cartográfica: <https://earth.google.com/web/@-20.22913527,-43.80097521,-3317.60705664a,8141.27825755d,35y,-0.00009235h,19.28235699t,0r/>

Visto a escassez de documentações comprobatórias da ocupação da região, o Poder Municipal de Itabirito adota como versão oficial da história do município, o início das ocupações primárias do povoado de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itaúba do Rio de Janeiro (nome que prevaleceu até 1752) a partir das primeiras décadas do século XVIII, sendo assim apontadas no Dossiê de Tombamento da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem.

De mesma maneira, OLIVEIRA e LIMA (1998) descrevem em seus estudos sobre os documentos referentes às visitas pastorais realizadas por Dom Frei José da Santíssima Trindade (6º Bispo de Mariana [MG], entre os anos de 1821 e 1825) que a data de construção do templo se deu entre os anos de 1710 e 1720.

Estas datas também são adotadas por FIORILLO (1996), que afirma a existência de Anais Paroquiais (não disponibilizados para pesquisa) afirmando a existência da Ermida em honra a Nossa Senhora da Boa Viagem em 1711, já possuindo um Capelão Próprio a partir de meados 1721, sendo o primeiro registro do Reverendíssimo Sr. Pe. Paulo Carvalhosa de Castro,

quinto Capelão da Capela Curada<sup>18</sup>. Os nomes dos capelães e párocos que, segundo apontamentos destes documentos relatados por FIORILLO, regeram a igreja são transcritos em um quadro exposto no interior da Igreja Matriz (figura 31).

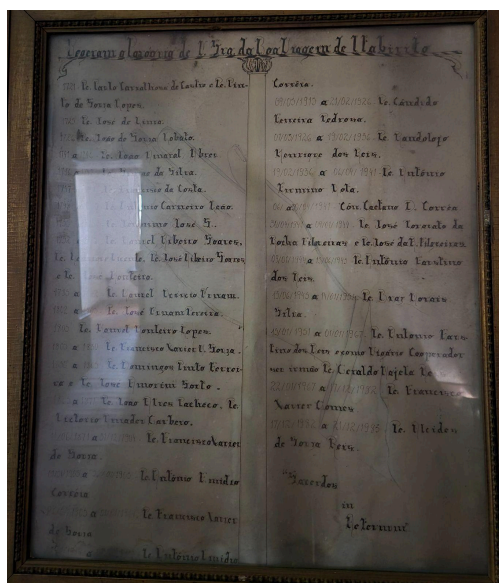


Figura 31: Documento presente em quadro no interior da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito, MG), intitulado “Regeram a Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem” com registros de 1721 a 1983. Data e autores desconhecidos.

Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.

Conforme NOLASCO (1992), em acesso aos documentos paroquiais da Nossa Senhora da Boa Viagem, em seus anos de existência o templo foi gerido por diversos Padres. Dividindo-se pelos períodos de formação do templo temos:

- Capela Curada, gerida pelos capelães:
  - 1721 - Pe. Paulo Carvalhosa de Castro e Pe. Pinto de Souza Lopes.
  - 1725 - Pe. José de Lima.
  - 1726 - Pe. Leão de Souza Lobato.
  - 1741 a 1745 - Pe. João Amaral Abreu.

<sup>18</sup> Se a vizinhança da pequena capela rural era suficientemente populosa ou suficientemente abastada para arcar com a remuneração de um capelão, o bispo podia transformá-la em "aplicação", ou "capela curada", ou seja, numa capela filial servida regularmente por um cura ou "vigário coadjutor". FONSECA, C. D. Arraias e vilas d'el rei: espaço e poder nas Minas setecentistas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 731 p. (Humanitas).

- Matriz Independente, gerida pelos párocos:

- 1745 a 1746 - Pe. João Amaral Abreu.
- 1746 a 1747 - Pe. Simão da Silva.
- 1747 a 1748 - Pe. Francisco da Costa.
- 1748 a 1750 - Pe. Antônio Carneiro Leão.
- 1750 a 1752 - Pe. Jerônimo José S.
- 1752 a 1785 - Pe. Manoel Ribeiro Soares (primeiro vigário após Colativa de Itabira do Campo a Vila Rica), Pe. Henrique Vicente, Pe. José Ribeiro Soares e Pe. José Monteiro.
- 1785 a 1805 - Pe. José Ernani Pereira.
- 1805 final - Pe. Manoel Monteiro Lopes.
- 1805 a 1830 - Pe. Francisco Xavier Meireles e Souza.
- 1830 a 1865 - Pe. Domingos Pinto Ferreira tendo como coadjutor o Pe. Amorim Santo.
- 1865 a 1871 - Pe. Leão Alves Pacheco e Pe. Vitório Amadeu Garbero.
- 11/06/1871 a 31/12/1904- Pe. Francisco Xavier de Souza.
- 01/01/1905 a 26/07/1905- Pe. Antônio Emídio Corrêa.
- 26/07/1905 a 01/01/1914- Pe. Francisco Xavier de Souza.
- 01/01/1914 a 02/04/1915 - Pe. Antônio Emídio Corrêa.
- 09/05/1915 a 21/02/1926- Pe. Cândido Ferreira Pedrosa.
- 07/03/1926 a 19/02/1936 - Pe. Randolfo Henrique dos Reis.
- 19/02/1936 a 06/04/1941 - Pe. Antônio Firminio Mota.
- 06 a 30/04/1941 - Pe. Caetano Donato Corrêa.
- 30/04/1941 a 09/01/1944 - Pe. José Torquato da Rocha Figueiras e Pe. José da Rocha Figueiras.
- 09/01/1944 a 15/06/1945 - Pe. Antônio Faustino dos Reis.
- 13/06/1945 a 14/01/1951 - Pe. Braz Morais Silva,
- 15/01/1951 a 15/01/1967 - Pe. Antônio Faustino dos Reis, tendo como vigário cooperador o seu irmão, Pe. Geraldo Magela Reis.
- 22/01/1967 a 17/12/1982 - Pe. Francisco Xavier Gomes.
- 17/12/1982 a 21/12/1983 - Pe. Alcides de Souza Reis.
- 21/12/1983 e atual vigário, Pe. Miguel Ângelo Fiorillo.

De acordo com ITABIRITO (2005), em levantamento realizado no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – “Dom Oscar de Oliveira”, os registros mais antigos de batizados e óbitos datam do mesmo ano de 1721, o que indicia o possível funcionamento do templo religioso a partir desta data, tendo este sido construído então entre 1710 e 1720, período reconhecido pela Secretária de Patrimônio e Cultura de Itabirito como momento oficial aproximado da edificação do templo atual, porém, não sendo possível relatar com rigor em qual estado de acabamento e finalização o templo se encontrava.

Importante ressaltar que, segundo FIORILLO (1996), em 1721 a Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem era parte integral da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo (Ouro Preto, MG). O título de Matriz seria concedido ao templo de Boa Viagem apenas em 03 de abril de 1745, no processo da segunda leva de elevações no território mineiro.

A partir de então, o local seria elevado à condição de Paróquia Colativa<sup>19</sup> à Vila Rica (Ouro Preto, MG). Desta forma, os registros feitos até a data de 1745 referem-se ao templo apenas como Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem. O arraial em si seria reconhecido como freguesia Colativa de Vila Rica apenas em 1752, substituindo o nome da região de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itaubira do Rio de Janeiro por Itabira do Campo (FIORILLO, 1996).

Segundo BOHRER (2015), em análise feita sobre os altares do templo, pode-se concluir que o altar mor da igreja, o arco cruzeiro e seus retábulos laterais de Nossa Senhora do Carmo e São Miguel e Almas, além do Retábulo da capela do Santíssimo Sacramento correspondem ao estilo Barroco Nacional Português, vigente em Minas em período aproximado de 1696 a 1730.

Excluindo-se o Retábulo da capela do Santíssimo Sacramento, BOHRER (2015), afirma que os demais retábulos em estilo Barroco Nacional Português não apresentam indícios de

---

<sup>19</sup> Colativa: Na esfera religiosa, temos Colativa como elemento de diferenciação hierárquica entre freguesias curadas e coladas, onde “Temos então, de um lado, os ‘curatos’ ou ‘paróquias encomendadas’, que eram providas por vigários nomeados pelo bispo e remunerados pela população. De outro lado, temos as paróquias ou “freguesias coladas”, ou ‘colativas’, servidas por vigários colados - os padres “perpétuos” nomeados pelo rei e beneficiários da cõngrua.” (FONSECA, 2011).

terem sido adaptados para a Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (desprezando-se adaptações do arremate do altar mor por prováveis mudanças no forro da capela), sendo provavelmente feitos para o próprio templo.

O retábulo da capela do Santíssimo Sacramento foi provavelmente um antigo altar lateral ou da primeira sacristia da igreja que posteriormente foi retirado de seu local original e adaptado para encaixar-se na Capela do Santíssimo, à direita do templo (lado da epístola<sup>20</sup>), de edificação posterior ao corpo principal.

Com isto, poderíamos deduzir que entre 1710 e 1720, a construção da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem resultou na confecção de ao menos um Altar Mor e 2 retábulos laterais ao arco-cruzeiro (figura 32), além do retábulo da capela do Santíssimo Sacramento (figura 33). Poderíamos então considerar um padrão inicial de planta das primeiras igrejas apontados por VASCONCELLOS (1983) compostas por uma Nave, altar principal e sacristia lateral, que de acordo com CECCONELLO et al (2005) no dossiê de Restauro do templo de 2005, corresponderia a capela lateral esquerda (lado do evangelho<sup>21</sup>), que receberia futuras expansões até formar-se a configuração atual.

---

<sup>20</sup> Epístola: Em relação ao espaço das igrejas, o lado da epístola se trata do lado direito de quem entra no templo (FABRINO, 2012), onde eram realizadas as leituras das cartas dos apóstolos ( MAIA, 1966).

<sup>21</sup> Evangelho: Em relação ao espaço das igrejas, o lado do evangelho se trata do lado esquerdo de quem entra no templo (FABRINO, 2012), onde eram realizadas as leituras do evangelho ( MAIA, 1966).



Figura 32: Interior da Nave da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito. A esquerda (lado do evangelho) retábulo dedicado a Nossa Senhora do Carmo, à direita (lado da Epístola) retábulo dedicado a São Miguel e Almas, ao fundo, Altar mor dedicado a Nossa Senhora da Boa Viagem (ao qual apresenta Nossa Senhora da Conceição no trono devido a troca de imagens para celebração do Mês de Maria). Todos em estilo Nacional Português. Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.



Figura 33: Retábulo do Senhor dos Passos, em estilo Nacional Português, localizado na Capela Lateral Direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito. Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.

Seguindo-se o processo de expansão do Arraial, assim como em outros povoados mineiros, era comum a união de grupos leigos para a formação de Irmandades e Ordens terceiras, que ajudariam a construir os templos do século XVIII, em especial as matrizes, como forma simbólica do poder religioso e social que estes grupos exerciam durante o período colonial (RESENDE, VILLALTA, 2007).

Em pesquisa aos documentos históricos presentes no Arquivo Eclesiástico de Mariana Dom Oscar de Oliveira (Mariana, MG), ao compilado de Banco de dados sobre atas de eleição, devassas, inventários e testamentos, irmandades, nascimentos e óbitos do Arquivo Eclesiástico de Mariana realizado por Kleverson Lima a trabalho da Secretária de Patrimônio e Cultura de Itabirito e a arquivos históricos presentes na Casa dos Contos, em Ouro Preto, em acervo de propriedade do Arquivo Público Mineiro, foi possível encontrar diversos relatos que identificam algumas das Irmandades e Ordens Terceiras que surgiram dentro da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, sendo estas e seu período de criação:

- Irmandade de Santo Antônio (anterior a 1726): Relato do livro L26, presente no Arquivo Eclesiástico de Mariana, apresenta despesas datadas de 1726 até 1757.
- Irmandade do Santíssimo Sacramento (1727): Relato do livro Z24, presente no Arquivo Eclesiástico de Mariana, com primeiro registro em 15/08/1886 afirma que o primeiro compromisso feito e aprovado pela Irmandade fora aprovado em 1727.
- Irmandade de Nossa Senhora da Conceição dos Pardos (anterior a 1733): Relato do Livro L29, presente no Arquivo Eclesiástico de Mariana, com data de abertura do livro em 12/02/1825 e 25/09/1733.
- Irmandade do Rosário (anterior a 1738): Relato do Livro M06, presente no Arquivo Eclesiástico de Mariana, com data de abertura do livro de 03/04/176, apresenta registros de receitas e despesas da Irmandade desde o ano de 1738.
- Irmandade de Santa Rita de Cássia (anterior a 1758): Relato do Livro 4411, presente no Arquivo Eclesiástico de Mariana, contém data do primeiro registro de 1758, sendo composto por despesas e termos de ajuste da irmandade que já atuava em templo próprio na localidade do Córrego Seco.

- Irmandade de São Miguel e Almas (anterior a 1810): Livro de Inventário das Alfaias da Irmandade de São Miguel e Almas da Freguesia de Itabira do Campo, presente na coleção Casa dos Contos, consta abertura deste livro em 1810, e indicação de volume número 7, indicando que houveram outros inventários anteriores a este.
- Irmandade de Nossa Senhora das Mercês (anterior a 1818): Livro L33, presente no Arquivo Eclesiástico de Mariana, contém registros iniciais da atuação da Irmandade entre os anos de 1818 a 1820. Também constituem templo próprio, segundo OLÍMPIO (1996), o templo é datado de 1764. Registros de despesas com o templo encontrados no Arquivo Eclesiástico datam de meados de 1823.

Além dos registros documentados, em acesso ao Museu Paroquial da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, é possível encontrar peças de prata, datadas do século XVIII de acordo com apontamentos do próprio Museu, ao qual fazer referências diretas a algumas das irmandades citadas, sendo estas peças, em grande maioria, Varas das Irmandades (figura 34), utilizadas como símbolo dos representantes das mesas de organização de cada irmandade.



Figura 34: Detalhes das Varas de Irmandade das Irmandades da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem no século XVIII, sendo respectivamente duas representações de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Conceição e Santo Antônio; Museu Paroquial da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal. 27 de Julho de 2025.

Nota-se que os cultos mais antigos apresentados na igreja através das Irmandades referem-se a Santo Antônio e ao Santíssimo Sacramento, com registros respectivos de 1726 e

1727. O culto destas duas representações se enquadra no padrão de desenvolvimento das capelas e matrizes defendida por VASCONCELLOS (1983), onde as capelas primitivas se iniciaram com o culto de santos populares portugueses, e a partir do desenvolvimento das ocupações para vilas e freguesias início da formação das matrizes, a população de classe social mais alta passaram a cultuar o Santíssimo Sacramento, Irmandade obrigatória para o funcionamento de uma Igreja Matriz, se envolvendo diretamente na administração destes espaços.

Desta forma, baseando-se nas histórias existentes da formação do Arraial, podemos teorizar que a Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem passou pelo mesmo processo, tendo como cultos iniciais a Nossa Senhora da Boa Viagem a partir de parte do oratório da Nal de Homem Del-Rey e posteriormente com o desenvolvimento da capela surgiram outras devoções, sendo Santo Antônio um dos santos populares de ocupações portuguesas, até que a Igreja, mesmo que ainda sem título de Matriz, desenvolveu o culto ao Santíssimo Sacramento, devido a alavancagem econômica vigente da extração aurífera.

A partir da análise de BOHRER (2015) sobre os retábulos, também poderíamos teorizar um possível culto inicial de São Miguel e almas e Nossa Senhora do Carmo. Ao verificar a talha destes dois retábulos e do Retábulo principal, BOHRER (2015) identifica símbolos ligados a São Miguel e almas e Nossa Senhora do Carmo em seus respectivos retábulos, sendo os três com talha executada em período próximo. Considerando-se que o estilo Barroco Nacional Português se enquadra entre 1696 e 1730, pode-se estimar que, mesmo sem registros remanescentes destas irmandades, as mesmas poderiam estar presentes na igreja já entre 1710 e 1730 aproximadamente.

No interior da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem ainda podemos encontrar mais 2 altares laterais datados do século XVIII, sendo estes o Retábulo de Santo Antônio (figura 35) e o Retábulo de Nossa Senhora da Conceição (figura 36). Ambos apontados por CECCONELLO et al (2005) em dossiê de restauração como retábulos provenientes da aplicação do estilo Rococó, estilo vigente entre os anos 1760 a 1840 (FABRINO, 2012). Registros da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição presentes no Livro L29 do Arquivo Eclesiástico de Mariana apontam registros do altar como parte do inventário da Irmandade já em 1782, o que poderia indicar o período aproximado de sua confecção.



Figura 35: Altar de Nossa Senhora da Conceição, localizado à esquerda da nave (lado do evangelho) em estilo Rococó. Ao centro, Nossa Senhora da Conceição, abaixo Sant'ana Mestra, à esquerda do nicho principal São Francisco, à direita do nicho principal São Sebastião. Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.



Figura 36: Altar de Santo Antônio, localizado à direita da nave (lado da epístola) em estilo Rococó. Ao centro Nossa Senhora do Rosário, abaixo Santo Antônio de Pádua, à esquerda do nicho principal São João Batista, à direita do nicho principal Nossa Senhora Aparecida. Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.

Além do desenvolvimento da Própria Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, o crescimento econômico e populacional do arraial gerou a construção de outros templos no entorno da igreja principal.

Os principais exemplos são a Capela de Nossa Senhora do Rosário, anterior a 1740, tendo registros de que já estava em construção neste ano. Segundo documento presente no Arquivo Público Mineiro assinado por Gomes Freire Andrade em 28 de janeiro de 1740 (LINS, 2025), seu funcionamento provavelmente se deu próximo a 1746, data que consta em lápide em frente ao templo (OLÍMPIO, 1996).

Igreja de Nossa Senhora das Mercês, construída entre 1751 e 1764; Capela do Senhor Bom Jesus de Matozinhos, cujo mandatário de construção foi Silvestre Erzão, em 1765 (LINS, 2025); além dos Passos da Paixão de Cristo, de diferentes épocas, tendo o arraial reconhecimento como freguesia de Itabira do Campo em 1752 (ITABIRITO, 2005).

A partir de análise do sino atual da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, instalado atualmente na torre direita da igreja (figura 37), podemos visualizar a seguinte escrita: *SINO DA MATRIS DE ITABIRA DO CAMPO FEITO EM 1787 POR MANOEL DINIS PROVVEDO E REUNIDO EM 6.8.1921 COM ESMOLA DO POVO. SENDO VIGÁRIO PADRE CÂNDIDO F PEDROZA. SAPECADO F JOÃO F GLÓRIA 1921*". Com isto, podemos levantar que aproximadamente em 1787 a Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem tinha em sua disposição ao menos um sino, visto que os outros 2 sinos da igreja não apresentam data de fundição. Não sendo possível afirmar o local exato deste sino no ano de 1787, mas considerando a evolução tipológica de VASCONCELLOS (1983), a Igreja poderia apresentar em sua fachada uma torre sineira, sendo o mais comum o uso de 2 torres em matrizes.



Figura 37: Sino Principal da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem.

Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.

Durante o século XVIII, Itabira do Campo vivenciou uma grande diversidade produtiva, englobando a extração de ouro, o cultivo de gêneros agrícolas, criação de víveres, gados, beneficiamento de produtos, serviços de marcenaria, cantaria, entre outros serviços que ajudariam a manter a relevância econômica da freguesia mesmo com a chegada da crise de produção aurífera nas últimas 4 décadas do século, permitindo assim a contínua expansão das atividades religiosa e investimentos nos templos edificadas até então (LIMA et a, 2005).

Com o início do Século XIX, Itabira do Campo continuaria em processo de expansão. De acordo com OLIVEIRA e LIMA (1998), Dom Frei José da Santíssima Trindade, até então Bispo de Mariana, registrou em sua visita a freguesia, no ano de 1822, a presença de cerca de 4 mil habitantes, sendo 1700 presentes no distrito sede de Itabira do Campo.

Com a liberação de instalações de empresas estrangeiras no território nacional em 1824 concedida por D. Pedro I, diversos investidores começaram um processo de assentamento na região mineira, e Itabira do Campo foi uma das freguesias beneficiadas. Em 1832, a Brazilian Company Ltda, de A. F. Mornay instalou-se em Itabira do Campo, tendo como objetivo a extração de Ouro na região de Cara Branca, a cerca de 12 km da sede da freguesia (LINS, 2025).

Com isto, Itabira do Campo obteve um cenário econômico positivo. Neste momento, a maior concentração de novas construções se deu nos arredores da então Fazenda Santo Antônio, adquirida pela Brazilian Company Ltda, que construiu diversas edificações para

funcionamento da mina, além da compra de 400 escravos e construção de um sistema de moagem para fornecimento de força hidráulica (LINS, 2025).

A ativação da Mina de Cata Branca traria nos próximos anos um grande desenvolvimento em todo o território, movido pela riqueza aurífera extraída, contudo, este período não se estenderia por muito tempo. De acordo com pesquisa de ITABIRITO (2005), provas desta riqueza estão retratadas em passagens de viagem do francês Pierre Jean Baptiste Constant, conhecido como Conde de Suzannet, que faz referência a presença de cerca de duas mil pessoas na freguesia, vivendo com algum conforto, sendo a maioria destes tropeiros que faziam transporte de lenhas e carvão ou viagens de Itabira para o Rio de Janeiro. Contudo, Suzannet ainda em seus relatos no livro “O Brasil de 1845, faz ressalvas a condição de atuação das minas, sendo os negócios descritos como “conduzidos por pouca inteligência” (LINS, 2025).

No ano de 1840, as primeiras evidências de diminuição do rendimento das lavras já começavam a afetar a vida dos moradores de Itabira do Campo (ITABIRITO, 2005), sendo agravado por um desabamento da Mina de Cata Branca em meados de 1842, ocasionando no colapso de túneis de mineração que chegavam a mais de 200 metros de profundidade, resultando na morte de todos os trabalhadores que estavam no local (LINS, 2025).

Após o desabamento da Mina de Cata Branca, a empresa Brazilian Company Ltda atuaria apenas até 1844, fechando de vez a mineração no local. Com isto, Itabira do Campo presencia um grande desaceleramento econômico. De acordo com dados da Prefeitura de Itabirito (ITABIRITO, 2005), a população de Itabira do Campo apresentou uma pequena queda, de cerca de 1984 pessoas em 1831, para 1605 pessoas em 1867, tendo como principal mantenedor da população na região durante este período econômico, a diversificação de produtos através da agricultura presente na região.

Em 1868, BURTON (2001) em seu livro “Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho” em sua passagem pela região de Itabira do Campo descreve a seguinte configuração da freguesia a época:

... Avistamos Itabira do Campo, em uma depressão abaixo de nós. O ribeiro que a divide, correndo de leste para oeste, é atravessado por uma razoável ponte de pedra, e suas margens são usadas para coradouro, ficando brancas com as roupas e

negras com as lavadeiras. Ao sul da freguesia ficam as capelas de Nossa Sra das Mercês e Bom Jesus de Matosinhos; a oeste, fica a do Rosário, enquanto no centro da localidade estão a matriz de Nossa Sra da Boa Viagem e a igreja de Sta Teresa. Na realidade, as acomodações das igrejas dariam para alojar toda a população, embora sem muito conforto; a maior parte dos templos está em ruínas (...)

O povo mostrou-se muito amável, e nos ofereceu café, com a menor demora possível; muitos casos nos foram contados dos velhos dias, ainda não perdidos na noite dos tempos, em que os habitantes do lugar arranjavam empregos para os filhos, casavam as filhas com ingleses e gozavam da excitação dos lucros e perdas. Itabira progrediu com a Mina de Cata Branca, e decaiu, quando a mina afundou. Os itabirenses continuam, mal sustentados pelo mercado de Morro Velho e a lembrança dos melhores tempos mal dá para manter viva a esperança do futuro.(BURTON, Richard. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. 2001. pg 233).

BURTON (2001) descreve em sua passagem a configuração do que nos dias atuais seria considerado o centro histórico itabiritense, salvo a citação de uma Igreja de Santa Tereza, ao qual não existem outros registros sobre a mesma, podendo esta ter sido completamente destruída, ou mesmo, de acordo com LINS (2025) sequer existido na região da antiga Itabira do Campo, visto que na época deste relato era comum que viajantes escrevessem suas experiências em lugares de descanso, após parte ou totalidade das viagens, com base em anotações rápidas que estes escreviam durante o trajeto, além de um processo de revisão que aconteciam antes de suas publicações que eram feitas por outras pessoas na Europa, onde estes livros eram publicados. Desta forma era comum que alguns erros e acréscimos de informações, ou própria confusão de anotações acontecessem neste processo.

O que pode-se afirmar pelo relato de BURTON (2001) é a decadência da freguesia após o colapso de Cata Branca, que gerou a estagnação econômica na região, que voltaria a um crescimento apenas a partir da década de 1880, 36 anos após o desabamento da Mina de Cata Branca, com a chegada das primeiras linhas férreas na região mineira.

### **3.2. RENASCIMENTO ECONÔMICO FERROVIÁRIO E A RENOVAÇÃO DO ANTIGO CENTRO DA LOCALIDADE**

Em 1855, tendo em vista a implantação bem sucedida dos primeiros trechos de linhas férreas por Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá (1813-1889), o Imperador D. Pedro II contratou um engenheiro britânico para a construção de uma rede ferroviária nas terras

brasileiras, com a intenção de integrar as diversas regiões do país. Desta forma, surge em 1858, a Estrada de Ferro Dom Pedro II (posteriormente rebatizada de Central do Brasil, em 1889, a partir da Proclamação da República) (LINS, 2025).

Partindo dos planos de construção da malha ferroviária do Imperador D. Pedro II, os primeiros trilhos começaram a ser instalados na região de Itabira do Campo em 1882, iniciando uma retomada econômica da cidade a partir dos serviços gerados em torno da instalação de uma estação ferroviária (LINS, 2025).

Desta forma, no dia 16 de Julho de 1887, Itabira do Campo era integrada à rede com sua nova estação ferroviária (figura 38), marcando de vez a mudança econômica da cidade, que passaria a girar no entorno da estação ferroviária e escoamentos produtos das indústrias siderúrgicas, que começavam a se instalar na região para a produção da manufatura de ferro, além de outros produtos, em uma rede de escoamento estendida até o litoral do Rio de Janeiro (LINS, 2025).

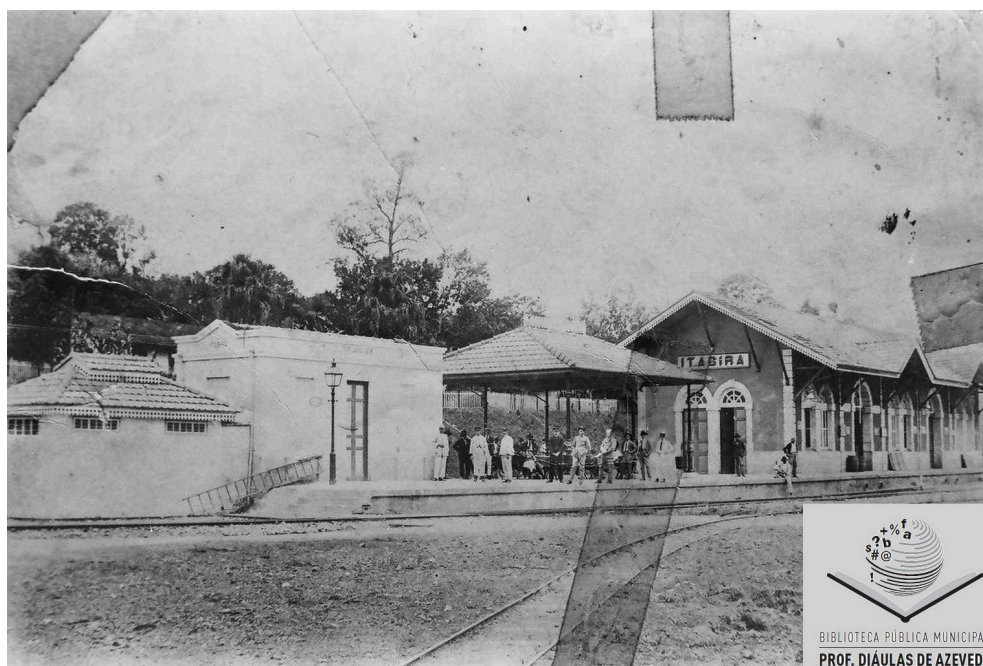


Figura 38: Estação Ferroviária de Itabira do Campo. Linha principal em conexão com o ramal de ligação a Companhia Industrial Itabira do Campo (CIIC).

Data e autor desconhecidos; Fonte: AHI – Acervo Histórico de Itabirito. Disponível em: <https://ahi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por>. Acesso em: 8 out. 2025.

Outros destaques que ajudariam no aceleração econômico de Itabira do Campo se daria com o aceleração dos setores médios da sociedade a partir da década de 1860, com a efetivação do trabalho livre em contraposição ao escravo, o início do Governo Republicano Federativo do Brasil (1889) e a construção da nova Capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, que transformava Itabira do Campo em um dos principais pontos de passagem entre a velha capital, Ouro Preto, e a nova Capital (ITABIRITO, 2005).

Esta nova fase da economia de Itabira do Campo também marca o início do processo de mudança do centro econômico da cidade, em um processo de descida da população dos altos dos morros, ao qual formava o “centro velho”, local onde se encontra a Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem e demais templos religiosos de importância, para a parte de baixada da cidade, aos contornos da linha férrea, instalada às margens do atual Rio Itabirito. As principais empresas que se instalaram em Itabira do Campo neste momento foram a Empresa de Curtume Santa Luzia (1896), a Usina Esperança (1891) e a Companhia Industrial Itabira do Campo (1892) (ITABIRITO, 2005).

De acordo com estudo realizado por LINS (2025), no livro Comércio e Indústria de Itabirito, de 2007, um dos primeiros grandes empreendimentos inspirados pela instalação da ferrovia, foi a construção de uma usina siderúrgica na região de Esperança, pelos empreendedores Amaro da Silveira, Jean Albert Gerspacher (1839-1889), Carlos da Costa Wigg e Henrique Hargreaves.

O primeiro alto-forno da siderúrgica (figura 39), que levaria o nome do local em que foi instalada, Usina Esperança, foi montado em 1889, utilizando-se de material de construção o barro refratário encontrado na região, que até então era totalmente importado da Inglaterra (LINS, 2025).

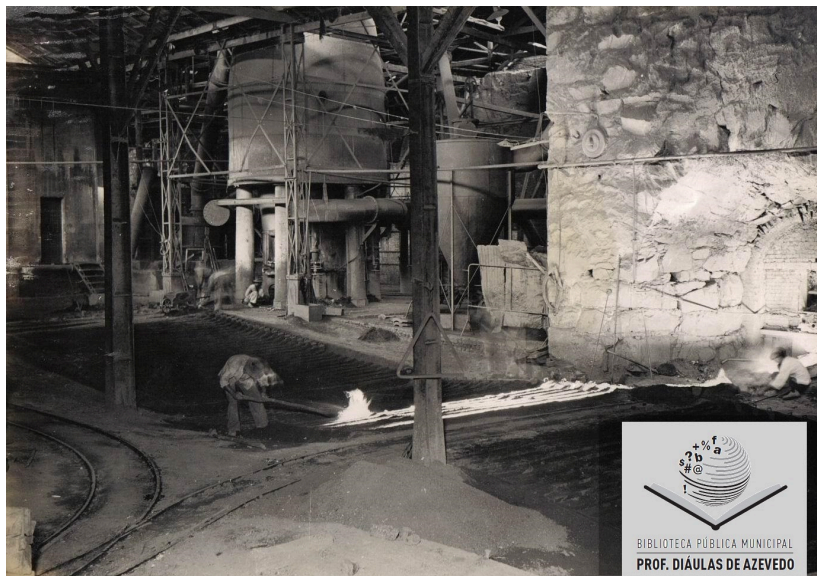


Figura 39: Alto Forno da Usina Queiroz Júnior, inicialmente, Usina Esperança ; Data: 1935; Autor desconhecido; Fonte: AHI – Acervo Histórico de Itabirito. Disponível em: <https://ahi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por>. Acesso em: 8 out. 2025.

O início das atividades da usina em si deu-se na manhã do dia 21 de Julho de 1891, sendo aberta por Joseph Albert Fidele Gerspacher, filho de Jean Albert Gerspacher, iniciando a primeira corrida de ferro da usina (NOLASCO, 1992). A siderúrgica passaria a partir de então por grandes dificuldades econômicas, devido a baixa qualidade da construção do alto forno junto às altas tarifas cobradas pelo transporte do material, sendo vendida em 1892 para a Sociedade Forjas e Estaleiros, e novamente vendida em 1899 para José Joaquim Queiroz Júnior, ao qual manteve a empresa em funcionamento até 1991, quando foi a falência. Posteriormente adquirida pelo Grupo Valadares diesel (VDL) (ITABIRITO, 2005), sendo atualmente conhecida como Siderúrgica Itabirito Ltda.

Ainda em 1892, por iniciativa capital do português José Maria Afonso Baeta, junto de outros grandes nomes da época, como o Pároco da Matriz de Boa Viagem, Padre Francisco Xavier de Souza, fundaram no mês de novembro a Companhia Industrial Itabira do Campo (CIIC), tendo como principal produto a produção de tecidos (LINS, 2025). Sua primeira presidência, eleita em 18/09/1892 de acordo com o Livro de Atas das Assembléias Gerais da Indústria, foi formada pelo Padre Francisco Xavier de Souza, nomeado presidente, José Maria Affonso Baeta, nomeado diretor tesoureiro e secretário da fábrica, e do sr. Francisco Cândido da Silva Guimarães, diretor gerente (CARVALHO, 2004).

O local escolhido para a edificação da fábrica se deu em uma baixada nas proximidades do antigo centro de Itabira do Campo, às margens de um córrego, atualmente conhecido como córrego da carioca (figura 40), ao qual tinha sua água captada nas proximidades da antiga Ponte de Pedra, gerando força motriz, e em seguida sendo despejada no mesmo córrego. À fábrica também se localizava a 400 metros da Estação Ferroviária, de onde saía um ramal até a fábrica (figura 38), cujo vagão era puxado por muares (CARVALHO, 2004).

Em pesquisa elaborada por CARVALHO (2004), segundo os arquivos de prestação de contas da Companhia Industrial Itabira do Campo, a fábrica possuía um maquinário para época, chegando a produzir 1 milhão de metros cúbicos de tecido por mês.

Contudo, a partir do século XXI, com o declínio do mercado têxtil nacional frente aos produtos estrangeiros e acúmulo de dívidas, a Companhia finalizou suas atividades em 2010, após 118 anos de operação. O local, em que a fábrica se localiza foi então vendido para o município de Itabirito em 23 de dezembro de 2010, com o objetivo de transformar o espaço centenário, popularmente conhecido como Fábrica Velha, no novo Centro Administrativo do Município (O LIBERAL, 2010), reinaugurado oficialmente em 10 de Fevereiro de 2021 (ITABIRITO, 2021).



Figura 40: Vista Parcial de Itabira do Campo, com a Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem ao topo e a Companhia Industrial de Itabira do Campo na área de baixada da região.

Data e Autor desconhecidos; Fonte: AHI – Acervo Histórico de Itabirito. Disponível em:

<https://ahi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por>. Acesso em: 8 out.

2025. Imagem modificada pelo autor

De acordo com dados da Prefeitura de Itabirito (ITABIRITO, 2005), a população em Itabira do Campo entre os anos 1890 e 1919 aumentou em cerca de 3 vezes, passando de 2000 para 5816 habitantes, sendo um fruto da expansão da cidade em torno dos novos geradores econômicos nas baixadas de contorno da linha férrea. Quebrando de vez com a antiga tradição da construção das igrejas e comércios em pontos altos, com estratégia de visibilidade (ver e ser visto), para a substituição de novas maneiras de pensar a experiência urbana que surge ao final do século XIX e primeiras décadas do século XX, quando ocorre a emancipação do território que formaria Itabirito..

Um dos pontos de flexão na ordem religiosa neste momento se dá na constituição de um novo templo religioso longe das antigas capelas dos morros, sendo criada, em 1892, a capela de São Sebastião (figura 41 e 42), as margens do atual Rio Itabirito, a poucos metros da estação ferroviária, dedicada ao santo protetor contra as pestes, como a varíola, que infestavam a cidade no período (LINS, 2025).

Em 1918, a capela de São Sebastião era tratada pela população como um novo centro religioso da cidade, demonstrando o desejo de realocação da ordem religiosa juntamente com a econômica. A população de Itabira do Campo, que experimentava os novos ares fábris, junto à estação ferroviária, importação e exportação de mercadorias e trânsito em novas vias mais uniformes e de trânsito rápido, distanciaram-se das tortuosas ruas dos antigos morros, e por consequência, dos antigos templos e casarios (ITABIRITO, 2005).



Figura 41: Fachada da Antiga Capela de São Sebastião de Itabira do Campo.

Data e Autor desconhecidos; Fonte: LIMA, Kleverson, Memória Itabirito. Antiga Igreja de São Sebastião; cópia de imagem do acervo da Prefeitura Municipal de Itabirito; Facebook, 14 set. 2012. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=472114199475860&set=g.413264462069789>



Figura 42: Interior da Antiga Capela de São Sebastião de Itabira do Campo. Data e Autor desconhecidos; Fonte: LIMA, Kleverson, Memória Itabirito. Antiga Igreja de São Sebastião; cópia de imagem do acervo da Prefeitura Municipal de Itabirito; Facebook, 14 set. 2012. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=472115432809070&set=g.413264462069789>

Oficialmente, a capela de São Sebastião seria elevada a paróquia apenas em 4 de setembro de 1959, tendo como pároco o Padre Adelmo Ferreira da Silva, após processo de

arrecadamento de verbas e materiais para instalação de uma matriz, iniciado em 15 de fevereiro de 1958. Neste período iniciou-se também a articulação para a derrubada da capela inicial e construção de um novo templo (figura 43 e 44), dedicado ao mesmo santo padroeiro, ao qual teve sua pedra basilar lançada em 22 de maio de 1960 (SILVA, 1996).



Figura 43: Construção da Igreja Matriz de São Sebastião; Data: 1962/1963; Autor desconhecido; Fonte: AHI – Acervo Histórico de Itabirito. Disponível em:

<https://ahi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por>. Acesso em: 8 out. 2025.



Figura 44: Atual Igreja Matriz de São Sebastião; Fonte: AHI – Acervo Histórico de Itabirito. Data: Jan. 2025; Fonte: Google Street View Disponível em:

<https://www.google.com/maps/place/Par%C3%B3quia+de+S%C3%A3o+Sebasti%C3%A3o/@-20.2541488,-43.8015746,141m/>

Relativo a Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, poucos registros datados do século XIX, período do reaquecimento econômico de Itabira do Campo, sobreviveram à passagem

do tempo, dificultando a alocação de todos os acontecimentos que ocorreram no período, como dos seus motivos em si (ITABIRITO, 2005).

Em documentos oficiais da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, temos como principal fonte de referência a passagem dos padres que ocuparam a posição de párocos da Matriz, tendo sido documentado no período do século XIX, a passagem de 6 diferentes párocos. Ainda temos alguns relatos de época, como o de Dom Frei José da Santíssima Trindade, que, durante suas visitas pastorais pelas comarcas da província, em 1822, descreve:

A igreja matriz tem 6 altares, todos bem preparados, e bons ornamentos e alfaias, e não é menos decente o seu adro. Tem o pároco Francisco Xavier Meireles de Sousa, seu coadjutor e mais 5 sacerdotes (...) Louvamos o zelo do reverendo pároco em concorrer à decência do santuário, ornamentos e vasos sagrados e a vigilância no desempenho de seus deveres (OLIVEIRA e LIMA, 1998)

A partir deste relato dos altares existentes no templo, e cruzando-se com a análise dos materiais aplicados na construção da Igreja Matriz realizado por ITABIRITO (2005), ao qual discute sobre a execução da nave, torres e a parte dos fundos da capela lateral do lado do evangelho serem constituídas de alvenaria de pedra, enquanto o restante da capela lateral do lado do evangelho e a capela lateral do lado da epístola são executadas em blocos de tijolos maciços (ITABIRITO, 2005). Podemos teorizar que, considerando-se que o corpo principal da igreja abriga 5 dos 6 altares citados, já no ano de 1822, a igreja poderia possuir um corpo composto por nave central, capela mor e duas capelas laterais. Estas últimas sofreram acréscimos e/ou foram totalmente construídas entre meados do Século XVIII e início do século XIX.

Procedendo-se do começo do século para seu último quartel, temos como principal figura catalogada entre o fim do século XIX e início do XX, Padre Francisco Xavier de Souza, 18º pároco da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem durante o período de 1871 a 1904, se afastando do cargo no ano de 1905, quando o Padre Antônio Emídio Corrêa toma posse do cargo, e retornando a frente da Paróquia no ano seguinte, até 1914. Faleceu em 1915, sendo sepultado dentro da Matriz ( LINS, 2025).

De acordo com SILVA (1996), entre 1882 a 1892, o mandatório de Pe. Francisco Xavier de Souza, foram encomendadas as atuais torres da matriz, sendo executadas pelos pedreiros

portugueses Cândido de Silveira Martins, João Francisco Gonçalves Camel e Joaquim Martins da Cruz.

Segundo o Dossiê de Tombamento da Matriz (ITABIRITO, 2005), a torre lateral esquerda teria sido construída por completo neste momento, enquanto a torre lateral direita teria sido modificada para o novo estilo em cantaria com pináculo bubônico.

Além disto, Pe. Francisco Xavier de Souza, teria idealizado a construção de um adro amplo para igreja, igualando o nível no entorno da igreja, de forma que abrigasse os fiéis da igreja, além de oferecer uma boa visualização para a parte baixa da cidade em expansão (figura 45) (SILVA,1996).



Figura 45: Vista da Ladeira São Francisco; Comparação entre foto de 1927 e atual.

Autor desconhecido; Fonte 1: GÓIS, Paulo, Memória Itabirito; cópia de imagem do acervo da Prefeitura Municipal de Itabirito; Facebook, 13 nov. 2020. Disponível em:

<https://www.facebook.com/share/p/19Zp392UbS/>; Fonte 2: Arquivo Pessoal. 15 de Agosto de 2025.

Pe. Souza, sendo exímio mecânico, engenheiro, músico e inventor, também foi responsável pela construção do mecanismo do relógio da torre sineira esquerda (figura 46) (LINS, 2025). Apesar da confirmação da execução do mecanismo, não é possível afirmar se o mostrador existente atualmente no local se trata do conjunto original do Pe. Souza.



Figura 46: Torre sineira da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, com a instalação do relógio construído pelo Pe. Francisco Xavier de Souza, durante sua regência como pároco (1871-1914).

Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.

Segundo CECCONELLO et al (2005), neste mesmo período, a Matriz teria sofrido uma reforma estrutural completa, com a substituição de todo o engradamento original do telhado, datado aproximadamente de 1720, além de uma limpeza geral em todo o edifício.

De acordo com anotações da década de 1960 de SILVA (1996), Padre Francisco Xavier de Souza, após sua morte, em 12 de dezembro de 1915, teria seu corpo sepultado atrás do altar de Nossa Senhora do Carmo (figura 47), onde foi instalada uma lápide indicativa.

Atualmente, ao se analisar o altar de Nossa Senhora do Carmo, não é possível se identificar nenhuma indicação clara do sepultamento no local, contudo, em conversas com moradores locais, os mesmos relatam a existência da homenagem para o antigo pároco, porém que a mesma teria sido apagada em reformas internas da igreja, apontadas entre a década de 1960 e 1970, porém, não se há consenso entre a localização desta homenagem, com apontamentos da antiga localização da mesma tanto em proximidade do altar de Nossa Senhora do Carmo, em concordância com SILVA, quanto em posições um pouco mais afastadas, entre o altar e a porta de acesso ao púlpito da igreja e o altar indicado. No altar indicado, é possível se notar processos de diferentes intervenções na pintura ao longo de sua existência.



Figura 47: Retábulo de Nossa Senhora do Carmo - visão lateral - Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG);

Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.

Segundo SILVA (1996), o enterro do Padre Francisco Xavier Souza seria o último realizado no interior da Igreja. A prática deste tipo de enterro demandava o pagamento de uma taxa, além das despesas decorrentes do levantamento do assoalho e escalonamento dos jazigos, podendo estes serem perpétuos ou não. No ano de 1894, seria inaugurado o cemitério Cívil (Cemitério São João Batista), ao qual se encontra em funcionamento até os dias atuais, porém em menor escala, devido a criação de um novo cemitério, de maior porte, em 1992 (Cemitério Parque da Esperança).

Ainda de acordo com SILVA (1996), iniciando-se a era da Primeira República Brasileira (1889-1930), começaram a erguer-se túmulos de mármore ao exterior do templo. Até a data de escrita de suas anotações (década de 1960), SILVA relata a existência destes túmulos, retirados pouco tempo antes da escrita de suas anotações.

... Bem ao fundo do adro, até há poucos anos, havia ainda, do lado da praça, à esquerda da Matriz, quase junto ao muro ao fundo, três túmulos, entre os quais uma de uma moça do Rio, da família Pertence, e outro do Dr. Jorge Pina e de sua irmã Augusta Otoni Pina, falecidos em 1893 (SILVA, 1996, pg 94).

Apesar de não ser possível precisar a data em que esses túmulos foram retirados, pode-se crer que os mesmos podem ter sido retirados durante as reformas que ocorreram entre os anos de 1951 e 1967, que serão abordadas posteriormente.

Com a chegada do século XX e as grandes transformações ocorridas no final do século XIX, a população de Itabira do Campo iniciava um processo de reorganização para se adaptar aos novos modos de vida do novo século.

De acordo com CECCONELLO et al (2005), em 1915, durante a regência do Pe. Randolpho Henrique, sucessor de Francisco Xavier Souza, as naves secundárias, ou capelas, (correspondentes às antigas capelas do santíssimo e a sacristia) sofreram profundas reformas em seu piso, tendo seu assoalho de madeira substituído por ladrilhos, além da colocação de um novo altar de mármore carrara, posteriormente, entre 1951 e 1967 o mesmo seria retirado e novamente inserido o original no local.

Entre os poucos registros fotográficos existentes deste tempo, podemos encontrar no Acervo Histórico de Itabirito um registro fotográfico datado de 1916, de autoria de Benjamim Rodrigues, onde é possível visualizar o altar mor da matriz de Boa Viagem (figura 48), este, apresenta em sua composição à época, uma escada também de mármore para acesso ao altar mor, ao qual não é possível ser observado nos dias atuais. Também é possível observar que o altar mor apresentasse com tons mais brancos, sendo possível visualizar na imagem original poucos pontos mais escuros, que podem indicar douramento.

A partir de ferramentas de colorização e melhoramento de imagem via Inteligência Artificial da ferramenta Google Gemini para melhoramento de fotos, podemos visualizar qual seria a provável coloração da capela neste momento, tendo o retábulo em fundo branco, com suas volumetrias saltantes em ressaltos, ao qual sabemos pelos registros de restauração de restauração levantados por CECCONELLO et al, (2005), que se tratava de uma repintura, removida por Jair Inácio entre as décadas de 1950 e 1960. Ainda de acordo com CECCONELLO et al, (2005), não foram encontrados registros de quando este altar foi pintado de branco, tapando sua policromia anterior.



Figura 48: Coroação de Nossa Senhora da Conceição no Altar Mor da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem; Data: 1916; Autor: Benjamin Rodrigues; Fonte: AHI – Acervo Histórico de Itabirito. Disponível em: <https://ahi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por>. Acesso em: 8 out. 2025; Imagem modificada pelo autor através do Programa Google Gemini, a partir de ferramentas de melhoramento de imagem via Inteligência Artificial.

Interessante se notar que, na mesma foto, temos o retrato também de uma festividade cultural, da coroação de Nossa Senhora (figura 49), ao qual se mantém até a atualidade, com a instalação de uma escada provisória em torno do retábulo mor, dando acesso direto ao camarim do retábulo, onde crianças vestidas de anjo sobem em direção a representação da santa, coroando-a e dando-lhe um véu e flores em comemoração ao mês de Maria, comemorado em Maio.



Figura 49: Coroações na Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito durante o mês de Maria, sendo respectivamente as duas primeiras imagens a coroação de Nossa Senhora de Lourdes na década de 1990 e coroação de Nossa Senhora da Conceição, em 2019.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Em partido das organizações religiosas do século XX, segundo LINS (2025), assim como as irmandades religiosas tiveram importante papel no século XVIII, as conferências, conselhos e posteriormente sindicatos e associações tomariam este lugar.

Surgindo dentro da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, as conferências vicentinas tomavam o lugar das antigas irmandades, proporcionando assistência médica, serviços funerários e outras formas de ajuda para os menos favorecidos, visto a dificuldade de se conseguir serviços básicos de saúde e bem estar no período (LINS, 2025).

Segundo pesquisa de LINS (2025) ao livro “Itabirito - Memórias”, de Jarbas Nazareth de Souza (2009), as primeiras conferências de importância que surgiram foram a Conferência de Nossa Senhora da Boa Viagem, fundada em julho de 1906, a Conferência de Santa Rita de Cássia, fundada em setembro de 1906 e a Conferência de Nossa Senhora da Soledade, fundada em março de 1907. Nos próximos anos, outras entidades seriam fundadas, sendo estas,

Confederação Católica do Trabalho (1922), as conferências de Bom Jesus do Matozinhos (1949), Nossa Senhora do Rosário (1950), São José (1950) e São Sebastião (1951), todas elas ligadas ao Conselho Particular da Sociedade São

Vicente de Paulo. O Sindicato O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas e Mecânicas seria criado em 1948. Em seguida, tecelões, comerciários, produtores rurais e trabalhadores das indústrias de extração mineral também se associaram em entidades específicas (LINS, 2025, pg 131).

De acordo com entrevista aos responsáveis pela Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem atualmente, as conferências, por fazerem parte da construção das comunidades religiosas dentro da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, eram também parte integrante das festas religiosas do período. Grande parte destas conferências se dissolveram, apesar disto, é possível encontrar alguns estandartes das mesmas em exposição no Museu Paroquial da Matriz (figura 50).



Figura 50: Estandartes da primeira metade do século XX das Conferências Vicentinas da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG); Museu Paroquial da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem. Fonte: Arquivo Pessoal. 27 de Julho de 2025.

### 3.3. DA EMANCIPAÇÃO DO MUNICÍPIO A ATUALIDADE

No início do século XX, Itabira do Campo, impulsionada por sua base industrial, se transformara no distrito com maior arrecadação de Impostos da cidade de Ouro Preto, o que impulsionou junto a população e suas congregações a iniciar um plano de emancipação do Distrito de Itabira do Campo, a fim de se transformar em um município independente (ITABIRITO, 2005).

Neste cenário, algumas figuras de importância da cidade, como é Theodoro Alves Junior, conhecido como Coronel Alves; Olímpio Augusto da Silva e Tranquedo de Souza Matos, insatisfeitos com a precariedade do município perante a sua arrecadação de impostos, iniciaram uma campanha para tornar Itabira do Campo independente de Ouro Preto, antiga Vila Rica, ao qual havia perdido grande parte de seus recursos e de sua população para a nova

capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, e receava a independência de Itabira do Campo pela perda de seu maior distrito arrecadador (LINS, 2025).

Apesar do parecer contrário do distrito sede de Ouro Preto, no dia 7 de setembro de 1923, a antiga Itabira do Campo tornava-se Itabirito através da Lei Estadual nº 843. A instalação do município ainda levaria cerca de 1 ano, acontecendo formalmente no dia 1º de junho de 1924 (LINS,2025). De acordo com NOLASCO (1992) o evento seria marcado por grande festa (figura 51), com a construção de um arco comemorativo em frente a estação ferroviária, desfile de bandas musicais, como a Corporação de música de São Gonçalo do Bação e Corporação musical Santa Cecília, além de cantos religiosos e jantares.

Itabirito teria como primeiro presidente de sua nova Câmara Municipal José Theodoro Alves Júnior, com instalação do poder administrativo da cidade em casarão nas proximidades da Ladeira São Francisco, como um ponto intermediário central entre o antigo centro colonial e a nova cidade em expansão nos pontos de baixada (LINS, 2025).

Também tomaram posse, no Poder Legislativo, Jacinto Gosolino Gomes do Carmo (vice-presidente), Olímpio Augusto da Silva (1º secretário), Nicolau Rodrigues da Silva (2º secretário), Artur de Abreu Lacerda, Tancredo Souza Matos, Virgílio Rodrigues de Carvalho (representante do Bação), Ricardo Crispim de Oliveira (representante de Aranha e São José) e Domingos Rodrigues Rabelo (representante de Moeda) (LINS, 2025, pg 133)



Figura 51: Instalação do Município de Itabirito; Data: 1923; Autor desconhecido; Fonte: AHI – Acervo Histórico de Itabirito. Disponível em:

<https://ahi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por>. Acesso em: 20 out. 2025.

De acordo com LINS, neste momento, Itabirito seria integrada dos distritos de São Gonçalo do Monte, Moeda (atualmente município independente), São José do Paraopeba e Boa Vista do Aranha (últimos dois atualmente pertencentes ao município de Brumadinho).

Contudo, em 1938, a distribuição seria refeita a partir das legislações vigentes, levando Itabirito a uma nova conformação que integrou os distritos sede, Acuruí, São Gonçalo do Bação e São Gonçalo do Monte. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a área atual do município (levantamento de 2024) compreende 544,027 km<sup>2</sup> totais.

Nos próximos anos o novo município de Itabirito continuaria seu processo de expansão populacional. De acordo com LINS (2025), em pesquisa feita ao livro “ Minas Gerais em 1925” de Victor Silveira, Itabirito contaria com marca de 18.467 habitante em 1925, sendo descrita como uma cidade de “excelentes construções coloniais”, “casas residenciais que são verdadeiras fazendas” e “prédios sem estética”.

A partir de 1930, de acordo com ITABIRITO (2005), a cidade passaria por mudanças profundas em suas áreas urbanas, considerando-se este ano como o momento de virada histórica da cidade. Podemos atribuir esta valorização deste momento histórico pela ascensão à presidência de Getúlio Vargas em 3 de novembro do mesmo ano, inaugurando o que seria conhecido como Era Vargas, que duraria até o ano de 1945 (LINS, 2025).

Em Itabirito, inspirados pelos ideais da geração “revolucionária”, contra a “velha guarda”, representada por Theodoro Alves Junior, Alberto Woods Soares, alinhado às novas políticas de Getúlio Vargas, assume a prefeitura da cidade, sem contar com a Câmara Municipal, que ficaria fechada até 1935, quando terminou o seu mandato.

Woods seria então o responsável por promover grandes mudanças no centro itabiricense, sendo o responsável pela criação do traçado urbano central que encontramos atualmente, com o feitiço de uma série de obras (figura 52), como calçamentos de rua, retificação de cursos d’águas, abertura de estradas, interligação de bairros com a área urbana, construção da Avenida Queiroz Júnior, construção do hospital da cidade, consolidação dos campos de futebol, entre outros feitos (LINS, 2025).

A partir deste período, Itabirito passaria por um contínuo processo de expansão, chegando a marca de 53.365 habitantes no ano de 2022 (IBGE). Ao longo desse processo, diversas modificações aconteceram no traçado da cidade e de suas construções, perdendo grande parte de sua herança colonial, que seria parcialmente mantida apenas no antigo centro da antiga Itabira do Campo, provável fruto do esvaziamento que o mesmo sofreu a partir da metade do século XIX.



Figura 52: Rua Doutor Guilherme, sendo respectivamente um retrato de 1920, anterior a emancipação de Itabira do Campo, e a seguinte na década de 1930, após a troca de todo seu calçamento de pé de moleque para bloquetes; Autores desconhecidos; Fonte: AHI – Acervo Histórico de Itabirito. Disponível em: <https://ahi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por>. Acesso em: 20 out. 2025.

Retomando as mudanças ocorridas na Matriz de Boa Viagem, a mesma teria como marco no século XX uma intensa lista de reformas em busca de uma modernização do templo para atender as demandas da “nova era de Itabirito”, visto a própria modernização que ocorria em seus arredores (figura 53 e 54).

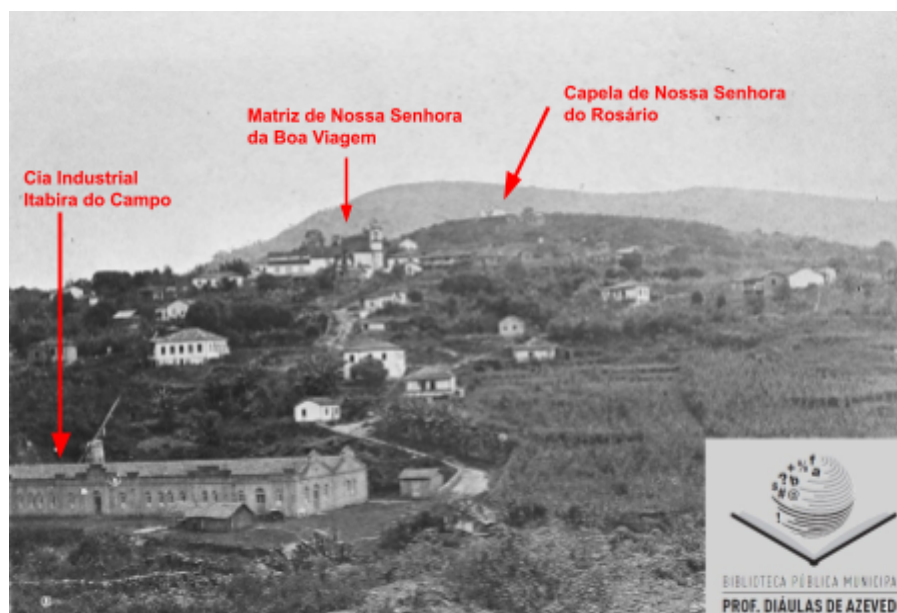


Figura 53: Itabirito - Vista Parcial - Década de 1920; Autor Desconhecido; Fonte: AHI – Acervo Histórico de Itabirito. Disponível em:

<https://ahi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por>. Acesso em: 20 out.

Imagem modificada pelo autor

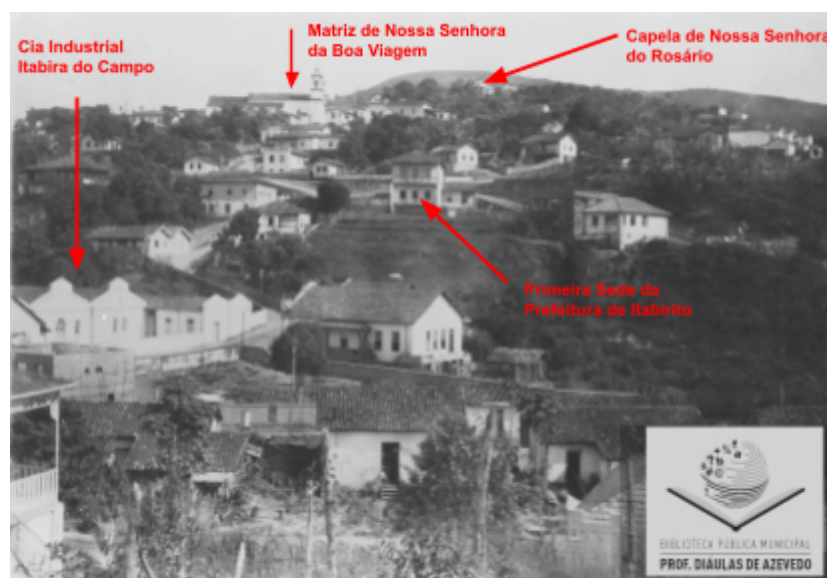


Figura 54: Itabirito - Vista Parcial - Década de 1930; Autor Desconhecido; Fonte: AHI – Acervo Histórico de Itabirito. Disponível em: <https://ahi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por>. Acesso em: 20 out. Imagem modificada pelo autor.

Durante a regência do Padre Antônio Firmino Mota, entre os anos de 1936 e 1941, o pároco foi responsável por mudanças drásticas no interior da matriz, realizando-se um processo de expansão da Matriz e aumento de vãos em sua estrutura existente (figura 55), como indicado por FIORILLO (1996).

...Trabalho este que consistiu em demolir uma grossa parede que fechava a antiga Sacristia e construir dois arcos que além de ter função estrutural, servem também para ornamentar a imponente arquitetura interna da nossa Igreja Matriz. Este trabalho por determinação do Pároco ficou sob a responsabilidade do Sr. José Luiz dos Reis, conceituado Mestre de obras desta terra (FIORILLO, 1996, pg 141)



Figura 55: Arcos do presbitério da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG);

Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.

Além disto, Mota foi responsável pela substituição de diversos mobiliários, como bancos, confessionários e genuflexórios, da aquisição de um cofre que estaria instalado na entrada do templo, da instalação de uma novo batistério e a instalação da primeira sonorização elétrica do templo, adquirida da S/A Philips do Brasil, substituindo a tradição de execuções de celebrações puramente acústicas (FIORILLO, 1996).

Apesar de não especificado em registro, podemos deduzir pela compra do batistério, que um cômodo anexo existente junto à capela lateral do lado do evangelho (figura 56) tenha sido edificada neste momento para abrigar o novo mobiliário, que pode ter se utilizado de um vão de porta para o interior da nave da igreja, ao qual hoje se encontra tamponada. Posteriormente, este cômodo seria transformado em depósito, com sua porta transferida definitivamente para o exterior da igreja, e o batistério sendo realocado para um outro anexo construído na década de 1950.



Figura 56: Lateral Esquerda (evangelho) da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG); Destaque para o anexo provavelmente construído durante o paróquiato do Padre Padre Antônio Firmino Mota (1936-1941)

Fonte: FIORILLO, Miguel Ângelo, Telhado da Matriz; Facebook, 08 jan. 2025. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=4042842392660233&set=pb.100008035362364.-2207520000&type>

≡3. Imagem modificada pelo autor.

Seguindo-se as reformas do Padre Mota, Padre Antônio Faustino dos Reis, regente da matriz entre 1944 e 1945 e de 1951 a 1967, impulsionou novas reformas na igreja, sendo sua primeira mudança, a instalação de um púlpito de cedro, ainda presente no altar mor da matriz, inaugurado pelo Padre Francisco Lage, durante a Festa da Padroeira, em agosto de 1945 (FIORILLO, 1996).

Após a abertura dos arcos no presbitério da igreja (figura 54), a sacristia, localizada na capela lateral do lado do evangelho (a esquerda de quem entra), ficara em espaço demasiado aberto em relação ao restante da igreja, desta forma, em um período da década de 1950, Padre Faustino dos Reis realizou a construção de um pequeno quarto aos fundos da torre do lado do lado do evangelho (figura 57), para se servir de sacristia provisória (FIORILLO, 1996). Este cômodo seria posteriormente transformado no atual batistério da igreja.



Figura 57: Lateral Esquerda (evangelho) da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG); Destaque para o anexo construídos durante o paróquiato do Padre Antônio Firmino dos Reis (1944-1945 1951 - 1967)

Fonte: FIORILLO, Miguel Ângelo, Telhado da Matriz; Facebook, 08 jan. 2025. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=4042842392660233&set=pb.100008035362364.-2207520000&type>

≡3. Imagem modificada pelo autor.

Entre os anos de 1951 e 1967, Padre Antônio Faustino dos Reis inicia um processo de restauração da matriz, liderado pelo restaurador Jair Inácio, aclamado restaurador fundador da Fundação de Artes de Ouro Preto (FAOP) (CECCONELLO et al, 2005).

Acompanhando-se as capelas laterais, que tiveram seu assoalho de madeira substituído por ladrilhos no ano de 1915, a nave da igreja teve seu piso totalmente substituído por ladrilhos, padronizando o chão da igreja (CECCONELLO et al, 2005). Nos registros existentes, não é claro se ocorreu uma nova substituição de ladrilhos nas capelas laterais para se alcançar a padronização relatada, ou se apenas a nave da igreja teve seu piso trocado.

No entorno do altar da antiga capela do santíssimo (capela lateral à direita de quem entra), é possível encontrar uma área de ladrilho que foi mantida até os dias atuais (figura 58). Apesar de não existirem registros de qual período este piso foi instalado, é possível encontrar ladrilhos similares em outras igrejas próximas de Itabirito, como a Igreja de Santa Efigênia, em Ouro Preto (MG). Esta mesma igreja passou por processos de restaurações coordenadas pelo restaurador Jair Inácio no ano de 1958 (AMARAL, 2017). Apesar de também não terem sido encontrados registros dos ladrilhos presentes na Igreja de Santa Efigênia serem de autoria de Jair Inácio, pode-se teorizar que estes ladrilhos possam ter vindo do mesmo fornecedor, ou se inspiraram em uma referência em comum.



Figura 58: Comparação entre Ladrilho da antiga capela do santíssimo da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG) e Ladrilho da sacristia e corredores laterais da Igreja de Santa Efigênia (Ouro Preto/MG);

Fonte: Arquivo Pessoal.

A mudança do piso da nave também acarretou na retirada dos balaústres torneados de jacarandá das laterais da nave da igreja (FIORILLO, 1996). Em seu livro de memórias, SILVA (1996) detalha que a retirada dos balaústres e aumentos nas capelas laterais da matriz muito se deram devido a necessidade de comportar um número crescente de fiéis da cidade de Itabirito, que se encontrava em momento de expansão.

Visando-se uma melhor distribuição dos espaços da igreja, em 1956 uma nova sacristia é construída ao fundo da Matriz, deixando-se de utilizar a instalação provisória na lateral da torre, ao qual se tornaria um depósito para a igreja (ITABIRITO, 2005).

A partir de fotos de vistas parciais de Itabirito na década de 1930, em comparação com os dias atuais, é possível se notar o aumento da capela do evangelho da matriz, ganhando um novo módulo de 2 janelas no corpo principal da capela, executada em 1945, seguindo-se dos anexos ao lado da torre da Igreja, datados no início do paróquiato do padre Faustino dos Reis, e por fim ao fundo, o acréscimo da nova sacristia de 1956, com adição de mais uma janela ao fundo (figura 59).

Na imagem de 1920, ainda é possível visualizar a porta lateral da nave da matriz, ao qual se mantinha diretamente para o exterior, ao qual se tornou a entrada do batistério da matriz, e a presença de uma janela superior ao corpo da capela lateral, ao qual aparentava um telhado com maior altitude, conectado diretamente ao telhado da nave central.

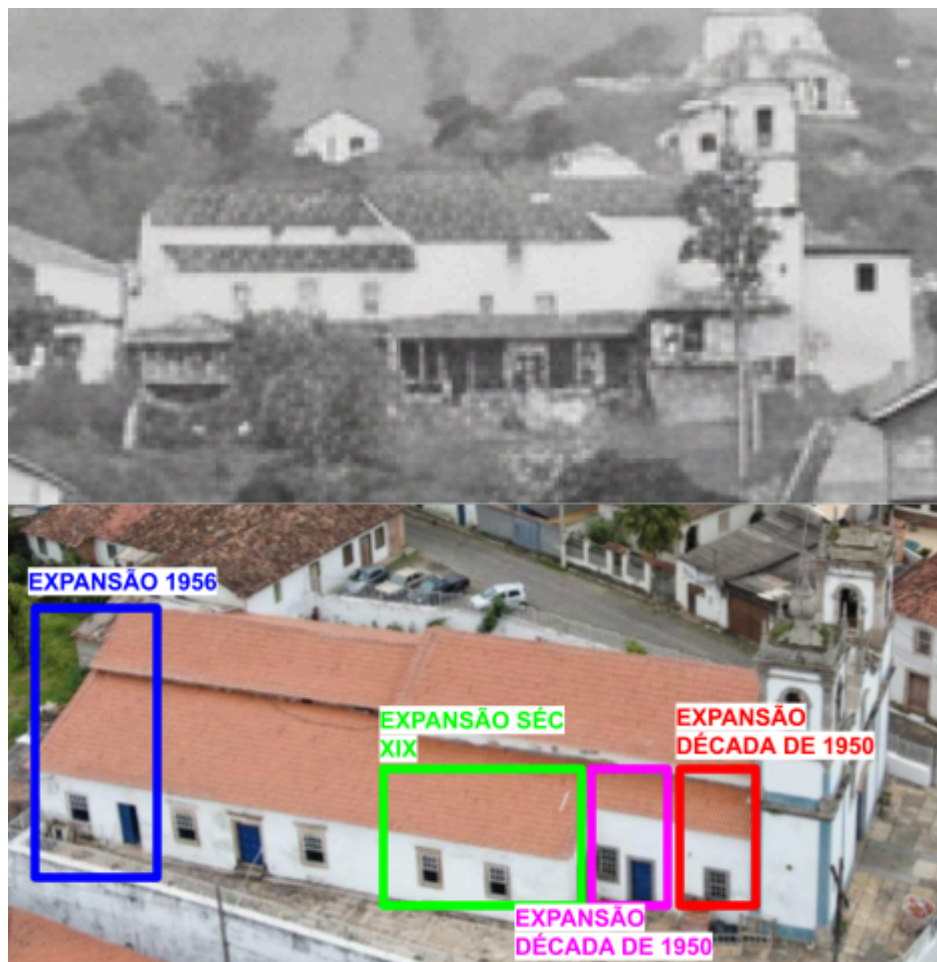


Figura 59: Comparação da lateral esquerda da matriz (em relação a fachada frontal), entre fotografia de 1920 e fotografia atual, com destaques para as expansões realizadas. Fonte de imagens: Itabirito - Vista Parcial - Década de 1920; Autor Desconhecido; Fonte: AHI – Acervo Histórico de Itabirito. Disponível em: <https://ahi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por>. Acesso em: 20 out.; FIORILLO, Miguel Ângelo, Telhado da Matriz; Facebook, 08 jan. 2025. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=4042842392660233&set=pb.100008035362364.-2207520000&type>

≡3. Imagem modificada pelo autor.

Em detalhes, pode-se notar que, para os anexos construídos, a expansão da capela lateral utilizou-se de janelas com vergas e ombreiras de pedra, idênticas às existentes na parte original (figura 60), já nos anexos da lateral da torre, utilizaram-se de vergas e soleiras de concreto, trabalhados de forma a simular a irregularidade das pedras das demais janelas (figura 61), por fim, na janela da nova sacristia, optou-se pela não utilização de vergas e ombreiras visíveis, com acabamento de um alisar de madeira, ao qual não se pode afirmar se foi executado junto com a sacristia ou posteriormente (figura 62).



Figura 60: Janelas da parte estendida da capela do evangelho da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG); Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.

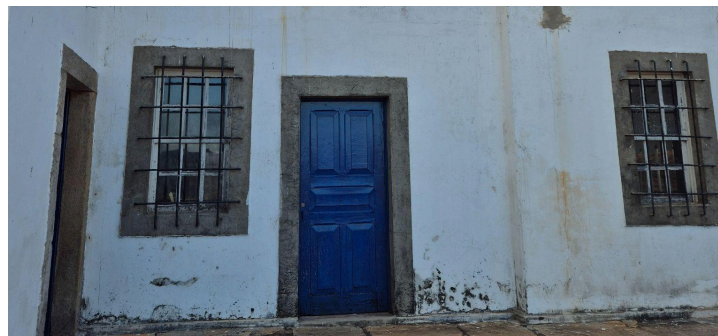


Figura 61: Janelas dos anexos próximos à torre esquerda da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG); Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.



Figura 62: Janelas do anexo do fundo (nova sacristia) da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG); Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.

Jair Inácio ainda seria responsável por um trabalhoso processo de retirada de uma camada de tinta a óleo passada nos retábulos do altar mor, arco-cruzeiro e púlpitos, ao qual tiveram sua pintura banhada a ouro restaurada. Foi neste mesmo período em que o altar de mármore, anteriormente adicionado no ano de 1915 durante a regência do Pe. Randolpho Henrique, foi retirado, sendo reinstalado o antigo em seu lugar de origem (CECCONELLO et al, 2005).

Em um dos poucos registros fotográficos deste momento de restauração, a partir de uma imagem pertencente a um morador de Itabirito, é possível observar a restauração do púlpito do lado do evangelho em processo de restauração (figura 63), ao qual apresentava uma camada, provavelmente branca, de tinta, que encobria a pintura anterior, ao qual podemos observar na atualidade (figura 64), mimetizando-se mármore, com detalhes em douramentos.



Figura 63: Restauo do Púlpito do lado do evangelho da Igreja da Boa Viagem na década de 1960;  
Fonte:RODRIGUES, Pelota; Reforma da Igreja da Boa Viagem na década de 60; Facebook, 31 jul. 2022.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/groups/Memoriaitabirito/permalink/5588191384577045/?rdid=738j6CCV4MDAi3A>

4#



Figura 64: Púlpito do lado do evangelho da Igreja da Boa Viagem;  
Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.

De acordo com ITABIRITO (2005), ainda no ano de 1963, a Igreja Matriz teria seu forro da nave e da capela mor totalmente repintado, sendo o forro da capela mor decorado com a representação da oração da Ave Maria, já o da nave foi-se representado ao centro a Assunção da Virgem, com a pintura de balcões com representações dos Doutores da Igreja Católica.

Durante restauro ocorrido no ano de 2005, fora aberta uma janela de prospecção na pintura do forro da nave, permitindo se visualizar a antiga pintura (figura 65), sendo possível visualizar as figuras de Virgem Maria em mãos postas, tal qual representações comuns de Nossa Senhora da Conceição, além de Jesus e Deus Pai, sendo possivelmente uma representação da Coroação da Virgem.

Neste mesmo restauro, o barrado da cimalha que circulava o forro foi recuperado, retirando-se 2 repinturas (figura 66), ao qual, por questões de preservação de evidências de modificações, tiveram partes preservadas próximas ao Coro da igreja. De acordo com o observado por CECCONELLO et al (2005), a pintura mais recente do barrado, seria do mesmo momento da re-pintura do forro de 1963.



Figura 65: Detalhe da Janela de Prospecção aberta na Pintura Central do Forro da Nave da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG); Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.



Figura 66: Pinturas de Barrado das cimalthas do Forro da Nave da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG), da esquerda para direita, o barrado mais antigo encontrado (marrom), seguindo-se de duas pinturas de diferentes períodos; Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.

Após a regência do Pe. Antônio Faustino dos Reis, em janeiro de 1967, Pe. Francisco Xavier Gomes assumiu a paróquia da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, seguindo a frente deste cargo até o ano de 1982 (SILVA, 1996). Apesar de seu período à frente do templo não ter sido marcado por grandes mudanças construtivas e estilísticas, Pe. Francisco Xavier

Gomes foi responsável pela idealização e movimentação necessária para a Coroação Pontifícia da Imagem de Nossa Senhora da Boa Viagem como Padroeira e Rainha da cidade e do município de Itabirito (FIORILLO, 1996).

O ato de reconhecimento da Imagem de Nossa Senhora da Boa Viagem foi assinado em 01 de setembro de 1978, pelo Papa João Paulo I, sendo seu único ato jurídico durante seu curto governo de 33 dias. A coroação foi realizada em 15 de agosto de 1980 no estádio Dr. Alberto Woods (figura 67), com a presença do Sr. Arcebispo Dom Oscar, representando o Papa João Paulo II (ITABIRITO NOTÍCIAS, 1980).



Figura 67: Coroação Pontifícia da Imagem de Nossa Senhora da Boa Viagem em 15 de agosto de 1980;

Fonte: ITABIRITO NOTÍCIAS. O jornal da cidade do ferro. Fundador: Ivacy Simões. Ano VII, nº 83, agosto de 1980. Disponível em:

<https://ahi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por>. Acesso em 28 out. 2025.

Após a regência do Pe. Francisco Xavier Gomes, a Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem passou por uma curta regência do Pe. Alcides de Souza Reis durante o ano de 1983, sendo em seguida substituído pelo Pe. Miguel Ângelo Fiorillo em Dezembro de 1983 (SILVA, 1996), que se mantém no cargo até os dias atuais. Entre este período, a matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem recebeu a construção de um apêndice a sacristia construída em 1956 para a instalação de um banheiro unissex.

Sobre características culturais, a partir de informações colhidas com Pe. Miguel, temos dentro do seu início de regência, uma expansão dos eventos de coroação. Anteriormente, dedicado apenas a Coroação de Maria, no mês de Maio, por crianças, em Junho de 1985, acontece o primeiro desagravo do coração de Jesus, onde crianças vestidas de príncipe sobem o altar principal, através de escada montada a frente do retábulo, tal qual na coroação de Maria. Este evento tornou-se tradição entre a comunidade paroquial, ocorrendo até os dias atuais.



Figura 68: Primeiro Desagravo do Coração de Jesus na Igreja da Boa Viagem; Junho de 1985;

Fonte:FIORILLO, Miguel Ângelo; Facebook, 29 jun. 2025. Disponível em:

<https://www.facebook.com/miguelangelo.fiorillo/posts/pfbid07Z3ykRe1x6J2vBUgHHwjeN6MCq4sehNoY7xu5UwvtDn2p4qx4HRkjBwxsqu9eWKI>

Sobre as modificações no templo a partir do início da regência do Pe. Miguel, teríamos entre os anos de 1984 e 1997, na regência do atual pároco Padre Miguel Ângelo Fiorillo (1983 - atualidade), necessitando-se de novas reformas para garantir-se a integridade da antiga Matriz, o templo passou por mais uma leva de restauros, coordenados de acordo com a orientação do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (ITABIRITO, 2005).

Em caráter estrutural, a Igreja teve todas as suas paredes reestruturadas, recebendo grampos de ferro (CECCONELLO et al, 2005), além de troca de cerca de 95% do reboco existente e uma nova troca completa do engradamento do telhado, substituído por madeira Parajú (FIORILLO, 1996).

Em caráter estéticos de seu exterior, em entrevista com FIORILLO, o mesmo relata neste mesmo período a inserção da grade em torno do muro do adro da Matriz (figura 69), com o objetivo de se proteger o templo de possíveis invasões. Ainda de acordo com FIORILLO (1996), a fachada da igreja teve suas duas janelas substituídas por janelas de madeira de Ipê, além de treze novas janelas guilhotinas nas laterais do templo, substituindo as esquadrias que se encontravam em péssimo estado. O prédio também foi totalmente repintado, em exceção ao seus elementos artísticos integrados.



Figura 69: Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem; Fonte: CECCONELLO, et al; Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem: dossiê de restauro. Itabirito: Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, 2005.

Em pesquisa realizada ao Arquivo Público Municipal e as redes sociais da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, é possível observar o adro da Igreja em dois momentos, um em que a Igreja não possuía adro fechado, tendo extensa escadaria para acesso ao templo (figura 70), e um outro registro do adro da igreja com um muro baixo em seu entorno, ao qual foi utilizado de base para instalação da grade que contorna o templo na década de 1980 (figura 71).

Ambas as fotografias não possuem registro de autoria ou data, demonstrando mudanças ao qual não foram documentadas entre o período de construção do adro da Igreja pelo Padre Francisco Xavier de Souza na década de 1880 até a inserção da grade em 1980 por Padre Miguel Ângelo Fiorillo.



Figura 70: Adro da Igreja de Nossa Senhora Boa Viagem; Data e autor desconhecidos;  
Fonte: FIORILLO, Miguel Ângelo, Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem; Facebook, 30 abr. 2016.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1729264244018071&set=pb.100008035362364.-2207520000&type=3>



Figura 71: Adro da Igreja de Nossa Senhora Boa Viagem; Data e autor desconhecidos;

Fonte: AHI – Acervo Histórico de Itabirito. Disponível em:

<https://ahi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por>. Acesso em: 26 out. 2025

Ainda em mesma reforma entre os anos de 1984 e 1997, o interior da Igreja sofreu uma substituição de todo o seu piso, até então de ladrilho, sendo novamente substituído por um assoalho de madeira, em excessão da nova sacristia, adequando seu piso aos padrões anteriores do século XVIII, contudo, sem retornar com os jazigos existentes no piso original da nave retirado entre 1951 e 1967 (CECCONELLO et al, 2005).

De acordo com relatos orais da população, durante a troca do piso, foi retirado do interior da Igreja uma porta tapa-vento (Figura 72), feita de madeira com vitrais. Esta porta seria novamente inserida na igreja em Dezembro de 2024, em um novo período de reformas. Em consulta a Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, não foi possível se encontrar datas relativas a primeira inserção da porta tapa-vento no interior da matriz, contudo, pode-se deduzir pelo seu formato e vitrais que se trata de uma peça corresponde a estilos em voga no fim do século XIX.



Figura 72: Porta Tapa-Vento da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG);

Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.

A partir de registros fotográficos de moradores, como casamentos e batizados, além de relatos oferecidos pelos mesmos, foi identificar que, apesar de nos registros oficiais de modificação da Igreja, ser apontado a uniformização do piso da capela em ladrilho existiam, ao menos, 3 tipos diferentes de ladrilhos em seu interior, sendo estes:

- Ladrilhos de estrelas pretas, em fundo branco, com losangos vermelhos (figura 73), ainda encontrado na capela do santíssimo, mas que cobriam toda a extensão das duas capelas laterais, datas prováveis de instalação sendo em 1915 na regência do Pe. Randolfo Henrique, ou a partir de substituição entre 1951 e 1967 na regência do Pe. Antônio Faustino dos Reis orientado pelo restaurador Jair Inácio ;
- Ladrilhos de estrelas pretas, em fundo branco, com losangos pretos (figura 74), anteriormente encontrados na nave da igreja, sendo provavelmente instalados entre 1951 e 1967 na regência do Pe. Antônio Faustino dos Reis orientado pelo restaurador Jair Inácio;
- Ladrilhos brancos, com grafismos florais em verde (figura 75), anteriormente encontrados no altar mor, não sendo possível precisar o período de sua instalação na igreja.



Figura 73: Ladrilho da antiga Capela do Santíssimo da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG);  
Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.



Figura 74: Celebração de Batizado na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG), final da década de 1970/ início da década de 1980; recorte de detalhe do Ladrilho presente na Nave do templo.

Fonte: Arquivo Pessoal de Luiza Marques;



Figura 75: Celebração de Casamento na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG), final da década de 1970; recorte de detalhe do Ladrilho presente no altar mor do templo.

Fonte: Arquivo Pessoal de Luiza Marques;

Ainda na reforma de 1984-1997, foram executadas mudanças no presbitério da Igreja, como a retirada dos degraus de mármore que levavam ao altar mor (figura 76), trocando-os por similares de madeira (figura 77), a troca dos balaústres de madeira reta por balaústres de madeira torneada e troca do piso de ladrilho do altar pôr assoalho de madeira (CECCONELLO et al, 2005).

Além disso, toda a iluminação do templo, anteriormente feita a partir de lâmpadas fluorescentes, foram substituídas por 8 lustres de cristal (figura 78), que seriam posteriormente retirados para novo restauro em 2003, sendo reinstalados nas capelas laterais da igreja (figura 79), com refletores de LED substituindo-os na Nave (CECCONELLO et al, 2005). No exterior, onze lanternas em “estilo colonial” foram inseridas no entorno da Matriz, servindo como iluminação principal para a parte externa (FIORILLO, 1996).



Figura 76: Celebração de Casamento na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG), final da década de 1970; detalhe da escadaria em mármore para acesso ao altar mor do templo.

Fonte: Arquivo Pessoal de Luiza Marques;



Figura 77: Altar Mor da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG), década de 1990;

Fonte: Arquivo Pessoal de Luiza Marques;



Figura 78: Celebração de Casamento na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG), Setembro de 2002; Detalhe de um dos lustres de Cristal instalado na Nave da Matriz;

Fonte: Arquivo Pessoal de Juniana Soares.



Figura 79: Capelas Laterais Esquerda e Direita da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG),

Fonte: Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

Em 2003, necessitando-se de novas reformas devido a Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem foi fechada para a implementação de obras de restaurações, contemplando o coro, o altar mor, nave e pinturas do caixotões da capela mor (ITABIRITO, 2005).



Figura 80: Interior da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG), antes da execução das reformas iniciadas em 2005, Fonte: CECCONELLO, et al; Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem: dossiê de restauro. Itabirito: Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, 2005.

A partir do dossiê de restauração elaborado por CECCONELLO et al (2005), podemos ter uma visão detalhada de todos os itens que foram restaurados, tendo a finalização dos trabalhos ao final do ano de 2005. Ainda neste documento, foram apontados os principais problemas encontrados no templo em questão, sendo estas:

- Elementos artísticos integrados apresentando diversos agentes patológicos, como presença de insetos xilógrafos e fungos, comprometendo mais de 80% da madeira, com contaminação avançada;
- Fiação do sistema elétrico em péssimo estado de conservação, sendo datada da primeira eletrificação do templo;
- Necessidade de eventuais retoques na estrutura.

Com isto, o templo passou por um extenso processo de limpeza de todos os elementos artísticos, com ajuda de trinchas e aspirador de pó, foram executados processos de imunização das madeiras do templo através de produtos químicos e fungicidas, troca de todo o sistema elétrico do templo e outras reformas menores. Os elementos artísticos passaram por reintegração e fixação de policromia, além de passagem de camadas de verniz para a proteção dos elementos artísticos integrados (CECCONELLO et al, 2005).

Alguns elementos artísticos optou-se pela exclusiva limpeza, ao em vez de uma recuperação de policromia, como foi o caso do forro da nave, de pintura atual pertencente a década de 1960, ao qual, mesmo após a abertura de janela de prospecção (figura 64), por incertezas acerca do estado da pintura encontrada ao fundo da pintura atual, foi decidido realizar apenas a higienização e aplicação de químicos e fungicidas na madeira, preservando a pintura mais recente (CECCONELLO et al, 2005).

Assim como anteriormente citados, os lustres de cristais que compunham a iluminação da nave foram retirados para restauração (CECCONELLO et al, 2005), sendo integrado posteriormente apenas nas capelas laterais da matriz.

Entre os pontos de maior destaque desta restauração podemos pontuar:

- Restauração do forro do teto do coro, com com higienização, limpeza, remoção de ceras, nivelamento, refixação e reintegração da policromia, com finalização com aplicação de verniz de proteção;
- Restauração do forro em caixotões da capela mor, com higienização, limpeza, remoção de ceras, nivelamento, refixação e reintegração da policromia, com finalização com aplicação de verniz de proteção (figura 80);



Figura 81: Em sequência, Caixotões da Capela Mor da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG), antes da execução das reformas iniciadas em 2003, e caixotões no atual estado.

Fontes: CECCONELLO, et al; Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem: dossiê de restauro. Itabirito: Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, 2005. Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

- Restauração do retábulo do altar mor, com higienização, limpeza das talhas policromadas e douradas, refixação de douramento, obturação de lacunas, nivelamento das áreas obturadas e imunização do suporte (figura 82, 83 e 84);



Figura 82: Em sequência, Retábulo da Capela Mor da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG), antes da execução das reformas iniciadas em 2003, e retábulo no atual estado.

Fontes: CECCONELLO, et al; Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem: dossiê de restauro. Itabirito: Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, 2005. Arquivo Pessoal; 27 de Julho de 2025.



Figura 83: Em seqüência, Detalhe de um dos atlantes do retábulo da Capela Mor, antes da execução das reformas iniciadas em 2003, e seu atual estado.

Fontes: CECCONELLO, et al; Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem: dossiê de restauro. Itabirito: Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, 2005. Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

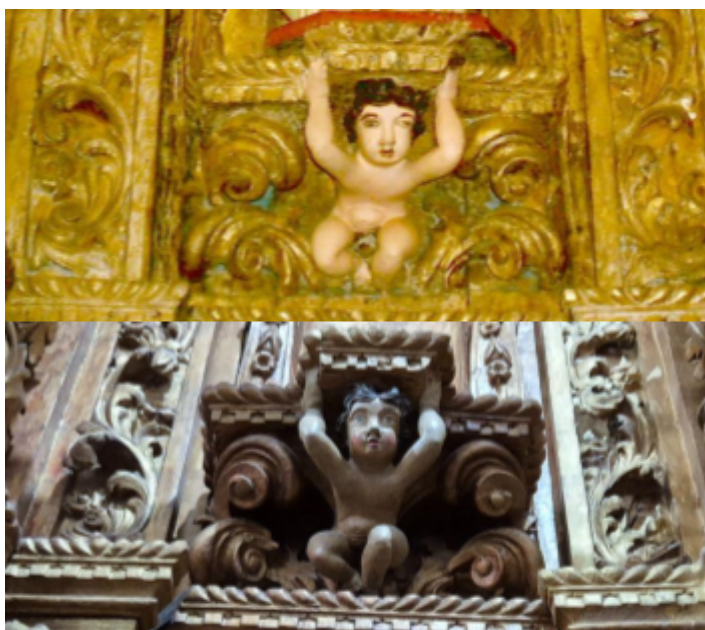


Figura 84: Em seqüência, Detalhe de um dos atlantes do retábulo da Capela Mor, antes da execução das reformas iniciadas em 2003, e seu atual estado.

Fontes: CECCONELLO, et al; Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem: dossiê de restauro. Itabirito: Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, 2005. Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

- Restauração do conjunto de retábulos integrados ao arco-cruzeiro (retábulo de São Miguel e retábulo de N. S. da Conceição), com higienização, limpeza das talhas policromadas e douradas, refixação de douramento, obturação de lacunas, nivelamento das áreas obturadas e imunização;

- Restauração do altar lateral da epístola (altar de Santo Antônio), com higienização, limpeza, refixação e reintegração de policromia e douramentos, reforço de suportes, nivelamento e aplicação de verniz de proteção (figura 85);



Figura 85: Em sequência, o altar lateral de Santo Antônio, antes da execução das restaurações iniciadas em 2003, e seu atual estado. Fontes: ITABIRITO, Secretaria Municipal de Patrimônio, Cultura e Turismo; Processo de tombamento: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem. Prefeitura Municipal de Itabirito; Itabirito (MG), 2005. Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

- Restauração do altar lateral do evangelho (altar de N. S. da Conceição), com higienização, limpeza, refixação e reintegração de policromia e douramentos, reforço de suportes, nivelamento e aplicação de verniz de proteção (figura 86);



Figura 86: Em sequência, o altar lateral de N. S. da Conceição, antes da execução das restaurações iniciadas em 2003, e seu atual estado. Fontes: ITABIRITO, Secretaria Municipal de Patrimônio, Cultura e Turismo; Processo de tombamento: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem. Prefeitura Municipal de Itabirito; Itabirito (MG), 2005. Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

- Recuperação da cimalha do forro da nave e restauração da pintura do barrado, com higienização, limpeza, obturação, imunização, nivelamento, reintegração de policromia e aplicação de verniz de proteção (figura 87);



Figura 87: Em sequência, Cimalha do forro da Nave da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG), antes da execução das reformas iniciadas em 2003, e seu atual estado. Fontes: CECCONELLO, et al; Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem: dossiê de restauro. Itabirito: Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, 2005. Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

- Recuperação do forro da Entrada (Nártex), com higienização, limpeza, obturação, imunização, nivelamento, reintegração de policromia e aplicação de verniz de proteção (figura 88);



Figura 88: Em sequência, Forro do Nártex da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG), antes da execução das reformas iniciadas em 2003, e seu atual estado.

Fontes: CECCONELLO, et al; Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem: dossiê de restauro. Itabirito: Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, 2005. Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

- Recuperação do forro da capela do santíssimo, com higienização, limpeza, obturação, imunização, nivelamento, reintegração de policromia e aplicação de verniz de proteção (figura 89);



Figura 89: Em seqüência, Forro da antiga sacristia da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG), antes da execução das reformas iniciadas em 2003, e seu atual estado.

Fontes: CECCONELLO, et al; Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem: dossiê de restauro. Itabirito: Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, 2005. Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

- Restauração do altar da capela do santíssimo, com higienização, limpeza, refixação e reintegração de policromia e douramentos, reforço de suportes, nivelamento e aplicação de verniz de proteção;

Durante execução de relatórios técnicos de restauração do templo, CECCONELLO et al apontam que ambos os forros da Capela Mor e da Nave apresentam formatos que fogem da tipologia de abóbada de berço, um dos tipos mais comuns relativos à época da execução do templo, tendo estes formatos que seguem as águas do telhado, com parte central horizontal. CECCONELLO sugere que estes forros podem ter sofrido mudanças de formato anteriores, tendo vestígios de antigas pinturas apenas no forro da Nave.

A partir de comparações exteriores entre fotos atuais da Matriz e a documentação presente no dossiê de tombamento da Matriz de 2005, junto a relatos do Pároco da Matriz, Miguel Fiorillo, podemos pontuar algumas mudanças externas, que em sua grande maioria, tiveram objetivos estéticos, a fim de se preservar e valorizar a aparência do templo setecentista. Entre elas temos:

- Remoção permanente das 11 lanternas presentes na parede do templo e substituição por holofotes implantados no chão do adro;
- Remoção da camada cimentícia que recobria o chão do adro da igreja, substituindo-os por lajes de pedra irregulares (figura 90);



Figura 90: Em sequência, Lateral Esquerda (de quem entra) do Adro da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG), antes da execução das reformas iniciadas em 2003, e seu atual estado.

Fontes: ITABIRITO, Secretaria Municipal de Patrimônio, Cultura e Turismo; Processo de tombamento: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem. Prefeitura Municipal de Itabirito; Itabirito (MG), 2005. Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

- Pintura da grade de fechamento do adro, anteriormente em tom de pêssego, para um pintura preta, com pontas das grades em dourado (atualmente as grades se encontram brancas com pontas pretas) (figura 91);



Figura 91: Em sequência, fachada principal da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG), antes da execução das reformas iniciadas em 2003, durante a reforma em 2005 e seu atual estado.

Fontes: ITABIRITO, Secretaria Municipal de Patrimônio, Cultura e Turismo; Processo de tombamento: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem. Prefeitura Municipal de Itabirito; Itabirito (MG), 2005. Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

Em um período não especificado, entre a restauração de 2005 e 2024, a sacristia construída em 1956 foi repartida, criando-se uma nova sacristia ao fundo da igreja, passando o altar anterior do santíssimo a ser utilizado apenas como altar para uma imagem do Senhor dos Passos. Também foi confeccionado um novo apêndice de construção para se instalar um banheiro feminino, sendo o banheiro unissex passando a funcionar apenas como banheiro masculino.

Necessitando-se de novas manutenções, de acordo com relatos do Pároco Miguel Fiorillo, em 2024 a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem iniciaria um novo processo de restauração e manutenções técnicas, ao qual passariam por reformas estruturais e artísticas.

Em Março de 2024, foi realizada na Igreja Matriz uma vistoria técnica, para realização de um parecer sobre a atual situação do templo, e reformas necessárias. Em primeira instância, a maior necessidade encontrada se deu na reforma do telhado da matriz, ao qual apresentava extensos desgastes desde sua última modificação.

Em inspeção nas paredes da Capela Mor, o Pároco Miguel Fiorillo relatou a descoberta de pinturas decorativas nas paredes da capela, ao qual foram documentadas, para que pudessem ser tomadas providências sobre o processo a ser realizado com estas pinturas (figura 92).



Figura 92: Pinturas encontradas na Capela Mor da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG) durante processo de inspeção do imóvel;

Fonte: Arquivo Pessoal. 11 de Março de 2024.

Em agosto de 2024, iniciaram-se novas obras de troca de todas as telhas da Matriz (figura 93), sendo financiadas através de recursos da própria paróquia, Prefeitura Municipal de Itabirito e Empresas particulares, como a Herculano Mineração. Realizaram-se também manutenções preventivas nas paredes do templo e do engradamento do telhado. A finalização desta obra se daria apenas em Março de 2025 (ARCANJO, 2025).



Figura 93: Vista Posterior da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG) durante a reforma de seu telhado;

Fonte: Arquivo Pessoal. 25 de Outubro de 2024.

Em Setembro de 2024, Fiorillo anunciou a comunidade o início das obras de restauro das pinturas encontradas na Capela Mor da Matriz, obra ao qual foi financiada em parceria da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem e a Minar Mineração Arêdes Ltda, tendo como responsável técnica a Restauradora Maria Eduarda Mol Avelar.

Em visita à Matriz de Boa Viagem em Maio de 2025, Eduarda Mol explicou seus estudos sobre a possível data das pinturas descobertas em restauração (figura 94). De acordo com a mesma, as pinturas do presbitério utilizam-se de uma técnica de pintura com estêncil, uma espécie de molde vazado utilizado na pintura, comumente usado em pinturas do início do século XX.



Figura 94: Capela Mor e presbitério da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG) (lado da epístola) durante processo de restauração da pintura decorativa.

Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.

Ainda de acordo com Mol, a partir dos padrões encontrados nos barrados de acabamento da pintura, uma data provável de execução das mesmas seria em momento aproximado ou anterior à pintura do forro da nave, de 1963, ao qual apresentavam desenhos similares no barrado da cimalha do forro, retirado em 2005 (figura 95). Descartando-se ainda a possibilidade destas pinturas terem sido executadas anteriormente a 1941, quando os arcos laterais da igreja foram abertos, visto que o desenho executado na pintura segue seu formato.



Figura 95: Comparação entre os padrões de pintura do presbitério e do Forro da Nave da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG).

Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.

Mol, em pesquisa junto a Restauradora Júlia Oliveira, ao qual trabalha em conjunto no processo de restauração das pinturas da Capela Mor, atestam a partir de fotografias antigas do acervo familiar de Júlia Oliveira, que os arcos internos da Matriz apresentavam até meados da década de 1970, pinturas que mimetizam cantaria em pedra (figura 96), ao qual, infelizmente, devido aos diversos processos de lixamento e pintura dos arcos, foram completamente perdidos.



Figura 96: Comparação entre uma fotografia antiga e o atual estado do presbitério da Nave da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG).

Fonte: Arquivo Pessoal de Júlia Oliveira. Maio de 2025.

Em dezembro de 2024, de acordo com o Pároco Miguel Fiorillo, aproveitando-se das reformas iniciadas no templo, com ajuda dos fiéis da comunidade, restituiu a porta tapa-vento da igreja, anteriormente retirada na reforma de 1984, ao qual estivera guardada entre este tempo no depósito da igreja, tendo sido necessário uma reconstituição de partes faltantes que se perderam com o tempo, trabalho este realizado pelo marceneiro Sr. Geraldo Fileto. Miguel Fiorillo também realizou outras reformas, como a recuperação da balaustrada do coro e do assoalho da matriz, ambos afetados por agentes biológicos, como cupins.



Figura 97: Processo de reintegração da porta tapa-vento Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG);

Fonte: Arquivo Pessoal de Miguel Ângelo Fiorillo. 09 de Dezembro de 2024

Em Maio de 2025, durante os processos de restauração do interior da Igreja, a restauradora Eduarda Mol, a pedido do Pároco Miguel Fiorillo, executou a abertura das janelas de prospecção nas paredes da nave e da capela lateral direita (capela do santíssimo). Durante esta abertura, foi possível encontrar pinturas de barrados abaixo da camada de tinta branca (figura 98).

De acordo com o Pe. Miguel Fiorillo, estas pinturas encontradas serão posteriormente restauradas, assim como a pintura da Capela Mor. A previsão da execução deste restauro se dará após a finalização da restauração da capela mor, dependendo-se apenas da arrecadação de verbas para a contratação do serviço.



Figura 98: Janelas de Prospecção abertas, respectivamente, na Nave e capela lateral direita (capela do santíssimo) da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG).

Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.

Em Outubro de 2025, Pe. Miguel Fiorillo relata a contratação de Eduarda Mol para a execução de uma nova pintura no camarim do retábulo da Capela Mor, com prévia autorização da Secretaria de Patrimônio e Turismo de Itabirito, com o objetivo de uniformizar a estética interna, se inspirando nos desenhos presentes no arco-cruzeiro e seus altares (Figura 99).



Figura 99: Camarim do Retábulo Mor da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito/MG).

Fonte: Arquivo Pessoal. 05 de Novembro de 2025.

No mesmo mês, seguindo-se conselhos dos restauradores, novos lustres de cristal âmbar foram comprados para se integrarem a Nave da Matriz (figura 100), a fim de substituir a iluminação por holofotes, ao qual, de acordo com a restauradora Eduarda Mol, podem acarretar na degradação acelerada das pinturas do interior da Matriz.



Figura 100: Novos Lustres de Cristal Âmbar da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem antes da instalação. (Itabirito/MG). Fonte: Arquivo Pessoal. 05 de Novembro de 2025.

#### **4. ANÁLISE ARQUITETÔNICA ESTILÍSTICA DA MATRIZ DA BOA VIAGEM**

Para além da análise histórica do bem, a fim de se complementar o material organizado, se faz necessário o estudo de sua forma atual em caráter arquitetônico e estilístico, cruzando os registros existentes com os indícios materiais de modificações e expansões presentes em todo o bem em análise.

Para tal, foram realizadas visitas de levantamento na Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem entre os meses de Maio e Novembro de 2025, realizando-se registros fotográficos da Igreja e seus arredores, além da medição de seus elementos; estes dados então foram utilizados para a constituição de modelos bidimensionais e tridimensionais da Matriz, a fim de auxiliar na análise do objeto arquitetônico.

Inicialmente, utilizando-se dos dados coletados no local juntamente com dados do levantamento realizado por CECCONELLO et al (2005) para o Restauro ocorrido no mesmo ano, foi possível confeccionar através do programa de desenho técnico AutoCAD uma planta atualizada da Matriz, contendo maneira simplificada as dimensões básicas gerais da edificação (Figura 101).

A fim de organizar a análise da edificação, utilizamos como referência a vista da fachada frontal para localizar os demais lados do templo, sendo desta maneira convencionado, adotar o lado do evangelho do templo como a fachada lateral esquerda e o lado da epístola como a fachada lateral direita.



Figura 101: Planta Baixa - Térreo - Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito / MG

Fonte: Autoria própria.

Dando continuidade a esquematização dos dados, o levantamento fotográfico realizado foi utilizado para criar uma base de nuvens de pontos para criação de um modelo 3d pelo processo de fotogrametria no programa Agisoft Metashape (Figura 102).

Este modelo, após escalonamento realizado a partir das medidas coletadas in loco, foi utilizado para a criação das Ortofotos da fachada frontal e de ambas as fachadas laterais da

edificação (figuras 103, 104 e 105), auxiliando tanto na análise comparativa entre as partes externas da edificação, quanto para a criação da representação bidimensional simplificada da fachada no programa AutoCad e da modelagem esquemática da edificação atual no programa de modelagem SketchUp (figura 105), que será posteriormente utilizada para a modelagem esquemáticas das hipóteses evolutivas da edificação.



Figura 102: Modelo Tridimensional Georreferenciado gerado no Programa Agisoft Metashape - Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito / MG

Fonte: Autoria própria.





Figura 105: Ortofoto - Fachada lateral esquerda (evangelho) da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito / MG - gerada a partir do Programa Agisoft Metashape;  
Fonte: Autoria própria.



Figura 106: Modelo Tridimensional gerado no Programa SketchUp - Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito / MG  
Fonte: Autoria própria.

A apresentação da planta-baixa atual do templo, levantamentos através de ortofotos e modelagem tridimensional da mesma apresentam-se no Apêndice A.

A partir dos dados inicialmente apresentados, unindo-se com a análise histórica da edificação e relatórios técnicos realizados pela prefeitura de Itabirito e demais empresas privadas que participaram de reformas das últimas duas décadas da edificação, como os dossiês de tombamento da prefeitura de Itabirito e o dossiê de Restauro do bem, ambos de 2005, discorrem-se as seguintes análises.

#### 4.1. ANÁLISE CONSTRUTIVA E VOLUMÉTRICA DO BEM

Instalada no centro do núcleo urbano original da antiga Itabira do Campo, atual Itabirito, a Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem está situada em terreno de forte aclive ao final da Praça Dom Silvério, assentada sobre aterro, dentro de um pequeno adro de Perímetro irregular, cercado por um muro de alvenaria de pedra revestido com argamassa e pintura branca a base de cal, acima do mesmo está instalado uma grade de ferro pintadas na cor branca com pontas pretas (figura 107). A fachada posterior faz divisa com terrenos residenciais (Figura 108).



Figura 107: Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem ao fim da Praça Dom Silvério;

Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.



Figura 108: Fundos da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem vistas a partir do fim da Travessa São Benedito;  
 Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.

Seu acesso principal se dá por uma pequena escadaria em blocos de pedra, com portão em grade isolando o adro. Em sua lateral esquerda ocorre a instalação de um pequeno chafariz seco, logo após a entrada do adro em mesmo lado, localiza-se fixada ao solo uma cruz em madeira. Na lateral direita do adro, existe um segundo acesso, também gradeado (figura 109). A igreja é cercada por duas ruas, a Travessa São Benedito e a Rua Sete de Setembro (figura 110), sendo essas ruas e suas edificações parte integrante do conjunto de tombamento do centro histórico de Itabirito.

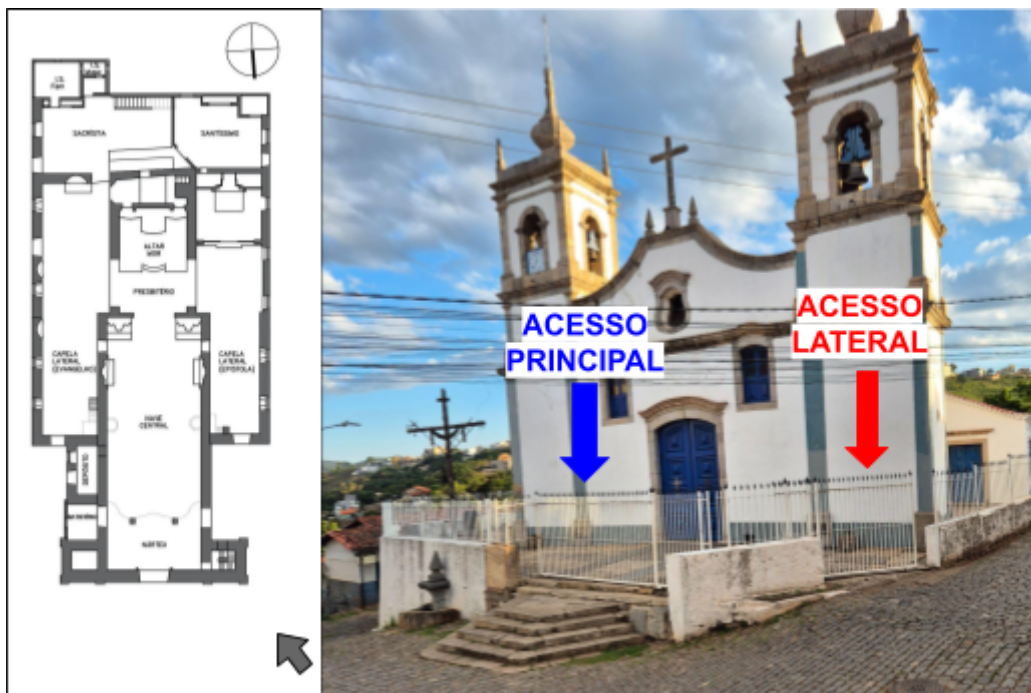


Figura 109: Acessos ao Adro da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem.;

Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.



Figura 110: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem e Perímetro de Tombamento Municipal do Centro Histórico de Itabirito;

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABIRITO; UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Web Gente Itabirito. Disponível em: <https://webgente.itabirito.genteufv.com.br/>. Acesso em: 08 jan. 2026.

Modificado por: Victor José Silva Soares. Data: Janeiro de 2026.

Através da Rua Sete de Setembro podemos ver em sua subida a torre lateral direita da igreja, a qual moradores do entorno, indagados sobre a presença do templo, marcam a vista como um dos pontos de referência paisagística da região (figura 111). No encontro da Rua Sete de Setembro com a Praça Dom Silvério é possível acessar a edificação pelo portão de correr presente na grade ao qual dá acesso a edificação em nível, evitando-se as escadarias da entrada principal.

Já na Travessa São Benedito podemos visualizar o grande muro de arrimo que sustenta o aterro do Adro da Igreja (figura 108), executado a mando de Pe. Francisco de Xavier de Souza entre 1882 e 1892, a fim de se regularizar os desníveis que existiam no entorno da igreja (SILVA, 1996). Nesta mesma Rua é possível visualizar os fundos da igreja, fazendo divisa com um terreno que contém edificações residenciais de posse paroquial, o que permitiu a criação de anexos que abrigam os banheiros da igreja, avançando os limites do terreno da matriz, se aproveitando do quintal destas residências.



Figura 111: Subida da Rua Sete de Setembro em direção a Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.



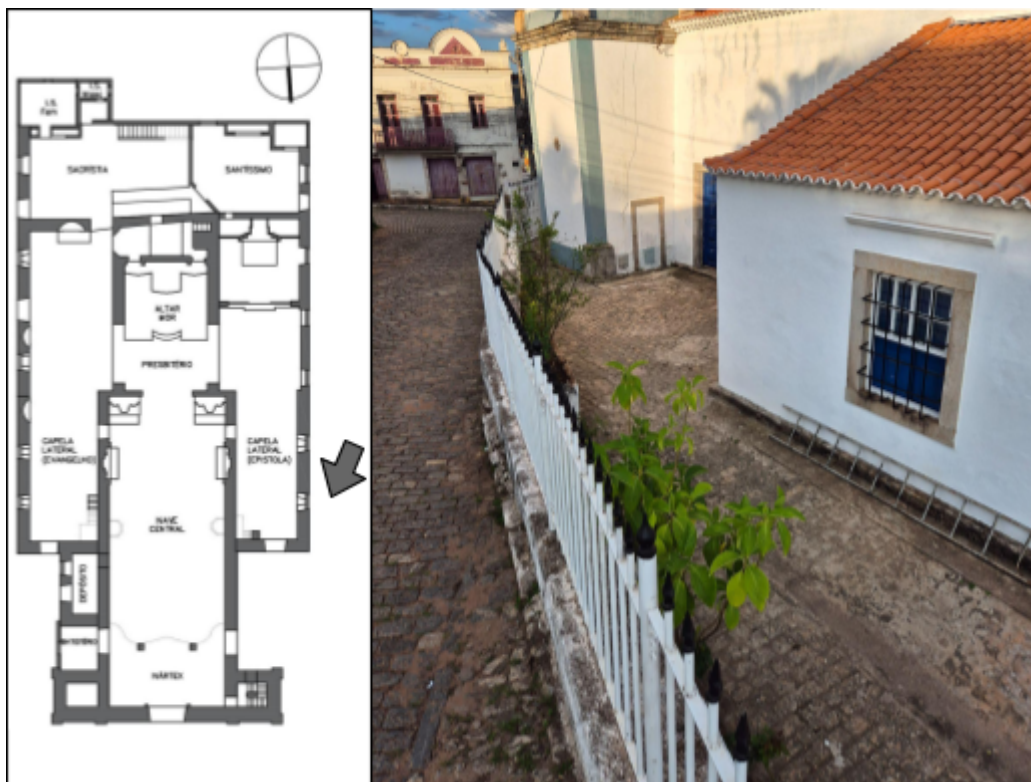


Figura 113: Lateral direita da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem - fachada lateral direita - vista da Rua Sete de Setembro em conexão com a Praça Dom Silvério;

Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.

De acordo com o Dossiê de Tombamento da Matriz (ITABIRITO, 2005), a edificação mencionada apresenta área construída total de 867,00 m<sup>2</sup>, sendo considerada pelo poder municipal como uma edificação parcialmente alterada, devido às intervenções que ocorreram no templo, como a construção de anexos, substituição de pisos, entaipamento de vãos, abertura de arcos, retirada de balaustrada, entre outros, além de repinturas mal executadas e aplicação de purpurina no douramento de retábulos e altares.

No momento da confecção do dossiê de tombamento do bem revisado em 2005, foram delimitadas diretrizes de intervenções que são permissíveis na totalidade do imóvel, desde que sejam julgadas necessárias pelo órgão fiscalizador, desde que se harmonizem com o objeto tombado, bem como aquelas que visem diretamente à conservação, valorização e salvaguarda do imóvel.

A matriz é protegida municipalmente através do Decreto Municipal 3376 de 10 de Dezembro de 1999, retificado a partir do Decreto Municipal nº 7694 de 17 de Março de 2006. Instituído-se o perímetro de tombamento e as diretrizes iniciais de intervenções no bem.

A região do entorno da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem também é protegida através da Lei 3325/2019, sendo a Lei de Uso e Ocupação do Solo do município de Itabirito, instituindo a Zona Especial de Interesse Histórico (ZEIH) e a Zona Especial de Interesse Histórico - Entorno (ZEIH-Entorno), a qual institui uma série de parâmetros urbanísticos na região que visam a preservação do patrimônio histórico e arquitetônico, composto por edificações, conjuntos urbanos e espaços de relevância para a memória e o significado simbólico do Município.

Em legislação complementar, a Portaria nº 253 de 28 de Julho de 2011 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) que institui a delimitação e diretrizes para a área de entorno da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, insere a Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem como parte integrante do Entorno da Igreja de Nossa Senhora do Rosário (figura 114 e 115), atualmente único bem tombado a nível federal dentro dos limites do distrito sede de Itabirito, desta maneira sendo protegido como parte da paisagem a ser preservada para manutenção do bem histórico.

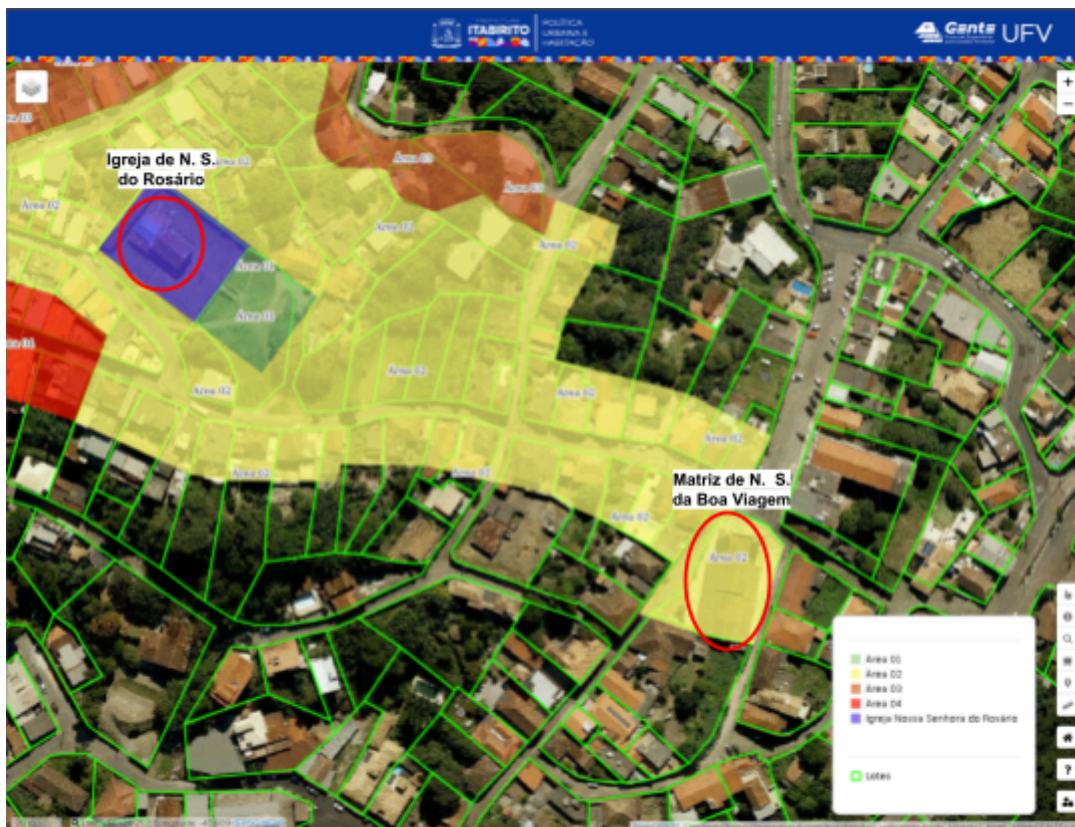


Figura 114: Perímetro de Tombamento Federal da Igreja de Nossa Senhora do Rosário; PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABIRITO; UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Web Gente Itabirito. Disponível em: <https://webgente.itabirito.genteufv.com.br/>. Acesso em: 08 jan. 2026. Modificado por: Victor José Silva Soares. Data: Janeiro de 2026.



Figura 115: Subida da Rua do Rosário vista a partir da frente do Adro da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, na Praça Dom Silvério; Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.

A planta atual da Matriz (figura 102) é formada por uma nave única (figura 116), O coro, acessado pela torre lateral direita, delimita a divisão entre o nártex e o restante da nave, que por sua vez, conecta-se ao altar mor através do presbitério, além disto, apresenta duas capelas laterais, um anexo aos fundos construído em 1956 que abrigam a sacristia, uma nova capela do santíssimo e depósitos se conectando a outros dois anexos menores, fora da área do adro da igreja, que comportam os banheiros da edificação. Posteriormente à torre lateral esquerda ainda se encontram dois anexos que servem como batistério e depósito.

Sua cobertura é realizada em um telhado de duas águas no corpo da nave, seguida de nova cobertura igualmente em duas águas, mais baixa que a anterior, cobrindo a capela-mor, estendendo-se sobre o pavimento superior do anexo da sacristia. As capelas laterais e anexos posteriores à torre esquerda seguem em cobertura de uma água, instaladas logo abaixo da cobertura da capela-mor, seguindo a direção das águas destas. Seus beirais são estreitos e possuem acabamento em beira seveira<sup>22</sup>. As torres apresentam cobertura, cimalhas e coruchéu<sup>23</sup> em pedra.

A nave apresenta uma entrada principal em sua fachada frontal e uma secundária através da fachada lateral direita. Por meio da nave podemos acessar diretamente as duas capelas laterais de forma independente, o batistério da igreja e a torre sineira direita, que dá acesso ao coro e à torre sineira esquerda.

A partir do presbitério ou pelas portas laterais na nave podemos acessar as capelas laterais. A capela lateral esquerda – evangelho – (figura 117) permite o acesso ao fundo do altar mor e a sacristia, construída em 1956 (ITABIRITO, 2005). A capela lateral direita – epístola – (figura 118) apresenta conexão entre a antiga capela do santíssimo e a capela do santíssimo atual através de passagem localizada no altar do senhor dos passos.

---

<sup>22</sup> Beira Seveira: Beiral constituído por camadas de telhas, que, embutidas na ALVENARIA das paredes, se projetam sucessivamente. O mesmo que beira-sob-beira, beira-sobeira ou tríplice telha. ÁVILA, Affonso et al. Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação. 3. ed., rev. e ampl. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996; pg 26.

<sup>23</sup> Coruchéu: Ornamento geralmente de pedra que coroa fachadas, TORRES ou FRONTÕES dos edifícios. PINÁCULO. ÁVILA et al, 1996; pg 34.



Figura 116: Nave da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem;  
 Fonte: Arquivo Pessoal. 02 de Maio de 2025.



Figura 117: Capela Lateral Esquerda – Evangelho – da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, destacando-se a passagem para a sacristia e para a parte posterior do altar mor;  
 Fonte: Arquivo Pessoal; Modificada pelo autor. 02 de Maio de 2025.



Figura 118: Capela Lateral Direita – Epístola – da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, destacando-se a passagem para o santíssimo através de porta oculta no altar do senhor dos passos;

Fonte: Arquivo Pessoal; Modificada pelo autor. 02 de Maio de 2025.

A igreja apresenta dois anexos da década de 1950 aos fundos da torre do lado do evangelho, que servem como batistério, acessado pelo interior da nave central, e depósito da igreja, acessado de forma independente pelo lado externo (figura 119). Temos também a sacristia, interligada a um depósito em seu pavimento superior, onde podemos ter acesso à caixa d'água e acesso ao camarim do altar mor. A sacristia pode ser acessada de forma independente através da fachada lateral esquerda (figura 120).

Interligados à Sacristia temos dois apêndices que comportam os banheiros feminino e masculino do templo (figura 121), além do acesso à capela do santíssimo, construída em parte do espaço da sacristia entre as obras de 2004 e 2024. A mesma pode ser acessada pela fachada lateral direita de forma independente (figura 122).

Internamente, a nave, capela-mor, batistério e capelas laterais têm pisos em tabuado corrido, à exceção da antiga capela do santíssimo, atual altar do Senhor dos Passos, que é revestido em ladrilho hidráulico. A sacristia de 1956 apresenta piso em ladrilho hidráulico no pavimento térreo e piso cimentado no pavimento superior. Anexos dos banheiros e a nova sacristia possuem piso de revestimento cerâmico.





Figura 121: Apêndices que comportam os sanitários da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem; Fonte: Arquivo Pessoal. 12 de Novembro de 2025.



Figura 122: Acesso à nova Capela do Santíssimo da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem; Fonte: Arquivo Pessoal. 12 de Novembro de 2025.

De acordo com o Dossiê de Tombamento da Matriz (ITABIRITO, 2005), a Nave da igreja, altar mor, fundos da capela lateral esquerda e torres são construídas em alvenaria de Pedra, com a presença de alguns vãos taipedados. Já o restante da igreja, excluindo-se os sanitários e algumas paredes internas recentes, são construídas em tijolo maciço.

Considerando-se apenas as partes da igreja executadas em alvenaria de Pedra, e retirando-se a torre lateral esquerda, a respeito da qual temos o relato de sua construção tendo sido executada apenas em 1882 a mando de de Pe, Francisco Xavier de Souza (SILVA, 1996), chegamos a uma configuração de um templo de nave única, com coro acima da entrada e capela mor, uma pequena capela lateral ao lado esquerdo e uma única torre sineira na lateral direita, incorporada de forma “externa” à construção do templo.

Considerando os registros de FIORILLO (1996) que apontam a capela lateral esquerda como a posição de uma antiga sacristia, que foi integrada ao restante da capela entre os anos de 1936 e 1941, além da descrição da delimitação de corredores laterais por meio de balaustradas até o ano de 1967, poderíamos supor que um dos partidos iniciais da Igreja da Boa Viagem se assemelha com os padrões básicos do imaginário Luso-Brasileiro relatados por VERÍSSIMO (2007), de inspiração jesuítica, das primeiras capelas edificadas na região das Minas no período colonial, com a constituição de nave única, coro, capela mor e sacristia localizada na lateral.

Poderíamos ainda supor que em um momento inicial, pela disposição das torres anexas a fachada frontal do templo, que sua torre lateral direita, apontada como a mais antiga, pode ter sido construída posteriormente ao corpo principal da igreja.

Desta forma, o corpo inicial do templo estudado, que começou como uma capela do antigo arraial, poderia se aproximar de algumas capelas do século XVIII que ainda perduram até os dias atuais, como a Capela de São João Batista em Ouro Preto (figura 4), ou a Capela de Santa Quitéria, na localidade de Boa Vista, também em Ouro Preto (figura 123), ambas, segundo dados da Prefeitura Municipal de Ouro Preto, pertencentes a primeira metade do século XVIII.

Ainda considerando-se que Itabirito, durante o século XVIII, pertencia a Vila Rica (atual Ouro Preto), sendo as capelas citadas e a Igreja de Boa Viagem relativamente próximas regionalmente, não podemos descartar possíveis inspirações de um estilo seguido na região que pode ter sido adotado de forma similar em várias localidades.



Figura 123: Fachada da Capela de Santa Quitéria da Boa Vista, Rodrigo Silva, Ouro Preto (MG);

Fonte: Secretária Municipal de Cultura e Turismo de Ouro Preto; Disponível

em: <https://ouopreto.mg.gov.br/turismo/atrativo-item/904>

A partir deste entendimento, buscando-se uma reconstituição de uma provável aparência da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem no início do século XVIII, subtraindo-se as construções anexas e as torres, limitando o corpo da igreja à nave, capela mor e sacristia anexa à esquerda, chegaríamos a figura de um templo mineiro simplificado (figura 124), utilizando-se da simetria simples, com padrão em V<sup>24</sup>.

Para esta proposta de reconstrução a partir da fachada atual da Matriz, foram utilizadas cores típicas de templos mineiros, como o amarelo ocre nos fustes das colunas e tons vermelhos nas esquadrias, contudo, ressalta-se que esta escolha é meramente ilustrativa, visto que não foram encontrados registros formais das antigas cores do templo durante o século XVIII e XIX. Os primeiros registros documentados das cores da matriz seriam produzidos apenas na segunda da metade do século XX, se tratando de fotografias dos moradores da região, quando o templo apresentava-se em fundo branco, com detalhes em amarelo ocre e esquadrias azuis, ganhando a pintura com detalhes azuis atual apenas após reformas ocorridas em 2005.

<sup>24</sup> Segundo VASCONCELLOS (1983), ao analisarmos o frontispício de uma igreja ou capela do período colonial, podemos traçar um formato de “V” simétrico, traçando-se uma linha da janela da fachada, a parte inferior da porta central, seguindo-se novamente ao centro da janela oposta. Quando a edificação apresenta torres, busca-se o uso duas idênticas, onde as linhas traçadas do “V” se prolongam até a sineira da torre, mantendo-se a simetria.



Figura 124: Proposta de modelo de reconstituição da fachada da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito / MG no início do século XVIII - Modelo Tridimensional gerado no Programa SketchUp.

Fonte: Autoria própria.

Retornando a fachada atual, a torre da lateral direita, apontada como a mais antiga por ITABIRITO (2005), poderia então ter sido construída posteriormente, ainda no século XVIII, com gosto estilístico da época, após a elevação da Capela de Boa Viagem a Matriz em 03 de Abril de 1745, se tornando independente da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo (Ouro Preto, MG) (FIORILLO, 1996).

Esta adição da torre se enquadraria então numa modificação arquitetônica da capela para se adaptar aos preceitos básicos de uma Matriz setecentista, com planta próxima da capela primitiva, porém com uso de torres incorporadas ao templo, de forma a adotar um padrão geométrico básico harmonioso, assim como apontado em estudos de VERÍSSIMO (2007) e SMITH (2012), com marcação de linhas retas a partir de suas janelas, portas e cimalhas.

Um exemplo nas proximidades de Itabirito que compõem o padrão de uma Matriz do século XVIII ao qual a Matriz da Boa Viagem poderia então se assemelhar, se trata da Igreja Matriz de São Bartolomeu (figura 125), distrito pertencente a Ouro Preto. Construção formada de Nave retangular compacta, capela mor, coro, corredores laterais, e duas torres em telhado de quatro águas do tipo colonial, tendo como diferença principal a ausência de cantaria neste caso.



Figura 125: Fachada da Igreja Matriz de São Bartolomeu, Ouro Preto (MG);  
Fonte: Secretária Municipal de Cultura e Turismo de Ouro Preto; Disponível  
em: <https://ouopreto.mg.gov.br/turismo/atrativo-item/814>

Com relação ao corpo da Igreja, poderíamos citar a Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo (Ouro Preto, MG) (figura 126), que apresenta formato de nave única com coro acima, Capela Mor, torres externas ao corpo da nave e capelas laterais. A capela do lado do evangelho, assim como anteriormente na Matriz de Itabirito, se divide em duas partes, sendo a parte posterior utilizada como sacristia, com conexão direta a Capela Mor..



Figura 126: Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo (Ouro Preto, MG);  
Fonte: Arquivo Pessoal; 08 de Novembro de 2025

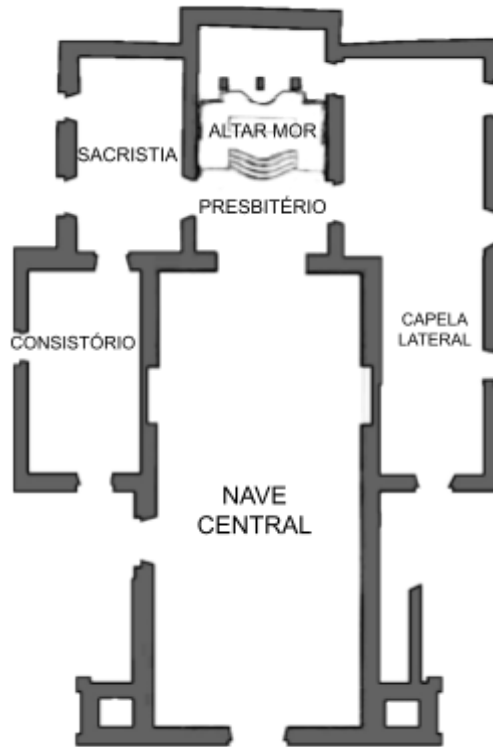


Figura 127: Planta da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo (Ouro Preto, MG);  
 Fonte: ROSA, Tiago da Cunha. Antônio Rodrigues Bello: as bases da pintura de falsa arquitetura na  
 capitania do ouro no século; Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Pg 92.

Imagem modificada pelo autor.

Seguindo os preceitos apresentados, ao suprimir as alterações estilísticas e adição da torre esquerda do século XIX na fachada principal do templo, chegamos a um modelo teórico (figura 128) com padrão de fachada assimétrico no primeiro plano, ao qual é parcialmente compensado pela presença da sacristia anexa à esquerda, em contraponto ao peso visual da torre direita, demonstrando assim uma fachada que aparenta a estagnação de sua construção, mesmo diante do ganho de título de matriz em meados do século XVIII. Este modelo, por si só, seria uma forma rara de construção no território mineiro, onde o padrão mais comum é a presença de torres simétricas em matrizes.

Uma possibilidade a ser levantada pode se tratar da existência da segunda torre, porém, com o passar do tempo, acabou por ruir devido a problemas estruturais, o qual sabemos por ITABIRITO (2005) que se tratava de um problema crônico da construção, que devido ao seu próprio peso, estava em processo de inclinação e ruptura, resolvidos após obra de restauro no ano de 2005, onde suas paredes foram reforçadas com grampos de ferro para travar a estrutura.

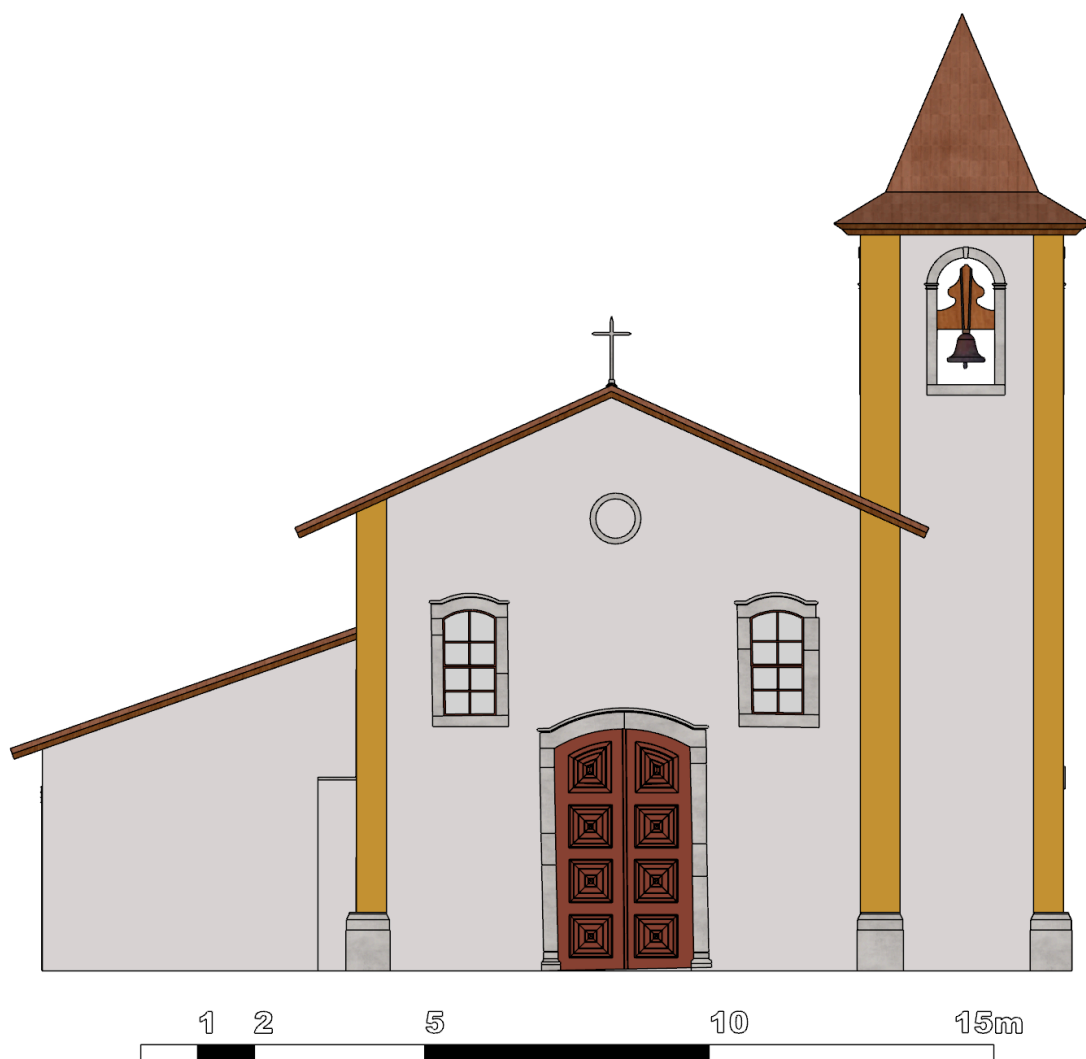


Figura 128: Proposta de modelo de reconstituição da fachada da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito / MG no início do século XVIII - após a construção da primeira torre- Modelo Tridimensional gerado no Programa SketchUp. Fonte: Autoria própria.

Em seu caráter atual, a fachada frontal da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem (Figura 129) é similar aos modelos de fachadas de matrizes do século XVIII descritas por VERÍSSIMO (2007), apresentando conformação simétrica decomposta em blocos de duas torres, a caixa central e o frontão. Sua simetria também se dá pela porta principal acompanhada de duas janelas sacadas do coro, seguido de cimalha e empena curvilínea, arrematada por pedestal e cruz de pedra, com óculo igualmente curvilíneo, gerando o padrão regular de ordenamento das aberturas da fachada.

Sua estrutura em alvenaria de pedra possui acabamento em argamassa de base terrosa com pintura branca a base de cal. As torres e bloco central com frontão são demarcados por cunhais e pilastras em massa (sobre base de pedra) demarcadas em cor azul claro (ITABIRITO, 2005). A Base das pilastras em massa é trabalhada em cantaria lisa, terminada em capitéis lisos, similares à ordem Toscana, que se integram à cimalha de perfil curvilíneo que divide a parte inferior da fachada à parte superior.



Figura 129: Ortofoto - Fachada frontal da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito / MG - gerada a partir do Programa Agisoft Metashape; Fonte: Autoria própria.

No bloco central sua porta principal (figura 130), de aproximadamente 4,25 metros de altura e 2,40 metros de largura de vão livre, apresenta ombreiras e vergas feitas em cantaria de tamanhos irregulares. A verga em arco abatido é acompanhada de uma sobreverga em pedra de tonalidade diferente da utilizada no restante da porta, apresentando vários pontos avariados, ao qual foram complementados com argamassa de base terrosa.

As duas folhas da porta são de madeira trabalhada com almofadas, sendo em cada folha 3 almofadas retangulares, além de uma almofada superior no qual o formato segue a curvatura

da verga de arco abatido. Apresentam-se ainda em cada folha da porta uma cruz em aço, marcando-se a cruz da folha a direita o ano 1900, e a da folha esquerda o ano de 2000.



Figura 130: Porta Principal da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;;

Fonte: Arquivo Pessoal; 05 de Novembro de 2025.

De forma simétrica no bloco principal, acompanham-se duas janelas em cantaria em blocos irregulares (figura 131). Suas vergas, acompanhando a porta principal, são trabalhadas em arco abatido com pequeno acabamento de arremate. Acima da verga encontramos sobrevergas, trabalhadas em pedras de tonalidade diferente da cantaria das janelas, ao qual se interligam com a cimalha de pedra que divide o bloco analisado do frontão do templo.

As folhas de cada janela se tratam de novas vedações, adquiridas por FIORILLO em reforma iniciada em 1984, ao qual as esquadrias anteriores, ao qual o mesmo relata terem sido do tipo guilhotina, por estarem em péssimo estado de conservação, são substituídas pelas atuais. As novas folhas das janelas são compostas de uma bandeira inferior fixa almofadada,

sucedida de duas partes que abrem em sentido do interior do coro da Matriz, possuindo vidros, dispostos de forma espelhada entre as duas janelas, nas cores verde, azul, amarelo e vermelho, cores estas tradicionalmente utilizadas nos festejos de comemoração do dia de Nossa Senhora da Boa Viagem.



Figura 131: Janelas da Fachada Frontal da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;  
Fonte: Arquivo Pessoal; 05 de Novembro de 2025.

Acima da cimalha encontramos o frontão em formato curvo (Figura 132). Seu padrão curvilíneo simples, foi muito utilizado em construções no século XVIII e XIX em Portugal, sendo muito utilizado em território nacional. Contudo, em relatos de SILVA (1996), e em acordo com o Dossiê de Tombamento Municipal da Matriz (ITABIRITO, 2005) relata-se que, juntamente às torres, este frontão também seria fruto das modificações feitas em reformas encomendadas pelo Padre Francisco Xavier de Sousa (1871-1914), ocorridas entre 1882 e 1892.

Sua cornija é trabalhada em cantaria, coroada com dois pináculos e uma cruz latina, ambos em pedra. Seu óculo de formato curvilíneo também trabalhado em cantaria apresenta sobreverga com risco similar as inseridas acima das janelas da fachada. Em sua parte inferior apresentam-se resquícios de uma data (Figura 133), a qual apresenta-se desgastada devido a ação do tempo e de processos de clareamento das pedras da fachada através de processos abrasivos de passagem de escova de aço. Em sua parte interior temos a presença de uma treliça de madeira que fecha o vão do óculo da igreja, ao qual, até o momento de realização deste trabalho, apresentava-se solta de sua posição, tombada para o interior da igreja.



Figura 132: Frontão da Fachada Frontal da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;  
Fonte: Arquivo Pessoal; 05 de Novembro de 2025.



Figura 133: Área desgastada do Óculo da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;  
Fonte: Arquivo Pessoal; 05 de Novembro de 2025.

Apesar de não existirem relatos formais do formato anterior do frontão, seguindo-se a data de criação da Matriz, especula-se que a mesma poderia apresentar seu frontão em formato triangular, típico das igrejas do século XVIII, categorizada como igrejas do grupo mineiro mais antigo, de referências diretas ao estilo Jesuítico conforme DANGELO (2006), ou do grupo das primeiras igrejas matrizes de VASCONCELLOS (1983), as quais representavam capelas que após o enriquecimento das freguesias se transformaram em matrizes, mantendo o formato simplificado das primeiras capelas.

As torres da Igreja acompanham o mesmo estilo do frontão, sendo a torre esquerda um pouco menor que a direita (Figura 134), provavelmente devido a sua construção posterior à primeira torre, que apenas passou por reformas entre 1871 e 1914, mantendo sua base.



Figura 134: Torre esquerda e torre direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 05 de Novembro de 2025.

Ambas as Bases das torres apresentam cunhais e pilastras em massa, aos quais se posicionam acima das pilastras da base da fachada, contudo, apenas a torre esquerda os tem alinhados, enquanto a torre direita apresenta a pilastra próxima ao frontão deslocada do eixo da coluna imediatamente inferior da base. O fuste da pilastra apresenta-se pintado em cor azul claro, se conectando com um capital similar ao estilo toscano, seguido por entablamento de desenho similar ao da cimalha principal da fachada, todas em cantaria.

O restante da torre, que corresponde ao espaço de utilização da torre em si, apresenta-se retrocedido ao espaço da cimalha inferior, se desenvolvendo uma nova moldura de cantaria, ao qual emolduram a torre com novas pilastras e cimalthas semelhantes às anteriores, porém totalmente em cantaria. Ambas as torres apresentam aberturas nas 4 facetas da torre, com uma moldura trabalhada em cantaria com arco pleno, tendo a torre direita 3 desses vãos ocupados por sinos, enquanto a torre esquerda abriga um relógio automático na moldura voltada para a fachada principal, junto a um pequeno sino pertencente a este relógio em um dos lados desta torre.

Por fim, coroam-se as duas torres com um grande pináculo central Bulboso em Cantaria ao centro, acompanhada de 4 coruchéis menores em cada uma das extremidades das torres. No topo de cada pináculo central ainda temos a presença de grimpas de ferro com a representação da cruz latina. Internamente as torres é possível perceber que, apesar de aparentemente de topo reto, sua cobertura se desenvolve-se em uma espécie cúpula facetada (figura 135), ao qual as Pedras trabalham de forma autoportante, travadas em uma peça central.



Figura 135: Vista interna do teto da torre direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

Ressalta-se que o estado atual do frontispício da igreja tem traçado modificado sob encomenda de Pe. Francisco Xavier de Souza, entre os anos de 1871 e 1914, desta forma, não refletindo em sua totalidade o estilo inicial pensado para a Matriz, ao qual não foram encontrados relatos formais sobre sua aparência antecessora.

Em tentativa de reconstituição do momento pré-reformas de 1871 (figura 136), iremos retornar a uma fachada frontal próxima a modelagem de reconstituição do século XVIII, com a adição do complemento da capela lateral esquerda e surgimento da capela lateral direita, com a continuidade do desbalanceamento da simetria frontal devido a falta da torre lateral esquerda.



Figura 136: Proposta de modelo de reconstituição da fachada da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito / MG - pré-reformas de 1871 - Modelo Tridimensional gerado no Programa SketchUp.

Fonte: Autoria própria.

Estas alterações no formato do frontispício da Matriz de N. S. da Boa Viagem podem ser encarada como a continuidade tardia do movimento de modernização das fachadas das igrejas matrizes ocorridas a partir da segunda metade do século XVIII, conforme estudos de OLIVEIRA (2009), ao qual as fachadas destes templos, em busca de uma conformação do seu risco externo aos padrões considerados mais requintados, como a aplicação de volutas do Rococó, passam por uma reforma de suas fachadas, com aplicação de desenhos orgânicos mais complexos no lugar do padrão triangular antigo. Desta mesma forma, já no século XIX, a Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem pode ter tido motivações parecidas, a fim de dar ao templo um aspecto mais adequado ao enriquecimento fabril que Itabirito estava passando.

Em busca de obras similares à da Matriz de Itabirito, não ocorrem exemplos significativamente similares nas municipalidades vizinhas, tendo como obra similar mais próxima a Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Catas Altas (Figura 137), ao qual apresenta torres também em cantaria, com aplicação de pináculos bulbosos, porém de aparência mais esbeltas comparadas às presentes ao modelo itabiricense.



Figura 137: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Catas Altas; Fonte: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Catas Altas (MG), século XVIII. Fonte: Prefeitura Municipal de Catas Altas, artigo “Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição”. Disponível em:

<https://www.catasaltas.mg.gov.br/2023/06/12/igreja-matriz-nossa-senhora-da-conceicao/>

Apesar de não existirem relatos formais das inspirações que estas obras utilizaram para o desenvolvimento destes formatos únicos, MIGUEL (2016), em sua Monografia de especialização, discorre sobre a possibilidade de ambas as obras terem se inspirado em igrejas do norte de Portugal, que apresentam a mesma aplicação de técnicas de cantaria anteriores a ocupação de Minas Gerais.

Esta influência do Norte de Portugal é retratada por DANGELO (2006) ao qual relata a grande influência arquitetônica do Norte de Portugal nas construções mineiras do século

XVIII e XIX, que carregam em si também influências da ocupação Árabe em Portugal, sendo refletidas em pontos da arquitetura como o uso de pináculos bulbônicos, muxarabis, entre outros. Estas referências também são retratadas em outras obras mineiras, como o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas, inspirada no Santuário do Bom Jesus do Monte, em Braga, norte de Portugal, construção iniciada em 1757, com obras do templo finalizadas ainda no século XVIII, e conclusão de seu Adro e capelas dos Passos da Paixão finalizadas apenas em 1875 (figura 138) (BURY, 2006), 4 anos após o início das obras de modificação da fachada de Nossa Senhora da Boa Viagem, finalizada apenas em 1914.



Figura 138:Basílica do Bom Jesus do Monte, Braga, Portugal . Fonte: Arquidiocese de Braga. Basílica do Bom Jesus do Monte. Disponível em:

<https://www.diocese-braga.pt/local/basilica-do-bom-jesus-do-monte-confraria-do-bom-jesus-do-monte>

Partindo para a análise da fachada lateral esquerda (figura 139), temos a presença de partes edificadas de diferentes períodos históricos, contudo, em linhas gerais, mostrando-se de forma uniforme devido ao uso de cobertura com telha cerâmica e paredes com acabamento com pintura branca a base de cal aplicada em sua extensão, exceto aos apêndices de sanitários da igreja (figura 140), que ultrapassam os limites do adro do templo, ao qual apresentam paredes de tijolo cerâmico e de concreto sem qualquer espécie de revestimento, com cobertura feita em telhas de fibrocimento.

Temos presentes nesta fachada o total de 3 portas distintas instaladas no corpo da capela lateral esquerda, acompanhada de 5 janelas, igualmente distintas, ao qual remetem a períodos

de construção diferentes do corpo da igreja, e por este motivo apresentam afastamentos irregulares entre si.

Fora do corpo da capela lateral temos ainda a presença de 2 janelas e uma porta pertencentes aos anexos construídos aos fundos da torre esquerda, ao qual mimetiza o estilo aplicado na capela lateral. Destaca-se ao fundo ainda o corpo da nave central, capela mor e segundo pavimento da sacristia, que sobressaem o alinhamento da capela lateral.



Figura 139: Ortofoto - Fachada lateral esquerda da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito / MG - gerada a partir do Programa Agisoft Metashape; Fonte: Autoria própria.



Figura 140: Anexos (apêndices) da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem - fachada lateral esquerda; Fonte: Arquivo Pessoal; 12 de Novembro de 2025.

Em análise da parte mais ao fundo da igreja à sua frente, temos a presença de uma janela e porta pertencentes a sacristia. Por se tratarem partes integrantes de um anexo da década de

1950, diferentemente das demais esquadrias do corpo principal da igreja, estas não apresentam ombreiras e vergas em cantaria, sendo a porta trabalhada em espala de concreto e a janela utiliza se de um marco e alisar de madeiras simples, pintadas de branco assim como a parede.

A janela da sacristia (figura 141) apresenta formato retangular simples, composta de uma parte externa em guilhotina com 8 vitrais em cada folha e estrutura na cor branca, seguida de duas folhas de abrir almofadadas internas na cor azul escuro. Apresenta ainda grade externa em chapas de aço pintada na cor preta, simulando as grades das demais janelas em ferro, igualmente pintadas com a mesma tinta preta brilhante.

A porta da sacristia (figura 142) é dividida em duas folhas em cor azul escuro, apresentando marco de madeira simples embutido no vão. Seu desenho almofadado é realizado em 2 almofadas quadradas em cada extremidade, mais uma almofada retangular em seu centro. Este padrão somente é repetido na porta da capela do santíssimo mais recente, ao qual anteriormente era uma continuação da sacristia.



Figura 141 e 142: Janela e Porta da Sacristia da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem - fachada lateral esquerda;

Fonte: Arquivo Pessoal; 12 de Novembro de 2025.

Seguindo-se o corpo da capela temos a região equivalente à antiga sacristia da igreja, interligada ao restante da capela entre 1936 e 1941 a mando do Pe. Antônio Firmino Mota, apresentando duas janelas com uma porta ao centro. A porta (figura 143) e a janela à direita

da mesma (figura 144) apresentam ombreiras e vergas em cantaria, com a instalação de uma sobreverga também em cantaria. Já a janela à esquerda da porta (figura 145), apresenta igualmente ombreiras, vergas e contraverga em cantaria, contudo, com a sobreverga pintada de branco, sendo ligeiramente maior que a verga, aparentando-se ter sua sobreverga instalada separadamente do restante da janela.



Figura 143, 144 e 145: Porta, Janela à direita da porta e janela à esquerda da antiga sacristia da capela lateral esquerda da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 12 de Novembro de 2025.

Ambas as janelas apresentam abertura em estilo guilhotina, com oito vitrais em cada folha e estrutura na cor branca, seguida de duas folhas internas almofadadas de abrir na cor azul. Internamente, ambas apresentam conversadeiras junto ao vão da parede, assim como gradil em ferro pintado de preto brilhante na parte externa. Já a porta apresenta duas folhas almofadadas na cor azul, abrindo-se no sentido interior. Cada folha da porta tem 4 almofadas idênticas. Este padrão também pode ser encontrado na porta principal da capela direita e na entrada para a nave na fachada direita.

O restante do corpo da capela lateral esquerda se desenvolve com mais duas janelas (figura 146) aos moldes das anteriores, com a utilização de ombreiras e vergas de cantaria, grade de ferro fundido as fechando e conjunto de folha em guilhotina, com 6 vitrais em cada folha e estrutura na cor branca e folhas de abrir internas em azul escuro, tendo conversadeiras no lado. A diferença principal se dá em suas sobrevergas, ao qual imitam o desenho das

anteriores, estando pintadas na cor branca, contudo, são feitas em tijolo com acabamento em argamassa à base de terra.



Figura 146: Janelas da capela lateral esquerda da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 12 de Novembro de 2025.

Ainda no corpo da capela esquerda temos sua porta principal (figura 147), ao qual apresenta verga e sobreverga em cantaria, sendo composta de uma folha de abrir almofadada, em padrão de 4 retângulos menores de forma vertical acompanhado de um retângulo maior ao centro. Este padrão de porta se repetirá nos anexos existentes na parte de trás da torre da lateral esquerda, ao qual iniciam-se logo após o limite da moldura da porta da capela (figura 148).

Os anexos apresentam mesmo acabamento em pintura a base de cal em suas paredes, sendo ambos, segundo FIORILLO (1996) datados da década de 1950, sendo o imediatamente atrás da torre utilizado atualmente como o batistério da igreja, sendo cerca de 20 cm maior que o bloco seguinte, formando um dente na fachada. Sua entrada se dá exclusivamente pelo interior da igreja por um grande vão de porta, de corte reto na parede, sem a presença de ombreiras e vergas ressaltadas. Provavelmente o vão se tratava de um antiga porta lateral da nave, ao qual pelo recorte reto, que difere dos recortes afunilados das demais esquadrias, pode também não se tratar de um vão do partido inicial da igreja.

Já o anexo que faz divisa com a capela lateral, atualmente é utilizado como depósito, tendo sua porta voltada para o exterior, segundo ITABIRITO (2005) as paredes deste anexo servem de contraforte para a parede interna da nave, ao qual foi reforçada com grampos metálicos na reforma de 2005.

Ambas as esquadrias destes anexos apresentam ombreira e vergas em concreto com textura rústica ao qual imitam o acabamento de cantaria das demais esquadrias.



Figura 147: Porta de Entrada Principal da capela lateral esquerda da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 12 de Novembro de 2025.

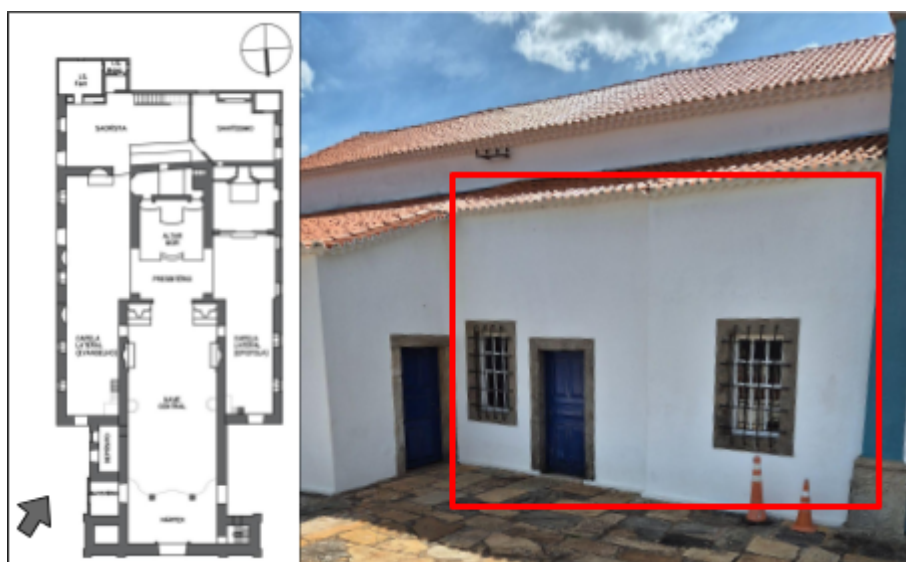


Figura 148: Anexos ao fundo da torre esquerda da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 12 de Novembro de 2025.

A torre lateral esquerda nesta fachada também apresenta um pequeno óculo para a ventilação do espaço interno, sendo também a única parte desta fachada a receber acabamento com pintura azul em seus cunhais e do barrado do chão.

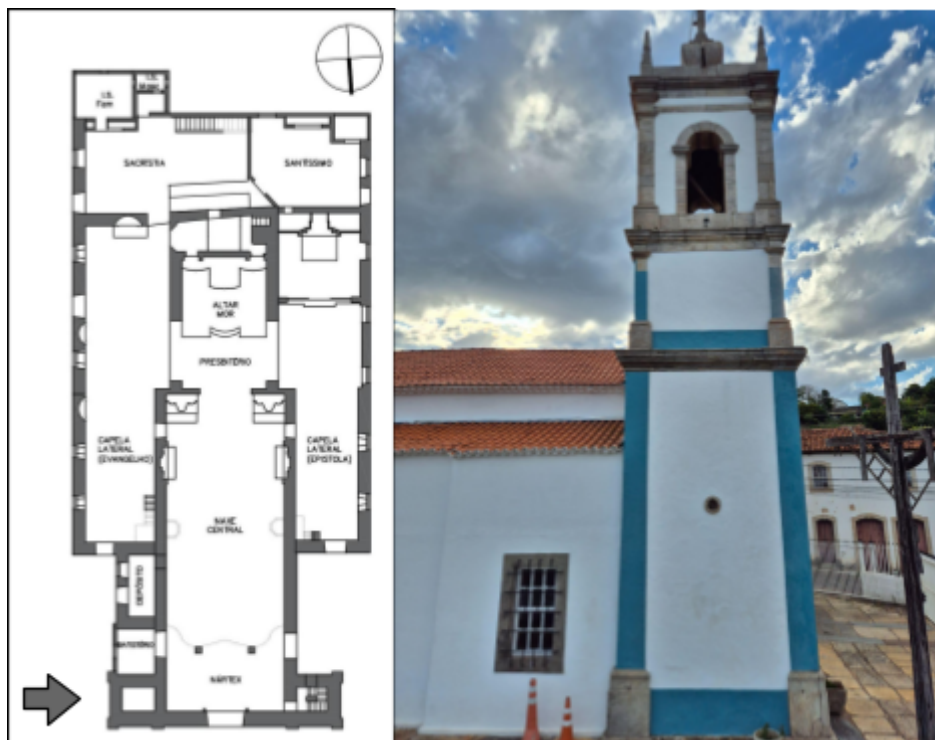


Figura 149: Torre esquerda da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem - fachada lateral esquerda;  
Fonte: Arquivo Pessoal; 12 de Novembro de 2025.

Através da recriação de diferentes momentos históricos da fachada lateral esquerda da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem através das referências históricas coletadas e análise de seus elementos (figura 150), podemos notar um processo de expansão do corpo da capela lateral esquerda, que se expande em direção a parte frontal do templo.

Inicialmente seguiu-se as mesmas dimensões da antiga sacristia, como a expansão ocorrida no século XIX, ao qual optou-se pela criação de novas esquadrias a moldes parecidos com as presentes no partido inicial catalogado desta capela. Poderíamos ter neste momento também a abertura das portas laterais da nave, de corte reto na estrutura da parede, ao qual nesta fachada seria internalizado com o surgimento futuro de novos anexos.

Na década de 1950 temos a maior quantidade de mudanças, iniciando-se com a adição de 2 anexos, construídos um após o outro entre o módulo da capela lateral e da torre, optando-se

pela adoção de dimensões de profundidades próximas a da torre, permitindo que se mantivesse uma volumetria próxima a existente no lado direito do templo. A altura destes módulos também mantiveram o padrão da capela lateral esquerda, com o uso de uma continuação do telhado existente, o que gera uma visualização de uma cobertura única corrida abaixo dos módulos na nave a capela mor. Esquadrias adotadas ainda seguem o padrão anteriormente apresentado, porém com uso de ombreiras e vergas de concreto, diferentemente das em cantaria apresentadas.

Aos fundos, ainda na década de 1950, temos a expansão de todo o fundo do templo, ao qual respeitou-se a volumetria existente do templo, não causando grande impacto visual de modularidade, aproveitando-se ainda a altura presente na área correspondente a capela mor, para a construção de um pavimento superior neste anexo. Seu diferencial estético se dá principalmente nas esquadrias, aos quais as que se dão diretamente ao adro respeitam o ritmo já existente na fachada, com vedações de portas e janelas também similares, à exceção do uso de vergas e ombreiras, que não são aparentes. Cuidado este que não foi adotado no fundo da igreja, que usa esquadrias metálicas de uso popular da época, provavelmente visto que a fachada dos fundos não tem acesso direto pelo adro, sendo divisa direta com lotes vizinhos.

Até o período da atualidade, surgem novos anexos ao fundo da Igreja, abrigando os banheiros da edificação. Estes são realizados de forma mais precária, com acabamento das paredes em argamassa apenas no primeiro anexo de banheiro construído, tendo o último, ao qual é o possível de se visualizar pela fachada lateral esquerda, não ter recebido nenhum tipo de revestimento de parede, sendo possível visualizar os blocos utilizados para construção, sendo a base em bloco de concreto, e o restante em bloco cerâmico vazado. Estes módulos também não respeitam a volumetria dos anteriores, sendo mais baixos e com uso de tipologia de cobertura diferentes, sendo tratados como espécies de “apêndices” da construção.

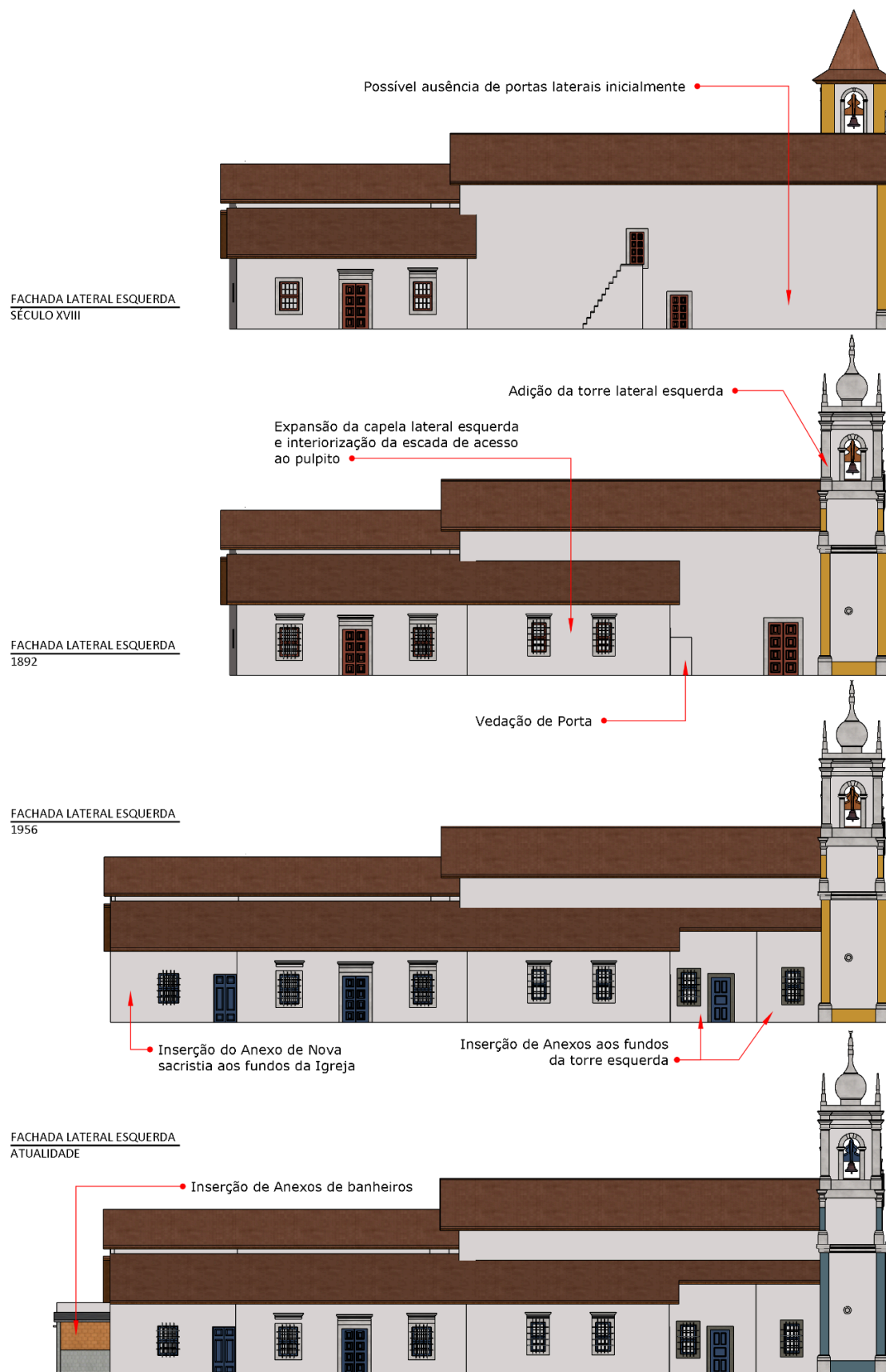


Figura 150: Esquema de Evolução da Fachada Lateral Esquerda.

Fonte: Autoria Própria.

Seguindo-se para a análise da fachada lateral direita (figura 151), sua disposição volumétrica e ritmo de aberturas se assemelha a fachada lateral esquerda. Podemos visualizar o bloco da capela lateral direita, ao qual integra-se a capela do santíssimo atual, apresentando passagem independente externa, o bloco da Nave da igreja, ao qual pode ser acessada por esta fachada e a torre sineira direita. O acabamento nesta fachada se dá de forma uniforme, utilizando-se de uma pintura branca a base de cal por todo o corpo da igreja, contrastando-se com a visão alaranjada do telhado de telhas cerâmicas. Igualmente a fachada lateral esquerda, a capela lateral direita permanece com altura inferior ao corpo da Nave, Capela mor e segundo pavimento da sacristia.

Integram-se ao corpo da capela lateral direita o total de 5 janelas em estilo e espaçamento semelhante, exceto as esquadrias do bloco da sacristia anexa, acompanhada de uma porta principal de acesso, similar ao modelo encontrado na parte antiga da capela lateral esquerda. Ao fundo deste mesmo corpo temos mais uma porta e janela aos moldes das encontradas na parte da sacristia da fachada lateral esquerda.

Integram-se ainda uma porta de acesso à nave, igualmente semelhante à encontrada na parte antiga da capela lateral esquerda, além de um vão de porta taipeado na face posterior da torre desta fachada.



Figura 151: Ortofoto - Fachada lateral direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito / MG - gerada a partir do Programa Agisoft Metashape; Fonte: Autoria própria.

Um detalhe a se destacar na fachada da capela lateral direita se trata da presença de um símbolo remetente ao santíssimo sacramento esculpido na parede do local (figura 152),

denotando a presença da Capela do Santíssimo neste local, anteriormente abrigado no atual altar do Senhor dos Passos no interior desta capela.

Destaca-se ainda que, apesar de não terem sido encontradas referências históricas sobre a execução deste símbolo, podemos encontrá-lo na mesma posição na capela lateral direita da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo (figura 153), reafirmando possíveis relações de inspiração estilísticas entre a Matriz de Cachoeira do Campo como uma referência para a construção da Igreja de Boa Viagem enquanto antigo templo pertencente a Cachoeira do Campo até 1745.



Figura 152: Símbolo do Santíssimo Sacramento presente na Capela Lateral Direita da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem ; Fonte: Arquivo Pessoal; 12 de Novembro de 2025.



Figura 153: Símbolo do Santíssimo Sacramento presente na Capela Lateral Direita da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré (Cachoeira do Campo - Ouro Preto, MG) ;

Fonte: Arquivo Pessoal; 08 de Novembro de 2025.

Em análise das esquadrias, partindo-se da parte mais ao fundo da igreja para sua frente, temos a presença da porta e janelas pertencentes a nova capela do santíssimo (figura 154), construída entre as obras de revitalização da igreja entre os anos de 2004 e 2024, ocupando parte do espaço da sacristia do templo.

Desta forma, se tratando de esquadrias instaladas no mesmo período das pertencentes a sacristia na década de 1950, temos a mesma descrição de uma porta dividida em duas folhas em cor azul escuro, apresentando marco de madeira simples embutido no vão, de modelo almofadado é realizado em 2 almofadas quadradas em cada extremidade, mais uma almofada retangular em seu centro. Da mesma forma, a janela se apresenta igual a presente na fachada esquerda da sacristia, em formato retangular simples, composta de uma parte externa em guilhotina com 8 vitrais em cada folha e estrutura na cor branca, seguida de duas folhas de abrir almofadadas internas na cor azul escuro, externamente contem grade em chapas de aço pintada na cor preta brilhante.



Figura 154: Janela e porta da capela do santíssimo da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem na fachada lateral direita;

Fonte: Arquivo Pessoal; 12 de Novembro de 2025.

As demais janelas da capela lateral direita (figura 155) apresentam a mesma estrutura básica, apresentando ombreiras e verga reta em cantaria, sobre elas, de forma distanciada, temos a instalação de uma sobreverga, ao qual parece mimetizar as vergas presentes na fachada lateral esquerda, porém de forma simplificada, possuindo uma menor quantidade de

frisos e tendo suas laterais em corte reto. Também apresentam fechamento em grade de ferro pintadas de preto brilhante.

A abertura das janelas também são parecidas com as janelas da fachada lateral esquerda, apresentando folhas externas em estilo guilhotina na cor branca, com oito vitrais em cada folha, seguindo-se de duas folhas internas almofadadas de abrir na cor azul. Internamente duas das janelas, localizadas próximas à porta da capela, apresentam conversadeiras em pedra (figura 156).

A janela localizada próxima ao altar do Senhor dos Passos ainda apresenta seus vitrais coloridos, sendo os vitrais da extremidade vermelhos, intercalados ao centro entre vidro incolor e vidro verde (figura 157).



Figura 155: Janela da capela lateral direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 12 de Novembro de 2025.



Figura 156: Janelas com conversadeiras na capela lateral direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 12 de Novembro de 2025.



Figura 157: Janela com Vitral colorido na capela lateral direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 12 de Novembro de 2025.

A porta da capela lateral direita(figura 158) apresenta conformação próxima a presente na antiga sacristia da capela lateral esquerda, com ombreiras e verga em cantaria e duas folhas de abrir em cor azul escuro com 4 almofadas em cada folha da porta. Sua principal diferença se encontra na sobreverga, ao qual se encontra dissociada do corpo principal da porta, utilizando-se de uma faixa de acabamento argamassado pintado na cor branca.



Figura 158: Porta de entrada para a capela lateral direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;  
 Fonte: Arquivo Pessoal; 12 de Novembro de 2025.

Partindo para o corpo da Nave na fachada lateral direita, temos a presença de uma porta de 2,80 metros de altura e 1,70 metros de largura (figura 159), tendo ombreiras e verga em cantaria. Suas duas folhas de abertura para o lado interno apresentam 4 almofadas em cada folha, com desenho similar ao encontrado na porta da antiga sacristia da capela lateral esquerda e da capela lateral direita. Esta porta não apresenta nenhum tipo de sobreverga.



Figura 159: Porta de Entrada para a Nave da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem localizada na fachada lateral direita;

Fonte: Arquivo Pessoal; 12 de Novembro de 2025.

Seguindo-se para a torre da Lateral direita (figura 160), a mesma não apresenta grandes diferenciações as descritas na torre da fachada lateral esquerda, sendo apenas ligeiramente maior que sua opositora, mantendo as mesmas características da presença de um pequeno óculo para ventilação do espaço interno e acabamento com pintura azul em seus cunhais e do barrado do chão.



Figura 160: Torre direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem - fachada lateral direita;

Fonte: Arquivo Pessoal; 12 de Novembro de 2025.

Sua principal diferença se dá na existência de uma porta taipeada na face oposta à fachada frontal (figura 161). Esta porta apresenta suas ombreiras e verga em cantaria, tendo o seu vão preenchido com taipa finalizado com pintura branca, além da continuação do barrado azul da torre.



Figura 161: Porta tamponada na torre direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem - lado externo;

Fonte: Arquivo Pessoal; 12 de Novembro de 2025.

Esta porta integrava a entrada externa da torre, ao qual provavelmente era a única entrada para se acender ao topo da torre antes da adição de uma porta no interior do templo, ao qual não foram encontradas datas de sua construção. No interior da torre ainda é possível visualizar o local onde a porta dava acesso, sendo 2 pequenos degraus abaixo do nível do piso da nave (figura 162), sendo um provável indício do nivelamento do adro da nave nesta região com o uso de aterro, posterior ao tamponamento da porta da torre.



Figura 162: Porta tamponada na torre direita da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem - lado interno;

Fonte: Arquivo Pessoal; 12 de Novembro de 2025.

Recriando-se diferentes momentos históricos da fachada direita da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem através das referências históricas coletadas e análise de seus elementos (figura 163), podemos notar processos similares de expansão desta lateral do templo aos ocorridos em sua face oposta.

Partindo-se do modelo do fim do século XVIII, concluída a adição da capela lateral direita, feita em dimensões próximas a da antiga sacristia da fachada esquerda, segue-se no século XIX, o processo de expansão do corpo da capela, porém com vãos de janela melhores espaçados, mantendo um ritmo mais uniforme.

Neste mesmo período do século XIX a possível construção da porta lateral da nave e inserção das sobrevergas em todas as janelas existentes, seguida da adição de uma nova esquadria no corpo inicial da capela, ajudando na construção do ritmo do local. Esta janela corresponde a presente no atual altar do Senhor dos Passos. Não sendo possível especificar se neste momento a mesma poderia apresentar vitral colorido, como na atualidade, ou se isto seria apenas uma adição posterior.

Em 1892 temos a modificação do risco da torre lateral direita, para que fosse igualada esteticamente a construída por completo do lado oposto, perdendo seu telhado em telhas cerâmicas em prol do uso de uma cúpula de cantaria, ao gosto dos exemplos religiosos do Norte de Portugal.

Em 1956, fechando o corpo atual da Matriz, temos a adição da sacristia aos fundos da edificação, como anteriormente apresentado na lateral esquerda. Segue-se neste lado a instalação de uma porta e uma janela com vedações em madeira simples, com moldura sem o uso de vergas e ombreiras em cantaria. Neste ponto o ritmo da fachada se mantém precário, devido a diminuição dos vãos de porta e janela frente às já existentes no corpo desta capela.

Devido a um processo de expansão menos intenso nesta fachada, aos quais foram guiados pelas inclinações de telhado, altura de paredes, coberturas e ritmo de esquadrias das etapas anteriores, temos a construção de um corpo de templo melhor equilibrado, mantendo um padrão na evolução da volumetria coerente com a planta simétrica do fim do século XVIII, ao qual teve seu balanço volumétrico pesado na fachada esquerda, que obteve alterações mais bruscas com o passar dos anos.

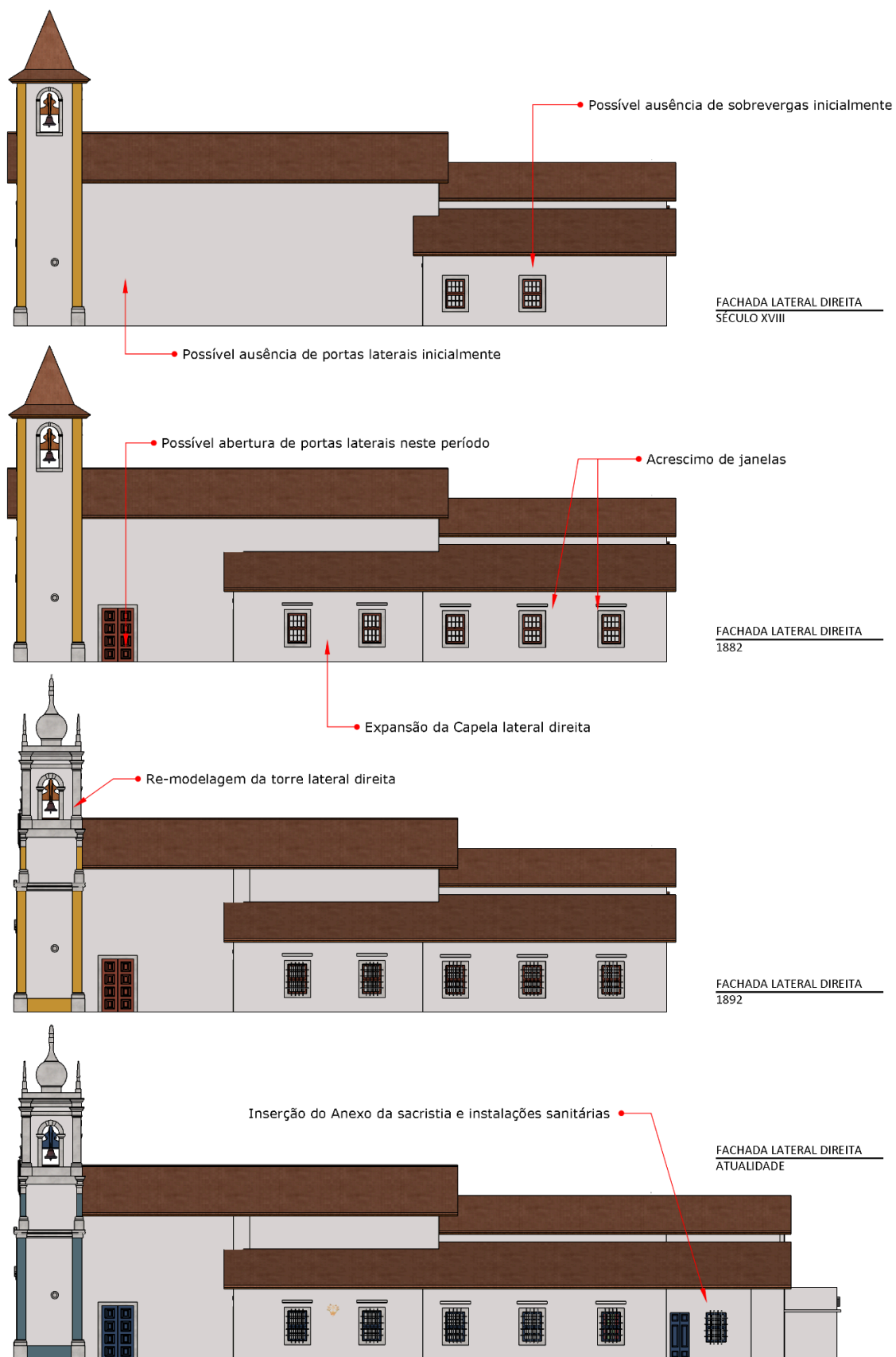


Figura 163: Esquema de Evolução da Fachada Lateral Direita.

Fonte: Autoria Própria.

Partindo para a fachada posterior (figura 164), podemos identificá-la como uma das fachadas com maiores níveis de deterioração visíveis. Constituindo-se da parede do fundo da sacristia e seu segundo andar, podemos visualizar com clareza o desenho dos telhados da edificação, sendo o principal, uma continuação do telhado da capela mor, seguindo-se abaixo os telhados das capelas laterais.

A parede constituída da década de 1950, feita em tijolos maciços apresenta sinais de infiltração na fachada, descascamento da pintura, ao qual apresenta-se amarronzada, exibindo o tom da argamassa terrosa abaixo da pintura e até mesmo locais em que já ocorreram deslocamento total do reboco.

As janelas são do tipo basculante em armação de aço pintado de branco com vedação vidro martelado, sendo duas menores a nível térreo e uma maior, instalada de forma que a abertura do basculante se desse de forma vertical, no pavimento superior.

No lado correspondente a lateral esquerda da igreja temos a adição dos dois anexos que abrigam os banheiros da edificação, onde o mais alto, da década de 1980, apresenta reboco em sua paredes, além de uma platibanda superior, ao qual anteriormente abrigava a caixa d'água que servia o banheiro da edificação.



Figura 164: Fachada Posterior da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 12 de Novembro de 2025.

Já o anexo mais próximo do muro de arrimo, sendo um anexo da década de 2000, nunca foi propriamente finalizado, exibindo uma parede de fundos em blocos de concreto aparente com uma pequena janela de vidros fixos, e uma parede lateral de base de tijolos de concreto e

restante da vedação em blocos cerâmicos. O telhado em telha de fibrocimento expande-se em um pequeno beiral com água voltada para a Travessa São Benedito.

Na face pertencente à lateral direita da igreja podemos ver o contato direto da parede da igreja com uma edificação residencial de propriedade da própria matriz. Podemos ver neste ponto o surgimento de um condutor de energia preto fixado apenas por abraçadeiras na parede da Matriz, ao qual levam ligação de energia elétrica aos banheiros anexos.

Como forma de dinamizar a leitura das alterações ocorridas como um todo na Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, apresenta-se a partir do Apêndice B a passagem cronológica dos principais pontos de mudança que ocorreram no templo.

Em síntese ao material apresentado, destacam-se como principais períodos de modificações no templo as grandes ampliações setecentistas e oitocentistas, quando se consolidam a volumetria da nave, das capelas laterais e da torre sineira, bem como a inserção dos principais elementos integrados do edifício. Em seguida, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, sucedem-se intervenções mais intensas, impulsionadas pela retomada econômica e pela chegada da ferrovia, que resultam na reformulação do frontispício, na simetria das capelas e em alterações profundas na organização interna do espaço litúrgico. A partir do final do século XX e ao longo do século XXI, as ações passam a assumir caráter predominantemente conservativo e de restauro, voltado à recuperação de técnicas e materiais de diferentes fases históricas, reafirmando a Matriz como patrimônio em permanente processo de atualização e cuidado.

#### **4.2. ANÁLISE DOS ELEMENTOS ARTÍSTICOS INTEGRADOS**

Na obra “Guia da Arquitetura Colonial” de CARVALHO et al (2000), os autores destacam como a ornamentação no período colonial brasileiro era indissociável da composição arquitetônica, dadas as dificuldades iniciais para a execução de grandes obras em pedra, levando ao desenvolvimento da talha, decorações interiores esculpidas com painéis de madeira, muitas vezes pintadas ou passada pelo processo de douramento. Na arquitetura luso-brasileira, a talha, mais que decoração, tinha papel primordial na organização do espaço interior, criação de efeitos espaciais e dinamização dos cenários, majoritariamente ligados aos espaços litúrgicos.

Desta forma, faz-se relevante a análise interna da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, como complementação de sua análise arquitetônica, na qual se pode verificar a configuração dos espaços de acordo com o uso religioso do espaço e suas modificações através dos séculos para se adaptar aos novos gostos e práticas devocionais da população.

Em resumo, esta análise se limitará a um panorama geral dos aspectos internos e enfoque específico em seus altares e retábulos, em abordagem sintética, baseados nas anteriores análises realizadas por ITABIRITO (2005) na elaboração do Dossiê de tombamento do Bem Histórico, dossiê de restauro da Matriz de elaborado por CECCONELLO et al (2005), e BOHRER (2015), em sua análise dos Retábulos Nacional-Português no estado de Minas Gerais.

Ressalta-se que os elementos artísticos, principalmente os retábulos, demandam aprofundamento extenso sobre a técnica da talha e as simbologias aplicadas relacionadas aos principais objetos de culto do período colonial. Portanto, a análise a seguir não se propõe a esgotar o tema, restringindo-se a uma apresentação geral desses importantes elementos do objeto arquitetônico analisado.

Adentrando-se a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, encontramos inicialmente o nártex da Matriz (figura 165), abaixo do coro da igreja, realizado em madeira talhada de tom escuro (ITABIRITO, 2005). Entre suas duas colunas de sustentação encontra-se o tapa-vento, retirado entre a década de 1950/1960 e realocado para a igreja em 2024 a mando do atual pároco Miguel Fiorillo.

O tapa-vento, ao qual não corresponde em idade aos demais elementos do coro, sendo uma parte de época diferente ao restante, apresenta estrutura de madeira simples, podendo ser aberto em sua totalidade por duas folhas maiores, ou apenas em suas duas folhas menores. Possui vitrais coloridos em formatos retangulares constituídos em trama simples.

Em sua parte inferior, encontram-se duas placas instaladas em sua restituição ao local em 2024, a da direita em língua inglesa, e a da esquerda em português, com um resumo histórico do Templo. Na mesma reconstituição foram colados adesivos com 4 imagens nos vitrais superiores, de figuras e símbolos importantes da matriz, sendo, da esquerda para a direita, representações de Luiz de Figueiredo Monterroyo, um dos descobridores apontados da região,

Arcebispo Dom Oscar de Oliveira, idealizador da Coroação Pontifícia da Imagem de Nossa Senhora da Boa Viagem em 1978, a própria coroa pontifícia e por fim Papa João Paulo I, responsável pela proclamação de Nossa Senhora da Boa Viagem como principal Patrona do Município de Itabirito, ainda em 1978.

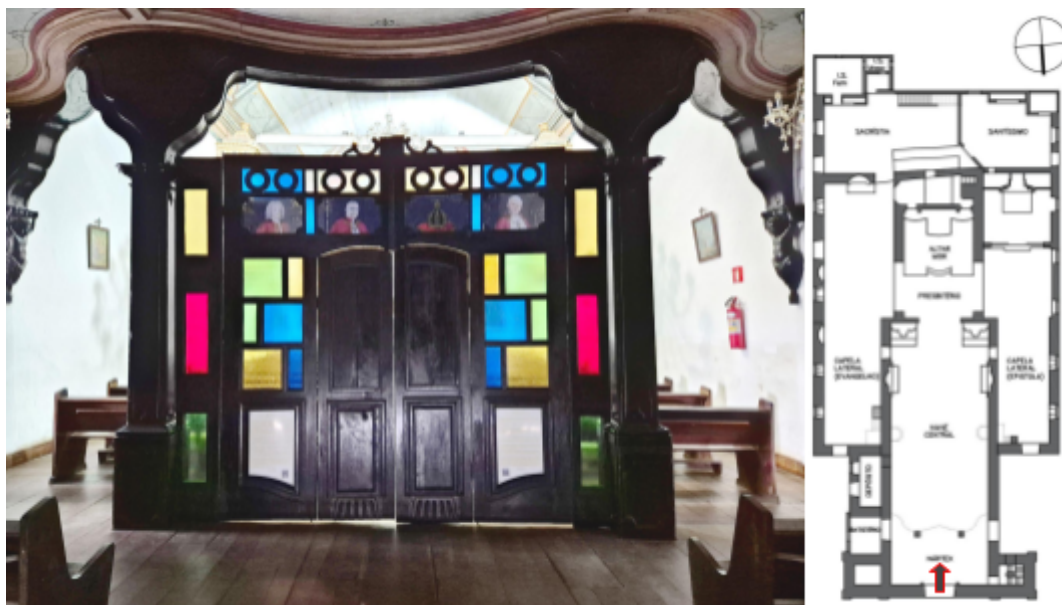


Figura 165: Tapa-vento visto do Nártex da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 05 de Novembro de 2025.

O teto do Nartex (figura 166) se desenvolve em formato curvo, sendo sustentado por dois pilares de madeira com capitéis curvos, marcando o vão do tapa-vento, além de dois atlantes laterais, que fixam o peso do coro diretamente nas paredes do templo.

Apresenta pintura redescoberta por CECCONELLO et al, em restauração de 2005, sendo relatada pelos mesmos como uma pintura simples, remetente ao período do rococó. Seu fundo é de tom claro azulado, com cimalkhas em tons pastéis de bege e vermelho com pequenos detalhes de douramento. Desenham-se sobre a superfície alguns motivos florais simples. São afixados neste forro 3 lustres de cristais novos, instalados ainda no início do ano de 2025, em substituição de um único lustre maior em estado de deterioração avançada, ao qual não foi possível coletar informações sobre seu atual paradeiro.



Figura 166: Pintura do forro do Nártex da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 05 de Novembro de 2025.

Acessando-se o coro acima do nartex através da escadaria de pedra localizada na torre direita, encontramos um ambiente cercado por balaustrada de mesma madeira do coro, com piso em tabuado de madeira e pequeno órgão elétrico instalado em seu centro (ITABIRITO, 2005), através do coro temos acesso a torre lateral esquerda e as duas janelas da fachada principal. O forro trifacetado (figura 167), separado do forro da nave por lambrequins, corta pela metade óculo do frontão da matriz, apresentando pintura datada de 1963 (ITABIRITO, 2005) sendo sua figura central Santa Cecília ao órgão, com laterais representando troféus relativos à música, um com uma lira, rolo de música e ramo de folhas verdes, e outro com violino, rolo de música e ramo de folhas verdes (CECCONELLO et al, 2005).



Figura 167: Pintura do forro do Coro da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.





Figura 169: Barrados encontrados na base das paredes da Nave da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

O forro da nave (figura 170) se desenvolve em formato que segue a inclinação da cobertura do templo, sendo dividido em duas faces inclinadas em uma central plana. Igualmente datada de 1963, como a pintura do forro do coro, apresenta representações dos quatro evangelistas (João, Marcos, Lucas e Mateus), e dos quatro doutores da Igreja ocidental (São Gregório Magno, Santo Ambrósio, Santo Agostinho e São Jerônimo) (CECCONELLO et al, 2005).

Todos estes são encontrados em pinturas de balcões nos cantos e centro das extremidades do forro, conectados por um “muro-parapeito”, colorido em gris-verde, arrematado por moldura amarelo-ocre ornamentada. Apresentam-se neste muro festões contínuos modelados em claro-escuro, assemelhando-se a folhas de café (CECCONELLO et al, 2005).

Ao centro, em moldura de forma retangular dourada, adornada de volutas em cores azul e vermelha, encontra-se a representação do tema da Assunção da Virgem. Este, descrita por CECCONELLO et al (2005) como uma representação de traços sírios, apresenta pintura em tons uniformes, cercada por anjos querubins de feições simples, aos quais descansam sobre nuvens iguais, constituídas de um centro claro, branco, esférico que se move em espiral, com três anjos realizando a Assunção da Virgem. Da cabeça da mesma irradiavam feixes de luz branca.

Acima da cabeça da Virgem, nos estudos de restauro promovidos por CECCONELLO et al em 2005, encontram-se janelas de prospecção que revelam uma pintura de forro anterior a atual, representando a Coroação da Virgem Maria, tendo como figura central, Maria, de mãos postas, sendo coroada pela Santíssima Trindade. Segundo o pároco atual da Matriz, Miguel Fiorillo, o processo de restauro do forro, com a retirada da pintura atual, nunca foi realizada devido primeiramente a motivos financeiros, além do temor de uma possível retirada da pintura atual não conseguisse recuperar em plenitude a pintura mais antiga, devido a diversas agressões patológicas que o forro já sofrerá devido a infiltrações, infestações de cupins, entre outros.



Figura 170:Forro da Nave da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;  
Fonte: Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

Ao redor do forro, coroando as paredes, encontramos uma cimalha (figura 171) que percorre as duas laterais da nave, iniciando-se no limite do lambrequim do coro até o encontro com a parede do arco-cruzeiro. De acordo com CECCONELLO et al (2005) a pintura restaurada em 2005, ao qual estava encoberta por uma pintura branca com detalhes dourados e faixa em padronagem de estêncil azul com dourado, provavelmente é datada do século XVIII.

Apresenta padronagem de 4 marmorizados diferentes, sendo, de baixo pra cima, um de padronagem azul vibrante em faixas, marmorizado marrom com veios claros, marmorizado bege com veios vermelhos e por fim marmorizado azul escuro com veios claros. As faixas muito provavelmente não pertencem aos mesmos momentos históricos.

Nota-se ainda que, nos pontos em que a cimalha se encontra com os travamentos de madeira do telhado, a mesma apresenta-se projetada para fora, com a adição de um pequeno barrado em sua parte inferior, formando uma espécie de entablamento para um pilar falso, que possa ter existido ou planejado em algum momento.



Figura 171: Cimalha do forro da Nave da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

Partindo-se para a continuação do corpo da nave, podemos observar em suas laterais a presença de um púlpito em cada lado (figura 172), sendo o esquerdo para a leitura do evangelho, e o direito para a leitura da epístola. Ambos são acessados por escadas de madeira anexas no interior das capelas laterais.

Segundo CECCONELLO et al (2005), seu estilo remete ao período Joanino, apresenta pinturas marmorizadas com rocalhas douradas. Acima do púlpito um dossel marmorizado

com lambrequins dourados coroam a estrutura. Da mesma forma, a verga e ombreiras do púlpito são ornadas em pintura marmorizada.

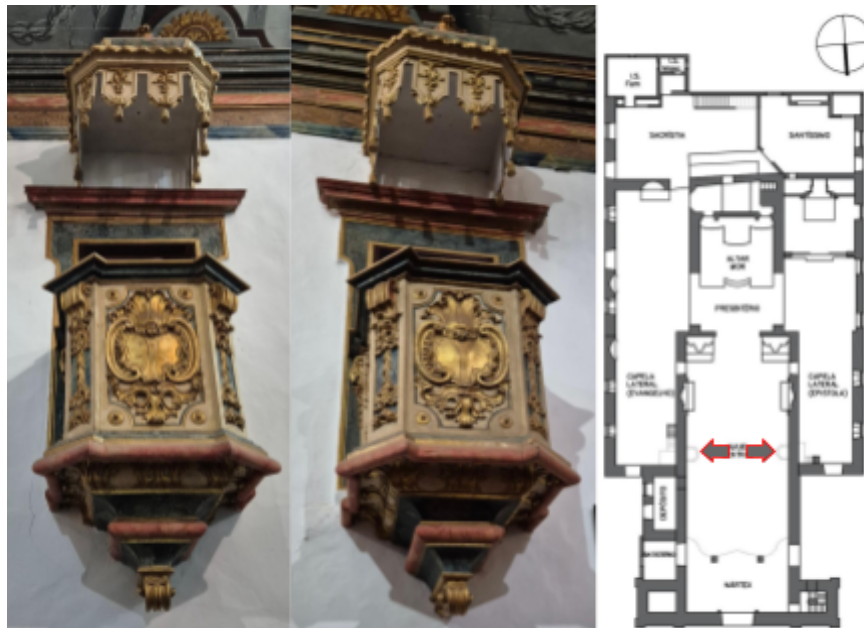


Figura 172: Púlpitos da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;  
 Fonte: Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

Ao lado esquerdo da nave, encontramos o Retábulo lateral dedicado a Nossa Senhora da Conceição (figura 173 e 174). CECCONELLO et al (2005) o descreve como um exemplar do período do Rococó, sendo um provável exemplar da primeira metade do século XIX, trabalhado em madeira com pintura policromada e douramento.

Em seu nicho principal temos a presença da imagem de vulto de Nossa Senhora da Conceição, seguido de um nicho inferior dedicado a Sant'Ana Mestra. Acima do dossel do nicho central (ou baldaquim), encontra-se um brasão em rocalha com douramento com a presença de uma coroa de flores desenhada ao centro, símbolo comum para representações marianas (ITABIRITO, 2005).

Em análise, sua estrutura ainda abriga dois nichos laterais, atualmente ocupados por imagens de madeira com policromia de São Francisco de Assis à esquerda e São Sebastião e direita (ITABIRITO, 2005). Ainda apresenta duas peanhas próprias para santos e uma peanha inferior em madeira sem policromia, provavelmente para velas/castiçais.

Sua pintura, com fundo em base ocre, desenvolve-se em marmorizados em cor azul e vermelha, seguido de guarda-pó de mesmo padrão. Seu coroamento em arco pleno compreende representações de conchas dismórficas. O altar apresenta decoração em conchas coloridas em paleta próxima ao do altar, encaixado de forma exata na base do retábulo. Seu ritmo se dá principalmente pela sequência de pilares conectados por cimalkhas, tendo pouquíssimos detalhes de douramento em toda a obra.

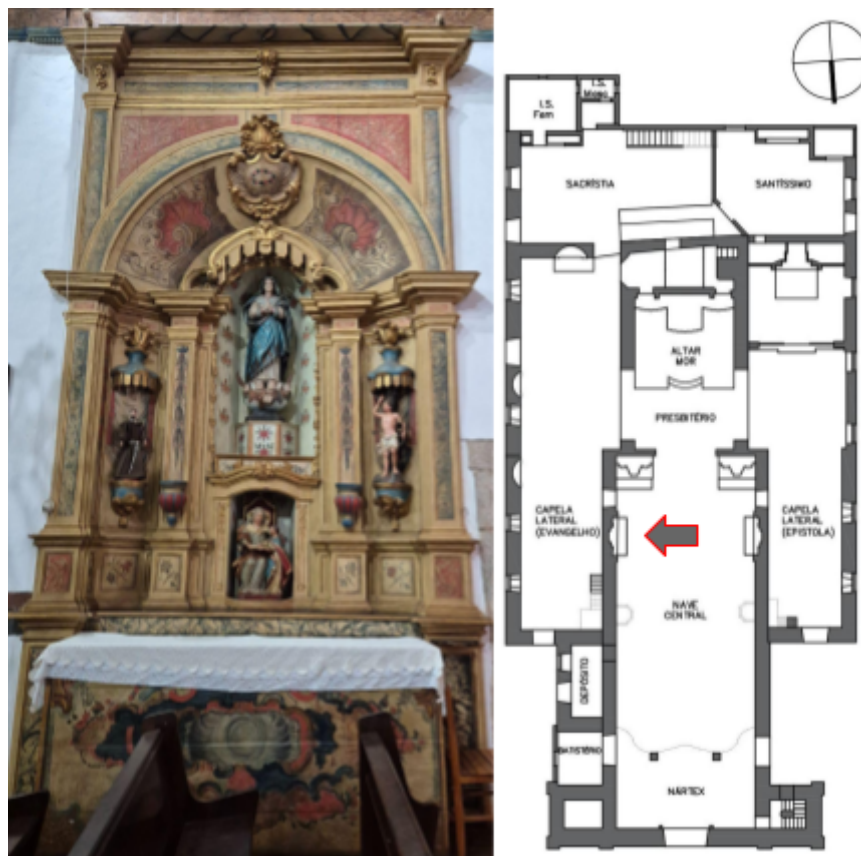


Figura 173: Altar de Nossa Senhora da Conceição da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

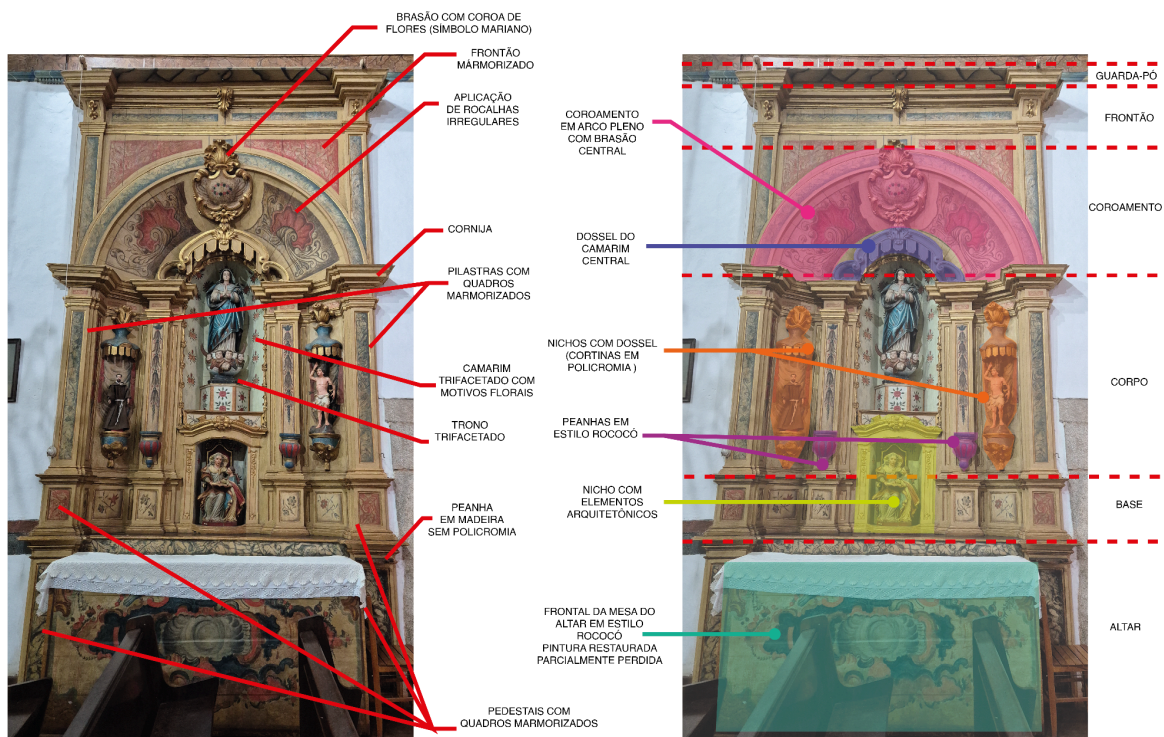


Figura 174: Análise do Altar de Nossa Senhora da Conceição da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;  
Fonte: Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

Já no lado direito da nave, encontramos mais um Retábulo lateral (figura 175 e 176), O nicho principal abriga a imagem de vulto de Nossa Senhora do Rosário, seguida de um nicho inferior dedicado a Santo Antônio. Da mesma forma que o retábulo anterior, apresenta dossel acima do nicho central, ao qual se dispõe um brasão em rocalha com pouco douramento, carregando a iconografia de cruz sobre livro, diferenciando-se do anterior também pela presença de dois anjos querubins que cumprem o propósito de sustentação do brasão (ITABIRITO, 2005).

Seus dois únicos nichos laterais abrigam a imagem de madeira policromada de São João Batista à esquerda, e uma imagem de gesso simples à direita (ITABIRITO, 2005), não apresentando qualquer tipo de peanha extra, como as executadas no retábulo anterior.

Nas obras de referência analisadas CECCONELLO et al (2005) defende em seu estudo que este retábulo seria dedicado a Santo Antônio, devido a iconografia presente no brasão. Já de acordo com ITABIRITO(2005), o retábulo, por apresentar Nossa Senhora do Rosário como figura principal em seu camarim, seria a responsável pela nomeação do bem móvel integrado.

Desprezando-se a nomeação do santo de dedicatória ao retábulo, temos entre autores a concordância da aplicação de pintura ao estilo Rococó adotado neste exemplar, sendo provavelmente de data próxima ao retábulo de Nossa Senhora da Conceição, porém com maior número de ornamentos em sua composição.

Sua policromia em base bege esverdeada também adota o uso de marmorizados, porém predominantemente verdes, com poucas partes em detalhes marmorizados vermelhos. Apresenta em seu coroamento em arco pleno e em seu fontão um maior número de rocalhas, representadas em tons de vermelho, verde e azul. Poucos detalhes se apresentam em douramento, com motivos florais.

Seu altar apresenta pintura nova, executada com técnicas de estêncil em cores de azul, com brasão redondo avermelhado no meio. Anteriormente ao restauro de 2005, este altar possuía frontal igual ao altar contraposto de N. S. da Conceição. Não foi possível a coleta de informações que justificassem a retirada da pintura rococó antiga para a substituição por uma mais nova, que apresenta desenhos próximos a pintura em estêncil do altar mor, analisada em seguida.

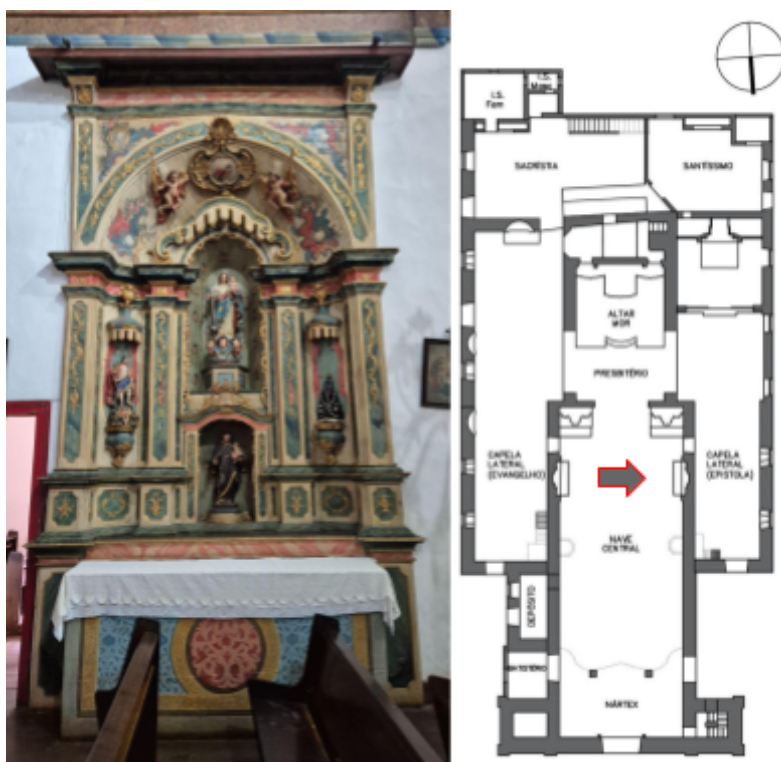


Figura 175: Altar de Santo Antônio da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

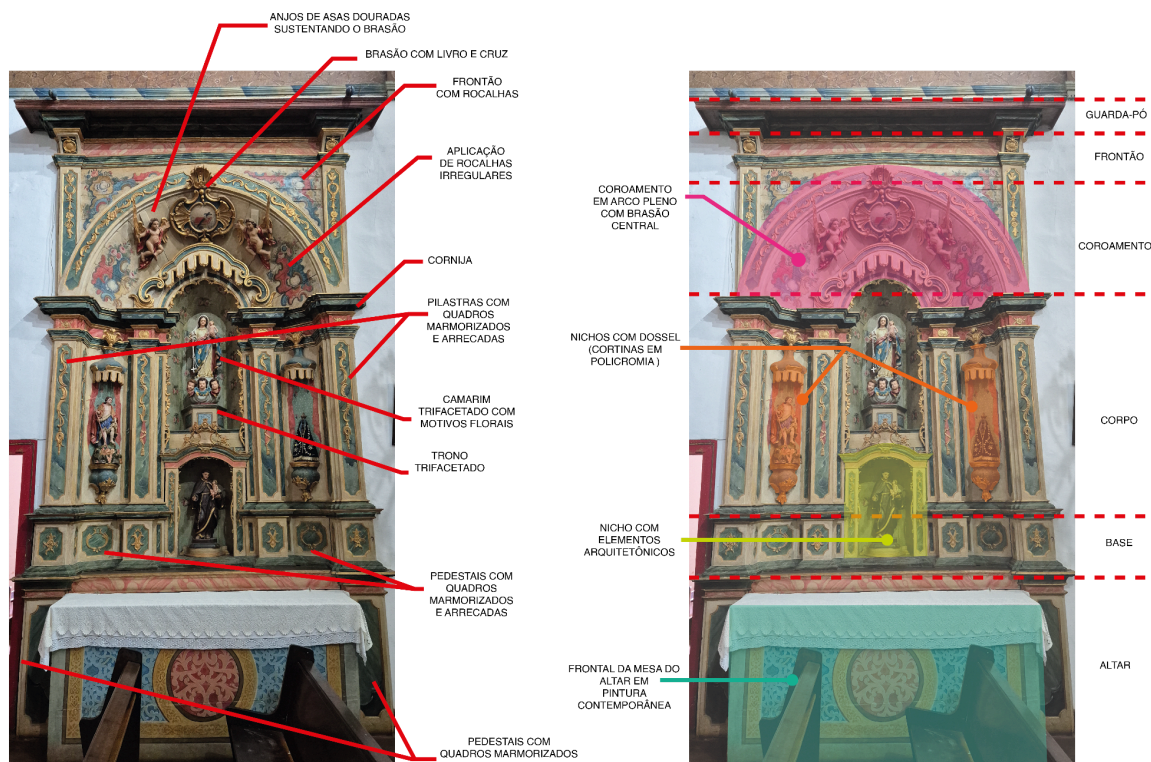


Figura 176: Análise do Altar de Santo Antônio da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

Seguindo o corpo da Nave, em separação ao espaço da Capela mor, temos o arco-cruzeiro acompanhado de seus dois retábulos laterais (Figura 177). Trabalhado em talha com douramento típica do estilo Nacional Português, apresenta duas tarjas, uma completamente em douramento (ITABIRITO, 2005), instalada ao centro do arco-cruzeiro, junto ao frontão, construído em arco pleno, e logo acima, instalada na parede, uma segunda tarja, de maiores proporções, ostentando as cores vermelha e azul. Na base interior do arco, desenhos naturalistas se apresentam, envolvidos em moldura na cor vermelha com detalhes dourados.

A tarja maior se instala ao centro de uma pintura de cortina avermelhada, com franjas que proporcionam acabamento entre a parte do forro ao corpo da nave (ITABIRITO, 2005), sendo interrompida pelos guarda-pós dos altares do arco-cruzeiro. Na parte superior, no encontro entre forro e arco, instala-se uma pequena cimalha, ostentando pintura em estêncil, de base azul claro com padronagens em azul escuro, similar ao padrão retirado no restauro de 2005 nas demais cimalthas da nave (figura 87).



Figura 177: Arco-cruzeiro da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 21 de Janeiro de 2026.

Ainda no arco-cruzeiro, destaca-se a presença de seus retábulos, ao qual se apresentam em paralelo a parede do arco do cruzeiro, não apresentando enviesamento (inclinação de instalação), como ocorre a exemplo, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo (Ouro Preto, MG).

À direita do corpo da nave (lado da epístola), temos o Retábulo dedicado a São Miguel das Almas (figura 178 e 179). Sua estrutura de forma convexa, apresenta colunas torsas envolvidas em parreiras, contornando o camarim, sendo mais projetadas para a frente, sustentada por 4 atlantes. Ao centro encontramos o sacrário com símbolos da Paixão de Cristo, seguido pelo trono ao qual sustenta a imagem de São Miguel. Ao fundo, um sol em baixo relevo completa o camarim. Arrematando o retábulo, desenvolvem-se arcos com duas aduelas, prendendo a armação (BOHRER, 2015). Sua tarja, inclinada ligeiramente para baixo, aparece ladeada por anjos, com uma única estrela em seu centro (ITABIRITO, 2005).

O altar de São Miguel, diferentemente de seu retábulo, apresenta frontão com pinturas de conchas dismórficas, em desenho idêntico ao altar de Nossa Senhora da Conceição, padronagem típica do Rococó, assim como seu guarda-pó, acima do retábulo, com formato retangular simples, de bordas douradas e pintura com motivos florais em base bege.

Entre os arcos do retábulo de estilo nacional português e o guarda-pó rococó, tábuas de madeira lisa tampa um buraco sem acabamento entre os dois elementos. Apesar de não terem sido encontrados registros de modificações nesta área, pode-se teorizar que este acabamento pode ter sido fruto de modificações nos altares, completadas ou não, durante os anos de história do bem.



Figura 178: Altar de São Miguel da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

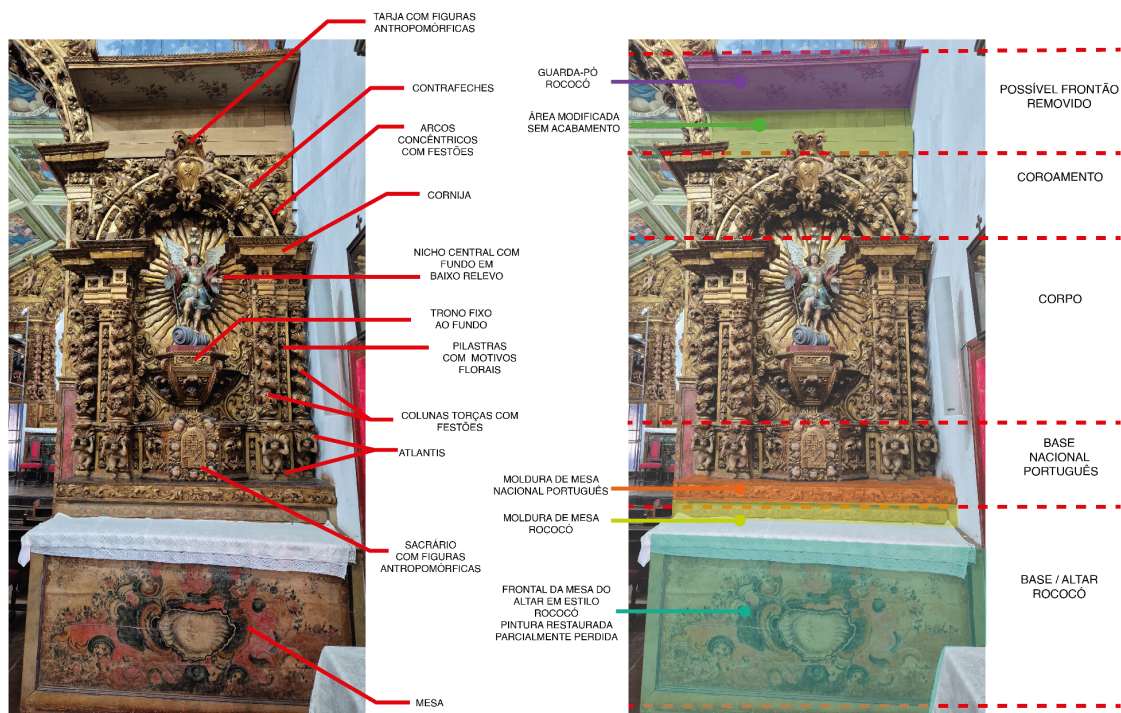


Figura 179: Análise do Altar de São Miguel da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

Ao lado oposto do retábulo de São Miguel, no lado do evangelho, encontramos o Altar de Nossa Senhora do Carmo (Figura 180 e 181), suas feições são idênticas ao arranjo do de São Miguel, utilizando os mesmos formatos de talha, douramento, colunas torsas e seus suportes de atlantis, até mesmo seu altar e guarda-pó apresentam mesma configuração e padronagem de pintura.

Destaca-se a tarja, que apresenta uma pequena flor em seu centro, indo em contramão aos símbolos comuns utilizados para retábulos dedicados a N. Sra. do Carmo, sendo geralmente a presença do símbolo do Monte Carmelo e três estrelas (ITABIRITO, 2005).

BOHRER (2015) em seus estudos aos retábulos nacional português de Minas Gerais, ao analisar os exemplares dos retábulos de São Miguel e Nossa Senhora do Carmo, demonstra indicações sobre a possibilidade de ambos os altares terem sido feitos por oficinas diferentes, devido a diferenças distintas de padrões de folhagem, fênix e atlantes, sendo provavelmente o mesmo risco, ao qual fora executado por artistas diferentes. BOHRER (2015) ainda a possibilidade do mesmo artista responsável pelo retábulo do Carmo, ter confeccionado o retábulo que atualmente abriga o Senhor dos Passos na capela lateral direita.



Figura 180: Altar de Nossa Senhora do Carmo da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

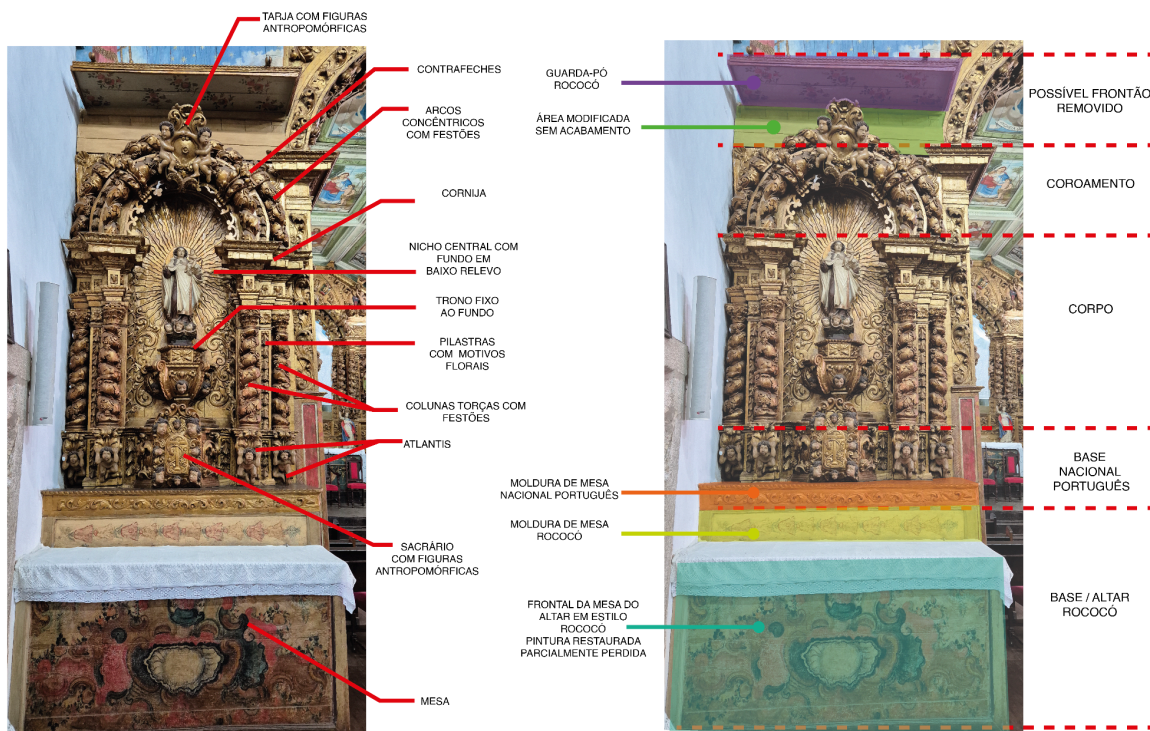


Figura 181: Análise do Altar de Nossa Senhora do Carmo da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

Adentrando a capela mor, podemos encontrar seu altar (figura 182 e 183). Em estilo Nacional Português, destaca-se sua talha com douramento, adornadas por anjos serafins, querubins e atlantis (ITABIRITO, 2005). Possui ritmo arquitetônico marcado pelas suas colunas torsas, que dão origem a duas arquivoltas e dois grandes nichos que as margeiam, seguidos de mais um par de colunas que ladeiam o retábulo (BOHRER, 2015).

Acima de suas arcadas, apresenta um conjunto escultórico, fazendo o papel de harmonizar o forro trifacetado com os arcos. Notam-se fissuras de junções e adaptações no conjunto escultórico, em especial no arremate, como adição de atlantes, sustentando mísulas soltas e dois anjos, de faces divergentes a talha presente nos demais anjos do altar (BOHRER, 2015).

BOHRER (2015) apresenta em seus estudos sobre este altar a possibilidade do mesmo poder ter sido projetado de forma diferente, citando a possibilidade de um arremate mais completo, como na Matriz de Sabará, com possíveis encaixes de cortinas e amarrações que se conectarem com os anjos laterais.

Promove-se ainda a teoria de perdas de parte deste altar durante os séculos de sua existência ou mesmo modificações não finalizadas ou reformuladas. A exemplo de descoberta recente, ao final de 2025, no período de construção deste trabalho, onde fora encontrada uma coroa em madeira com douramento nos destroços da Capela Mor da Capela de Nossa Senhora do Rosário, ao qual passa por processo atual de restauração após desabamento de parte de sua estrutura. Coroa está que, com ajuda da Restauradora Eduarda Mol, responsável pelo processo de restauração atual da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, foi identificada como parte integrante da tarja do altar mor da Matriz (figura 184), passando imediatamente por processo de recobrimento do douramento e inserção da coroa na tarja.

Ao centro, no camarim, encontrasse a Imagem da Padroeira de Itabirito, Nossa Senhora da Boa Viagem, imagem de vulto atribuída ao século XVIII (ITABIRITO, 2005), dispõe-se em cima de um trono de 4 degraus, de pintura bege clara com ornatos dourados em moldura azul claro.

O fundo do Camarim, ao qual apresentava pintura branca sólida, ao final de 2025 ganhou, através de pintura realizada pela Restauradora Eduarda Mol, desenhos de um céu azul com nuvens e centro estrelado em azul escuro, inspirado na pintura já existente acima do Arco-cruzeiro, tendo o fundo do camarim ganhado uma pintura dourada, com marcenaria em baixo relevo de um sol, inspirado nos presentes no altar de São Miguel e Nossa Senhora do Carmo.

Apesar de não existirem registros formais, esta pintura foi executada com base em relatos orais de antigos moradores, que contam que o camarim do Altar Mor teria tido uma pintura similar a executada em 2025, e que fora perdida após a retirada das tábuas do camarim devido a alto estado de degradação das peças, sendo substituídas por novas peças com pintura branca. Segundo a restauradora responsável, o projeto foi analisado e aprovado pela Secretaria Municipal de Patrimônio, Cultura e Turismo de Itabirito, como forma de resgate da memória popular do bem histórico.

Nos dois nichos laterais encontram-se, ao lado do evangelho, imagem dedicada a São Francisco de Borja, e ao lado da epístola, Santa Luiza. Abaixo de cada nicho, portas artisticamente trabalhadas permitem acesso ao fundo do trono da padroeira, uma pequena sala que permite a subida por escada até o camarim central (ITABIRITO, 2005).

O sacrário, abaixo do camarim principal, apresenta formato arredondado, ladeado por anjos serafins (ITABIRITO, 2005), logo abaixo, apresenta-se a moldura do altar (figura 185), ao qual se encontra com o encaixe de uma moldura posterior em formato côncavo, ao qual encaixava-se o altar atual da igreja, e por fim, um último fechamento, em pintura de brasão com livro e flores. O altar, de formato curvo, apresenta pintura em azul escuro, com pequenos detalhes em dourado, em seu centro encontra-se pintado um pelicano tratando de seus filhotes com o próprio sangue, simbolizando o Sacramento da Eucaristia (ITABIRITO, 2005).

Nas paredes laterais, encontram-se duas pinturas, a do lado do evangelho, a expulsão de Adão e Eva do paraíso, e do lado da epístola, a transfiguração no Monte das Oliveiras. Ambas as pinturas datam do mesmo período da pintura do caixotão do forro, do ano de 1963 (ITABIRITO, 2005). Em seu entorno, no processo de restauração atual da Matriz, foram reconstituídas pela restauradora Eduarda Mol e sua equipe, pinturas em estêncil em tons de azul, ao qual estavam tampadas por diversas camadas de pintura de tinta branca a base de cal, provavelmente, datadas do mesmo período das pinturas bíblicas, devido a coincidência dos estilos das molduras das pinturas, que se complementam.

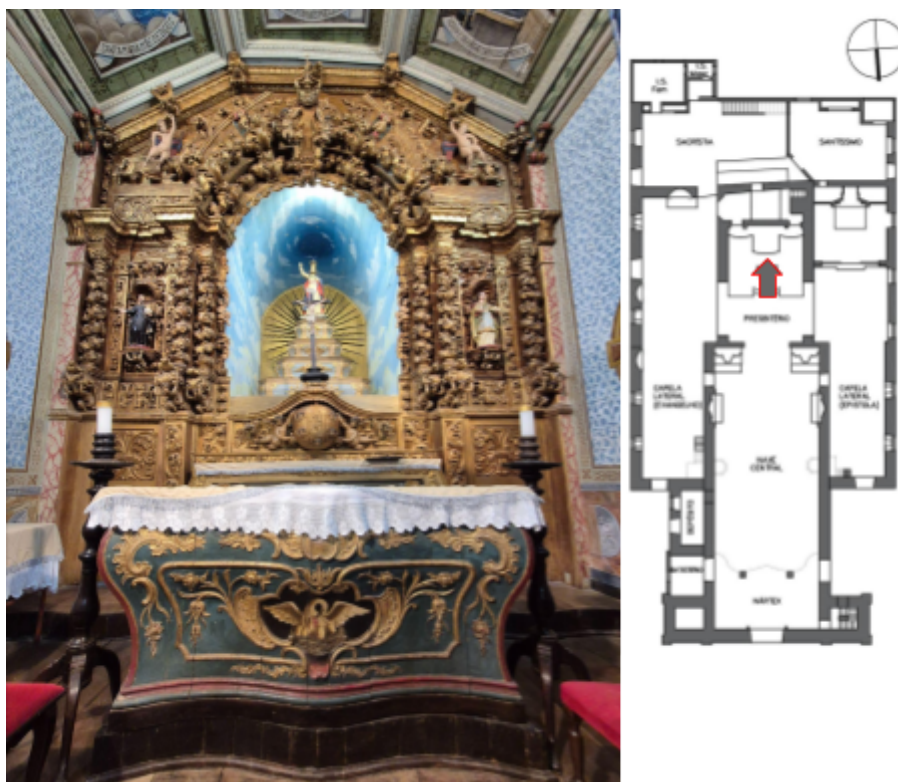


Figura 182: Altar Mor da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 21 de Janeiro de 2026.

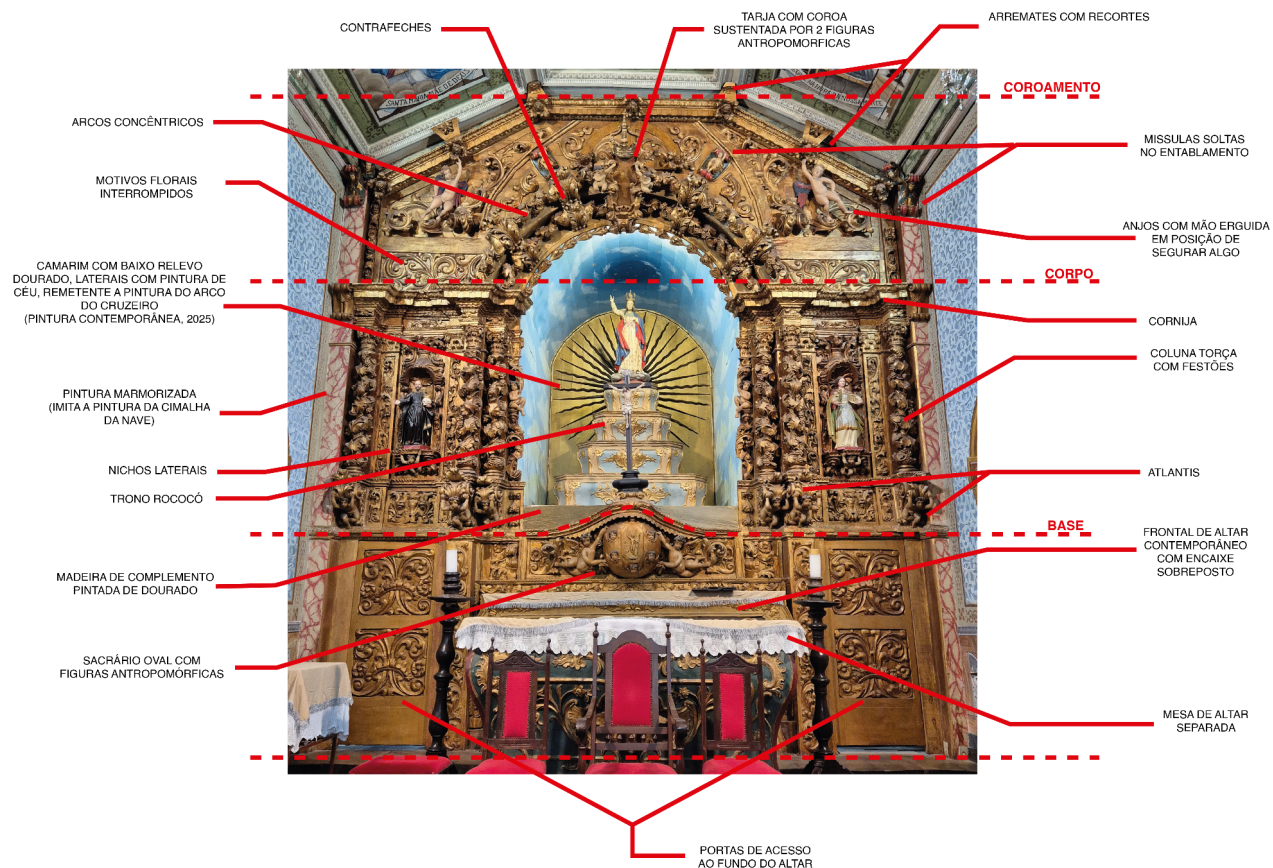


Figura 183: Análise do Altar Mor da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 21 de Janeiro de 2026.



Figura 184: Tarja do Altar Mor da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem após inserção da Coroa encontrada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário;

Fonte: Arquivo Pessoal; 21 de Janeiro de 2026.



Figura 185: Encaixe do Frontal do Altar Mor da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 21 de Janeiro de 2026.

O forro da Capela mor (figura 186) é em formato de caixotão, onde são pintados 9 grandes quadros representando a oração da Ave Maria, segundo ITABIRITO (2005), assinado com a data de 3 de Março de 1963. a separação das molduras se dar por pintura lisa branca, contornada por uma cimalha em marmorizado em tons de verde. CECCONELLO et al (2005) aponta a pintura dos quadros do caixotão como provável pintor do forro da nave e coro.



Figura 186: Forro da capela mor da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

Partindo para a capela lateral direita, temos a presença do retábulo atualmente dedicado ao Senhor dos Passos (figura 187 e 188), anteriormente Capela do Santíssimo Sacramento (ITABIRITO, 2005). Este retábulo apresenta planta levemente convexa, com dois pilares externos, que sustentam um arco simples, seguido de duas colunas de cada lado do camarim que sustentam dois arcos subsequentes, além de pilares internos que separam as colunas (BOHRER, 2015). Acima, inserção de um lambrequim, de pintura e acabamento inferior fazem o papel de adequação entre o retábulo e o forro (ITABIRITO, 2005).

Em seu camarim, apresenta-se o Senhor dos Passos, sentado em um pequeno banco, imagem de Roca, própria para procissões, apresenta desarrumada cabeleira que recobre seu rosto. Em sua frente, um sacrário de madeira contemporâneo foi adicionado. O camarim apresenta pintura em tons bege claro, com pinturas de motivos florais.

Projetam-se nos arcos duas tarjas, uma inferior, com cores vermelha, azul e branca, com o escrito JS, segurado por duas figuras antropomórficas. Acima, tarja dourada compatível com o estilo nacional português, seu centro aparenta estar desgastado, sem símbolo.

BOHRER (2015), traz em sua análise a suposição do possível traslado deste retábulo para o local atual, ao qual originalmente pertenceria a nave, e possa ter sido substituído por um dos dois altares rococó. Sua fundamentação se dá a partir da localização de fortes interferências na estrutura do altar, como o achatamento das arquivoltas do coroamento, cortadas no ponto de junção das arquitraves, uso de dois medalhões distintos, readequação de base de colunas, entre outros. BOHRER (2015) ainda teoriza sobre a possibilidade de este altar ter possuído um ático/frontão, devido a apainelados parcialmente visíveis na estrutura cortada.

Nesta capela ainda se encontra no forro uma pintura em lona (figura 189), representando o ostensório com a hóstia consagrada, ladeados por anjos que repousam em nuvens (ITABIRITO, 2005). O retábulo se separa do restante da capela por um degrau de pedra com guarda corpo rendilhado em ferro fundido, onde, a partir do mesmo, o tabuado de madeira da capela da lugar a um ladrilho hidráulico em padrão de estrela cinza e preta com diamantes vermelhos.



Figura 187: Altar do Senhor dos Passos da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

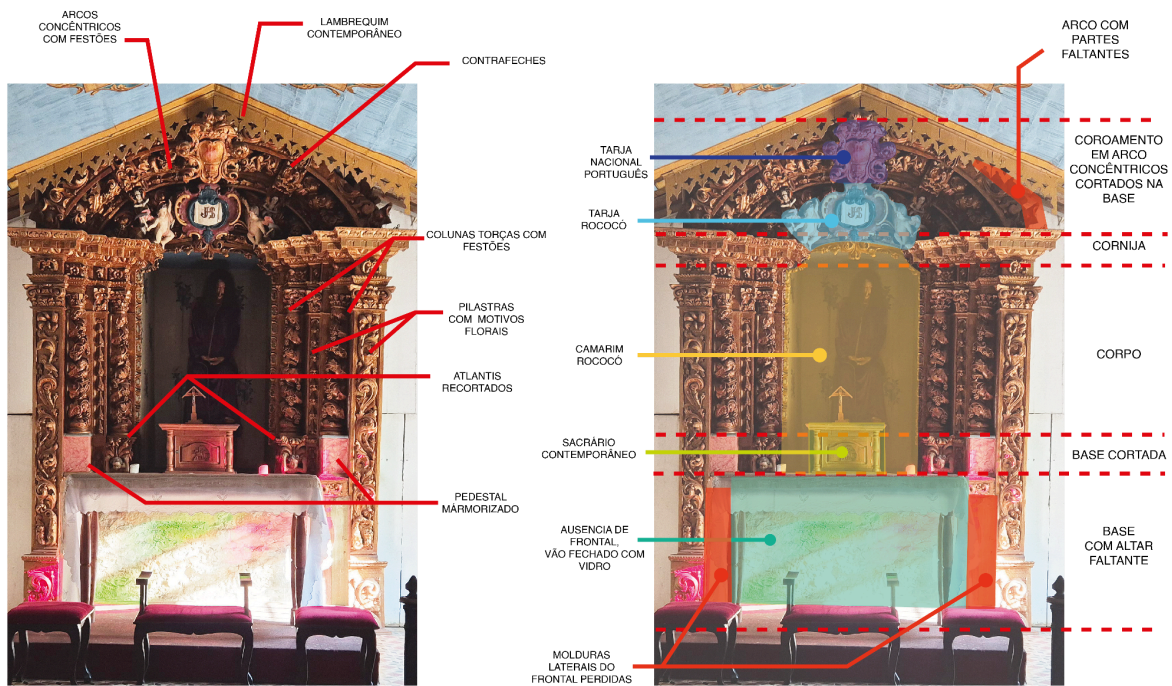


Figura 188: Análise do Altar do Senhor dos Passos da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.



Figura 189: Forro da Capela do Senhor dos Passos (antiga capela do santíssimo) da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 02 de Maio de 2025.

Voltando-se para a capela lateral esquerda, temos a aparição de 3 nichos simples, de feito mais recente aos retábulos anteriores, sendo dois menores, na parede lateral, que guardam atualmente as imagens do Sagrado Coração de Jesus (Figura 190) e São Vicente de Paulo (Figura 191), sendo o nicho de São Vicente de Paulo mais elevado do chão, ficando menor em altura.

Ao fundo da Capela, temos o nicho maior, onde se apresenta uma imagem em tamanho natural de Nossa Senhora das Dores, e logo abaixo, a câmara mortuária, onde se encontra a imagem articulada de Jesus após sua crucificação (figura 192). Todos os 3 nichos apresentam fechamento em portas de vidro com estrutura de madeira, desenvolvendo uma estrutura de arco pleno, com pouquíssimas decorações (ITABIRITO, 2005).

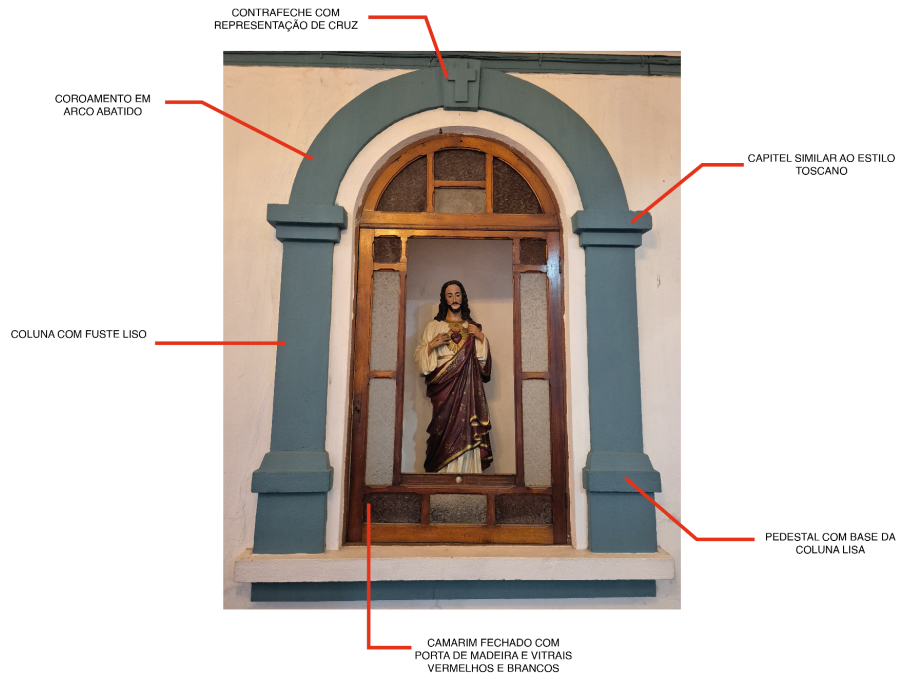


Figura 190: Análise do Nicho do Sagrado Coração de Jesus da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;  
 Fonte: Arquivo Pessoal; 21 de Janeiro de 2026.



Figura 191: Análise do Nicho de São Vicente de Paulo da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;  
 Fonte: Arquivo Pessoal; 21 de Janeiro de 2026.

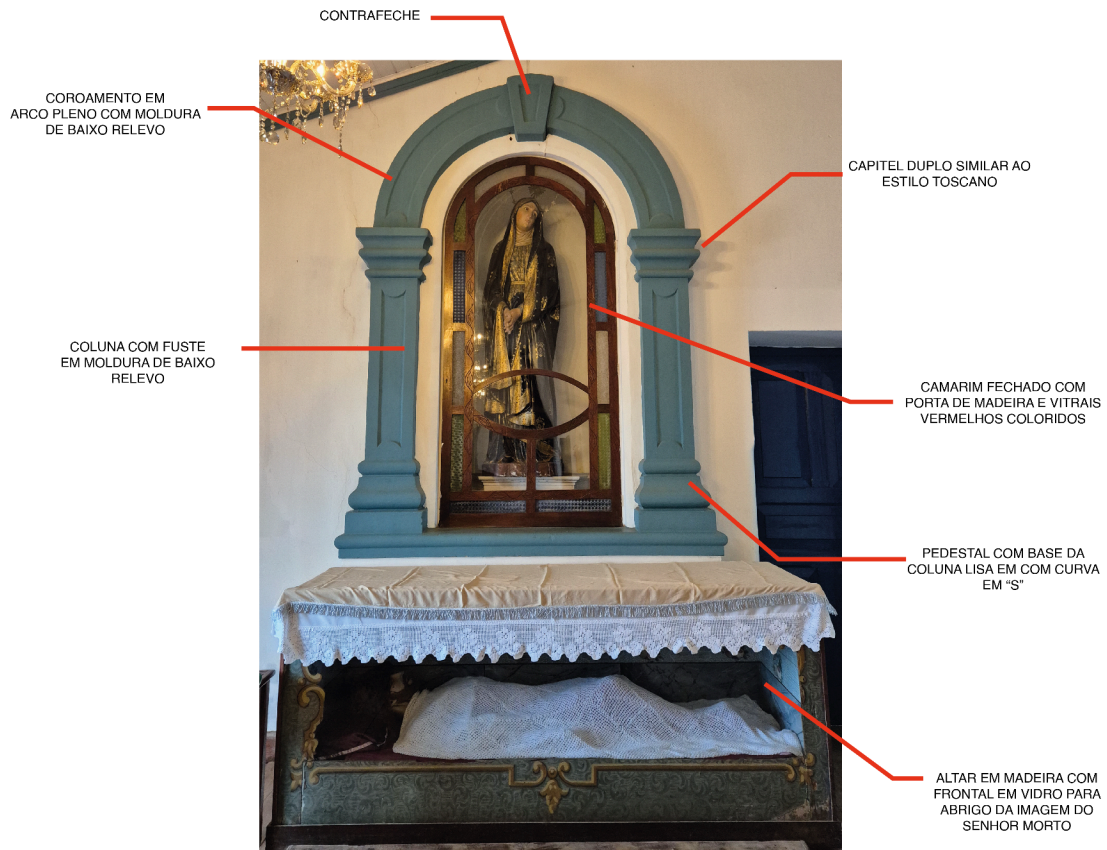


Figura 192: Análise do Nicho de Nossa Senhora das Dores e câmara mortuária da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Fonte: Arquivo Pessoal; 21 de Janeiro de 2026.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito permitiu, com base nas pesquisas realizadas, a compreensão da história deste bem patrimonial, demonstrando como sua configuração arquitetônica e artística está diretamente vinculada às dinâmicas de ocupação, organização social e transformação econômica de Itabirito e de demais regiões mineradoras do seu entorno.

A articulação entre levantamento historiográfico, análise documental, leitura comparativa com outros templos mineiros e observação *in loco* permitiu elaboração de uma visão geral da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, de forma a pontuar os elementos que a configura como um exemplar de registro das adequações e modificações associadas ao território itabiricense, assim como os modos de vivência de cada época, sobrepondo-se soluções construtivas tradicionais e diferentes repertórios estilísticos, em processos que visavam perdurar o edifício como importante símbolo cultural do núcleo originário da população itabiricense.

A proposição cronológica da formação de Itabira do Campo e das fases construtivas da matriz evidenciou a inserção do templo como um importante fator de modelagem do espaço físico e social ocorridos não só no território itabiricense, mas também em comparação aos diversos casos das Minas setecentistas, percorrendo desde a capela vinculada ao primeiro arraial até sua consolidação como igreja paroquial, vinculada às disposições tridentinas e às Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia.

Grande dificultador desse processo de reconstituição cronológico, arquitetônico e estilístico se concentrou na escassez de fontes primárias de conteúdo, como os documentos paroquiais, os quais não foi possível pleno acesso, assim como os arquivos do arcebispado de Mariana, os quais apresentavam escassez de dados relevantes. A confiabilidade de fontes secundárias também se torna um agravante, ao passo que, tratando-se de memória local concentrada no relato oral, no processo de transcrição das histórias relativas a Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem e outros pontos relativos a constituição do município, cada autor toma de certa liberdade para transcrever estes relatos a partir de semiótica própria, que podem carregar certas imprecisões e vieses próprios, advindos da formação pessoal de cada indivíduo.

Apesar da escassez de dados, as fontes eclesiásticas e civis consultadas indicaram o processo de acompanhamento do edifício aos fatores de ascensão econômica, principalmente ligadas à mineração, assim como ao posterior declínio e diversificação das atividades produtivas, refletindo, em sua materialidade, momentos de investimento, interrupções e re-interpretações de seu programa arquitetônico.

A análise volumétrica e construtiva demonstrou que a Matriz de Boa Viagem muito se aproximou dos modelos de ascensão dos arraiais mineiros, com partidos que se associam aos processos evolutivos de capelas e matrizes descritos por MELLO (1985) e VASCONCELLOS (1983), com a utilização de uma capela inicial como partido de criação da Matriz a partir dos acréscimos de elementos ao corpo da igreja e suas fachadas, a fim de permitir o cumprimento da função litúrgica do local, atendimento da população e até mesmo como forma demonstração de poder e influência através da aplicação de técnicas e gostos estilísticos considerados cultos de cada época.

Ao mesmo tempo, o templo apresentou suas próprias especificidades de formação, ligadas diretamente ao sítio, técnicas utilizadas e das sucessivas campanhas de obra, muito se vinculando as teorias contemporâneas de CAMPOS (2006), DANGELO (2015), entre outros, que interpretam a ascensão de um templo a fatores diversos, variando-se entre fatores culturais, econômicos e de disponibilidade regional de recursos, necessitando-se de olhares criteriosos para a identificação dos diversos fatores, a fim de se propor falsas analogias.

O estudo dos elementos artísticos integrados, em especial os retábulos e suas formas de inserção no corpo do templo, evidenciam o processo de convivência da ascensão dos estilos artísticos, desde o repertório barroco nacional-português, passando pela renovação visual do rococó, até as intervenções modernas do século XX e contemporâneas. Juntos, cada um destes estilos reorganizaram o espaço interior, atualizando a linguagem devocional de acordo com os gostos e possibilidades da comunidade local ao longo dos séculos.

Do ponto de vista do patrimônio, a pesquisa confirma a centralidade da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem como bem estruturador do núcleo inicial da cidade, hoje, centro histórico tombado, ressaltando o papel de referência identitária do templo para a população itabiritense.

A leitura conjunta das transformações arquitetônicas, das intervenções estilísticas e da trajetória de suas irmandades e confrarias, conferências vicentinas e demais população leiga que participaram da manutenção do templo durante seus séculos de existência, reforçam a necessidade de políticas de preservação, extrapolando os parâmetros dos tombamentos municipais, que muitas vezes apresentam-se esvaziados de ferramentas efetivas para manutenção do bem, sendo necessário a articulação da aplicação de novos processos de preservação e revisão dos existentes, de forma a considerar tanto a conservação física do edifício, mas também a salvaguarda de suas práticas religiosas, memória coletiva e documentação histórica.

Sua importância patrimonial demonstra a necessidade de estudos formais das intervenções que já foram executadas na Matriz, a fim de traçar diretrizes para futuras modificações, visto que a sobreposição de intervenções já apresentadas no templo podem se revelar maléficas para o bem patrimonial, caso não tratadas com atenção e cuidado, aplicando-se a manutenção devida. A exemplo dos anexos do fundo do templo que, por sua baixa qualidade construtiva, apresentam diversas patologias, degradando a imagem externa do templo.

De forma similar, modificações internas ligadas a infraestrutura, como iluminação e eletricidade, passagem de cabeamento sonoro, entre outros, os quais até o momento atual são pouco planejados, também podem trazer malefícios se não monitorados, traçando planos de conservação dos elementos integrados da Igreja.

Por fim, não pretendendo esgotar a complexibilidade do objeto estudado, este trabalho focou-se no favorecimento de um quadro de referências de uma base sólida e centralizada para futuras investigações.

Permanecem em aberto questões relativas às autorias dos riscos internos e externos da Matriz, em especial aos projetos dos elementos artísticos integrados, ao detalhamento dos processos de inserção da Matriz dentro das redes de circulação de uso de materiais, imagens e modelos formais das técnicas de cada período analisado e a identificação dos mestres envolvidos neste processo. Investigações específicas sobre talha, policromia, iconografia e documentação inédita podem aprofundar e refinar a linha traçada neste projeto, contribuindo para o conhecimento e a valorização da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem como patrimônio histórico e cultural de Itabirito e de Minas Gerais.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AHI – Acervo Histórico de Itabirito. Disponível em: <https://ahi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por>. Acesso em: 8 out. 2025.
- AMARAL, Rayssa. "85 anos de Jair — Uma linha do tempo." Medium, publicado através da conta Marginalia – espaço FAOP, 2 ago. 2017. Disponível em: [https://medium.com/@marginalia\\_/85-anos-de-jair-uma-linha-do-tempo-a4e67f89371](https://medium.com/@marginalia_/85-anos-de-jair-uma-linha-do-tempo-a4e67f89371). Acesso em 28 out. 2025.
- ANTUNES, Andressa; ANDRADE, Francisco Eduardo de; TEIXEIRA, Vanessa Cerqueira (orgs.). Irmãos das Minas: confrarias religiosas e sociabilidade em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX. 1. ed. Jandira, SP: Paco Editorial, 2024. 392 p.
- ARCANJO, Romeu. Itabirito, 28 mil novas telhas, R\$ 226 mil: parceira na obra Herculano visita novo telhado da Boa Viagem. Radar Geral, 22 mar. 2025. Disponível em: <https://radargeral.com.br/itabirito/itabirito-28-mil-telhas-r-226-mil-parceira-na-obra-herculano-visita-novo-telhado-da-boa-viagem/>. Acesso em: 2 nov. 2025.
- ÁVILA, Affonso; GONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes; FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação. 3. ed., rev. e ampl. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996. ix, 232 p.
- BOHRER, Alex Fernandes. A talha do estilo nacional português em Minas Gerais: contexto sociocultural e produção artística. 2015. 2 v. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2015. Orientadora: Adalgisa Arantes Campos.
- BURTON, Richard. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. Tradução de David Jardim Júnior. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001. 530 p. (Coleção O Brasil visto por estrangeiros). Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/1116>. Acesso em: 29 set. 2025.
- BURY, John Bernard. Arquitetura e arte no Brasil colonial. Brasília: IPHAN/Monumenta, 2006.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. Arte sacra no Brasil colonial. Prefácio de Francisco Taborda S.J.; coordenação editorial de Fernando Pedro da Silva e Marília Andrés Ribeiro; revisão de Alexandre Vasconcellos de Melo; projeto gráfico e capa de Rafael Chamischat. Belo Horizonte: C/Arte, 2001. 144 p. il. (História & Arte). ISBN 85-88973-25-2.

- CAMPOS, Adalgisa Arantes. Confrarias e ordens terceiras: cultura artística e religiosa no Brasil colonial. In: CAMPOS, Adalgisa Arantes. Arte sacra no Brasil colonial. Belo Horizonte: C/Arte, 2011. p. 95-111. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/anexos/Confrarias%20e%20Ordens%20Terceira-s-texto%20Adalgisa.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. Introdução ao Barroco Mineiro: cultura barroca e manifestações do rococó em Minas Gerais. Belo Horizonte: Crisálida, 2006. 80 p.
- CARVALHO, Rogério Alberto Lopes de; Surgimento da Indústria Têxtil Fabril em Minas Gerais: o Caso da Companhia Industrial Itabira do Campo, 1892 – 1905; Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG; Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais; 2004. Disponível em Arquivo Público da Biblioteca Municipal de Itabirito; Itabirito, Minas Gerais; consultado em 29 de Dezembro de 2023.
- CARVALHO, Cláudia; NÓBREGA, Cláudia; SÁ, Marcos. Introdução: guia da arquitetura colonial. In: CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000. p. 5-24.
- CECCONELLO, Camila Sardinha; DANESE, Eduardo Alexandre; ALEXANDRE, Fernanda Danese; MELO, Liliam Ferreira Cunha de; FIORILLO, Miguel Ângelo. Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem: dossiê de restauro. Itabirito: Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, 2005. [Documento não publicado. Cedido pessoalmente pela Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, Itabirito, 2025].
- CLÍMACO, Bianca Pataro Dutra. Se essa rua fosse minha: patrimonialização de conjuntos urbanos em Itabirito (MG). 2011. 193 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <https://web.sistemas.pucminas.br/BDP/puc%20minas/Home/Visualizar?seq=42C24B886BA24A47>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- CORONA, Eduardo; LEMOS, Sylvio. Dicionário da arquitetura brasileira. 1. ed. São Paulo: EDART - São Paulo Livraria Editora Ltda., 1972.
- DANGELO, André Guilherme Dornelles. A cultura arquitetônica em Minas Gerais e seus antecedentes em Portugal e na Europa: arquitetos, mestres-de-obras e construtores e o trânsito de cultura na produção da arquitetura religiosa nas Minas

Gerais setecentistas. 2006. 4 v. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

- FABRINO, Raphael João Hallack. Guia de identificação de arte sacra. Rio de Janeiro: IPHAN, 2012. 147 p. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/guia\\_arte\\_sacra.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/guia_arte_sacra.pdf). Acesso em: 9 jul. 2025.
- FABRIS, Annateresa (org.); LEMOS, Carlos; PATETTA, Luciano; WEIMER, Gunther; CASTRO, José Liberal de; SILVA, Geraldo Gomes da; DRENUJI, Jussara da Silveira; SALGUEIRO, Heliana Angotti; BRENNNA, Giovanna Rosso del. Ecletismo na arquitetura brasileira. São Paulo: Nobel; Edusp, 1987. 148 p. Ilustrado.
- FAOP, Relatório de restauração: imagens sacras – Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, Itabirito, Minas Gerais. Ouro Preto: Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP), Núcleo de Conservação e Restauração, jan. 2012.
- FIORILLO, Miguel Ângelo. Entrevista concedida a Victor Soares. Itabirito, MG, 03 jun. 2025. Acervo pessoal.
- FIORILLO, Miguel Ângelo. Fundamentos históricos da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem. Belo Horizonte: O Lutador, 1996. 202 p.
- FONSECA, C. D. Arraiais e vilas d'el rei: espaço e poder nas Minas setecentistas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 731 p.
- GLOSSÁRIO HISTÓRIA COLONIAL. Arquivo Nacional. Disponível em: <http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/glossario/index.php/verbetes/8-verbetes-iniciados-em-a/1343-arraial>. Acesso em: 2 dez. 2025.
- HISTÓRIA de antigas Paróquias. [s.d.]. Arquivo Eclesiástico de Mariana, Mariana, MG. Consultado em: 17 jun. 2025.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Itabirito - MG. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/itabirito.html>. Acesso em: 03 nov. 2025
- ITABIRITO, Lei Municipal nº 3325, de 8 de julho de 2019. Dispõe sobre o parcelamento, ocupação e uso do solo urbano no município de Itabirito. Câmara Municipal de Itabirito, 2019.
- ITABIRITO, Lei Municipal nº 3325, de 8 de julho de 2019. Dispõe sobre o parcelamento, ocupação e uso do solo urbano no município de Itabirito. Câmara Municipal de Itabirito, 2019.
-

- ITABIRITO, Prefeitura Municipal de Itabirito. Decreto n.º 3376, de 10 de dezembro de 1999. Dispõe sobre tombamento de imóveis históricos que menciona. Itabirito, MG: Prefeitura Municipal de Itabirito, 1999.
- ITABIRITO, Secretaria Municipal de Patrimônio, Cultura e Turismo; Processo de tombamento: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem. Prefeitura Municipal de Itabirito; Itabirito (MG), 2005. Disponível em: <https://itabirito.mg.gov.br/wp-content/uploads/2024/11/04%20-%20DOSSIE%20IGREJA%20DE%20NOSSA%20SENHORA%20DA%20BOA%20VIAGEM.pdf> Acesso em: 19 jun. 2025.
- ITABIRITO. Economia e praticidade: Prefeitura inicia atividades do novo Centro Administrativo. 10 fev. 2021. Disponível em: <https://itabirito.mg.gov.br/noticia/economia-e-praticidade-prefeitura-inicia-atividades-do-novo-centro-administrativo/>. Acesso em: 8 out. 2025.
- ITABIRITO NOTÍCIAS. O jornal da cidade do ferro. Fundador: Ivacy Simões. Ano VII, nº 83, agosto de 1980. Disponível em: <https://ahi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por>. Acesso em 28 out. 2025.
- LIMA JUNIOR, Augusto de. História de Nossa Senhora em Minas Gerais. Edição comentada, coord. Francisco Eduardo de Andrade e Mariza Guerra de Andrade. Belo Horizonte: PUC Minas; Autêntica, 2008. 320 p.
- LIMA, Kleverson. Banco de dados sobre atas de eleição, devassas, inventários e testamentos, irmandades, nascimentos e óbitos do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – “Dom Oscar de Oliveira”. Itabirito: Secretaria Municipal de Patrimônio, Cultura e Turismo, 2005. Compilações de datas em planilha e resumos textuais. [Não publicado]. Material recebido diretamente do autor em 2025.
- LINS, Thelmo Antônio G. de Miranda. Itabirito, uma história. Rev. Amanda Bruno de Melo. Itabirito: PMI/Secretaria de Patrimônio, Cultura e Turismo, 2025. 296 p. il. ISBN 978-85-68898-61-1.
- LIVRO L20. 1756 a 1768. Livro de Contas - Itabira do Campo. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, Mariana, MG. Consultado em: 17 jun. 2025.
- LIVRO L23. 04 abr. 1745 a 1820. Livro de Compromisso da Irmandade do Rosário de Itabira do Campo. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, Mariana, MG. Consultado em: 17 jun. 2025.

- LIVRO L24. 25 jun. 1753. Livro de Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição dos Pardos de Itabira do Campo. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, Mariana, MG. Consultado em: 17 jun. 2025.
- LIVRO L25. 28 [?] 1753. Livro de Compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Itabira do Campo. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, Mariana, MG. Consultado em: 17 jun. 2025.
- LIVRO L26. 1780. Livro de Compromisso da Irmandade de Santo Antônio de Itabira do Campo. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, Mariana, MG. Consultado em: 17 jun. 2025.
- LIVRO L27. 1781. Livro de Compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Itabira do Campo. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, Mariana, MG. Consultado em: 17 jun. 2025.
- LIVRO L33. 1818 a 1820. Livro de Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês de Itabira do Campo. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, Mariana, MG. Consultado em: 17 jun. 2025.
- LIVRO M06. 1744 A 1769. Livro de Receitas e Despesas da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês de Itabira do Campo. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, Mariana, MG. Consultado em: 17 jun. 2025.
- LIVRO M07. 1821 a 1902. Livro de Receitas e Despesas da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês de Itabira do Campo. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, Mariana, MG. Consultado em: 17 jun. 2025.
- LIVRO Z24. 1886. Livro de Alteração do Compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Itabira do Campo. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, Mariana, MG. Consultado em: 17 jun. 2025.
- MAIA, Antônio. Pequeno dicionário católico: dogma, liturgia, moral, Bíblia. Rio de Janeiro: Estrela do Mar, 1966. Disponível em: [https://apologetica.net.br/wp-content/uploads/2019/04/mk\\_pequeno-dicionario-catolico.pdf](https://apologetica.net.br/wp-content/uploads/2019/04/mk_pequeno-dicionario-catolico.pdf). Acesso em: 4 dez. 2025.
- MELLO, Suzy de. Barroco mineiro. São Paulo: Brasiliense, 1985. 287 p.
- MESTIÇA MENTE. Uma viagem 3D ao século XVIII: conheça a Praça da Matriz de Cachoeira do Campo. YouTube, 5 maio 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ll3wsVpAM8c>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- MIGUEL, Eleusy Natália. As torres das igrejas matrizes de Catas Altas e Itabirito em Minas Gerais. 2016. 50 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) –

Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2016. Disponível em: <https://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/335>. Acesso em: 26 jun. 2025.

- MOL, Eduarda. Entrevista concedida a Victor Soares. Itabirito, MG, 02 maio 2025. Acervo pessoal.
- NASCIMENTO, Maria Regina do. As irmandades no meio urbano: práticas funerárias e religiosidade entre os leigos. Porto Alegre, século XIX. XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206570\\_d1fda9c79ddca7d1e81242c1ce07427f.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206570_d1fda9c79ddca7d1e81242c1ce07427f.pdf). Acesso em: 30 jul. 2025.
- NOLASCO, Emílio Faustino. Itabirito em Revista. Ano I, n.1, maio 1992. Itabirito: Fundação Cultural e Artística do Município de Itabirito, 1992.
- O LIBERAL. Ouro Preto, Itabirito e Mariana: [s.n.], 27 dez. 2010 a 02 jan. 2011. 12 p. Disponível em: [https://ahi.phlnet.com.br/phl83/fotos/jornais/jol\\_2011\\_929c.pdf](https://ahi.phlnet.com.br/phl83/fotos/jornais/jol_2011_929c.pdf). Acesso em: 8 out. 2025.
- OLIVEIRA, Monalisa Pavonne. Devoção e poder: a Irmandade do Santíssimo Sacramento do Ouro Preto (Vila Rica, 1732-1800). 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2013. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/items/a8a30cbd-d9b8-41fc-a231-b725246ba7c6>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. O rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Arquitetura da mineração nos estados de Minas Gerais e Goiás. In: BECCA, Bruna Elisabete Panitz; BECCA, Paulo Renato Silveira (orgs.). Arquitetura na formação do Brasil. Brasília, DF: UNESCO; Caixa Econômica Federal, 2009. p. 126-161.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana. Brasília, DF: Iphan/Programa Monumenta, 2010. 2 v. il. color. (Roteiros do Patrimônio; 10). Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColRotPat8\\_BarrocoRococoIgrejasOuroPretoMariana\\_voll.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColRotPat8_BarrocoRococoIgrejasOuroPretoMariana_voll.pdf). Acesso em: 19 jun. 2025.
- OLIVEIRA, Ronald Polito de; LIMA, José Arnaldo Coelho de Aguiar (orgs.). Visitas pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade (1821-1825). Belo Horizonte:

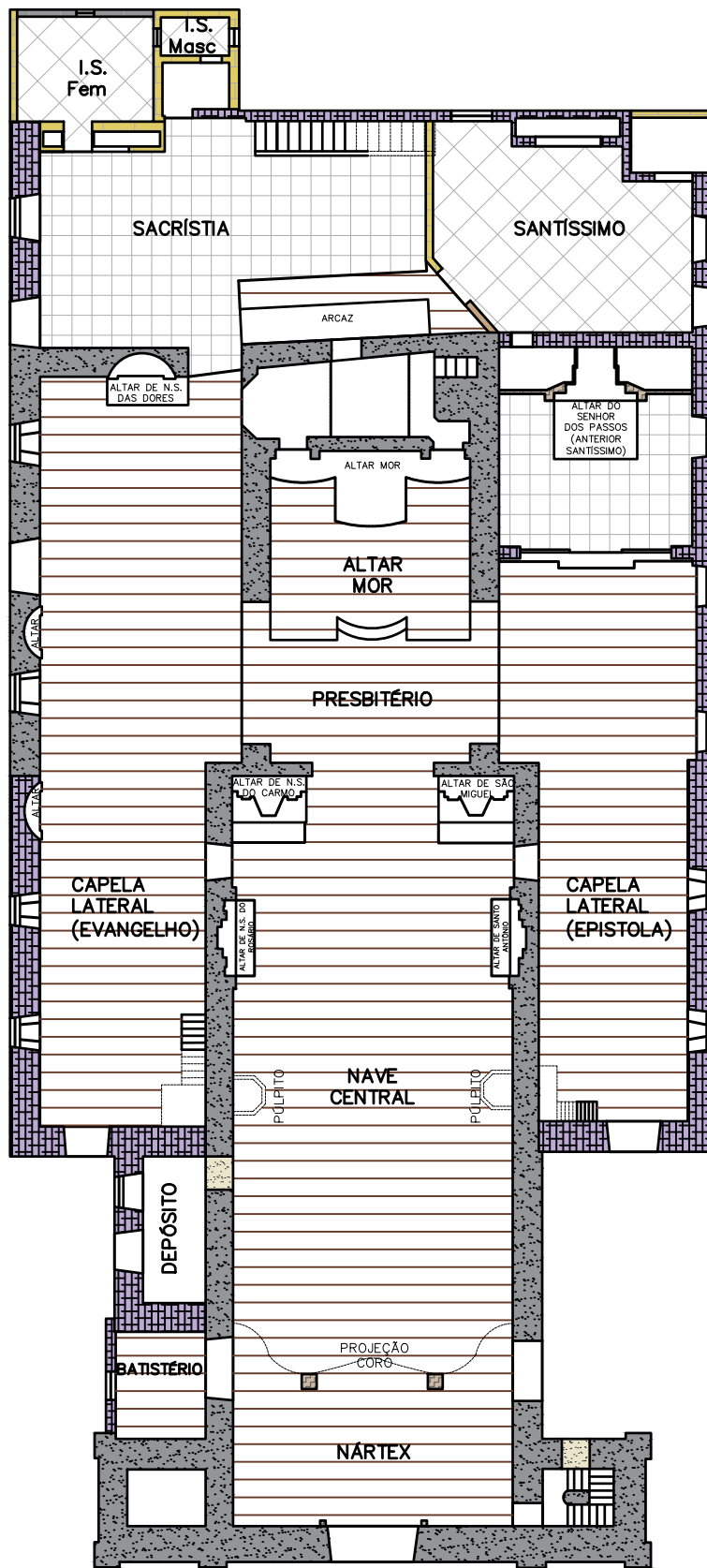
Fundação João Pinheiro; Centro de Estudos Históricos e Culturais; Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 1998.

- OURO PRETO. Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Portal do Turismo de Ouro Preto. Disponível em: <https://ouopreto.mg.gov.br/turismo/atrativo-item/593>. Acesso em: 9 ago. 2025.
- PESSÔA, José Simões de Belmont. Entre o singelo monumentalizado e o simbólico: reflexões sobre o patrimônio cultural brasileiro. *Arquitextos*, São Paulo, ano 17, n. 195.05, Vitruvius, ago. 2016. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.195/6176>. Acesso em: 1 ago. 2025.
- PREFEITURA DE SABARÁ. Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Descubra Sabará. Disponível em: [https://descubra.sabara.mg.gov.br/?\\_atrativos=igreja-de-nossa-senhora-do-rosario](https://descubra.sabara.mg.gov.br/?_atrativos=igreja-de-nossa-senhora-do-rosario). Acesso em: 9 ago. 2025.
- RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (org.). História de Minas Gerais: as Minas Setecentistas. Volume 2. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007.
- RODRIGUES, José Carlos Meneses. Retábulos no Baixo Tâmega e no Vale do Sousa: do Maneirismo ao Neoclássico. In: Congresso Internacional da APHA, 3., 2004, Porto. Anais [...]. Porto: Universidade do Porto, 2004. Disponível em: <https://apha.pt/wp-content/uploads/boletim4/JCarlosMeneses.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- ROSA, Tiago da Cunha. Antônio Rodrigues Bello: as bases da pintura de falsa arquitetura na capitania do ouro no século XVIII. 2022. 225 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/53281/1/TIAGO%20DA%20CUNHA%20ROSA%20-%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20REVIS%C3%83O%20FINAL%20-%2006%2004%202023.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- SANCTUARIA. Matriz de Nossa Senhora de Nazaré – Santa Rita Durão, Mariana, Minas Gerais. Sanctuaria, 15 jul. 2021. Disponível em: <https://sanctuararia.art/2021/07/15/matriz-de-nossa-senhora-de-nazare-santa-rita-durao-mariana-minas-gerais/>. Acesso em: 25 jul. 2025.










- SALLES, Fritz Teixeira de. Associações religiosas no ciclo do ouro. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros/UFMG, 1963.
- SANTOS, Cidália Maria dos. A Capela de Nossa Senhora da Penha de França e o Solar dos Brasis. 2011. Dissertação (Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/18581/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Cid%C3%A1lia%20santos.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2025.
- SILVA, Olímpio Augusto da. Itabirito, minha terra: memórias. Org. Thelmo Lins e Rogéria Malheiros Leão. Itabirito: Prefeitura Municipal, 1996. 169 p. ISBN 85-220-0002-6.
- SIMÕES, Ivacy. Centenário: Itabirito em fatos & fotos. [S.l.]: Prefeitura Municipal de Itabirito, 2023. e-book. Disponível em: <https://pubhtml5.com/pmqag/bqrn/>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- SMITH, Robert C. Minas Gerais no desenvolvimento da arquitetura religiosa colonial. In: REIS FILHO, Nestor Goulart (org.). Robert Smith e o Brasil: arquitetura e urbanismo. Vol. 1. Brasília, DF: IPHAN; Ministério da Cultura, 2012. p. 51-66.
- SOUZA, Letícia Gonçalves. ROCOCÓ RELIGIOSO MINEIRO EM SEU CONTEXTO INTERNACIONAL: um estudo comparativo entre a igreja São Francisco de Assis de Ouro Preto e templos alemães da região da Baviera; 98 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia de Conservação e Restauro) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Campus Ouro Preto, Ouro Preto, 2023. Disponível em: [https://restauro.ouopreto.ifmg.edu.br/wp-content/uploads/sites/33/2023/08/TCC\\_Leticia\\_Goncalves\\_Souza\\_Final.pdf](https://restauro.ouopreto.ifmg.edu.br/wp-content/uploads/sites/33/2023/08/TCC_Leticia_Goncalves_Souza_Final.pdf). Acesso em: 27 jun. 2025.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. Arquitetura: dois estudos. 2. ed. Goiânia: MEC/SESU/PIMEG-ARQ/UCG, 1983. 64 p. il.
- VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallmann; MENDES, Chico. Arquitetura no Brasil: de Cabral a D. João VI. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2007.
- VIDE, Sebastião Monteiro da. Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia: feitas e ordenadas pelo ilustríssimo e reverendíssimo D. Sebastião Monteiro da Vide. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011.

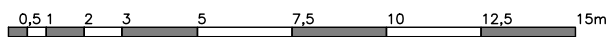
**APÊNDICE A**

LEVANTAMENTO DE FACHADAS DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA  
DA BOA VIAGEM VIA ELABORAÇÃO DE ORTOFOTOS



MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO:


-  ALVENARIA DE PEDRA
-  MADEIRA
-  ASSOALHO DE MADEIRA
-  TIJOLOS MACIÇOS
-  TAIPA
-  LADRILHO HIDRAULICO
-  TIJOLO VAZADO
-  BLOCO DE CONCRETO
-  PISO CERÂMICO



**MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM – PLANTA TÉRREO**

ESC. 1:200



 <b>UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - ESCOLA DE MINAS</b> <b>CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO</b> <b>TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO</b>	
IMÓVEL LEVANTADO: MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM DE ITABIRITO	
LOGRADOURO / NUMERAÇÃO: PRAÇA DOM SILVÉRIO, N°10, BAIRRO BOA VIAGEM, ITABIRITO	ZONEAMENTO: ZEIH
ALUNO: VICTOR JOSÉ SILVA SOARES	
PROFESSORA ORIENTADORA: FERNANDA ALVES DE BRITO BUENO	PROFESSORA CO-ORIENTADORA: PATRÍCIA THOMÉ JUNQUEIRA SCETTINO
DETALHE: DIAGRAMA DE COBERTURA, ELEVACÃO FRONTAL, GRADIL.	FOLHA: <b>01/05</b>



0,5 7,5 12,5 15m

**MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM – FACHADA FRONTAL**

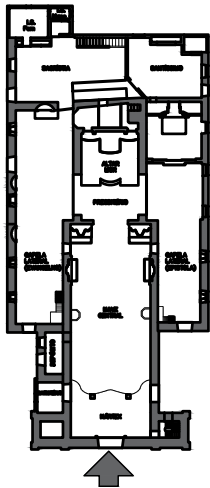
ESC. 1:150



0,5 7,5 12,5 15m

**MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM – FACHADA FRONTAL**


ESC. 1:150

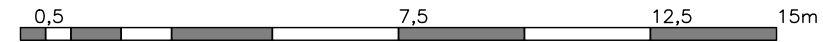


**MAPA CHAVE**

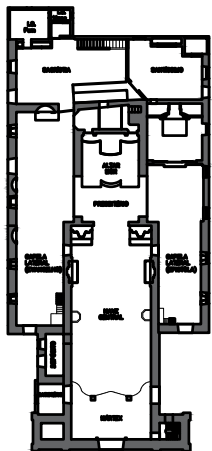
ESC. 1:750



 <b>UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - ESCOLA DE MINAS</b> <b>CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO</b> <b>TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO</b>	
IMÓVEL LEVANTADO: MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM DE ITABIRITO	
LOGRADOURO / NUMERAÇÃO: PRAÇA DOM SILVÉRIO, N.º 10, BAIRRO BOA VIAGEM, ITABIRITO	ZONEAMENTO: ZEIH
ALUNO: VICTOR JOSÉ SILVA SOARES	
PROFESSORA ORIENTADORA: FERNANDA ALVES DE BRITO BUENO	PROFESSORA CO-ORIENTADORA: PATRÍCIA THOMÉ JUNQUEIRA SCETTINO
DETALHE: FACHADA FRONTAL - ORTOFOTO, FACHADA FRONTAL - ELEVACÃO	
FOLHA: <b>02/05</b>	




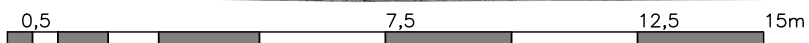
**MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM – FACHADA LATERAL DIREITA (EPÍSTOLA)**  
 ESC. 1:150



**MAPA CHAVE**  
 ESC. 1:750

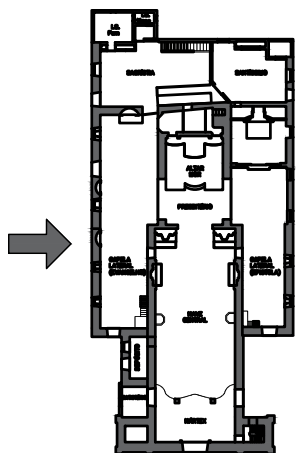


	UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - ESCOLA DE MINAS	
	CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO	
	TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO	
IMÓVEL LEVANTADO: MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM DE ITABIRITO		
LOGRADOURO / NUMERAÇÃO: PRAÇA DOM SILVÉRIO, N.º 10, BAIRRO BOA VIAGEM, ITABIRITO	ZONEAMENTO: ZEIH	
ALUNO: VICTOR JOSÉ SILVA SOARES		
PROFESSORA ORIENTADORA: FERNANDA ALVES DE BRITO BUENO	PROFESSORA CO-ORIENTADORA: PATRÍCIA THOMÉ JUNQUEIRA SCETTINO	
DETALHE: FACHADA LATERAL DIREITA (EPÍSTOLA) - ORTOFOTO		FOLHA: 03/05




**MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM – FACHADA LATERAL ESQUERDA (EVANGELHO)**

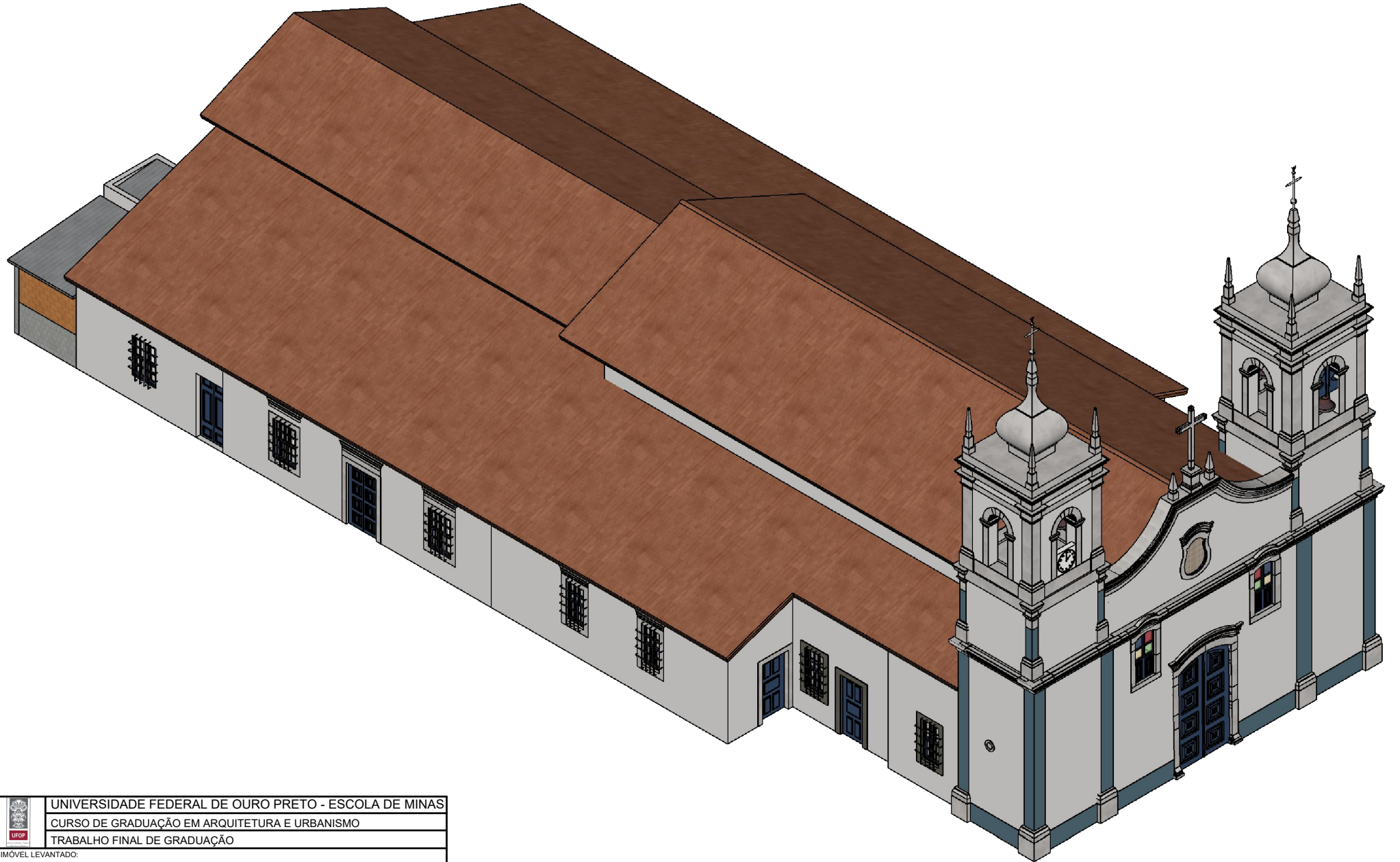
ESC. 1:150




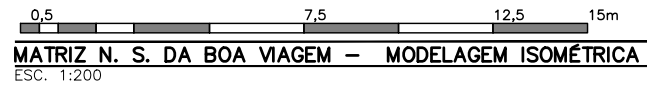
**MAPA CHAVE**  
ESC. 1:750



	UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - ESCOLA DE MINAS	
	CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO	
	TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO	
IMÓVEL LEVANTADO: MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM DE ITABIRITO		
LOGRADOURO / NUMERAÇÃO: PRAÇA DOM SILVÉRIO, N°10, BAIRRO BOA VIAGEM, ITABIRITO	ZONEAMENTO: ZEIH	
ALUNO: VICTOR JOSÉ SILVA SOARES		
PROFESSORA ORIENTADORA: FERNANDA ALVES DE BRITO BUENO	PROFESSORA CO-ORIENTADORA: PATRÍCIA THOMÉ JUNQUEIRA SCETTINO	
DETALHE: FACHADA LATERAL ESQUERDA (EVANGELHO) - ORTOFOTO		FOLHA: 04/05



	UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - ESCOLA DE MINAS	
	CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO	
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO		
IMÓVEL LEVANTADO:		
MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM DE ITABIRITO		
LOGRADOURO / NUMERAÇÃO:	ZONEAMENTO:	
PRAÇA DOM SILVÉRIO, N°10, BAIRRO BOA VIAGEM, ITABIRITO	ZEIH	
ALUNO:		
VICTOR JOSÉ SILVA SOARES		
PROFESSORA ORIENTADORA:	PROFESSORA CO-ORIENTADORA:	
FERNANDA ALVES DE BRITO BUENO	PATRÍCIA THOMÉ JUNQUEIRA SCHETTINO	
DETALHE:		FOLHA:
MODELAGEM TRIDIMENSIONAL DA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM		05/05



**APÊNDICE B**

MODELAGENS DE HIPÓTESES DE EVOLUÇÃO VOLUMÉTRICA DA MATRIZ  
DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM EM LINHA CRONOLÓGICA

**PROPOSIÇÃO DE EVOLUÇÃO ARQUITETÔNICA DA  
MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM DE ITABIRITO**

ALUNO: VICTOR JOSÉ SILVA SOARES	
PROFESSORA ORIENTADORA: FERNANDA ALVES DE BRITO BUENO	PROFESSORA CO-ORIENTADORA: PATRICIA THOMÉ JUNQUEIRA SCHEITINO
DETALHE: PROPOSIÇÕES DE PLANTAS E VOLUMETRIAS DA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM	
FOLHA: 01/03	

**PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DE HIPÓTESES DE EVOLUÇÃO  
ARQUITETÔNICA DA MATRIZ DE N. S. DA BOA VIAGEM**

As modelagens apresentadas nesta prancha correspondem a hipóteses formais, sendo elaboradas a partir da síntese entre levantamento arquitetônico atual da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, realizado durante a fase de reconhecimento do bem histórico, documentações técnicas, dossiês, fontes históricas e referências comparativas de igrejas mineiras setecentistas.

O processo de montagem das modelagens partiu da fotogrametria do templo com o programa de levantamentos tridimensionais Agisoft Metashape, produzindo ortofotos das fachadas, que subsidiaram o desenho bidimensional em AutoCAD, com as devidas regulagens de escalas a partir dos dados levantados, permitindo a construção de um modelo tridimensional-base da atual forma do templo no programa SketchUp.

Utilizando-se o modelo da volumetria atual da igreja, foram executadas sucessivas supressões e modificações de volumes (torres, anexos laterais, frontões e sacristias) para reconstituir, de forma hipotética, momentos distintos da história construtiva da igreja, sempre relacionados a cronologia documental, nas análises de reformas oitocentistas e novecentistas e na comparação tipológica com outros templos religiosos de épocas parecidas que rondam cidades próximas de Itabirito e demais exemplos ligados ao repertório dos templos mineiros.

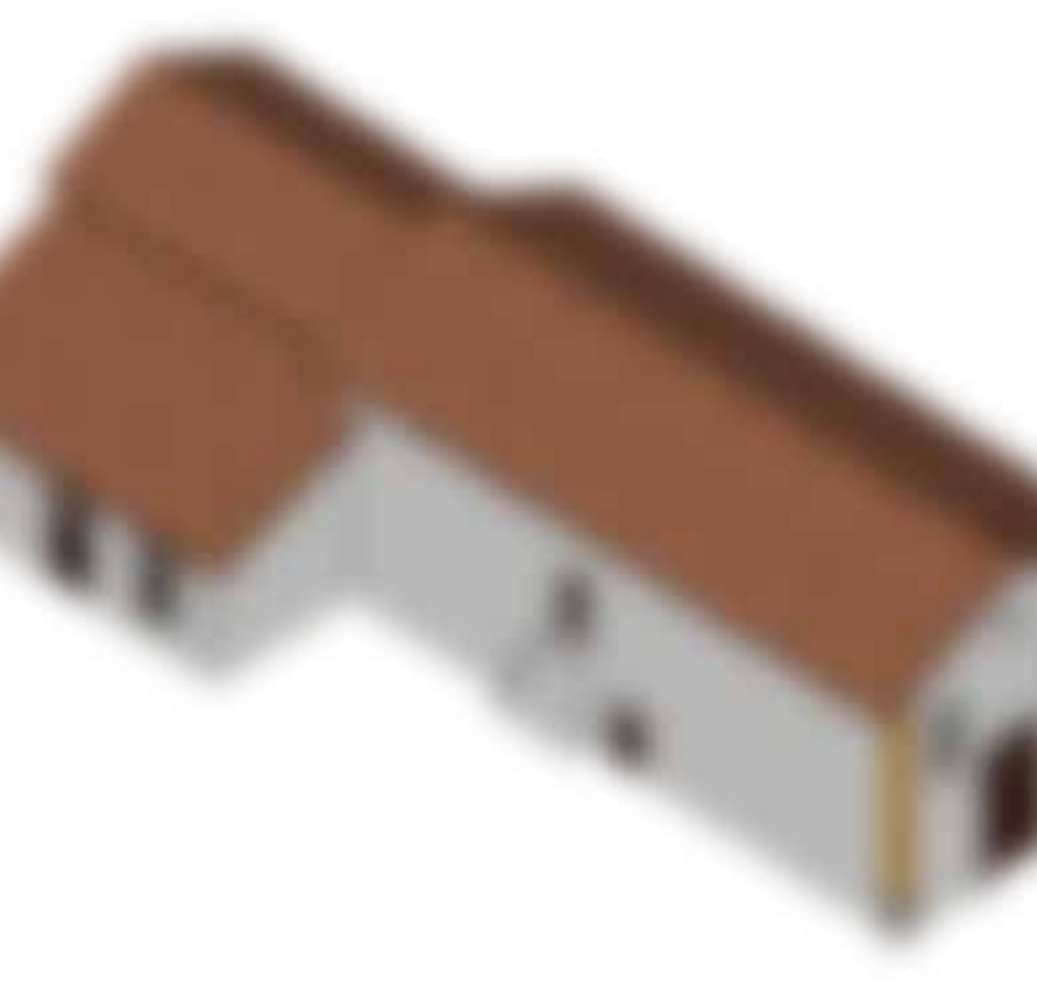
As escolhas de volumetria, organização de frontispício e proporções adotadas **não pretendem reconstruir de forma literal a aparência original da igreja**, mas oferecer cenários verossímeis que auxiliem a leitura das fases históricas do edifício, explicitando o diálogo entre evidências materiais, fontes escritas e repertório formal da arquitetura religiosa mineira.

**REFERÊNCIAS UTILIZADAS NO PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO**

- AHI – Acervo Histórico de Itabirito. Disponível em: <https://ahi.phinet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?1sisS-crip=PHI83.xis&ipar=PHI83.cpi&lang=por>. Acesso em: 8 out. 2025.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. Arte sacra no Brasil colonial. Prefácio de Francisco Taborda S.J.; coordenação editorial de Fernando Pedro da Silva e Marília Andrés Ribeiro; revisão de Alexandre Vasconcelos de Melo; projeto gráfico e capa de Rafael Chamischat. Belo Horizonte: C/Arte, 2001. 144 p. Il. (História & Arte). ISBN 85-88973-25-2.
- DANGELO, André Guimarães. A cultura arquitetônica em Minas Gerais e seus antecedentes em Portugal e na Europa: arquitetos, mestres-de-obras e construtores e o trânsito de cultura na produção da arquitetura religiosa nas Minas Gerais setecentistas. 2006. 4 v. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- CECCONELLO, Camilla Sardinha; DANESE, Eduardo Alexandre; ALEXANDRE, Fernanda Danese; MELO, Liliam Ferreira Cunha de; FIORILLO, Miguel Ângelo. Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem: dossiê de restauro. Itabirito: Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, 2005. [Documento não publicado. Cedido pessoalmente pela Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, Itabirito, 2025].
- FIORILLO, Miguel Ângelo. Fundamentos históricos da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem. Belo Horizonte: O Lutador, 1996. 202 p.
- ITABIRITO, Secretaria Municipal de Patrimônio, Cultura e Turismo; Processo de tombamento: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem. Prefeitura Municipal de Itabirito: Itabirito (MG), 2005. Disponível em: <https://itabirito.mg.gov.br/wp-content/uploads/2024/11/04%20-%20DOSSIE%20IGREJA%20DE%20NOSSA%20SENHORA%20DA%20BOA%20VIAGEM.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- LIMA JUNIOR, Augusto de. História de Nossa Senhora em Minas Gerais. Edição comentada, coord. Francisco Eduardo de Andrade e Mariza Guerra de Andrade. Belo Horizonte: PUC Minas; Autêntica, 2008. 320 p.
- LINS, Thelmo Antônio G. de Miranda. Itabirito, uma história. Rev. Amanda Bruno de Melo. Itabirito: PMI/Secretaria de Patrimônio, Cultura e Turismo, 2025. 296 p. Il. ISBN 978-85-68898-61-1.
- SILVA, Olimpio Augusto da. Itabirito, minha terra: memórias. Org. Thelmo Lins e Rogéria Malheiros Leão. Itabirito: Prefeitura Municipal, 1996. 169 p. ISBN 85-220-0002-6.
- SIMÕES, Ivacy. Centenário: Itabirito em fotos & fotos. [S.l.]: Prefeitura Municipal de Itabirito, 2023. e-book. Disponível em: <https://pubtmi5.com/npqaa/bqyn/>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Arquitetura da mineração nos estados de Minas Gerais e Goiás. In: BECCA, Bruna Elisabete Panitz; BECCA, Paulo Renato Silveira (orgs.). Arquitetura na formação do Brasil. Brasília, DF: UNESCO; Caixa Econômica Federal, 2009. p. 126-161.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana. Brasília, DF: Iphan/Programa Monumenta, 2010. 2 v. Il. color. (Roteiros do Patrimônio: 10). Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColRotPat8\\_BarrocoRococoIgrejasOuroPretoMariana\\_vol1.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColRotPat8_BarrocoRococoIgrejasOuroPretoMariana_vol1.pdf). Acesso em: 19 jun. 2025.
- OLIVEIRA, Ronald Polito de; LIMA, José Arnaldo Coelho de Aguiar (orgs.). Visitas pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade (1821-1825). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Centro de Estudos Históricos e Culturais; Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 1998.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. Arquitetura: dois estudos. 2. ed. Goiânia: MEC/SESU/PIMEG-ARQUICG, 1983. 64 p. Il.
- VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallmann; MENDES, Chico. Arquitetura no Brasil: de Cabral a D. João VI. Rio de Janeiro: Imprial Novo Milênio, 2007.

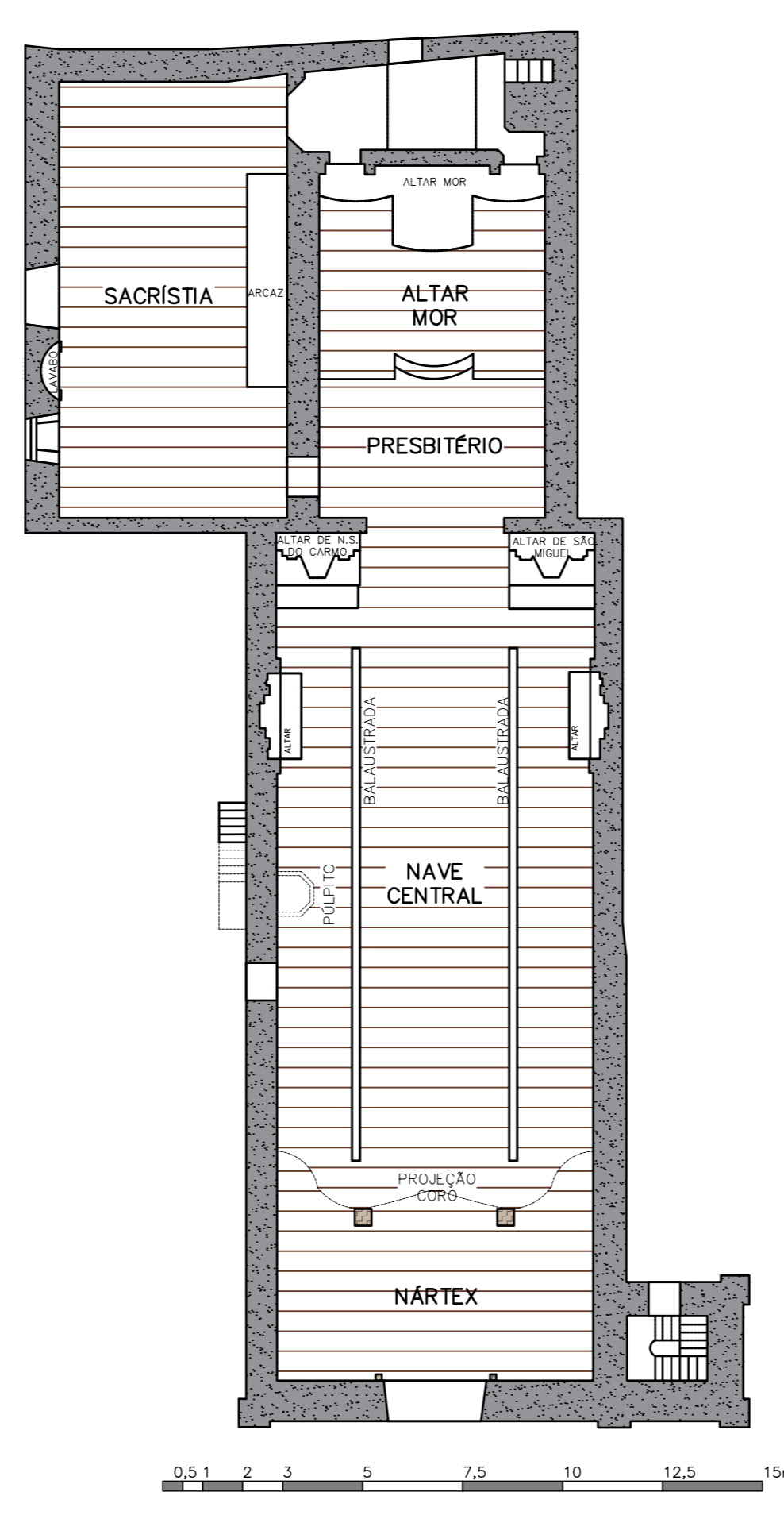
**ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM  
OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO E FORMAÇÃO DO  
ARRAIAL A PARTIR DE 1709**

ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM

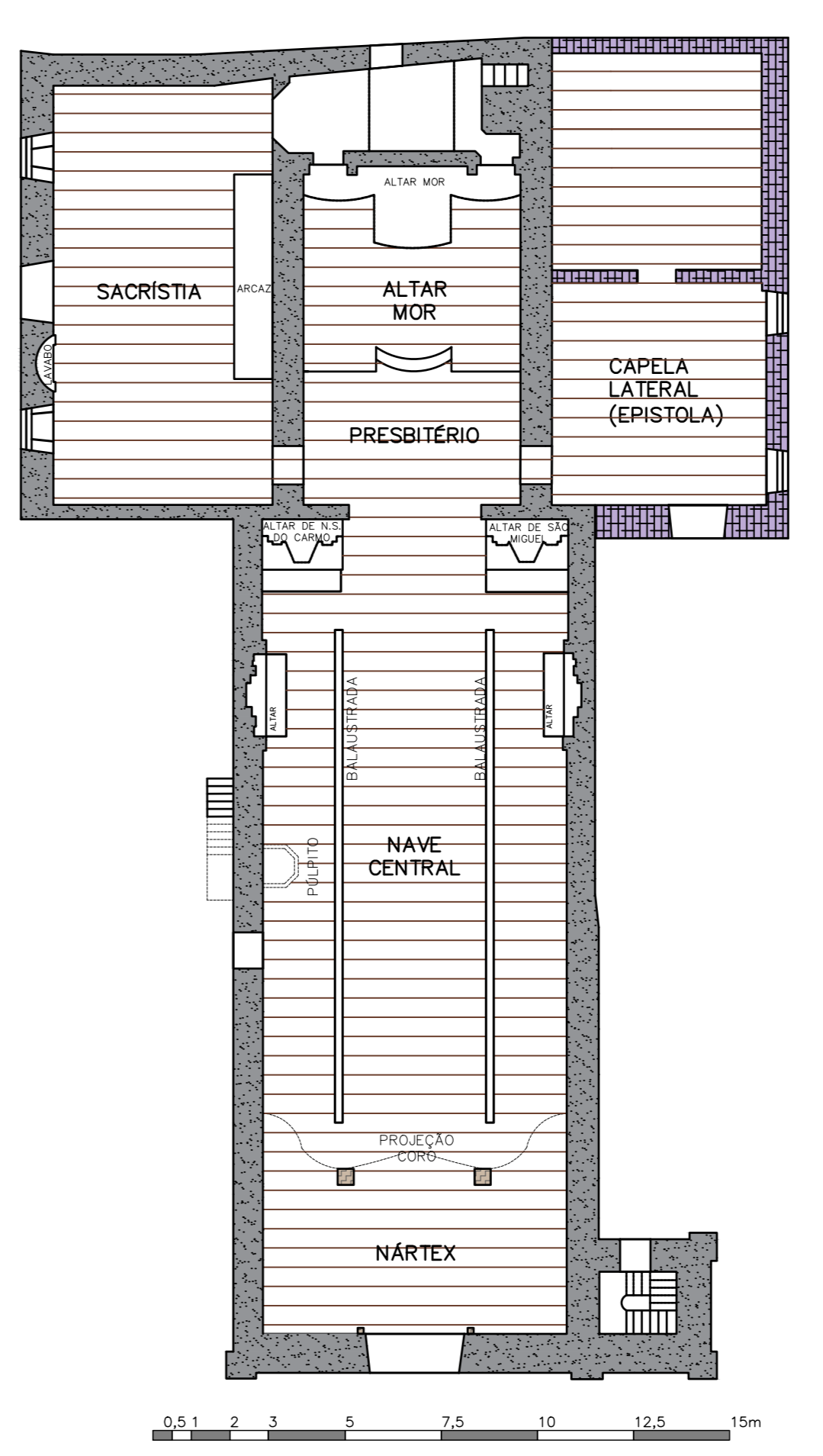


A construção da capela primitiva de Nossa Senhora da Boa Viagem é tradicionalmente associada à chegada de Luiz de Figueiredo Monterro e Francisco Homem Del Rey à região serrana de Itabira, no início do século XVIII, episódio no qual, segundo apresentado por LIMA JUNIOR (2008), o retábulo da padroeira teria sido retirado da nau Nossa Senhora da Boa Viagem, ainda ancorada no porto do Rio de Janeiro, e levado pelos viajantes ao local que viria a constituir o Arraial de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabira do Rio de Janeiro. Essa versão, embora não comprovada documentalmente, foi incorporada pelo poder público municipal e difundida em dossiês de tombamento e materiais institucionais como a "história oficial" da origem do povoamento da região do distrito sede do município e seu culto a invocação mariana de Nossa Senhora da Boa Viagem.

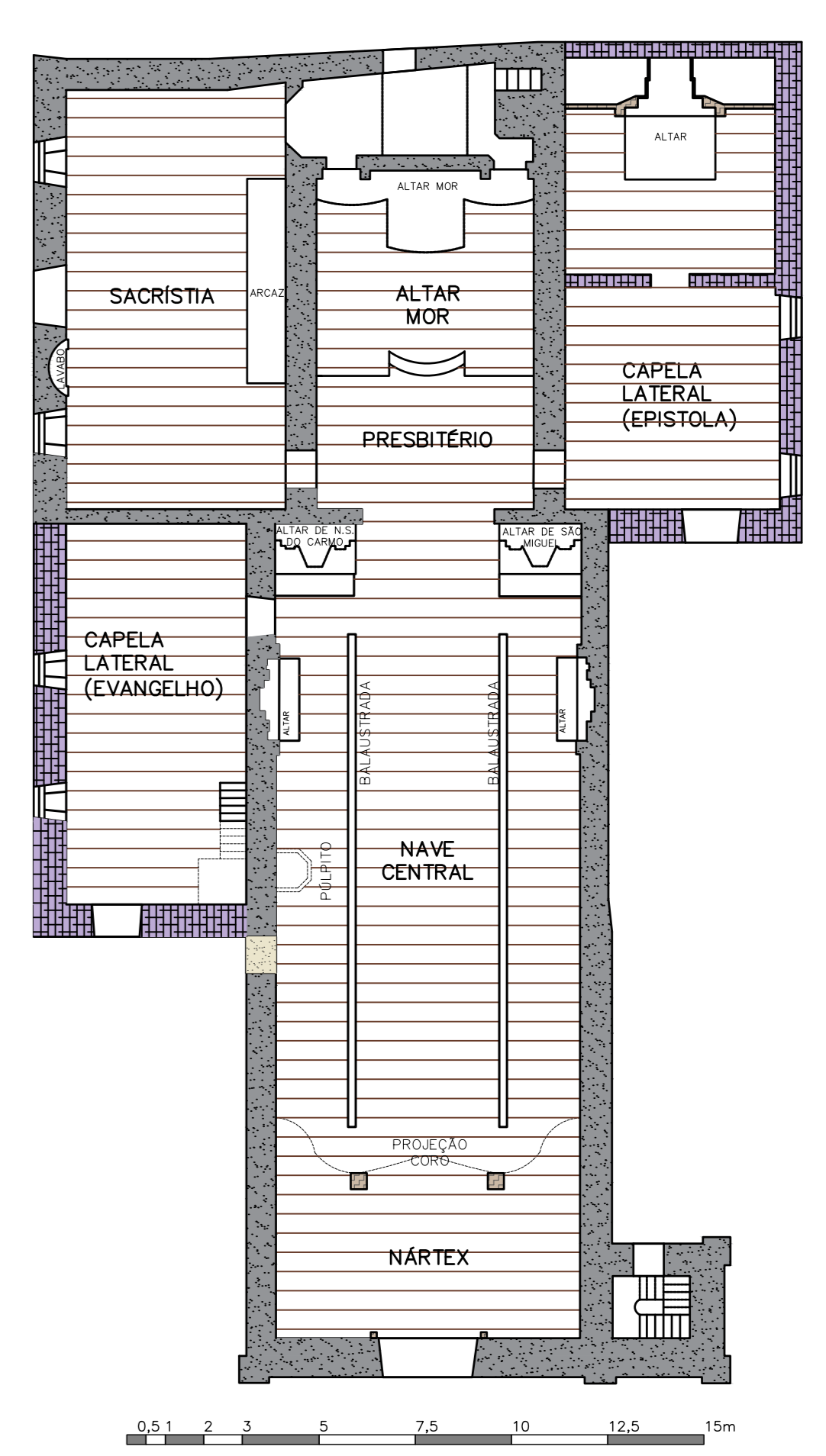
Contudo, pouco se sabe sobre a efetiva formação e local exato da antiga ermida e da capela primitiva, supostamente erguidas por Monterro e Homem Del Rey, uma vez que não há registros escritos catalogados acerca dessa ocupação inicial. Relatos orais e a magética urbana de Itabirito situam esse primeiro templo nas proximidades da atual Igreja Matriz, porém, carecendo-se de comprovação documental, não sendo possível determinar com segurança os motivos da escolha do sítio nem afirmar se a implantação original coincide, de fato, com a localização do edifício hoje existente.



MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM – PLANTA TERREO – SEC XVII  
Esc. 1:150



MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM – PLANTA TERREO – SEC XIX  
Esc. 1:150



MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM – PLANTA TERREO – SEC XIX  
Esc. 1:150

**CAPELA DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM  
SURGIMENTO ENTRE 1710 E 1720**

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM

O início do atual templo é situado, de forma aproximada, entre os anos de 1710 e 1720, já no sítio que viria a conformar o atual Centro Histórico de Itabirito. OLIVEIRA e LIMA (1998), ao analisarem documentos referentes às visitas pastorais realizadas por Dom Frei José da Santíssima Trindade (8º bispo de Mariana, em exercício entre 1821 e 1825), apontam esse intervalo como provável período de construção, corroboradas pelos registros paroquiais que indicam, em 1721, a presença de capela própria, Pe. Paulo Carvalhos de Castro, quinto capelão da capela curada, e pelos primeiros relatos de batismo, casamento e óbito preservados no acervo da Arquidiocese de Mariana, à qual a paróquia de Itabirito permanece vinculada. Em caráter formal, a Igreja de N. S. da Boa Viagem se vinculava como parte integral da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo (Ouro Preto, MG) (FIORILLO, 1996).

Em hipótese de reconstituição do seu corpo inicial, a partir da leitura do prédo atual e dos registros de materiais e técnicas construtivas levantados pela Prefeitura Municipal de Itabirito no dossiê de tombamento de 2005, muito provavelmente se aproximava dos padrões descritos por VASCONCELLOS (1983) para as capelas de ocupação do século XVIII: planta composta por nave única, capela-mor e sacristia anexa a uma das laterais, no caso em estudo inteiramente executada em alvenaria de pedra.

Sabe-se, a partir de ITABIRITO (2005), que a torre lateral esquerda da igreja data de intervenções realizadas entre 1882 e 1892, o que indica que a configuração setecentista não possuía ainda o par de torres que hoje marca a fachada. Na reconstituição volumétrica proposta para o período de 1710–1720, adotou-se, portanto, a hipótese de existência de apenas uma torre sineira, cujos padrões de implantação e acabamento se aproximam de outros templos mineiros do início do século XVIII, como a Igreja Matriz de São Bartolomeu, pertencente ao território da atual Ouro Preto, ao qual Itabirito também se vinculava.

**IGREJA MATIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM  
ELEVÇÃO A MATRIZ - 1745-1752**

IGREJA MATIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM

Com o desenvolvimento econômico do arraial, a Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem é considerada apta à elevação a matriz em abril de 1745, passando a ser tratada, a partir desse momento, como paróquia colativa de Vila Rica, atual Ouro Preto. Em 1752, o arraial é oficialmente reconhecido como freguesia colativa de Vila Rica, sob a designação de Freguesia de Itabira do Campo, consolidando institucionalmente o papel da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem como núcleo religioso e administrativo da localidade (FIORILLO, 1996).

Ainda com base nos dados registrados em dossiê por ITABIRITO (2005), observa-se que, diferentemente da atual capela lateral esquerda, cuja porção posterior referente a antiga sacristia, construída em alvenaria de pedra, a atual capela lateral direita do templo é constituída em tijolos maços. Considerando esse descompasso construtivo, o contexto de crescimento econômico da freguesia e o ritmo compositivo das esquadrias presentes na capela lateral direita, o modelo de reconstituição volumétrica para o período posterior à elevação da igreja à condição de matriz assume, em caráter hipotético, a criação inicial dessa capela direita como novo anexo, de dimensões aproximadas às da capela oposta, de maneira a ampliar a capacidade do templo e melhor acomodar as novas funções relativas a uma Matriz recém concebida.

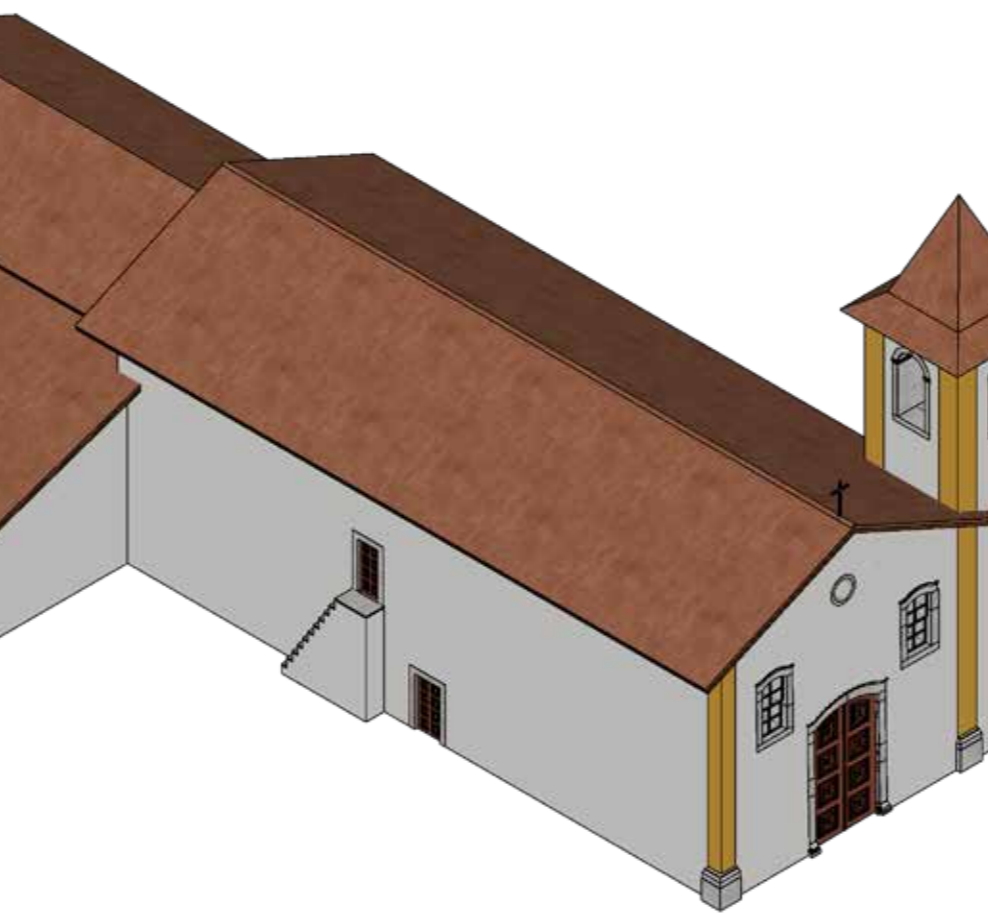
**IGREJA MATIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM  
PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX**

IGREJA MATIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM

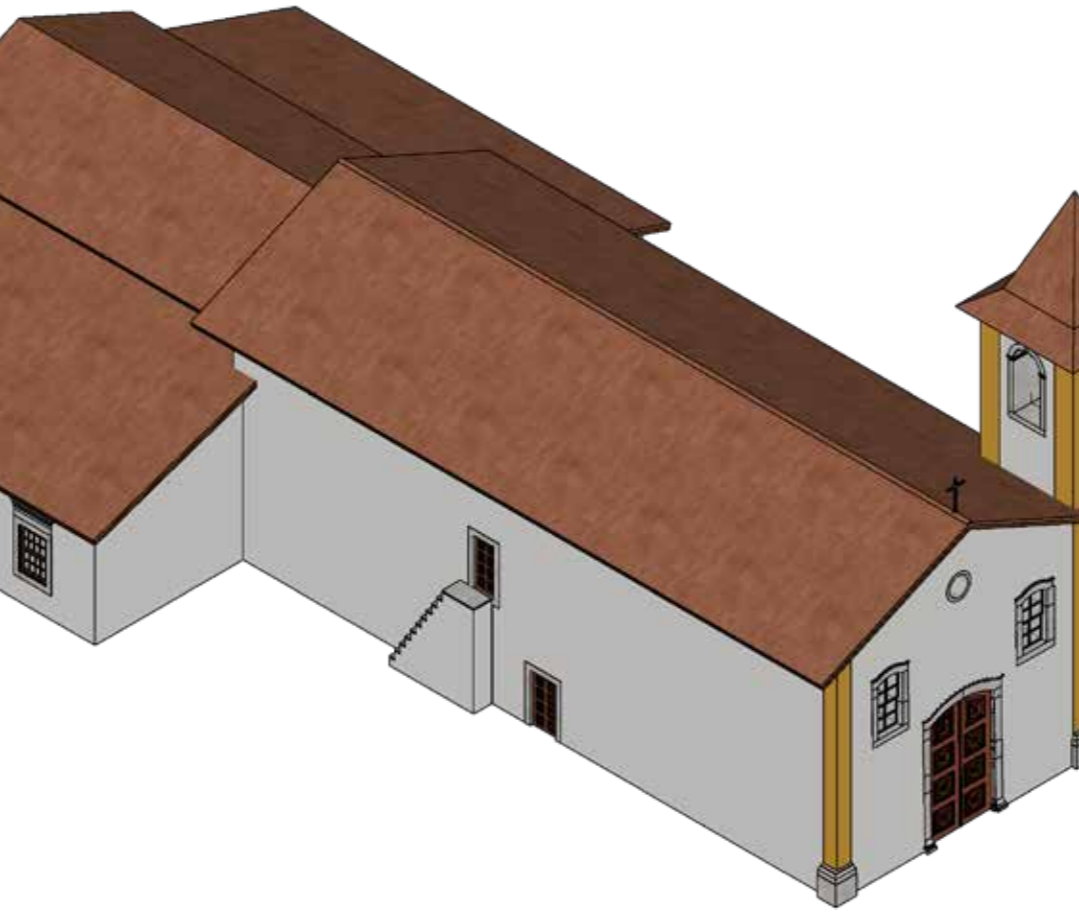
No início do século XIX, Itabira do Campo prosseguia seu desenvolvimento econômico, ainda fortemente baseado na exploração aurífera da Mina de Cata Branca (LINS, 2025). Essa expansão econômica pode ter impulsionado intervenções no templo, como sugere a análise estilística do corpo atual da igreja: o acréscimo na capela lateral esquerda apresenta tipologia de esquadrias muito próxima às mais antigas do edifício, o que permite inferir que essa ampliação tenha sido realizada anteriormente a expansão da capela lateral direita, de caráter mais tardio.

Em registros de visitas pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade, em 1822, o templo de Itabira do Campo é descrito como bem provido, com a presença de seis altares (OLIVEIRA; LIMA, 1998). Considerando a configuração atual, com quatro altares laterais na nave mais o altar-mor, levanta-se a hipótese de que a capela lateral direita já possuísse, nesse momento, um altar próprio, possivelmente resultante da substituição ou reorganização de retábulos mais antigos da matriz.

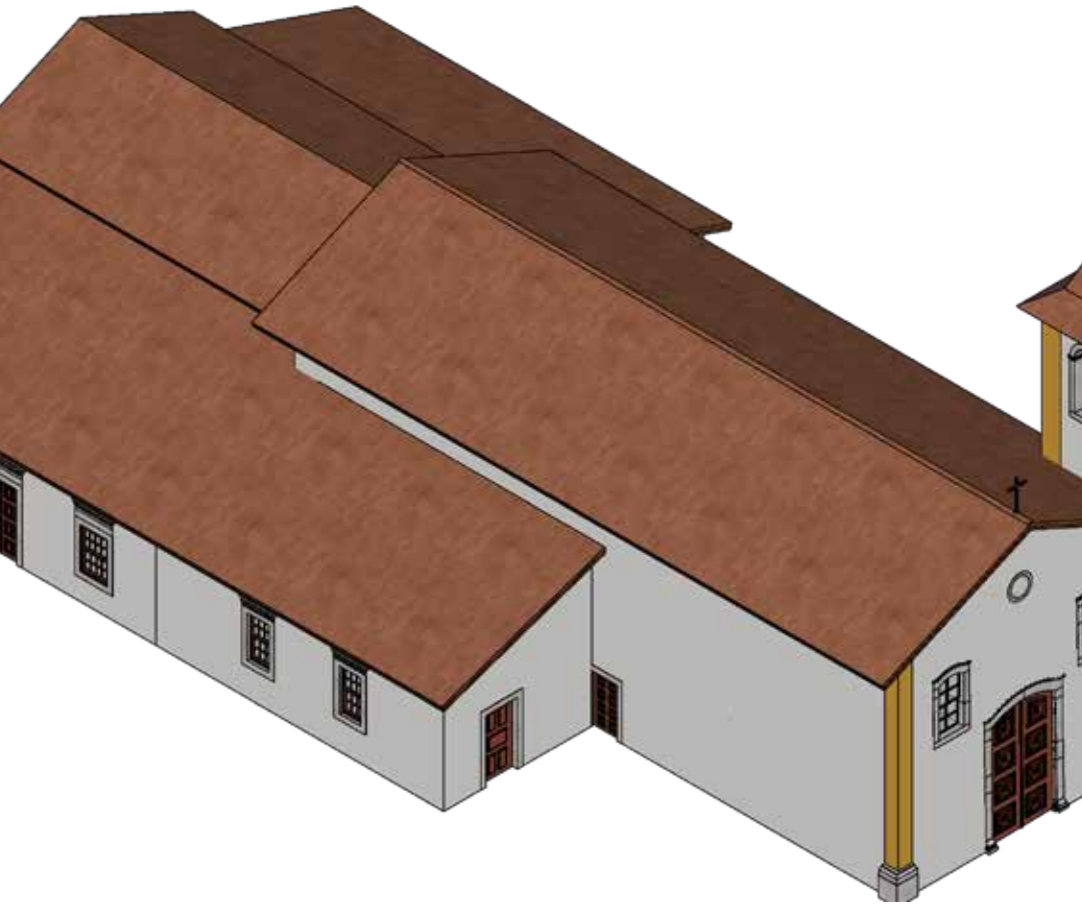
Rumo ao fim da primeira metade do século XIX, o colapso da Mina de Cata Branca em 1842 marca o início de um declínio econômico para Itabira do Campo (ITABIRITO, 2005), o que pode ter desalocado investimentos na igreja. Registros de viagem de Richard Burton, em 1868, entre Rio de Janeiro e Morro Vermelho (reunidos em coletânea em 2001), descrevem o templo em estado de degradação, reflexo do abandono progressivo da população local após o desastre mineral.



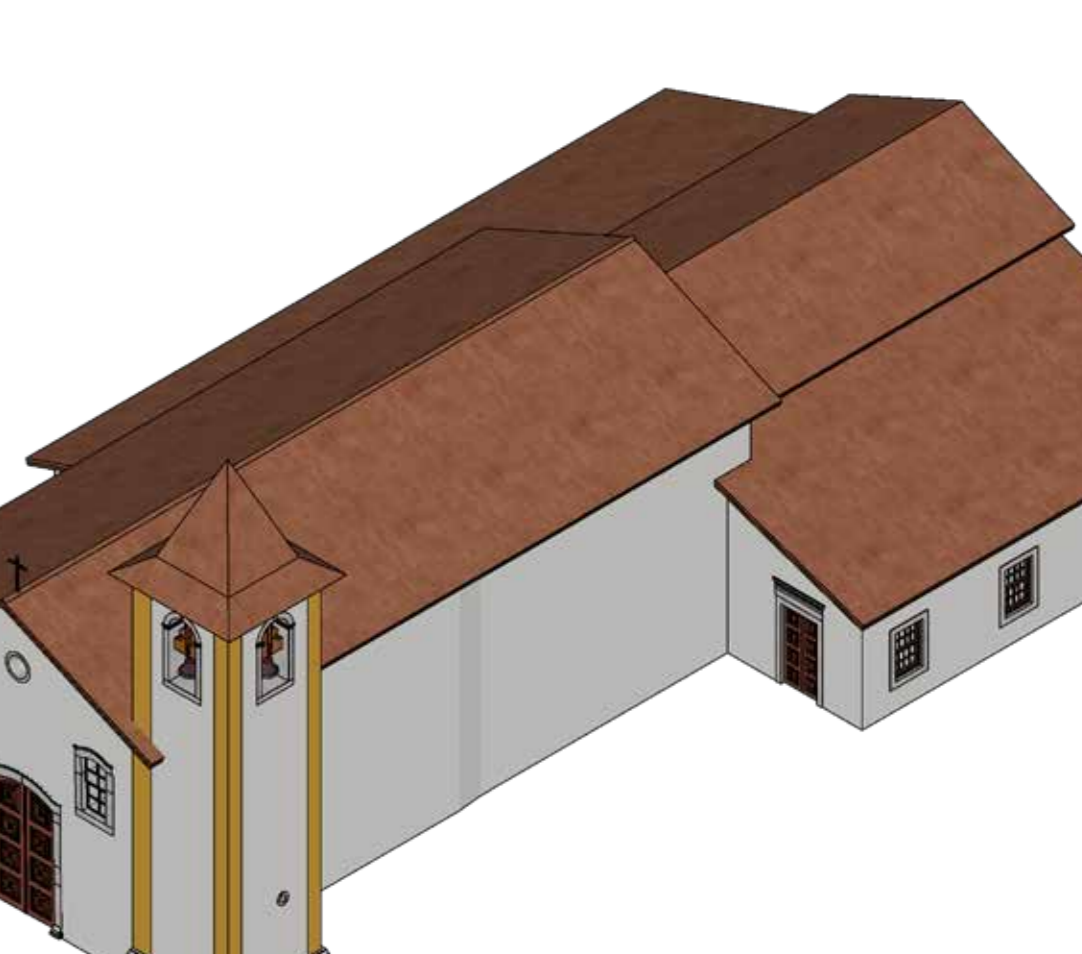
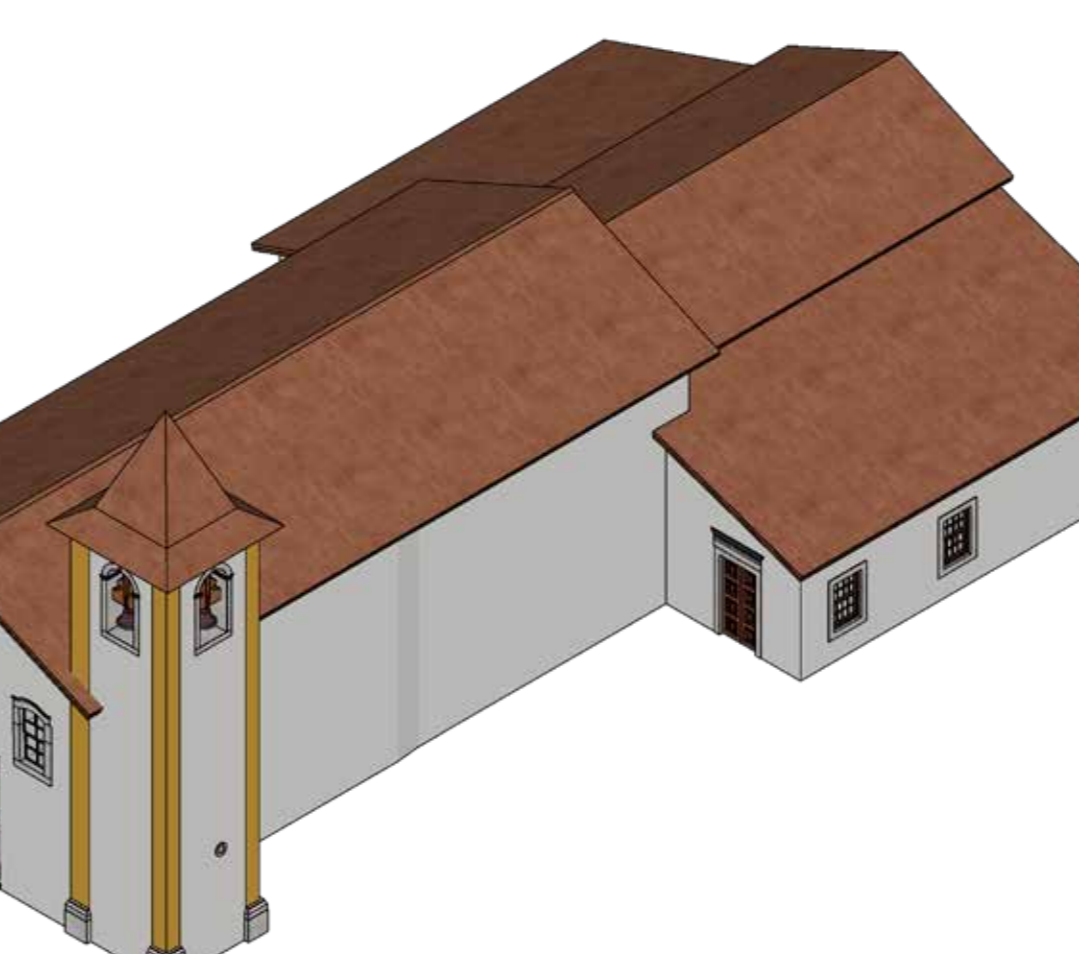
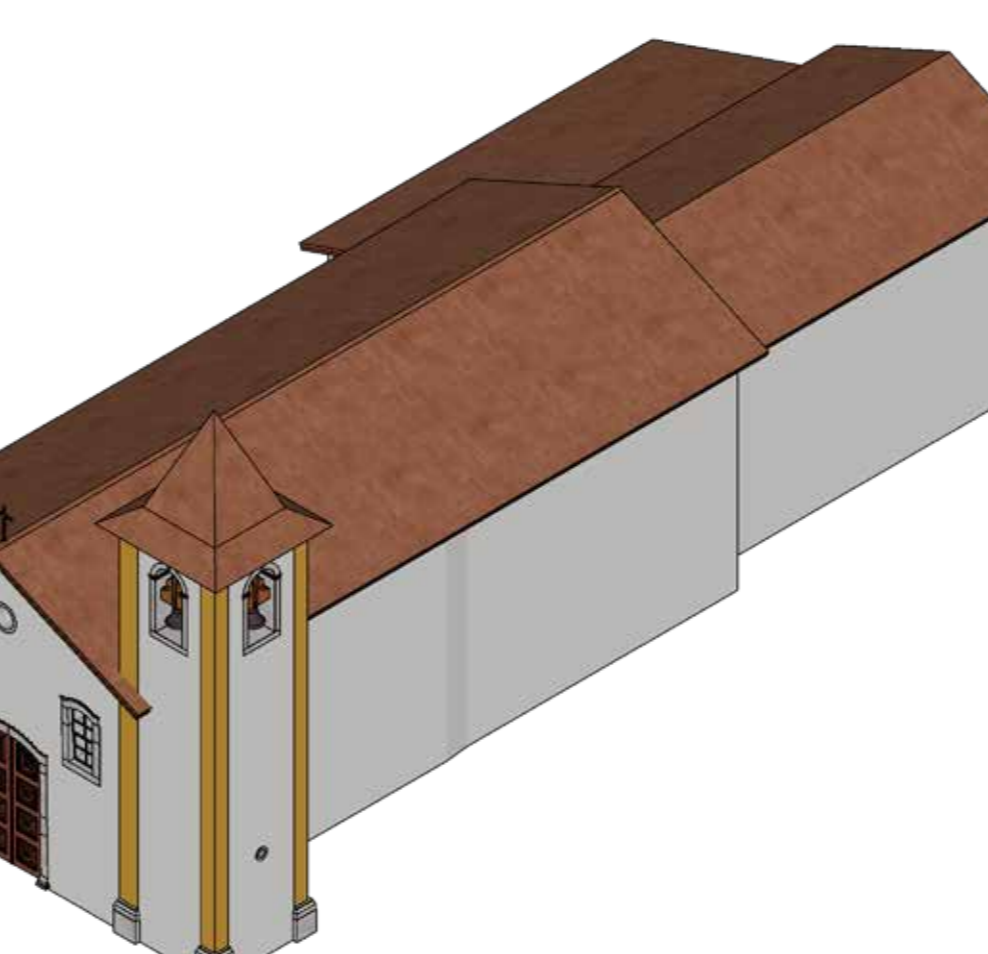
MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM - MODELAGEM DE  
SUPosição DE FORMATO ARQUITETÔNICO  
SÉCULO XVIII ESCALA: 1:200

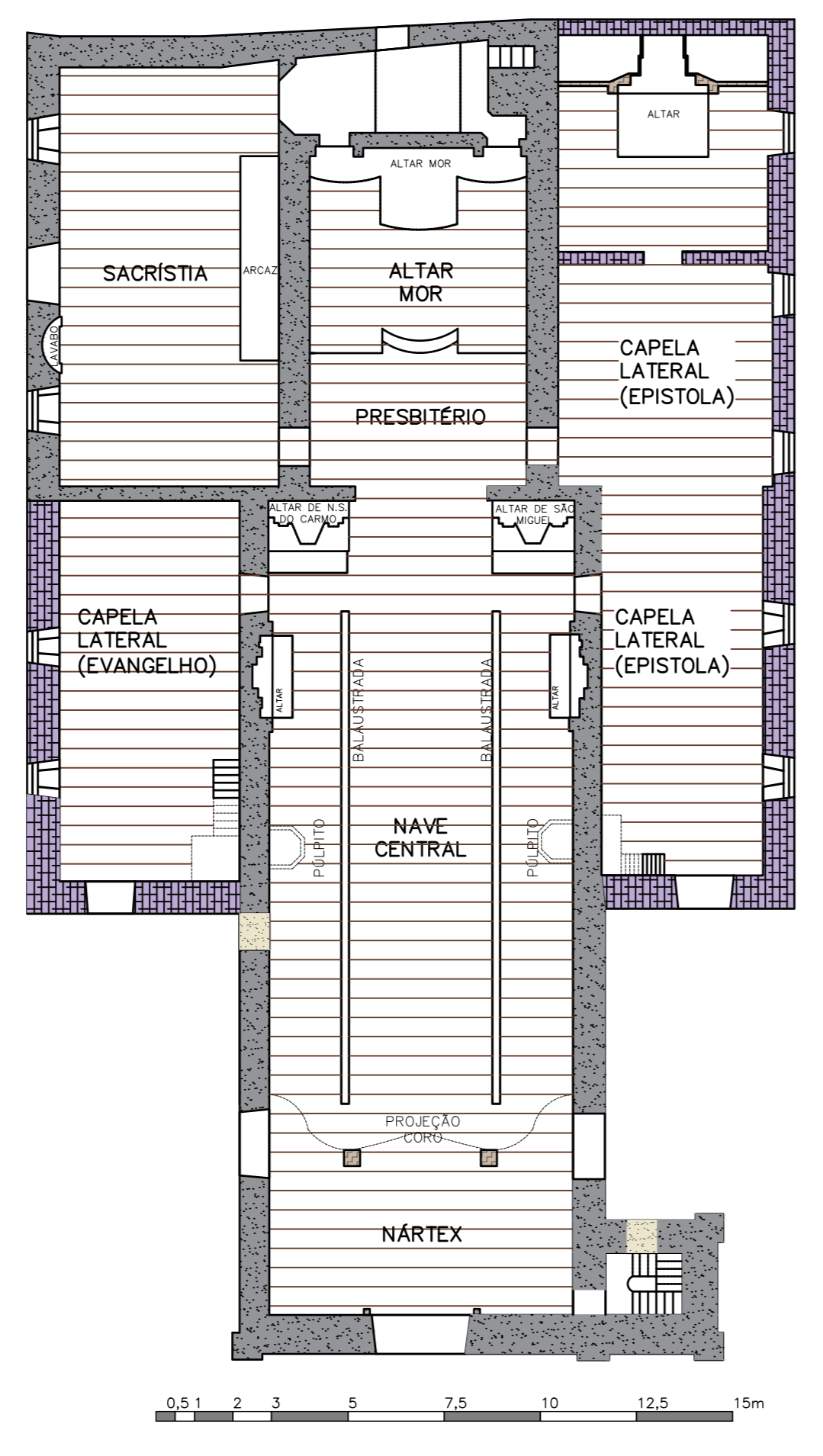


MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM - MODELAGEM DE  
SUPosição DE FORMATO ARQUITETÔNICO  
SÉCULO XVIII ESCALA: 1:200



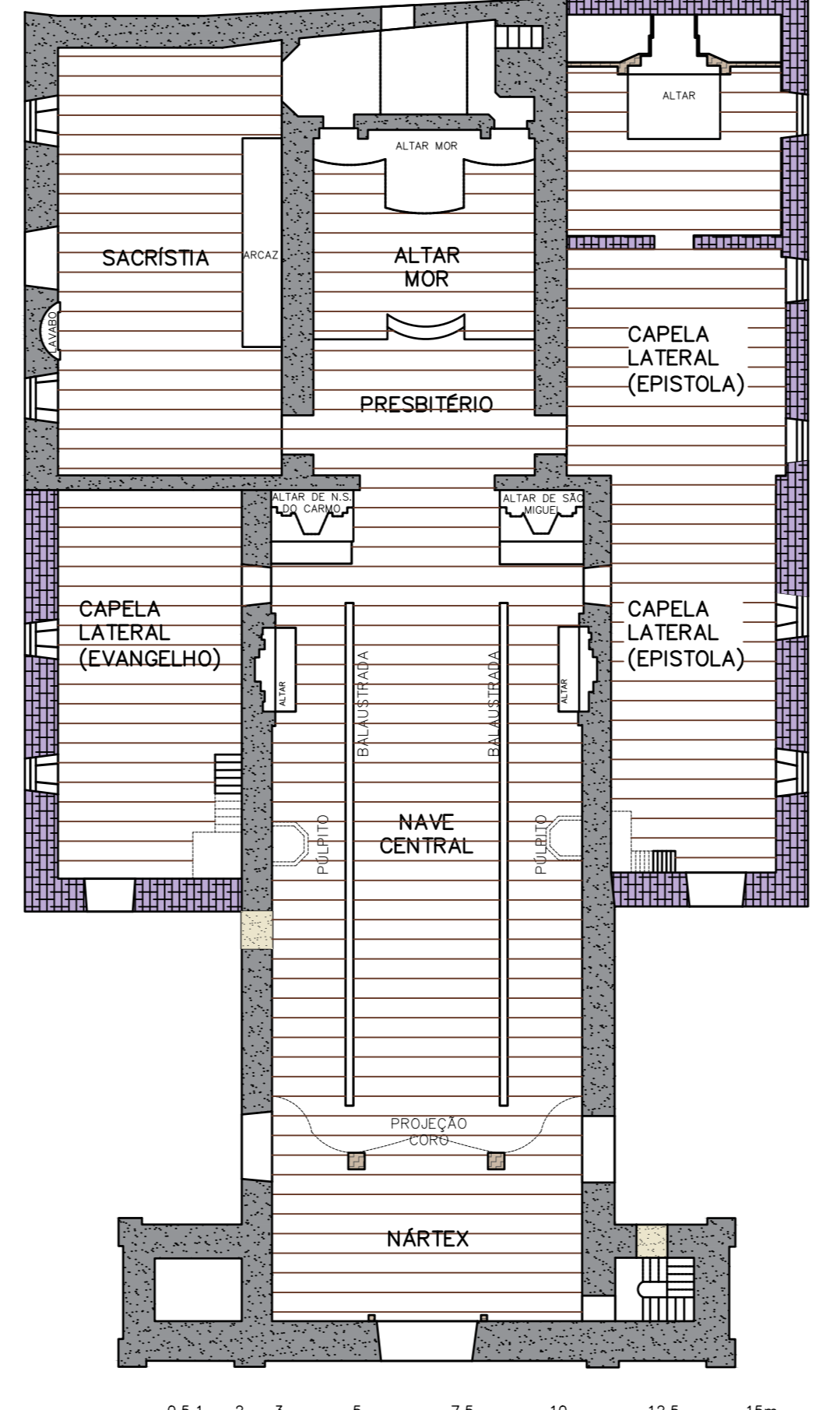
MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM - MODELAGEM DE  
SUPosição DE FORMATO ARQUITETÔNICO  
SÉCULO XVIII ESCALA: 1:200





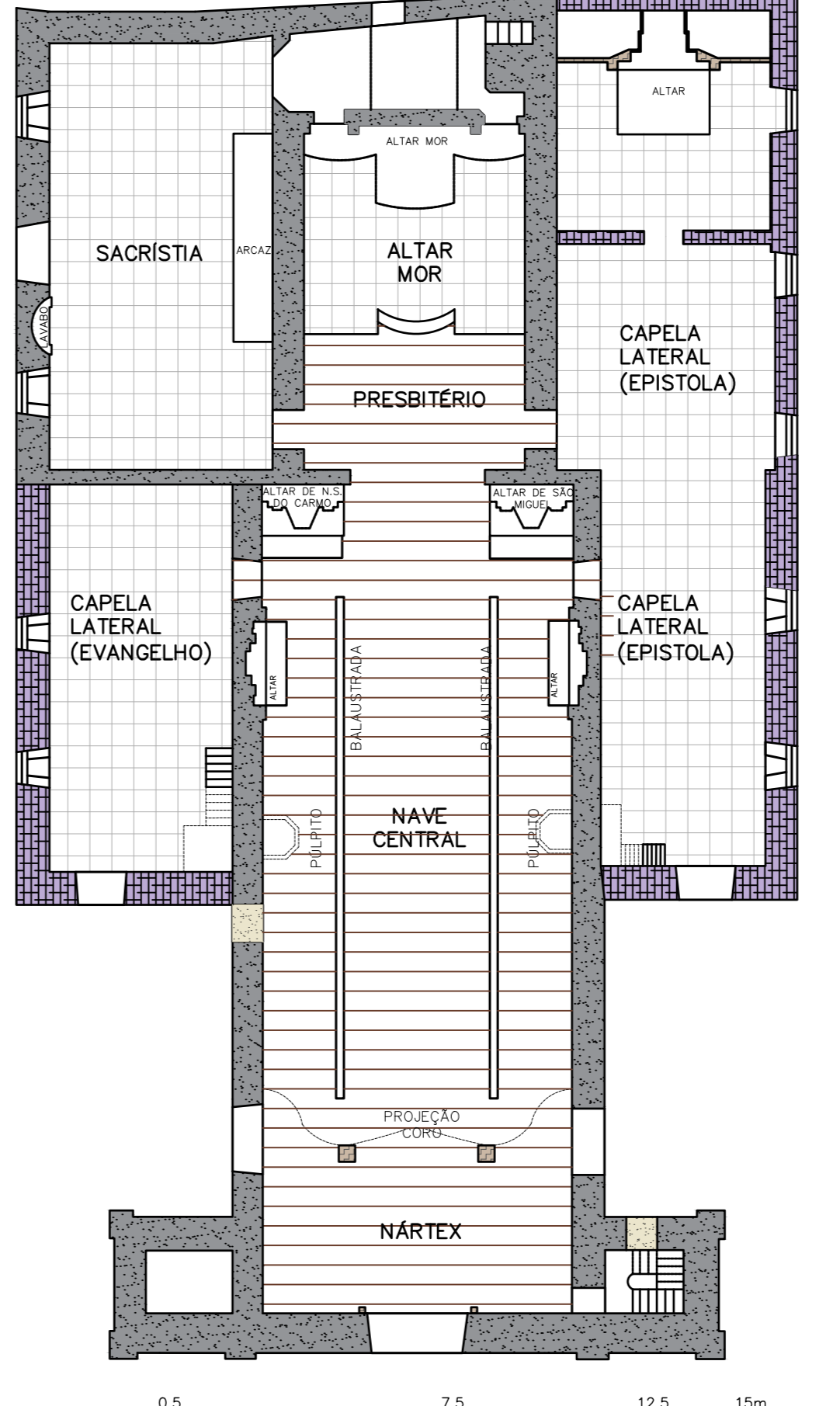
- MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO:
- ALVENARIA DE PEDRA
  - MADERA
  - ASSOALHO DE MADEIRA
  - TUÍLOS MACIÇOS
  - TAPIA

MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM - PLANTA TERREO - 1882  
ESC. 1:150



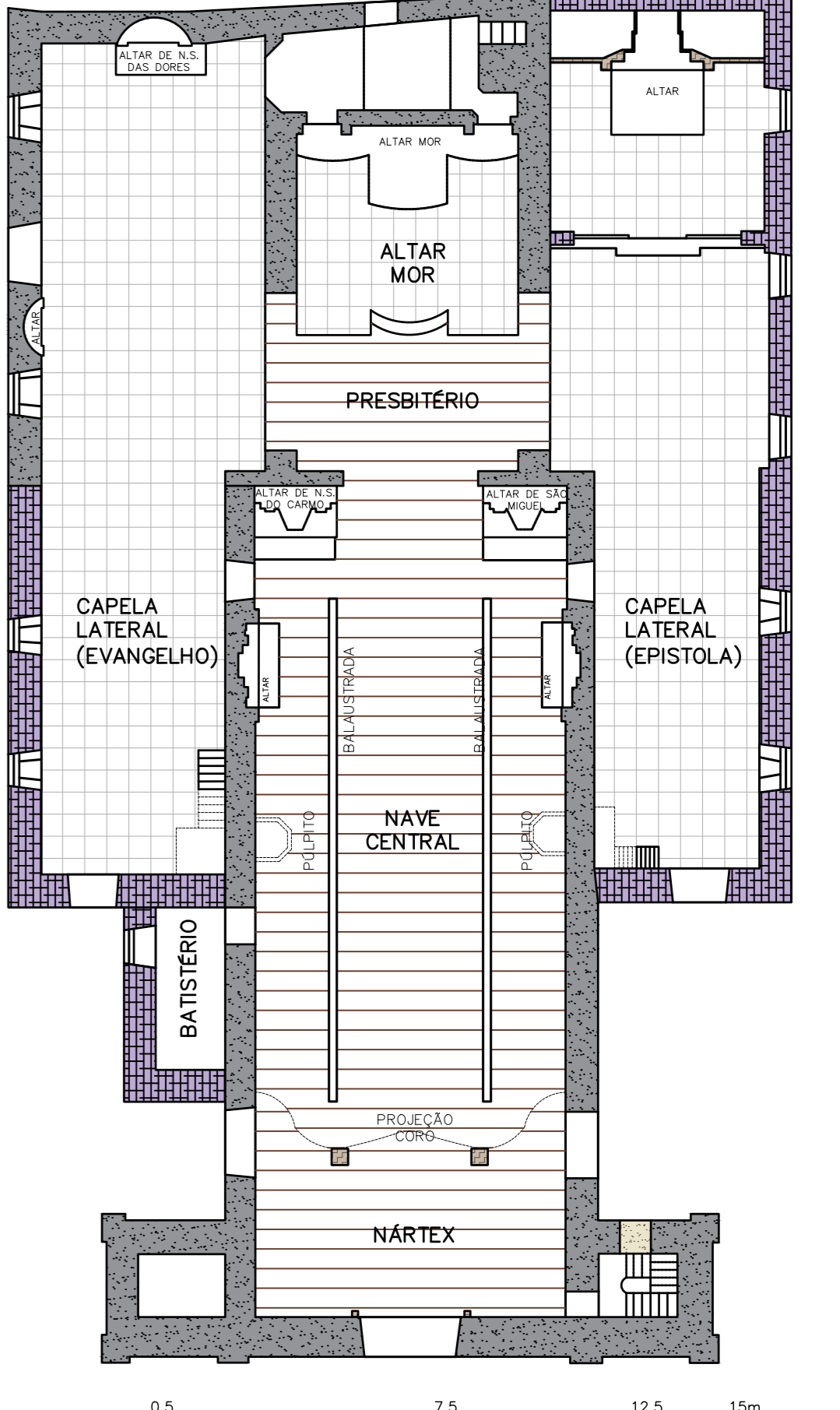
- MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO:
- ALVENARIA DE PEDRA
  - MADERA
  - ASSOALHO DE MADEIRA
  - TUÍLOS MACIÇOS
  - TAPIA

MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM - PLANTA TERREO - 1892  
ESC. 1:150



- MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO:
- ALVENARIA DE PEDRA
  - MADERA
  - ASSOALHO DE MADEIRA
  - TUÍLOS MACIÇOS
  - TAPIA
  - LADRILHO HIDRALCO

MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM - PLANTA TERREO - 1915  
ESC. 1:150



- MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO:
- ALVENARIA DE PEDRA
  - MADERA
  - ASSOALHO DE MADEIRA
  - TUÍLOS MACIÇOS
  - TAPIA
  - LADRILHO HIDRALCO

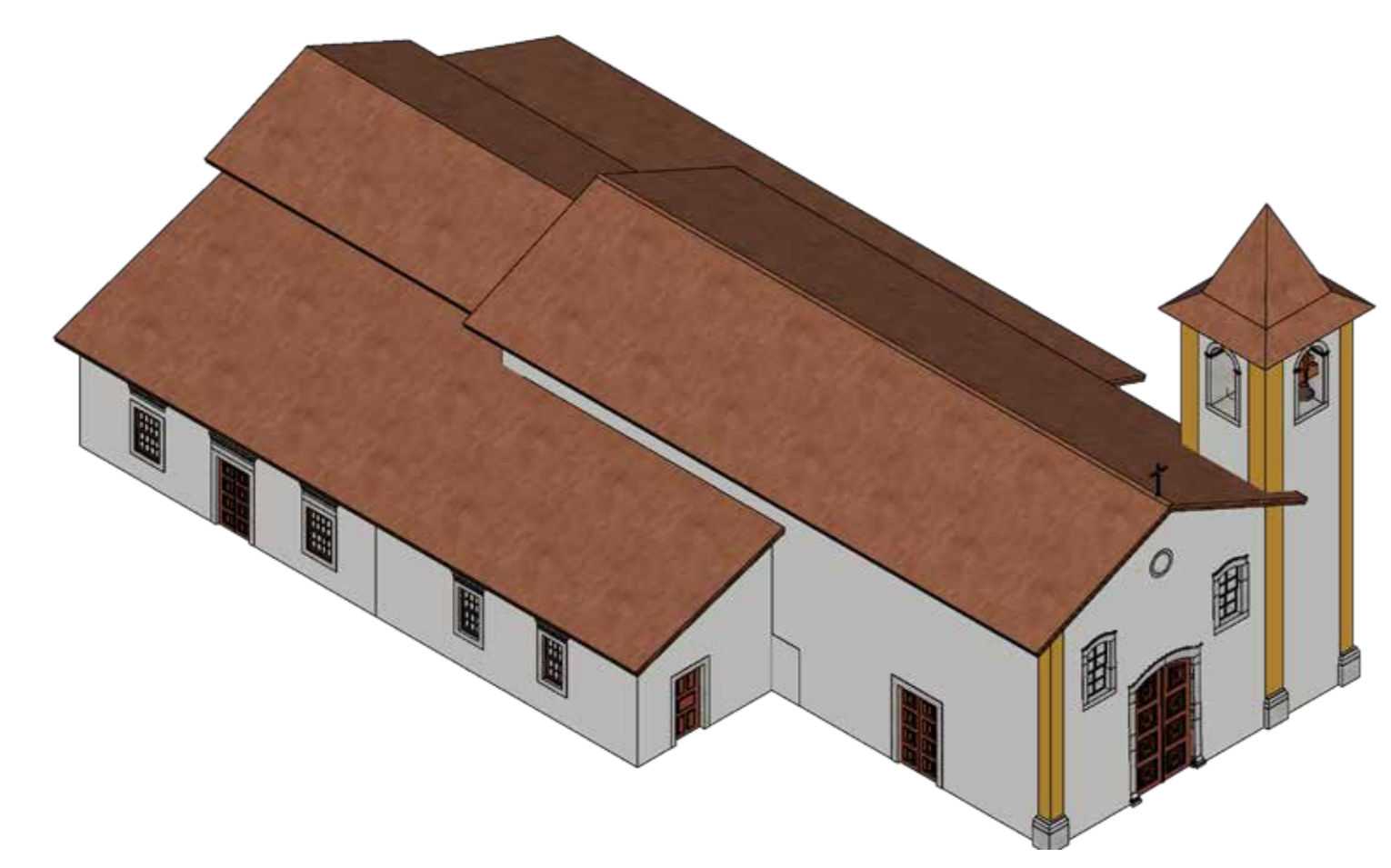
MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM - PLANTA TERREO - 1941  
ESC. 1:150

**IGREJA MATIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM  
VOLUMETRIA ANTEIOR AS REFORMAS DE 1882**

Após período de declínio econômico, Itabira do Campo retomaria seu desenvolvimento com a chegada da malha ferroviária do Imperador D. Pedro II, cujas instalações se iniciaram em 1882 e culminaram com a conclusão do ramal da estação em 1887. Esse novo ciclo econômico promoveu a descida da população dos altos dos morros, onde se localiza a Matriz, para as áreas de baixada próximas à ferrovia (LINS, 2025).

Ainda em 1882, o pároco da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, Pe. Francisco Xavier de Souza, inicia um amplo processo de reformas que se estenderia por cerca de dez anos, incluindo a regularização do adro e seu entorno para melhor acomodar os fiéis e oferecer visada privilegiada para a cidade em expansão na baixada (SILVA, 1996). Sua intervenção mais significativa na volumetria do templo foi a alteração completa do frontispício, com uma série de modificações destinadas a renovar o aspecto do edifício, então há muito deteriorado (ITABIRITO, 2005).

A modelagem proposta para 1882 aglutina, portanto, todas as modificações visíveis e não datadas entre o início do século XIX e o momento anterior às reformas de Francisco Xavier de Souza, com destaque para a expansão da capela lateral direita, que equaliza a volumetria das duas capelas laterais e confere maior simetria ao corpo principal da igreja. Essa simetria reflete práticas comuns nas igrejas mineiras do período imperial tardio, como observado em estudos tipológicos de VERISSIMO (2007) e OLIVEIRA (2009), que apontam a busca por equilíbrio compositivo entre as capelas laterais como resposta ao crescimento demográfico e litúrgico das freguesias.



MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM - MODELAGEM DE SUPOSIÇÃO DE FORMATO ARQUITETÔNICO SÉCULO XVIII  
ESCALA: 1:200

**IGREJA MATIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM  
VOLUMETRIA POSTERIOR AS REFORMAS DE 1892**

Como resultado das reformas do Pe. Francisco Xavier de Souza, ao final de 1892 a fachada frontal da igreja receberia os moldes próximos aos observados atualmente, com a composição de duas torres que finalizariam a simetria em formato de "V" característica de grande parte das igrejas mineiras, conforme defendido por VASCONCELLOS (1983).

Seu novo frontispício acumularia, então, referências às igrejas do Norte de Portugal, com torres de pináculo central bulboso em cantaria, acompanhadas de ornamentações pinaculares igualmente em pedra, em conjunto com cimbalhas e pilares trabalhados ao longo de toda a fachada, trazendo uma renovação inspirada na cultura portuguesa difundida na região por imigrantes do Norte lusitano ao longo dos séculos XVIII e XIX. Essa influência, como analisado por D'ANGELO (2006), manifesta-se na adoção de elementos bulbosos e profusos em cantaria, comuns em matrizes mineiras no século XIX, que buscavam dialogar com as origens metropolitanas em meio ao enriquecimento local.

Essas alterações no frontispício da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem podem ser entendidas como continuidade tardia do movimento de modernização das fachadas das igrejas matrizes iniciado na segunda metade do século XVIII, conforme estudos de OLIVEIRA (2009); em busca de uma conformação externa mais requintada, muitos templos substituíram o padrão triangular inicial por composições orgânicas complexas com volutas rococó. Já no século XIX, a Matriz de Itabirito teria seguido motivações semelhantes, adequando o aspecto do templo ao processo de enriquecimento fábri que a localidade experimentava.



MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM - MODELAGEM DE SUPOSIÇÃO DE FORMATO ARQUITETÔNICO SÉCULO XVIII  
ESCALA: 1:200

**IGREJA MATIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM  
NOVAS REFORMAS INTERNAS EM 1915**

Dando continuidade aos projetos do Pe. Francisco Xavier de Souza, o Pe. Raulo Henrique inicia, em 1915, reformas internas no templo, com a substituição do antigo piso de tabuado das capelas laterais por ladrilhos e a instalação de um novo altar de mármore de Carrara na capela-mor, peça que seria removida entre 1951 e 1967, retornando o altar original ao local (CECCONELLO et al., 2005).

Durante as décadas seguintes, a Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem não sofre grandes alterações externas, com as transformações locais voltadas sobretudo ao âmbito político e civil da sociedade, como a organização das Conferências Vicentinas, que emergiram no interior do templo em busca de maior engajamento social (LINS, 2025).

Em 7 de setembro de 1923, a antiga Itabira do Campo é elevada à categoria de município autônomo com o nome de Itabirito, desvinculando-se administrativamente de Ouro Preto. Seu centro político-administrativo é implantado nas proximidades da Matriz, no trajeto descendente do antigo núcleo urbano em direção à malha ferroviária (LINS, 2025). A partir desse momento, novos ideais de renovação urbana emergem, acompanhados do desejo de modernizar o templo para atender à dinâmica da recém-emancipada Itabirito (ITABIRITO, 2005).



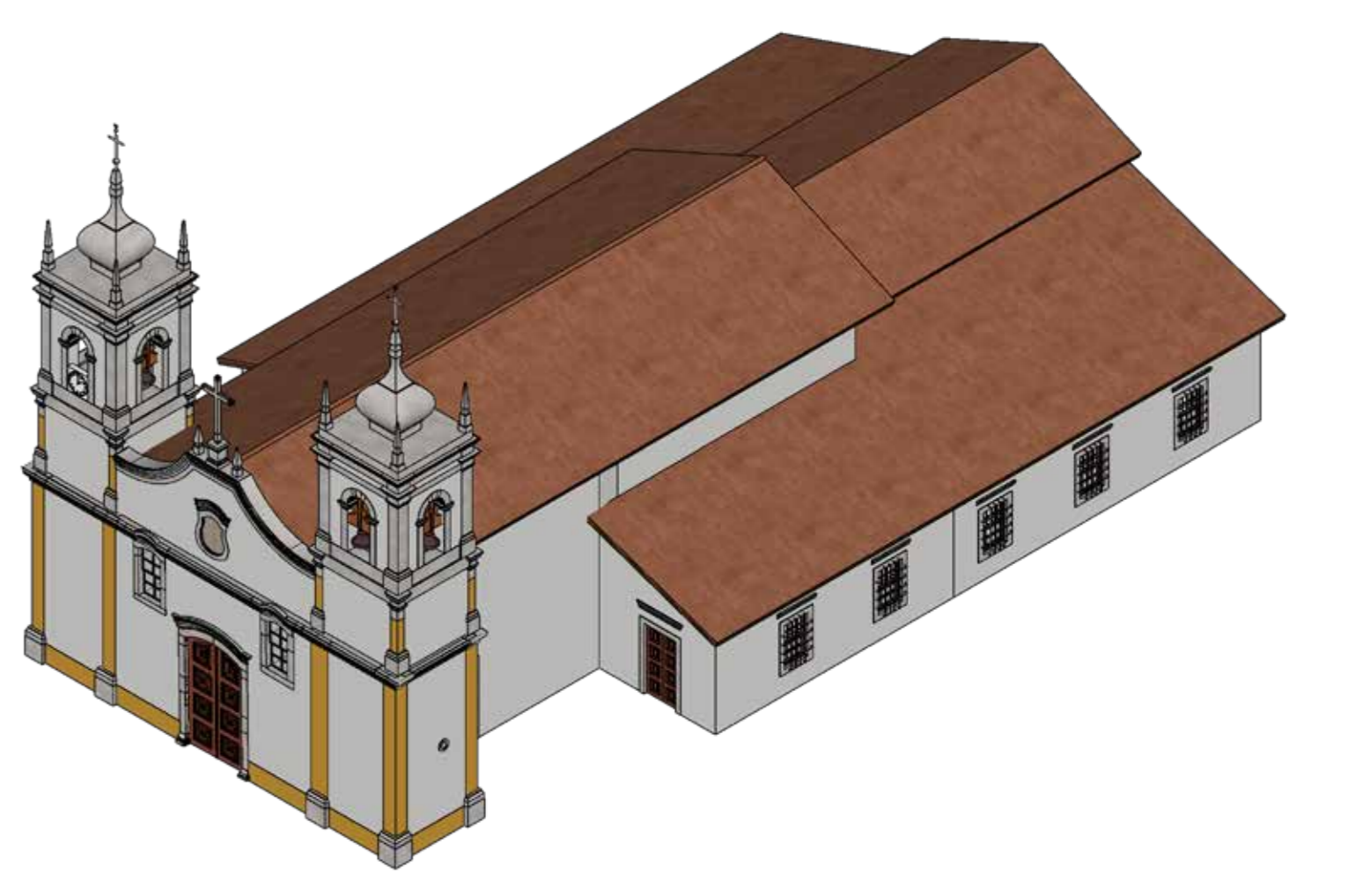
MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM - MODELAGEM DE SUPOSIÇÃO DE FORMATO ARQUITETÔNICO SÉCULO XVIII  
ESCALA: 1:200

**IGREJA MATIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM  
REFORMAS DE 1936 - 1941**

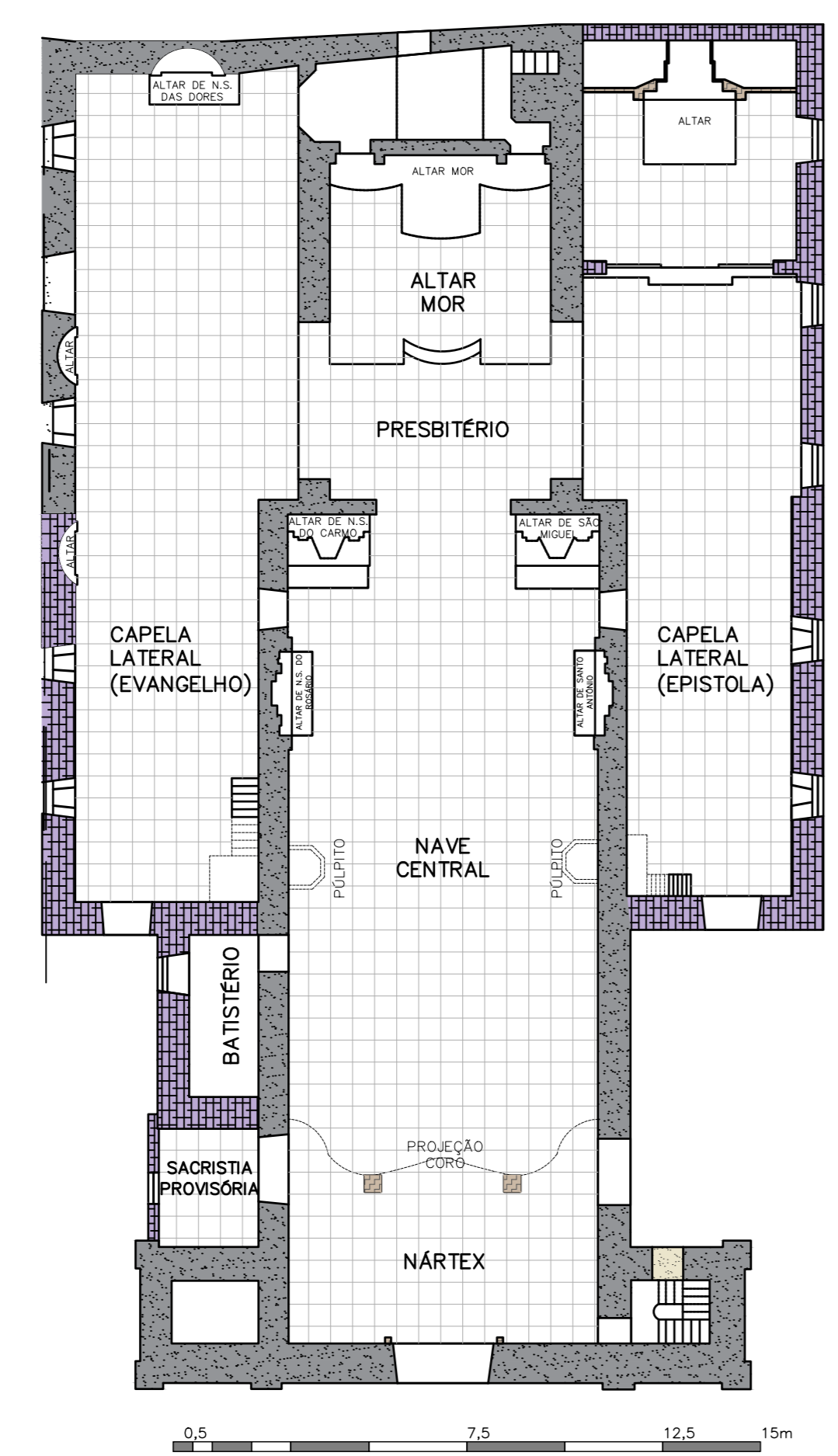
Acompanhando a urgência de renovação urbana da nova Itabirito, durante o paróquia do Pe. Antônio Firmino Mota (1936-1941), o pároco promove mudanças drásticas no interior da Matriz, com a expansão de vãos estruturais para maior integração dos espaços. A intervenção mais significativa consistiu na demolição da grossa parede que isolava a antiga sacristia da capela lateral esquerda, seguida da construção de dois arcos, um em cada lateral do presbitério, unificando as capelas laterais à capela-mor (FIORILLO, 1996).

Mota também foi responsável pela substituição de mobiliários como bancos, confessionários e genuflexórios, pela instalação de um cofre na entrada do templo, pela aquisição de novo batistério e pela introdução da primeira sonorização elétrica do templo (FIORILLO, 1996).

Embora sem registro explícito, a compra do batistério permite inferir que o cômodo anexo junto à capela lateral do lado do Evangelho tenha sido edificado nesse período para abrigar o novo mobiliário, aproveitando um vão de porta de acesso à nave - hoje tamponado. Posteriormente, esse espaço seria convertido em depósito, com a porta realocada para o exterior, e o batistério transferido para outro anexo construído na década de 1950 (CECCONELLO et al., 2005; ITABIRITO, 2005).



MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM - MODELAGEM DE SUPOSIÇÃO DE FORMATO ARQUITETÔNICO SÉCULO XVIII  
ESCALA: 1:200

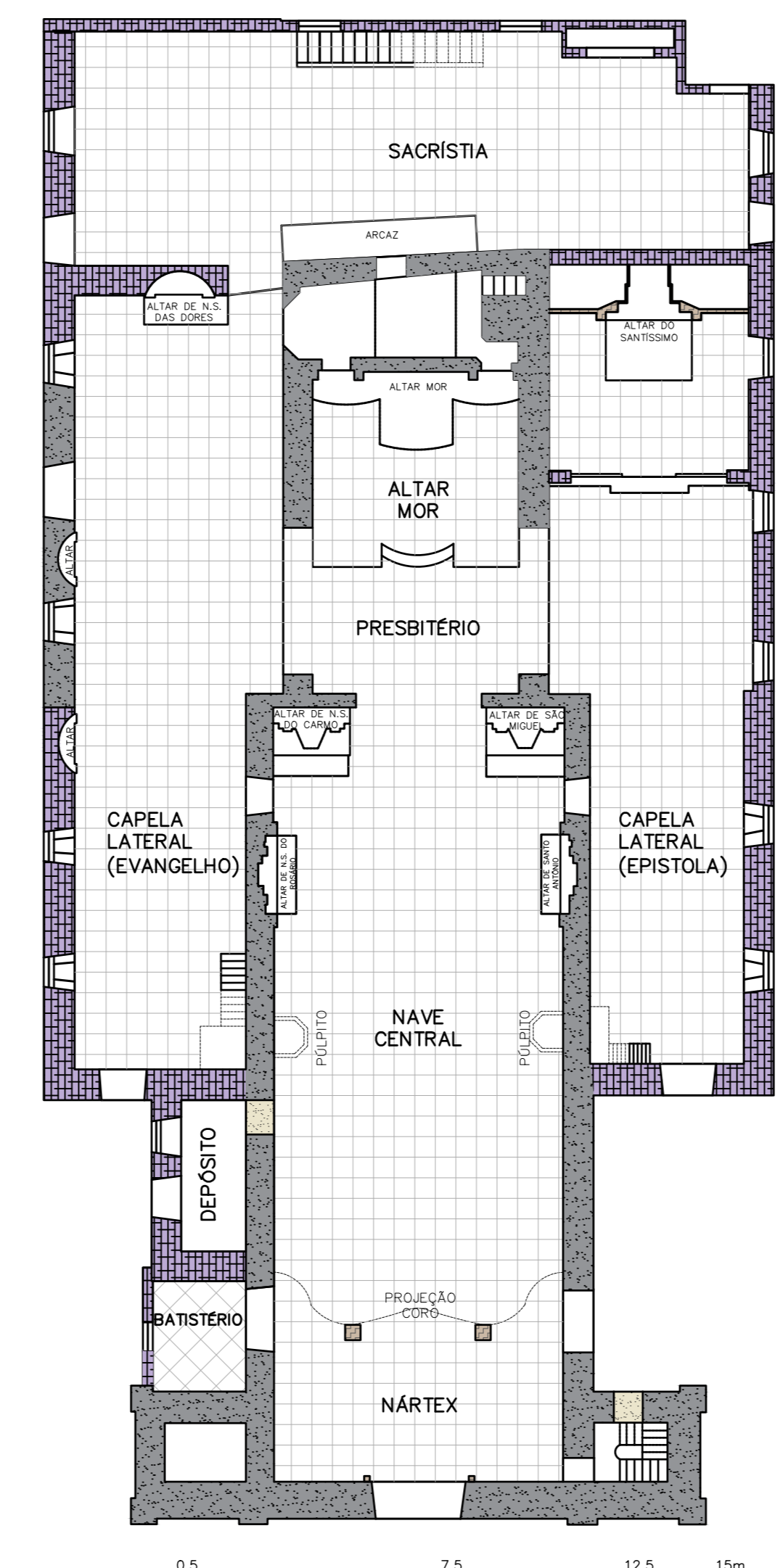


MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM - PLANTA TERREO - DEC. 1951-1955  
ESC. 1:150

**IGREJA MATIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM**  
REFORMAS DE 1951-1955

Proseguindo as reformas do Pe. Mota, o Pe. Antônio Firmino dos Reis, vigário da Matriz entre 1944-1945 e 1951-1967, impulsiona novas intervenções no templo, iniciando com a instalação de um púlpito de cedro – ainda presente no altar-mor – inaugurado pelo Pe. Francisco Lage durante a Festa da Padroeira, em agosto de 1945 (FIORILLO, 1996).

Após a abertura dos arcos no presbitério, a antiga sacristia, situada na capela lateral do lado do Evangelho (à esquerda de quem entra), fica excessivamente exposta em relação ao restante da igreja, demandando solução provisória. Assim, na década de 1950, o Pe. Firmino dos Reis promove a construção de um pequeno quarto aos fundos da torre esquerda para funcionar como sacristia temporária, espaço que seria posteriormente convertido no atual batistério (FIORILLO, 1996; CECCONELLO et al., 2005).



MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM - PLANTA TERREO - 1956  
ESC. 1:150

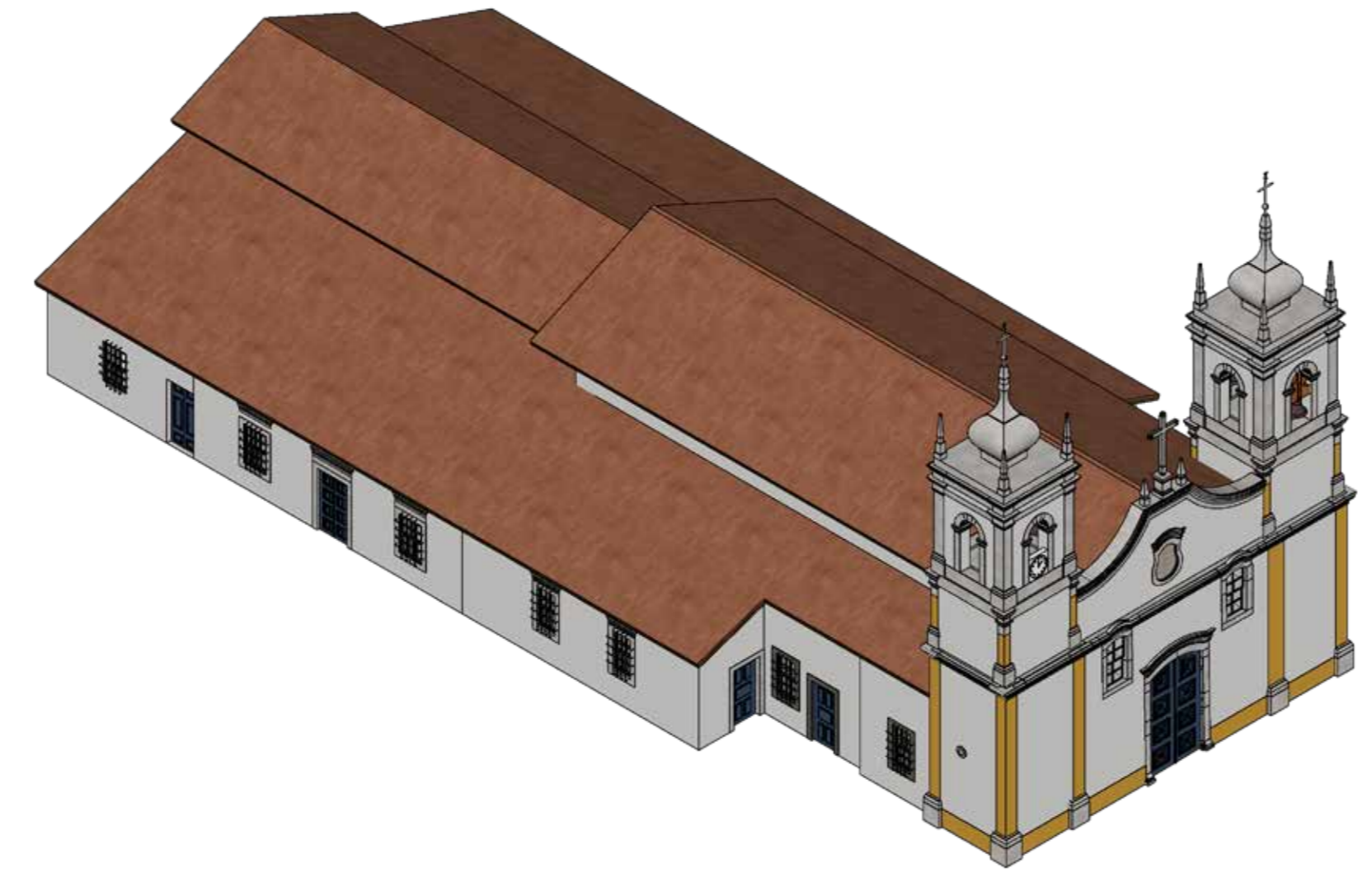
**IGREJA MATIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM**  
INTERVENÇÕES DE RESTAURO DE 1951 - 1967

Entre 1951 e 1967, o Pe. Antônio Firmino dos Reis inicia ampla restauração da Matriz, coordenada pelo restaurador Jair Inácio, incluindo a limpeza e recuperação de talhas, relíquias, púlpitos e arco-cruzeiro, com remoção de camadas de tinta branca para revelar douramentos e policromias originais (CECCONELLO et al., 2005).

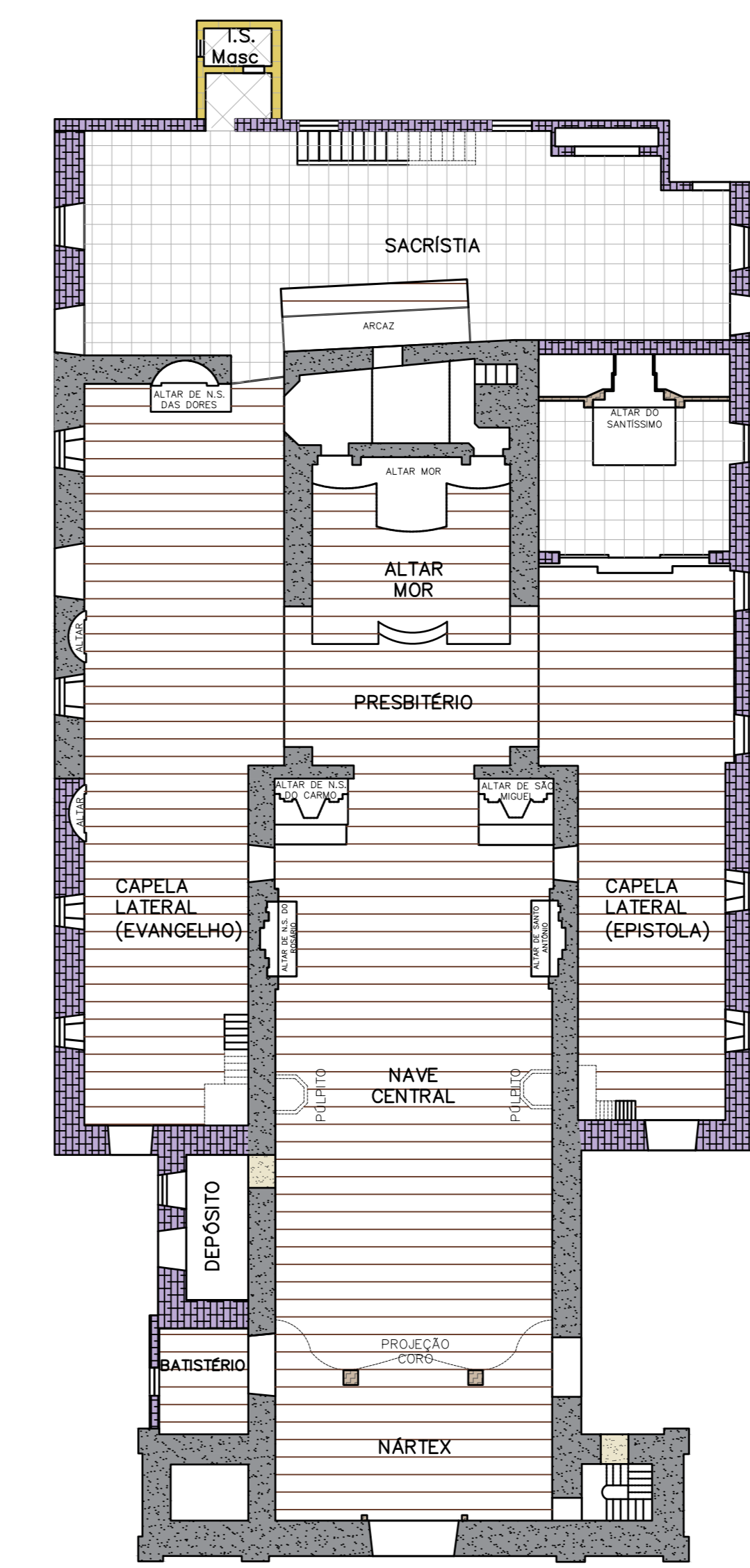
Proseguindo a padronização iniciada em 1915 nas capelas laterais, a nave da igreja tem seu piso integralmente trocado por ladrinhos idênticos, uniformizando todo o pavimento do templo (CECCONELLO et al., 2005). Os registros disponíveis não esclarecem se houve nova substituição nos ladrinhos das capelas para alcançar essa uniformidade ou se a intervenção se limitou à nave.

A substituição do piso da nave também implicou a remoção dos balaustrados torneados de jacarandá que ladeavam suas laterais (FIORILLO, 1996). Em suas memórias, SILVA (1996) atribui essa remoção, bem como eventuais ampliações nas capelas laterais, à necessidade de acomodar o crescente número de féis em uma taboita então em expansão demográfica e urbana.

Para otimizar a distribuição dos espaços, em 1956 é construída nova sacristia aos fundos da Matriz, desativando a instalação provisória junto à torre esquerda (ITABIRITO, 2005). O novo volume segue o ritmo das esquadrias laterais, mas dispensa ombreiras e vergas de cantaria, optando por materiais modernos da época com acabamento em espata de concreto, enquanto o telhado mantém continuidade com o existente para minimizar o impacto visual do acréscimo (CECCONELLO et al., 2005).



MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM - MODELAGEM DE SUPOSIÇÃO DE FORMATO ARQUITETÔNICO  
SÉCULO XVIII ESCALA: 1:200



MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM - PLANTA TERREO - 1997  
ESC. 1:150

**IGREJA MATIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM**  
NOVAS REFORMAS DE 1984-1997

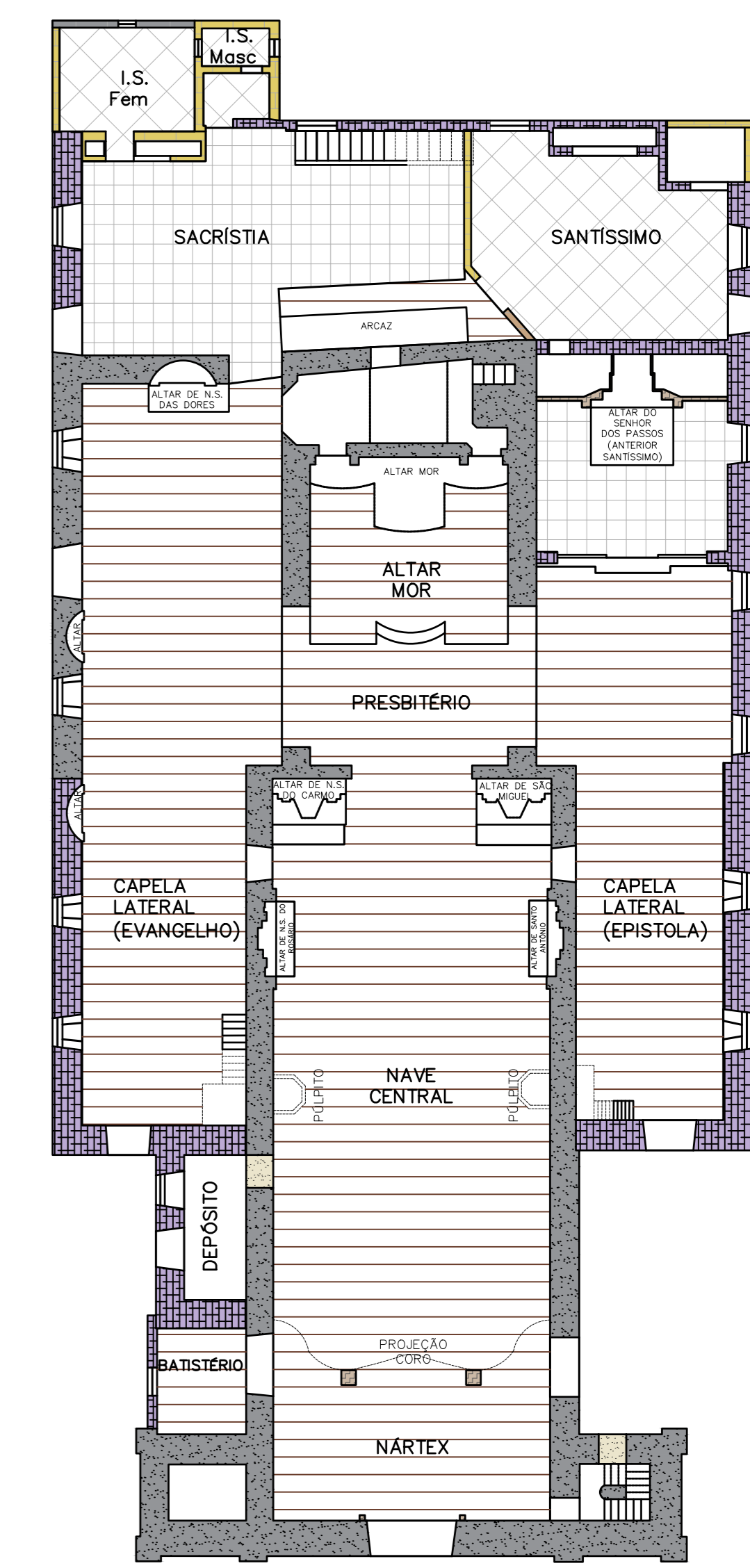
Segundo a linha temporal, o Pe. Miguel Ângelo Fiorillo (atual vigário da Matriz em 2026), toma posse em 1983, recebendo o templo em estado alarmante de deterioração acumulada ao longo das décadas, com riscos à integridade estrutural. Diante dessas necessidades, inicia-se nova fase de restaurações entre 1984 e 1997, coordenada sob orientação do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (EPH/MG), que incluiu reforço das paredes com grampos metálicos, substituição de cerca de 95% do reboco e completa renovação do engradamento do telhado por madeira parajuí (ITABIRITO, 2005; CECCONELLO et al., 2005).

Segundo FIORILLO (1996), a fachada principal tem suas duas janelas substituídas por novas em madeira de Ipê, enquanto treze janelas guilhotinas são instaladas nas laterais do templo, no lugar das esquadrias deterioradas. O exterior é integralmente repintado após a remoção do reboco antigo.

No interior, entre 1984 e 1997, o piso de ladrinho da nave é substituído por novo assoalho de madeira, em exceção à sacristia de 1956, recuperando padrões constructivos anteriores ao século XX (CECCONELLO et al., 2005). Alterações no presbitério incluem a remoção dos degraus de mármore de acesso ao altar-mor, substituídos por equivalentes em madeira, a troca dos balaustrados retos por modelos torneados e a substituição do piso de ladrinho do altar por assoalho de madeira, visando maior unidade estética e funcional (CECCONELLO et al., 2005). Entre este período o templo também ganhou pequeno anexo aos fundos da nova sacristia para a implantação de instalações sanitárias.



MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM - MODELAGEM DE SUPOSIÇÃO DE FORMATO ARQUITETÔNICO  
SÉCULO XVIII ESCALA: 1:200



MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM - PLANTA TERREO  
ESC. 1:150

**IGREJA MATIZ DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM**  
DÉCADA DE 2000 E ATUALIDADE

Na atualidade, após a restauração de 1984-1997, poucas alterações externas foram registradas no templo. As mudanças mais visíveis restringem-se à implantação de novo anexo para instalações sanitárias, adjacente ao anterior, porém de execução inferior, sem acabamento de reboco nas faces externas, além da pintura dos barrados e pilares da fachada do edifício em tom azulada, aplicada em 2005 e mantida até os dias atuais.

No interior, em 2003, a Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem é fechada para novo ciclo de restaurações, contemplando o coro, altar-mor, nave e pinturas dos caixões da capela-mor, com reabertura em 2005 (ITABIRITO, 2005).

Em período não especificado entre 2005 e 2024, a sacristia de 1956 é dividida, criando novo espaço posterior dedicado exclusivamente à sacristia, enquanto a antiga capela do Santíssimo passa a abrigar apenas a imagem do Senhor dos Passos.

Em setembro de 2024, o Pe. Fiorillo anuncia à comunidade o início de restauração das pinturas da capela-mor datadas da década de 1960, sob responsabilidade técnica da restauradora Maria Eduarda Mol Avelar, com previsão de extensão a outros elementos artísticos. As obras, ainda em curso, incluem a restauração de barrados antigos na nave e capela lateral direita recém descobertos, renovação da iluminação interna e demais melhoramentos, consolidando a Matriz como patrimônio vivo e em constante processo de renovação.



MATRIZ N. S. DA BOA VIAGEM - MODELAGEM DE SUPOSIÇÃO DE FORMATO ARQUITETÔNICO  
SÉCULO XVIII ESCALA: 1:200

